

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ANA CRISTINA MENESES DE SOUSA BRANDIM**

**ESCRITA DOS MOVIMENTOS INTERIORES: ESCRITA DE SI E  
CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA DE INTELLECTUALIDADE E  
DISTINÇÃO EM A.TITO FILHO (1971-1992)**

**RECIFE  
2012**

ANA CRISTINA MENESES DE SOUSA BRANDIM

ESCRITA DOS MOVIMENTOS INTERIORES: ESCRITA DE SI E  
CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA DE INTELLECTUALIDADE E  
DISTINÇÃO EM A.TITO FILHO (1971-1992)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do Grau de Doutor em História do Norte-Nordeste do Brasil, na linha de pesquisa de Cultura e Memória.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Sílvia Cortez Silva

RECIFE

2012

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

B818e Brandim, Ana Cristina Meneses de Sousa.  
Escrita dos movimentos interiores : escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992) / Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim. – Recife: O autor, 2012.  
264 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Cortez Silva.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, 2012.  
Inclui bibliografia.

1. História. 2. Intelectuais – Teresina (PI). 3. Tito Filho, A. 4. Personalidade. 5. Crônicas. I. Silva, Sílvia Cortez (Orientadora). II. Título.

981 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2012-15)



**ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA ANA CRISTINA MENESES  
DE SOUSA BRANDIM**

Às 9h. do dia 12 (doze) de abril de 2012 (dois mil e doze), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pela aluna **Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim** intitulada “**ESCRITA DOS MOVIMENTOS INTERIORES: ESCRITA DE SI E CONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA DE INTELLECTUALIDADE E DISTINÇÃO EM A. TITO FILHO (1971-1992)**”, sob a orientação da professora doutora Silvia Cortez Silva, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “**APROVADA**”, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Tanya Maria Pires Brandão, Regina Beatriz Guimarães Neto, Antonio Paulo de Moraes Rezende, Francisco Alcides do Nascimento e Alcebíades Costa Filho. A validade deste grau de Doutor está condicionada à entrega da versão final da tese no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam, a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 12 de abril de 2012.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tanya Maria Pires Brandão

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Beatriz Guimarães Neto

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

Prof. Dr. Alcebíades Costa Filho

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

Sandra Regina Albuquerque



*Aos meus pais Inácia Meneses de Sousa e Jacob Sortenes Ferreira de Sousa que silenciaram suas vozes durante a feitura dessa tese, mas que são responsáveis por me propiciarem condições de alcançar mais esse sonho. A eles minha gratidão eterna!*

## AGRADECIMENTOS

*A escrita é um ato solitário onde encontramos o outro. E esse outro é sempre uma parcela importante de nós porque nos preenche de devires e incertezas, condições para que possamos sempre seguir adiante. Sendo assim agradeço hoje e sempre:*

*À Deus, a Nossa Senhora, ao meu Anjo da Guarda e protetores espirituais, por terem incansavelmente estarem junto de mim nessa jornada que, de tão humana necessita de proteção e defesa. Sou testemunha de seus generosos auxílios.*

*A minha mãe que sempre lutou para que eu e meus irmãos tivéssemos uma educação escolarizada, sinônimo de crescimento pessoal e de um porvir melhor. A ela que sempre se incumbiu das tarefas domésticas e profissionais para que eu “fosse estudar”.*

*Ao meu pai que sempre me acompanhou com bastante dedicação nas questões relacionadas ao estudo, ensinando-me que educação é mais do que ser escolarizada, é ser uma pessoa com princípio e ética.*

*Aos meus irmãos António Carlos, Francisco de Assis, Paulo Cesar, Luís Sérgio, que me fizeram entender que andar não é somente manter-se em pé, mas saber que podemos contar com alguém quando mais precisamos de auxílios e (algumas) certezas.*

*Ao Sérgio Brandim, companheiro nessa trajetória difícil de escrever uma tese, onde se mergulha em caminhos de incertezas, dificuldades, silêncios, mas nem por isso impossível de viver afetos e cumplicidades.*

*As minhas amadas sobrinhas Mara Vanessa, Rafaela, Poliana, Carla Estefânia, Maria Clara e ao meu sobrinho Carlos Henrique, que em intensidades e temporalidades diferentes me mostram que carinho e consideração ainda fazem parte do melhor da vida.*

*À Sílvia Cortez Silva, minha orientadora, que entre tantas conversas, cafés e comidinhas gostosas, ensinou-me que os caminhos da aprendizagem e da escrita não são aqueles que passam necessariamente pela Academia, mas pela amizade e pela alegria de viver.*

*À Maria Aparecida Souza, amiga que o destino uniu por conta da convivência durante os créditos do Doutorado, responsável por boas risadas e pela certeza que nada na vida dura para sempre, tudo é aprendizagem e deslocamento.*

*À Silêde Cavalcanti, amiga que tive a sorte e a honra de conhecer durante os créditos do Doutorado e que tem contribuído incessantemente para um processo pessoal de (re)pensar teorias, práticas e vivências, na sempre difícil arte de ser humano, demasiadamente humano.*

*À Gláubia Arruda e Maria Regina Souza pela companhia durante o percurso do Doutorado, pelas incansáveis conversas sobre nossos respectivos objetos de estudo e pelas dicas de leitura, música, filme, e outras coisitas mais.*

*À Viviane Pedrazani, amiga das atividades profissionais e de confraria, responsável por ensinar-me que coragem e força são necessárias quando navegamos por terrenos tão difíceis, seja com relação à pesquisa, a escrita de uma tese ou as miríades da vida.*

*À Shara Jane Adad, amiga que sempre me proporcionou contatos com teorias que me ajudaram a pensar o sujeito em meio a microcortes e dispersões. Várias conversas sobre Foucault, Nietzsche e Deleuze e uma parceria de alegrias.*

*Ao sempre mestre Alcebiades Costa Filho, que assim como eu enveredou pelos caminhos tortuosos das relações de fronteira entre história e literatura e que tem experiência de pesquisa com o mundo ilusório da intelectualidade.*

*Ao competente Durval Muniz de Albuquerque Júnior que me proporcionou “encontros pós-modernos” com ideias, autores e possibilitou-me experimentar e expandir conhecimentos teóricos e de pesquisa.*

*Ao poético Antonio Paulo Rezende que consegue transformar suas disciplinas e seus saberes em uma experiência*

*sensível de compreensão do outro e de si, e contribuiu para que eu experimentasse (outras) aventuras na tão difícil arte da escrita.*

*À querida Maria Regina Beatriz Neto que concilia maturidade intelectual com profissionalismo e consegue ser ativa na mesma intensidade da delicadeza. Que me mostrou que a memória é uma encruzilhada de sentidos e vivências.*

*À estimada Cecília Nunes, que desde o início da minha caminhada como historiadora, tem me ajudado a pensar a distinção como um ato de humanidade e espiritualidade e não de pura presunção ou arrogância.*

*Ao estimado Francisco Alcides do Nascimento, pesquisador competente e sempre atualizado com as inovações no campo da história. Que consegue mostrar que é possível ser profissional sem perder a poesia.*

*Aos prezados Edwar Castelo Branco e Pedro Vilarinho Castelo Branco que me incentivaram a fazer o Doutorado, seja através de palavras ou ações afirmativas.*

*À estimada Tânia Maria Pires Brandão que mesmo sem me conhecer contribuiu gentilmente fazendo uma ponte com a professora Sílvia Cotez Silva e que me recebeu simpaticamente no período de créditos desta IES.*

*À querida Jeannie da Silva Menezes, amiga do grupo de estudos de literatura africana e que sempre me acolheu de forma delicada nos percursos em Recife.*

*À Cristiane Costa da Rocha, Felipe da Cunha e Francisco Filho, por horas de conversas regadas a teorias, práticas de pesquisa e muitos, muitos pensamentos nômades.*

*À dedicada Telde Soares Leal Melo Lima que realizou a leitura e correção desse trabalho, sempre de forma organizada, competente e amorosa.*

*Ao Jordan Bruno, bolsista do PIBID/UESPI, que de forma séria e empenhada digitalizou parte do acervo jornalístico de Arimathéia Tito Filho, e continua organizando esse material em um blog com a finalidade de socializar a pesquisa.*

*As ajudantes de pesquisa Virgínia Torres e Renata Flávia, que dedicaram parte de seu tempo para ajudar-me na digitalização de algumas revistas da APL, Presença e parte dos jornais da década de 1970.*

*À minha querida ajudante Elvira Freitas que cuidou das atividades domésticas e de mim enquanto eu estava afogada em leituras, escritas, pesquisas, viagens.*

*À Academia Piauiense de Letras e ao Arquivo Público do Piauí, que disponibilizaram acervos e materiais de pesquisa com muita paciência e profissionalismo.*

*À Universidade Estadual do Piauí - UESPI, pela liberação de minhas atividades docentes, possibilitando-me dedicação aos meus estudos, a pesquisa e a escrita dessa tese.*

*Ao convênio Capes/ FAPPEPI, por terem me agraciado com uma bolsa de estudo, que viabilizou uma parte considerável das despesas com a pesquisa e a escrita da tese.*

*Aquele que não sabe instalar-se no limiar do instante, esquecendo todo o passado, aquele que não sabe, como uma deusa da vitória, colocar-se de pé uma vez sequer, sem medo e sem vertigem, este não saberá jamais o que é a felicidade, e o que é ainda pior: ele jamais estará em condições de tornar os outros felizes.*

*F.Nietzsche*

## RESUMO

Essa tese aborda as relações entre a escrita de si e a construção de uma trajetória de distinção e intelectualidade em Arimathéia Tito Filho (1924-1992). O recorte temporal compreendido, entre 1971 e 1992, correspondeu ao período em que esse foi Presidente da Academia Piauiense de Letras (APL) e participou ativamente das principais instituições culturais e literárias de Teresina. Defendo que durante sua permanência na APL construiu em torno de si uma trajetória distintiva como importante intelectual da cidade, inventando para si e para seu grupo de amigos uma tradição singular. Mostro que suas crônicas sobre a cidade de Teresina, bem como suas vivências, foram narrativas que lhe ajudaram a criar um passado para si e para o outro. Afirmando que suas crônicas foram utilizadas como escrita auto-referencial e possibilitou-lhe a (re)construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção, que serviu para torná-lo ainda mais reconhecido no meio literário e jornalístico. Ressalto que além das crônicas, A.Tito Filho, utilizou-se da coluna jornalística como importante meio de construção de sua participação nos debates literários de sua época, forjando para si e para seus contatos uma rede de sociabilidade intelectual. Aponto que sua coluna *Caderno de Anotações* foi um importante espaço, que ao tempo que ajudou a atualizar sua consagração, criava uma rede de informações sobre os principais debates literários no Estado e no Brasil, além de ser uma ferramenta no processo de solidificação dos aspectos históricos e literários da cultura piauiense. Faço uso das cartas enviadas por Luis Mendes Ribeiro a A.Tito Filho, no sentido de cartografar as relações de amizade entre ambos e pontuar a onda de efervescência que se instalou durante o período estudado, com relação à criação de Planos, rotas de circulação das ideias literárias e intelectuais, investimentos em instituições culturais e de importância histórica. Mostro que na mesma medida que foi criada uma narrativa de si, que compreendeu o uso de sociabilidades, redes e microclima intelectual, houve, ao contrário, a imposição de hostilidades, rivalidades e vaidades. Concluo que a escrita de si ao tempo que cria zonas de consideração e distinção, também forja zonas de separações e individualizações.

Palavras-chave: A.Tito Filho; Escrita de Si; Distinção; Intelectual

## ABSTRACT

This Thesis addresses the relations between the writing of the self and the construction of a path of distinction and intellectuality in Arimathéia Tito Filho (1971-1992). The temporal cut enclosed, between 1971 and 1992, is related to the period in which he was President of the Piauí Academy of Letters (APL) and participated diligently of the main cultural and literary institutions of Teresina. I sustain that during his stay in the APL he created a distinctive path around him as an important intellectual of the town, inventing to himself and to his group of friends a singular tradition. I show that his chronicles about the city of Teresina, as long as his experiences were narratives which helped to create a past to himself and to the other. I assert that his chronicles were used as a self-referential and allowed the (re)construction of a path of intellectuality and distinction, serving to make him even better known in the literary and journalistic scene. I highlight that besides the chronicles, A. Tito Filho employed the newspaper column as an important mean of constructing his participation in literary debates of his time, forging to him and to his acquaintances network of intellectual sociability. I point out that his column called *Caderno de Anotações* was an important place that while helped to update his consecration, created an information network on key literary debates in the State and in Brazil, besides being a tool in the consolidation process of the historical and literary aspects of the culture from Piauí. I do use the letters sent by Luis Mendes Ribeiro to A.Tito Filho aiming to map the friendship relations between them and to point out the effervescence wave that occurred during the studied period, regarding the creation of plans, routes of movement of literary and intellectual ideas, at cultural institutions and of historical importance. I show that in the same extent that a narrative of the self was created, which comprised the use of sociabilities, networks and intellectual micro environment there was, unlike, an imposition of hostilities, rivalries and vanities. I conclude that the writing of the self at the same time it creates zones of consideration and distinction also forges zones of separations and individualizations.

Key-words: A.Tito Filho; Writing of the Self; Distinction; Intellectual

## RESUMEN

Esa tesis aborda las relaciones entre la escrita de sí y la construcción de una trayectoria de distinción e intelectualidad en Arimatheia Tito Filho (1924-1992). El recorte temporal comprendido entre 1971 hasta 1992, correspondió al periodo en que éste fue Presidente de la Academia Piauiense de Letras (APL) y participó activamente de las principales instituciones culturales y literarias de Teresina. Defiendo que durante su permanencia en la APL construyó en torno de sí una trayectoria distintiva como importante intelectual de la ciudad, inventando a sí para su grupo de amigos una tradición singular. Muestro que sus crónicas sobre la ciudad de Teresina, bien como sus vivencias, fueron narrativas que le ayudaron a crear un pasado para sí y para el otro. Afirmo que sus crónicas fueron utilizadas como escrita auto referencial y le permitió la (re)construcción de una trayectoria de intelectualidad y distinción, que sirvió para tornarlo aún más reconocido en el medio literario y periodístico. Resalto que además de las crónicas, A. Tito Filho, se utilizó de la columna periodística como importante medio de construcción de su participación en los debates literarios de su época, forjando para sí y para sus contactos una red de sociabilidad intelectual. Apunto que su columna *Cuaderno de Anotaciones* fue un importante espacio, que al tiempo que ayudó a actualizar su consagración, creaba una red de informaciones sobre los principales debates literarios en el Estado de Piauí y en Brasil, allende ser una herramienta en el proceso de solidificación de los aspectos históricos y literarios de la cultura piauiense. Hago uso de las cartas enviadas por Luis Mendes Ribeiro a A.Tito Filho, en el sentido de cartografiar las relaciones de amistad entre ambos y puntuar la ola de efervescencia que se instaló durante el periodo estudiado, con relación a la creación de planes, rutas de circulación de las ideas literarias e intelectuales, inversión en instituciones culturales y de importancia histórica. Muestro que en la misma medida que fue creada una narrativa de sí, que comprendió el uso de sociabilidades, redes y microclima intelectual, hubo, al contrario, la imposición de hostilidades, rivalidades y vanidades. Concluyo que la escrita de sí al tiempo creaba zonas de consideración y distinción, también forja zonas de separaciones e individualizaciones.

Palabra llave: A. Tito Filho; Escrita de Sí; Distinción: Intelectual

## TABELA DE IMAGENS

Nº	Imagens	Paginas
01	Ariadne entregando o novelo para Teseu	32
02	Eurípedes de Aguiar	63
03	A.Tito Filho jovem	69
04	José de Arimathéia Tito	78
05	A.Tito Filho com 1 ano e 15 anos	82
06	A.Tito Filho lendo e recriando seu mundo através da escrita.	93
07	Av. Antonino Freire. Em destaque no primeiro plano o Teatro 4 de Setembro, espaço privilegiado das lembranças juvenis do cronista.	108
08	Clube dos Diários	111
09	O jovem Martins Napoleão	149
10	A.Tito Filho em discurso de recepção a Austragésilo de Athayde (então presidente da Academia Brasileira de Letras), juntamente com o governador Alberto Silva.	160
11	Luis Mendes Ribeiro Gonçalves	164
12	Casal Luis Mendes Ribeiro Gonçalves e Alice Ribeiro	174
13	Narciso, Caravaggio, c. 1597	187
14	J.Miguel de Matos	197
15	O.G.Rego de Carvalho	206
16	Francisco Miguel de Moura	223

## *Sumário*

Introdução.....	16
Parte I: A ESCRITA DE SI, DO TEMPO E DA MEMÓRIA.....	31
Capítulo 1- Os fios de Ariadne: a crônica como escrita de si e da memória.....	31
Capítulo 2 - No labirinto da memória: O cronista e a invenção da sua juventude.....	44
Capítulo 3 - Teseu já foi criança: a construção da infância e da adolescência através das crônicas.....	75
Capítulo 4 - Os fios de Ariadne: A escrita do tempo e a invenção da cidade através das memórias-baús.....	101
Parte II: A ESCRITA DA DISTINÇÃO E DOS AFETOS OU A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL.....	127
Capítulo 1- A escrita de si como distinção ou a invenção de estratégias de distinção.....	127
Capítulo 2 - A escrita da afetividade ou a construção de uma rede de afetividades intelectuais.....	141
Capítulo 3- A escrita dos afetos ou a recepção da afetividade.....	163
Parte III: A ESCRITA DOS DESAFETOS OU A ESCRITA COMO IMAGEM DA VAIDADE.....	187
Capítulo 1- A pintura de si: a escrita como vaidade.....	187
Capítulo 2- O reflexo de Narciso no espelho: a escrita dos desafetos.....	197
Capítulo 3 - A imagem de Dorian Gray ou a escrita da vaidade.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	241
REFERÊNCIAS.....	250

## Introdução

### Cenário

Algumas condições em nossa sociedade de tão naturalizadas já nem sequer sofrem problematizações mais acentuadas. Uma dessas condições é a de intelectual. Tal acepção de tão enraizada em nossa sociedade, sofre algumas dificuldades que coloquem em questão tal abordagem, carregada de cristalizações que foram sendo esculpidas ao longo dos tempos. Essas cristalizações têm historicizações diferentes. Nesse sentido, é importante pensar sobre o modo como alguém chega a ser aceito como intelectual, como passa a ser consagrado e recebe honrarias com relação a outros segmentos na sociedade.

Como qualquer outro conceito, o de intelectual<sup>1</sup> é formado por camadas de sentidos que lhe foram sendo impostos em várias temporalidades e espaços diferentes. Uma dessas espacialidades e temporalidades recortadas na historiografia é aquela que diz respeito ao trabalho de fôlego de Elisabeth Badinter<sup>2</sup> sobre aquilo que denominou de *Paixões Intelectuais*. A autora traça algumas análises que buscam mostrar como a atividade intelectual passou por imagens diferentes indo, até meados do século XVII, de uma imagem ligada à ideia de atividade do homem de ciências e passando, no século XVIII, a ser considerada como uma vontade extrema de saber, que terminou por favorecer tentações

---

<sup>1</sup> A expressão *intelectual* remonta aos meados do século XVIII, na França, onde passa a existir a separação entre homem de ciências e homem de letras. Nesse século, o conhecimento tornou-se sinônimo de prestígio e vaidade. Atualmente a figura do intelectual sofreu algumas modificações com relação a sua função na sociedade, no que diz respeito a sua maior influência nas análises que fez, tanto com relação aos seus domínios restritos do saber, como da sociedade. Se antes o *intelectual* era visto como aquele que detinha o saber, a verdade, atualmente sua importância consiste em reinterrogar estes mesmos domínios, em sacudir os costumes e as maneiras de pensar. Embora a polissemia da linguagem com relação ao termo seja grande, existe uma relativa concordância com relação a ser esse uma figura que detém, através do discurso, o domínio sobre algum notório saber e que ambiciona, com isso, reconhecimento e distinção. Sobre a especificidade da figura do intelectual, ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **De amadores a desaparecidos**: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajetos – Revista de História UFC*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005. BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Orgs). **Intelectuais**: sociedade e política. São Paulo: Cortez, 2003. BADINTER. Elisabeth. **As paixões intelectuais**: Desejo de glória (1735-1751). Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>2</sup> BADINTER. Elisabeth. **As paixões intelectuais**: desejo de glória (1735-1751). Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. BADINTER. Elisabeth. **As paixões intelectuais**: exigência de dignidade (1735-1751). Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

“perigosas” para a alma humana, como a vontade de imposição das ideias, o orgulho e a vaidade<sup>3</sup>. Uma das possibilidades históricas que viabilizaram a imagem desse “novo” intelectual foi a criação das Academias francesas, a exemplo da Academia de Ciências, no século XVII, concebida pelo ideal baconiano moderno da cidade do conhecimento, que tinha como lema: todos por um, um por todos.

Embora tal lema favoreça pensar uma ideia de conjunto, amizade, integração, com o tempo, a expressão “todos” foi sendo paulatinamente substituída por “um”. A vontade de destaque pessoal, de imposição de ideias e verdades, a distribuição de condenações e aprovações, vão se tornando fundamentais no fazer-se intelectual, já que o saber passa a ser visto como algo que deveria ser compartilhado, no sentido de favorecer mudanças, progressos e inovações. Para aqueles que estavam legitimados pelo saber e que participavam diretamente de alguma associação como as Academias, cresce cada vez mais a vontade de conquistar o reconhecimento dos pares e do público.

Segundo Badinter<sup>4</sup> o conhecimento, no século XVIII, tornou-se sinônimo de prestígio e liberação aos olhos da burguesia que ascendia socialmente. Para a autora passaram a ser três as regras que iriam impor um jogo triangular, que ainda são aquelas que fazem parte de painéis bem recentes – o intelectual, seus pares e o público. Será nessa relação complicada que os intelectuais irão buscar espaços cada vez mais significativos na sociedade, no sentido de imprimir seu nome para posteridade, desencadeando paixões que já não reconheciam laços de família, amizade e poderiam chegar a atitudes mais complexas como a paranoia e a megalomania, pois as paixões intelectuais, incluídas o desejo de glória e reconhecimento, são efêmeras e necessitam ser reconquistadas de tempos em tempos.

Nesse jogo de conquista e reconhecimento não será raro o sonho com o mecenas que deverá oferecer-lhe uma espécie de renda e proteção em troca de dedicatórias a sua glória. Esse ideal intelectual baseado na vontade de saber, na busca pelo reconhecimento, juntamente com a vontade de proteção de um

---

<sup>3</sup> BADINTER. Elisabeth. **As paixões intelectuais**: desejo de glória (1735-1751). Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 11-12.

<sup>4</sup> BADINTER. Elisabeth. **As paixões intelectuais**: exigência de dignidade (1735-1751). Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p. 12-14.

mecenas, cartografados na França, no século XVIII, foi transferido para vários lugares, como o Brasil, por exemplo. Essa transferência foi realizada pela fama que as Academias iam ganhando no contexto da intelectualidade, bem como a circulação dos modelos baseados nos ideais iluministas.

João Cezar de Castro Rocha<sup>5</sup>, em estudo sobre as relações entre o Estado brasileiro e a sociedade, no tocante às questões intelectuais, mostrou a influência do modelo francês no Brasil, principalmente, no século XVIII, daqueles que eram considerados e conhecidos como *litteratus*. Esses eram mestres das letras e sabiam tanto escrever quanto ler, além de dominar questões ligadas ao próprio fazer literário. Esse ofício ligado à arte da escrita e da leitura era de certa maneira manipulado de acordo com o interesse de quem sustentava esse grupo.

No Brasil essas relações entre *litteratus* e mecenas foram responsáveis pela classificação entre o que era considerada uma boa escrita e leitura, quesitos fundamentais para distinguir-se na sociedade já que, durante o século XVIII, a formação de um círculo restrito tinha como função recomendar as boas maneiras com relação à escrita e à leitura, para tanto era importante ter contato com aqueles autores que eram considerados “bons” no sentido de formar um gosto que incluía além de tratados de arte poética, retórica, literaturas latina e francesa<sup>6</sup>.

No século XIX, no Brasil, houve mudança quanto à figura do “mecenas” que passou a ser exercido pelo Estado, responsável por direcionar os esforços para elaboração de uma nacionalidade. Nesse sentido, o homem de letras tornou-se cada vez mais um especialista das belas letras, deixando de cuidar de todos os discursos e se concentrando na produção de textos mais criativos e específicos<sup>7</sup>. Essa relação entre o homem de letras, que passa com o tempo a diferenciar-se por sua natureza ligada à intelectualidade, guardava profundas aproximações com o modelo francês, onde o Estado assumiu o papel de mecenas voltado para a

---

<sup>5</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História**. Rio de Janeiro: Campos. 2000.p.209-232.

<sup>6</sup> ABREU, Márcia. **Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil Colonial**. In: ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas (SP): Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: Fapesp, 1999.p.213-234.

<sup>7</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História**. Rio de Janeiro: Campos. 2000.p.215-216.

glorificação da nacionalidade, ao invés de incentivar e promover elogios ligados às individualidades.

As conseqüências do modelo francês no Brasil, no que tange às questões intelectuais e artísticas, supõem alguns esclarecimentos de ordem prática. Primeiro, que o Estado, diferentemente do caso francês, mais do que promover uma ação cultural necessitou suprimir a fragilidade do público consumidor no Brasil, através de planos e ações culturais. Essa relação entre Estado e produtores intelectuais e artísticos, terminou por refletir a já conhecida e saturada gestão da coisa pública, onde os bens públicos confundem-se com os de ordem privada. Essa dependência, tanto de subsídios estatais como da gestão dos recursos provenientes do patrimônio público, propiciou, no Brasil, o aparecimento de um homem de letras, tipo “funcionário público”<sup>8</sup>, diferente do modelo possibilitado na França, baseado mais nas condições de cidadania.

É importante destacar que esse homem de letras funcionário público, possibilitado pelas peculiaridades do caso brasileiro, não é uma aberração, mas uma forma encontrada para equilibrar o difícil jogo triangular existente, desde meados do século XVIII, na França, que envolve a relação entre intelectual, seus pares e o público. Esse jogo triangular conjuga questões que foram pensadas pelo viés da condição histórica do sujeito brasileiro, baseado nas ideias do homem de letras cordial defendido por João Cezar de Castro Rocha<sup>9</sup> e Livia Barbosa<sup>10</sup>, com base na obra clássica Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda.

Os autores supracitados defendem que esse homem de letras dependente direto do subsídio estatal dribla a ineficácia das instituições públicas organizando-se com base em seus contatos de amizade que podem favorecer-lhe em sua vida pública. Os autores ainda creditam a esse homem (cordial) de letras a necessidade de fazer parte desses círculos de amizade que costumam oferecer visibilidade dentro do sistema intelectual brasileiro. Esse homem cordial, amigo,

---

<sup>8</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso**: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História. Rio de Janeiro: Campos. 2000.p. 219-220

<sup>9</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso**: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História. Rio de Janeiro: Campos. 2000.

<sup>10</sup> BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

exageradamente cordato também pode ser muito violento, rancoroso, já que não conhece medidas para seus sentimentos, tão levado pelo “coração” e pela busca daquilo que considera melhor para si e para os outros. Suas polêmicas serão reconhecidas e levadas a sério dependendo da maior ou menor cooptação pelo Estado ou por alguma “capelinha literária”.

### *Palco*

Para além dessas questões que levam em conta o caráter histórico e social dessas relações intelectuais, é importante destacar que uma das principais atribuições do intelectual é a prática da escrita, que não apenas cria subterfúgios para driblar a difícil arte de viver das letras no Brasil. A escrita constrói lugares de distinção<sup>11</sup> que não são apenas os representativos, mas também aqueles forjados pela inventividade. Ressalto, que o homem de letras não somente dribla as dificuldades advindas do jogo triangular, ele mesmo reveste esse jogo em proveito próprio, no que diz respeito à tentativa de construção de uma trajetória de distinção entre seus pares e leitores.

Advirto que a escrita é pensada nessa tese tendo em consideração sua colaboração para a construção da história, percebida nessa tese como intriga, no

---

<sup>11</sup> A *distinção* que faço das coisas e das pessoas não é algo dado, naturalizado. Não distingo de alguém ou faço algumas distinções entre as coisas pelo puro desejo de escolher ou simplesmente pelo meu gosto. A própria escolha e o gosto são experiências culturais capazes de classificar e distinguir. Segundo P. Bourdieu (2008), o próprio gosto é a aversão, a intolerância às preferências dos outros. É nesse movimento que aproxima e desloca que construímos nossas distinções. Quando me distingo de alguém, aproximo-me mais de outras pessoas ou quando escolho algumas coisas por gosto, essas incluem o gosto de determinadas pessoas. A distinção põe em evidência que os gostos e as preferências culturais são submetidos a vários campos simbólicos. P. Bourdieu explica que estas distinções permitem que sejam feitas críticas e julgamentos por parte da sociedade. Nessa reflexão localiza na escola e na família as duas principais instituições que movem e deslocam continuamente estas distinções, seja porque oferece meios para distinção, seja porque legitima algumas distinções já existentes. A distinção, portanto, não é algo natural ou que nasceu com alguém, é sim uma longa experiência de escolhas, gostos, vontades. A própria escrita de si é uma forma de organizar estes gostos, estas vontades, de maneira que pareçam as mais naturais possíveis. Quando escrevo não me distingo ainda mais através das minhas escolhas? Ou, como ressaltou R. Chartier (2003), quando escrevo não me distingo pelas minhas apropriações do mundo, pela forma como recepciono ideias, leituras e como faço com que isto tudo circule. Sobre a distinção como processo de diferenciação social, ver: **BOURDIEU**, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre (RS): Zouk, 2008. A distinção como prática de escrita e apropriação, ver: **CHARTIER**, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas (SP): Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias da Leitura).

sentido atribuído por Paul Veyne<sup>12</sup>. A história é feita de acontecimentos narrativizados que são materializados pela escrita, pois a história, como advertiu Paul Veyne, não é aquilo que se passou, e, sim, uma produção discursiva. A linguagem fundadora de discursos é criadora e residual, no sentido de que seus sinais são possíveis de ser pensados e interpretados. Se a escrita pode ser expressa através de uma trama textual, ou ainda serve como registro de algo que está ausente; um ter-sido ausente; então, o registro histórico é um discurso da presença do faltante, uma forma de túmulo que exorciza aquele que não existe mais<sup>13</sup>.

Mas de qual intelectual e qual escrita estou me referindo? Com certeza não é de todo intelectual e nem de qualquer escrita. Concordo com Jean-François Sirinelli<sup>14</sup> que a questão e o conceito intelectual sejam complexos e indeterminados para defini-los com precisão. Para fins de compreensão utilizo o termo para aqueles que fazem do seu ofício uma vontade de imprimir sentidos para as palavras, já que ajudam a forjá-las e as transmitem utilizando para isso de várias estratégias discursivas. Em outros termos, tomo como intelectual aquele que se utiliza da palavra na intenção de construir um mundo de sentidos, já que o mundo das palavras cria o mundo das coisas<sup>15</sup>.

Sendo assim, irei utilizar a expressão intelectual para designar a pessoa de A.Tito Filho<sup>16</sup>, por entender que ele detinha os recursos da cultura escrita, bem

<sup>12</sup> VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

<sup>13</sup> Acredito que as análises realizadas por P. Ricoeur (2007) e M. de Certeau (2002), sobre a escrita como meio que faz aparecer aquilo que está ausente ou como forma de apreensão dos sinais produzidos pelo Outro, são centrais para quem tem a linguagem como campo de pesquisa ou domínio filosófico, capaz de perceber que o texto é um ente de sentido capaz de ser analisado e interpretado, tanto na sua tessitura como nas suas dobras. ver: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>14</sup> SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais do final do século XX**. In: AZEVEDO, Cecília (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P. 47-58.

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

<sup>16</sup> Sobre algumas das atividades exercidas por A.Tito Filho (Barras, 1924; Teresina, 1992) irei esboçar neste espaço aquela que partiu de um dos seus biógrafos, a exemplo de Raimundo Itamar Lemos Fernandes Júnior, que, em artigo publicado em jornal, após a morte de A. Tito, destacou, entre outras coisas que "Falar de A. Tito Filho é uma tarefa prazerosa, mesmo nesse momento de tristeza que já foi cumprida, aqui e alhures, por autoridades literárias, como o escritor catarinense Theobaldo Jamundá em sua obra "A. Tito Filho Incomparável" (Florianópolis, Indústria Gráfica e Editora Canarinho Ltda., 1991). Falar de A. Tito Filho é abordá-lo em diversos aspectos, principalmente no do A. Tito Filho professor - de Organização Social e do Brasil, de Estudos

como suas simbologias próprias de distinção. É bom destacar para os limites dessa tese, que não irei fazer uma análise sobre seu desempenho intelectual ou ainda sobre o lugar da sua produção bibliográfica, mas perceber como se utilizou da palavra para escrever sobre si e ao fazer uso dessa estratégia discursiva construiu uma trajetória de intelectualidade e distinção. Em síntese, minha análise não é centrada no percurso histórico do intelectual, nem mesmo no conjunto de ideias que defendeu, nem na tentativa de cartografar itinerários relativos a escolas, correntes literárias construídas em torno desse intelectual, mas perceber como se utilizando da escrita inventou<sup>17</sup> para si e para os seus uma trajetória de intelectualidade e distinção.

Nesse sentido, acrescento ao debate historiográfico, em torno da problematização sobre o intelectual, que esse além da necessidade de ser aceito por seus pares e pelo seu público, como adverte o jogo triangular, constrói produções de sentidos sobre si, pois pensar a questão intelectual é uma operação de caça aos sentidos que esses atribuem utilizando-se da linguagem. Ao selecionar suas próprias memórias e transformá-las em texto, o intelectual estaria escrevendo uma forma de narrativa autoreferencial ou escrita de si<sup>18</sup>. Quero enfatizar que história

---

Sociais, de Sociologia Educacional da Escola Normal de Teresina, de Língua e Literatura Portuguesa da antiga Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, de Língua e Literatura Portuguesa do Liceu Piauiense, de Língua Vernacular Jurídica da Escola Superior de Magistratura do Piauí; Jornalista - de "Libertação", no Rio de Janeiro, do "Estado do Piauí", do "Jornal do Comércio", de "O Piauí", do "Jornal do Piauí", colaborador de "O Dia" e de "O Estado", organizador e editor da Revista da Academia Piauiense de Letras e de muitos outros jornais e revistas. Como escritor - escreveu, dentre outros, trinta e seis livros (deixou trabalho inédito), como historiador, cronista, poeta, filólogo, lexicólogo, biógrafo, geógrafo, humorista, pesquisador, sociólogo, jurista, crítico literário etc., o que o projetou nacionalmente e lhe permitiu, há mais de vinte anos, ingressar na Academia Piauiense, entidade que presidiu por vinte e dois longos anos. Além das inúmeras obras e artigos que escreveu, possibilitou a ascensão de um sem número de autores jovens, organizou e revisou uma infinidade de trabalhos, revistas e jornais, incentivou autores já consagrados a continuarem escrevendo e publicando obras, o que fez a literatura piauiense crescer enormemente, dando à Academia Piauiense de Letras um lugar privilegiado no cenário cultural brasileiro, como instituição das letras das mais atuantes deste país". FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar Lemos. **Falar de A.Tito Filho**. Jornal O Dia 30/06/1992.

<sup>17</sup> *Invenção* no sentido de ponto de ruptura ou momento inaugural de alguma prática, costume, concepção, evento humano. A designação ainda pode ser vista no sentido atribuído pelo poeta Manoel de Barros como uma coisa que serve para aumentar o mundo. Inventar é criar, expandir, tecer espaços de experiência. ver: **ALBUQUERQUE Jr.** Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da história. Bauru (SP): Edusc, 2007. CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Documentário.76min.2010.

<sup>18</sup> A escrita de si, segundo M. de Foucault, é entendida como um suporte de memória, onde o indivíduo exercita um cuidado de si no sentido de realizar atividades e exercícios que lhe ajudem a abstrair as dispersões da vida, fixando e constituído práticas, como a escrita, no sentido de que escrever é mostrar-se, expor-se, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Sendo assim quem escreve se oferece ao olhar do outro. A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, da relação da alma e do corpo, segundo a moral dos estóicos e epicuristas. Sobre essas relações ver:

e memória serão vistas e problematizadas nesse trabalho como formas de seleção do passado, uma construção intelectual, e não somente um fluxo externo do pensamento<sup>19</sup>.

Essa separação entre memória e história é importante para que tenhamos cuidado ao pensar que a memória acessa ou recupera a história. É necessário refletir que aquilo que denominamos de memória e história são produções discursivas (já que normalmente a memória pode ser transcrita tanto por aquele que a evoca como por aquele que a utiliza como objeto e fonte de estudo). Sendo assim vale as contribuições de M. de Certeau<sup>20</sup> e P. Ricoeur<sup>21</sup>, no campo hermenêutico, sobre a importância do uso da explicação/compreensão como fase importante para preencher de sentidos e plausibilidades a escrita da história. Ao invés do “dever de memória” cabe ao historiador realizar um “trabalho de memória”, no sentido de que a escrita da história não seja simples queixa, saudosismo ou ainda uma repetição piegas do passado<sup>22</sup>.

### *Intrigas*

Para pensar essas questões que dizem respeito ao processo de construção de sentidos sobre si, utilizados por A.Tito Filho, em sua tentativa de traçar sua trajetória de intelectualidade e distinção, fiz uso de algumas fontes que serviram para cartografar essas intenções. Selecionei de um longo arquivo digitalizado<sup>23</sup>, tanto no *Jornal do Piauí* como no *Jornal O Dia*, entre 1970 e 1990, uma quantidade significativa de material escrito por A.Tito Filho. Entre esses materiais digitalizados fiz uso de uma coluna em série denominada *Caderno de*

---

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).

<sup>19</sup> DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru (SP): EDUSC, 2004.

<sup>20</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>21</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.p.48-52.

<sup>23</sup> Refiro-me ao Projeto de PIBIC denominado **História e Literatura: pesquisa, catalogação, digitalização e revisão da obra de Arimathéia Tito Filho**. A proposta era pesquisar, catalogar, digitalizar e por último publicar o material coletado, buscando realçar a linha de pesquisa referente às relações entre História, Literatura e Jornalismo. A intenção, juntamente com o bolsista Jordan Bruno Oliveira Ferreira, foi realizar um levantamento da produção de A. Tito Filho em vários meios de comunicação como jornais, revistas, manuais, artigos, etc. e aqueles que se encontram em poder dos familiares e amigos, desconhecidos do público, e que necessitam ser reunidas no intuito de conhecer ainda mais a história de Teresina, e dessas implicações para a historiografia piauiense.

*Anotações*, espaço existente no extinto *Jornal do Piauí*, e tinha como principal finalidade divulgar anotações sobre questões literárias em nível local e nacional, principalmente. Essa coluna era atravessada por diversas atividades como lançamento de livros, recomendações de leituras, novidades no campo literário, prefácios escritos pelo colunista e por outros. Além de questões que versavam sobre política, cidade, sociedade, cultura e, até mesmo, religião.

Fiz uso também de crônicas em série existente em uma coluna no jornal *O Dia*, onde A.Tito Filho, diariamente, trazia uma narrativa, antecipada por um título escrito de forma direta ou indireta, que tinha relação ou não com alguma pauta discutida pelo jornal. Essa coluna, diferentemente, da coluna literária *Caderno de Anotações*, que era composta por vários fragmentos de textos e, versava sobre vários assuntos, trazia um texto simples, claro, e que dizia respeito à opinião pessoal do seu autor sobre algum fato do cotidiano, tipicamente característico do estilo literário cronístico. É interessante destacar que o trabalho com jornais, a despeito de sua preferência entre os historiadores do presente, principalmente por se destacar com relação ao relato do cotidiano da cidade, mas do que quantidade deve-se levar em conta, durante o processo de leitura desses registros, a reflexão e a interpretação<sup>24</sup>.

Diante dessa advertência enfatizo que as duas colunas jornalísticas que aparentemente guardam proporções diferenciadas, em termos de apresentação e conteúdo, são explicadas e compreendidas, nos limites dessa tese, como registros de uma escrita autoreferencial, onde seu autor na tentativa de construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção, inventa para si e para seu grupo sociabilidades que o auxiliavam a transitar em vários espaços, ao tempo que ia se constituindo uma *persona* diferente, pois ao escrever o autor cria estratégias, que lhe permitem visibilidade para si e para sua rede de sociabilidade. Essa sociabilidade inclui redes e microclimas<sup>25</sup>, que servem para construir laços em

---

<sup>24</sup>NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A imprensa escrita de Teresina nas comemorações do centenário de Teresina**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do MONTE, Regianny (Orgs.). **Cidade e Memória**. Teresina: EDUFPI/Imperatriz (MA): Ética, 2009.p. 90.

<sup>25</sup> Para Jean-François Sirinelli as sociabilidades intelectuais reúnem em torno de si redes e microclimas.As redes secretam microclimas à sombra dos quais a atitude e o comportamento dos intelectuais envolvidos apresentam traços específicos. Nas sociabilidades de microcosmos intelectuais a atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel decisivo. Sobre essa reflexão ver: SIRINELLI, Jean-

comum entre grupos de intelectuais, seja pela atração relacionada ao campo das ideias, da conquista de títulos, cargos e honrarias, além da pulverização de sentimentos marcados pela hostilidade, rivalidade, inveja, que agitam na construção de vaidades e egocentrismos.

Ao contrário daquilo que é comum pensar, a narrativa de si não é a narrativa da solidão ou da relação consigo mesmo. Mesmo que exista uma interferência da alma e do corpo<sup>26</sup> na escrita, já que quem escreve exercita o cuidado de si, essa atividade se constitui de sentidos para o outro. *A escrita dos movimentos interiores* é a escrita de si como suporte de memória, ou seja, a escrita daquilo que está profundamente entranhado na alma e que deve, sob pena de arrependimento, ser diariamente realizado. Antônio Paulo Rezende enfatizou em *Ruídos do efêmero* que a narrativa “é o pedaço da vida mais misterioso e vadio. Ela distrai e invade, consola e descobre, acomoda e tortura, adormece e atíça”<sup>27</sup>.

A escrita, a leitura, a conversa consigo mesmo, a prática de viver consigo mesmo, as elaborações íntimas de afeto e desafeto, entre outras, constituem um corpo de sentidos, que vão para além da constituição de si, como evento de solidão. Esse corpo de linguagem que faz parte do ritual diário praticado por aqueles indivíduos que se constituem como intelectuais o tonam “capacitados” para conselhos, exortações, consolos e ajudas.

O cenário local dessa intriga escriturária é Teresina, capital do Estado do Piauí, entre os anos de 1971 e 1992, onde verifiquei a existência de um microclima de efervescência no campo cultural, principalmente no campo literário, com a efetivação de várias conquistas como: o soerguimento do IHGB, criado em 1918, com a denominação de Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico Piauiense; pagamento pelo Estado de subsídios que asseguravam o funcionamento da sede provisória da Academia Piauiense de Letras- APL; a posterior conquista de uma sede definitiva para a APL; a criação de projetos editoriais como o Plano Editorial e

---

François. **Os Intelectuais**. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.

<sup>26</sup>FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Coleção Ditos e Escritos. Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 157.

<sup>27</sup>REZENDE, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Ed.Universitária da UFPE.2010.p.96.

o Projeto Petrônio Portella; Implantação da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais – Fundação Cepro; circulação em escala significativa de livros de autores piauienses reconhecidos e de novos autores; comunicação da APL com suas congêneres de forma mais efetiva; divulgação e circulação de obras piauienses e nacionais em bibliotecas e escolas públicas; constituição de um Fundo Rotativo de Editoração; permanência e solidificação do Conselho Estadual de Educação e do Conselho de Cultura; participação de intelectuais em congressos e simpósios nacionais representando o Piauí; concessão de Bolsas de Pesquisa para alguns membros da Academia Piauiense de Letras e a Universidade Federal do Piauí; organização de revistas que passam a circular entre aqueles que são ditos intelectuais e a sociedade, como a Revista da APL, a Revista Presença, Revista Carta Cepro, Cadernos de Teresina, entre outras conquistas.

É importante salientar que o tempo estabelecido nessa tese (1971-1992), além de marcar esse clima de efervescência cultural na capital, refere-se ao período que vai da entrada de A.Tito Filho na Academia Piauiense de Letras, na condição de Presidente, até seu falecimento, em 1992. Esse recorte temporal marca um período de reconhecimento de sua intelectualidade tanto por seus pares como pela sociedade. É nesse entretempo que sua trajetória de distinção alcança níveis acentuados, já que passou a participar ativamente do meio intelectual em dimensões significativas, tanto com relação àqueles que lhes antecederam na Academia como em algumas instituições literárias de vida breve. É a partir da aquisição de sua fama e prestígio que tenciono observar como alguém que detém os meios de consagração na sociedade investe dessa condição e traça para si e para os seus uma trajetória distinta. Nesse sentido, é pelo meio (no sentido de devir) que começo, pois concordo com G.Deleuze<sup>28</sup>, que é pelo meio que a vida ganha potencialidades, já que não se pode começar do início e nem mudar o fim e começar de novo.

Esse processo de sociabilidade constrói movimentos interiores tanto com relação à formação de uma rede de contatos intelectuais, baseado na camaradagem, no afeto e nas relações de consideração, como àquele que diz respeito ao patrimônio cultural dos mais velhos, como percebi na figura de Martins

---

<sup>28</sup> DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

Napoleão e Luís Mendes Ribeiro, como nas relações de raiva, rancor e ressentimentos que traçou com alguns de seus críticos, a exemplo de O.G.Rego de Carvalho e o poeta Oliveira Neto.

### *Ação*

Para dar conta desse quadro nada fácil de questionamentos e explicações, a tese foi dividida em três partes principais, sendo que cada uma desenvolve um rol de temáticas, problematizações e teorias, articuladas em cada capítulo que compõem as três partes, que possuem vinculação com a temática geral *A escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A.Tito Filho (1971- 1992)*.

Na primeira parte, intitulada *A escrita de si, do tempo e da memória*, faço análise sobre a condição do cronista, bem como sua arte de narrar e criar o tempo e a memória. Nessa parte dividida em quatro capítulos, mostro que A.Tito Filho, ao utilizar-se da crônica como estilo literário, constrói uma trajetória de si no tempo, já que, ao utilizar-se de suas próprias memórias ou de suportes dessa, traça uma série de imagens sobre sua infância, adolescência e juventude, criando um reservatório de lembranças que servem para distingui-lo no tempo.

É bom lembrar que a crônica guarda algumas relações com a história, e que ambas constroem memória, e por isso mesmo necessitam ser pensadas como jogos textuais que necessitam ser interpretados, ao invés de apenas aceitos como verdades. A crônica como documento é “indiciário e encontra-se em uma teia, em uma rede social e cultural, contendo várias informações, vários acontecimentos”.<sup>29</sup>

Sua juventude é retratada como um período de participações na vida política nacional, bem como uma fase propícia para suas incursões criativas no campo da escrita e do jornalismo. As imagens que dizem respeito à infância são incursões pelas reminiscências de sua vida na cidade de Barras, e principalmente nas terras onde se localizavam a fazenda Peixe. Também faz parte destas lembranças o período escolar que viveu na cidade de Teresina. A intenção é

---

<sup>29</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Trajetórias de vida, trajetórias de ofício**. [Entrevista]. João Pessoa (PB). Revista de História: *Seculum*. nº. 23. jul./dez.2010. Entrevista concedida a Telma Dias Fernandes e Vilma de Lourdes Barbosa.

mostrar que, a despeito das peculiaridades que envolvem o estilo literário, a crônica é apropriada pelo cronista no sentido de escrever suas próprias memórias e lembranças.

A crônica como escrita autorreferencial ainda é pouco discutida em nossa historiografia, no sentido de pesquisas e problematizações. Sendo assim, na primeira parte, irei refletir sobre as implicações dessa escrita para a construção de um reservatório de memórias que além da trajetória individual do cronista ainda diz respeito à construção de sua cidade da memória. A cidade de Teresina é quase confundida com a própria trajetória individual do cronista, o que merece, nessa primeira parte, um capítulo à parte, na intenção de perceber como uma cidade, a despeito de suas materialidades, é arquitetada pelas lembranças e significada através da escrita de si.

Outra possibilidade selecionada para pensar como A.Tito Filho, deu sentido as suas narrativas, no sentido de criar uma imagem de si, foi pensar sua rede de contatos intelectuais com quem manteve relações de afeto e cordialidade. Na segunda parte, *A escrita da distinção e dos afetos ou a construção de uma rede de sociabilidade intelectual*, realizo análise dessas questões tendo como direcionamento sua coluna jornalística que manteve no extinto *Jornal do Piauí*, denominada *Caderno de Anotações* que, como o próprio nome sugere, era um espaço que tinha como principal finalidade fazer anotações sobre o cotidiano literário da cidade, bem como, manter seus leitores informados sobre lançamentos de livros, novidades no campo literário local e nacional, bem como, socialização de prefácios, dedicatórias, cartas, convites.

Nessa segunda parte, composta de três capítulos, tencionei rastrear as condições discursivas que possibilitaram entender como A.Tito Filho deu sentido a uma rede de sociabilidade intelectual, que ao tempo em que ia sendo construída auxiliava-o ainda mais em sua trajetória de distinção da sua imagem e na construção da vaidade, já que a publicação na coluna de gestos de amizade, solidariedade, admiração e cumplicidade, serviam como importante meio de consideração, que ao perceber a circulação de afetos, sociabilidades, propiciavam uma importante criação de um circuito literário que era fundamental nas trocas de favores, intervenções, alianças, posições, cargos.

Além da coluna *Caderno de Anotações*, fiz uso de correspondências entre A.Tito Filho e seu amigo, o acadêmico Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, no sentido de perceber como essa rede de sociabilidade se dava no âmbito privado, e quais as imagens que partem desse encontro entre os missivistas, sejam aquelas que dizem respeito ao processo de formação de um perfil intelectual, seja aquelas que dão conta da efervescência das atividades culturais naquele momento. Ainda faço considerações sobre as maneiras que os dois missivistas utilizaram-se para marcar suas trajetórias de distinção, já que essa forma de escrita de si marca as intensidades do encontro.

Nessa tentativa de cartografar a trajetória que marca a diferença, enveredei pela escrita dos descontínuos sensíveis, que dizem respeito à questão dos desafetos e da constituição de si como vaidade. Na terceira parte, *A escrita dos desafetos ou a escrita como imagem da vaidade*, composta de três capítulos, tento perceber como a escrita carrega energias que dizem respeito à construção de ressentimentos e alhures. Se na segunda parte procurei mostrar como a escrita inventa uma rede de sociabilidade intelectual, na terceira parte, observo como essa rede é cheia de buracos, de vãos e de passagens, onde é possível perceber que a escrita ao tempo em que pode se constituir uma ponte entre interesses em comum, também pode ser utilizada para marcar diferenças, ódios, intrigas e rancores.

A escrita dos desafetos também é uma importante atribuição da escrita de si, já que as palavras podem servir para atacar, agredir, envergonhar e manter distante o outro. Se a escrita de si é também a escrita do outro, essa escrita compreende energias que podem marcar aquilo que não é aceitável, aconselhável, pretendido. Isto ajuda a pensar que a construção da vaidade não é realizada sem antes marcar sua posição, sem antes fundar o reino daquilo que passa a ser considerado proibido, não aceito, ou que agia de forma contrária ao fluxo da sociabilidade que acontecia nas redes intelectuais. Longe de qualquer ingenuidade a palavra “é um dos ninhos da cultura, seus significantes não estão nas entranhas da perfeição, mas da tentativa e da possibilidade”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup>REZENDE, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Ed.Universitária da UFPE.2010.p.96.

Para territorializar essa escrita dos desafetos ou a escrita como imagem da vaidade, fiz uso de alguns “casos” de desavença, briga, ódio, insinuação e rancor, que foram socializados na coluna *Cadernos de Anotações*, na tentativa de demonstrar que o uso de tal escrita seria, entre outros propósitos, para colocar seus leitores diante de uma tribuna, onde os adversários iam sendo categoricamente “esmagados” pelo peso das “palavras” e pela energia dos desafetos que iam guiando a coluna, sempre que era contrariado em seus propósitos. Construía-se a vaidade costurando um jogo de narrativas que ora animavam, realçavam supostas amizades e redes de contribuição, ora desestimulavam possíveis inimigos, críticos, rivais.

As três partes que compõem essa tese podem ser vistas como entradas possíveis na tentativa de elucidar algumas problematizações que se cruzam na difícil relação entre a questão da escrita e a prática intelectual interessada em construir uma trajetória de distinção, no sentido de inventar para si e para seus eventos narrativos que consigam marcar a diferença, já que essa é marcada pela repetição. Nesse sentido, as palavras são utilizadas em exaustão por A.Tito Filho, na sempre complicada vontade de atribuir sentidos para o mundo, e porque não dizer para si, para os seus e para aqueles que iam contra essa vontade hercúlea.

Essa busca de perceber como os sujeitos atribuem sentidos para sua trajetória no tempo, faz parte de um importante diálogo com a história cultural, naquilo que essa permite perceber com relação à história da circulação dos sentidos no meio de uma sociedade. Então é necessário pensar que essas redes e intrigas textuais não são apenas ilusórias, mas entidades possíveis de ser pensadas por mim como pesquisadora e por aqueles que se encontram na condição de leitores. Esses dois mundos se interceptam na busca de inventar significações para uma realidade que flutua entre os códigos existentes em uma escrita dos movimentos interiores.

## Parte I

### A ESCRITA DE SI, DO TEMPO E DA MEMÓRIA

#### Capítulo 1

#### *Os fios de Ariadne: a crônica como escrita de si e da memória*

*Podem dizer-me, por favor, que caminho devo seguir  
para sair daqui.  
Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas)*

Para viver grandes extensões da vida, é necessário criatividade e imaginação. As lembranças<sup>31</sup> ajudam a suplementar a vida, pois a realidade, com toda sua crueza e deselegância, cumpre sempre a rotina de lembrar que algumas coisas não são exatamente da forma como desejamos. A ficcionalização do tempo, das coisas e das pessoas é importante como forma de construir a melhor parte delas; e nada mais humano do que tornar esta vontade uma parte de nós, de nossas lembranças, de nossa escrita. Lembro para manter o fio de Ariadne<sup>32</sup>, suspenso entre o tempo e a narrativa. Assim como ela forneceu ao seu amado Teseu o fio que lhe permitiria sair do labirinto onde vivia o Minotauro, a memória

---

<sup>31</sup> Para E. Bosi (1995) a lembrança é uma imagem produzida pelo ato da recordação. Diferentemente para L. Wittgenstein (1998) a lembrança não é apenas uma imagem que possa ser retomada pela representação ou pelos sentimentos. Segundo o autor a lembrança é a expressão verbal da memória. Defendo que aquilo que lembro somente se torna lembrança pelo esforço em exprimir, embora concorde com a posição de E.Bosi que elas sempre chegam desfocadas pelo tempo e pelas experiências de quem lembra. Sendo assim, entendo, que a lembrança ao transformar-se em texto, em narrativa como a crônica, por exemplo, não devem ser vistas como testemunhas verídicas do passado, do tempo do *já foi*, mas como elaborações que podem ser analisadas e explicadas como documentos, que não constituem prova por si mesmo, apenas dentro de uma rede de sentidos, que segundo P.Ricoeur (2007), contempla a fase da explicação/compreensão, referindo-se ao trabalho de escrita realizada pelo historiador. Sobre esta discussão ver: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995; WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas**. São Paulo: Loyola, 1998; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>32</sup> Filha do rei Minos, rei de Creta, ajudou Teseu a entrar no labirinto do Minotauro, dando-lhe uma espada e um novelo de linha (Fio de Ariadne), para que ele pudesse achar o caminho de volta, do qual ficaria segurando uma das pontas.

trama suas artimanhas, pois para viver sob a arquitetura de Dédalo<sup>33</sup> é necessário o uso constante da vigilância.

Imagem 01: Ariadne entregando o novelo para Teseu



Fonte: Quadro de Maicar Förlag (França)

A memória presentifica uma coisa ausente, que não mais é, porém já foi<sup>34</sup>. A memória pretende ser testemunha e fiadora do passado que existiu, antes de ser configurada como texto, como discurso escrito, já que nada no texto é garantia de verdade, como atividade que deve tentar cristalizar valores ou moralidades, mas um artefato onde é possível conjecturar explicações e permitir através do ato da leitura múltiplas compreensões. Na mitologia grega, Ariadne ou Ânima (alma) está sempre tecendo seus fios, refazendo suas teias. A sua motivação é a crença de que tudo pode estar esgotado, acabado, se ela não confeccionar interminavelmente novos fios que possam servir para retirar das armadilhas de Dédalo o seu amado

<sup>33</sup> Personagem da mitologia grega responsável por arquitetar e inventar um labirinto para aprisionar o Minotauro.

<sup>34</sup> Tanto P. Ricoeur (2000) quanto M. de Certeau (2002) trouxeram contribuições importantes para o campo hermenêutico da história, ao problematizarem a questão da escrita como sinal imprescindível para o trabalho de deciframento dos rastros do outro. Acreditam que o passado consubstancia-se no presente através dos rastros, dos vestígios deixados que, independente do tempo e do lugar, fazem-se presentes de várias maneiras, seja através dos testemunhos escritos, arqueológicos, seja dos testemunhos orais fixados pela escrita. Desta maneira, acredito que as análises realizadas por P. Ricoeur e M. de Certeau, sobre a escrita como meio que faz aparecer aquilo que está ausente ou como forma de apreensão dos sinais produzidos pelo outro, são centrais para quem tem a linguagem como campo de pesquisa ou domínio filosófico, capaz de interceptar a vida e transfigurar o mundo. ver: RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Da mesma forma, a memória confecciona fios de lembranças, que ao serem escritas, presentificadas, ganham conotação de lugar do morto e lugar do leitor<sup>35</sup>. Assim como Ariadne era incansável em sua tarefa de fornecer fios para que seu amado saísse com vida do perigoso labirinto, o cronista também está preso em sua própria proeza, em sua eterna experiência de (re)lembrar, de (re)dizer. Os fios que puxa de sua memória prodigiosa servem também como pretexto para orientar outros Teseus. Estes são sempre inúmeros na vontade de serem sublimes, aliás, Nietzsche<sup>36</sup> já havia dito, através do seu devir Zaratustra, que os homens sublimes, heroicos, hábeis em decifrar enigmas, em vencer monstros estão sempre à mercê de suas próprias façanhas, sempre necessitando dos fios de Ariadne para não perderem a direção de suas ações, de sua vontade tirânica em interceptar o tempo com seus feitios assustadores.

Neste sentido, os fios de memória têm como objetivo manter acesa a chama do heroísmo que nunca pode cessar, pois o perigo encontra-se sempre à espreita. A crônica como escrita da memória realiza exaustivamente uma vontade de lembrar. É necessária uma constante trama dos fios pela memória, com a intenção de oferecer sentidos diante da longa trajetória labiríntica, pois a finalidade do labirinto é causar desorientação àqueles que ousam entrar em suas tortuosas passagens.

Mas se o labirinto causa desorientação, a crônica pretende ser uma escrita de segurança, de acesso quase imediato ao passado, pois o cronista volta-se para o tempo do *já foi* com a intenção de agarrar o passado, de suspendê-lo e torná-lo seu. Nesta tentativa, aos moldes de Teseu, procura paralisar o tempo. O tempo do acontecido, do tenha dito. Esta vontade quase tirânica é uma habilidade que traz em si o desejo de inventar sempre novas moralidades. Ariadne não somente mantém os fios de orientação; ela também aprisiona seu amado em outro

---

<sup>35</sup> Se a escrita expressa uma espécie de trama textual, ou ainda serve como registro de algo que está ausente; um ter-sido ausente; então, o registro histórico é um discurso da presença do faltante, uma forma de túmulo que exorciza aquele que não existe mais, como metaforizou M. Certeau, ao referir-se a ideia do morto. Mas se o discurso histórico é lugar do morto é também, segundo as concepções hermenêuticas de P. Ricoeur, (1976) o lugar do leitor, pois este entende que ler é transferir-se para o lugar do texto, então o lugar da compreensão deve ser um campo significativo de sentidos construídos, sempre presentificados, já que o texto não é um elo perdido numa cadeia histórica, ele é atemporal, sempre prestes a ser explicado e interpretado no presente. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

<sup>36</sup> NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martins Claret, 1999.

tipo de teia: a do ressentimento, pois o passado, ao invés de ser um ponto de mutação para algo melhor, transforma-se no único sentido.

É a aporia a qual o cronista está submetido. Ele existe em um eterno presente, mas volta-se, como o anjo descrito por W.Benjamin<sup>37</sup>, para o passado, ele quer juntar os cacos, as ruínas que se elevam, os corpos que já não existem mais. Ele deseja oferecer um sentido, uma localização a este caos, pois o “monstro” do futuro espera-o, assim como Minotauro esperava ardentemente, de nove em nove anos, devorar quatorze jovens atenienses que lhe eram entregues como oferenda. Mas o desejo do cronista não é apenas juntar os cacos, ele pretende fazê-lo deles sua morada, sua arquitetura. Ele transforma estes cacos em sentidos que são utilizados, entre tantos, para arquitetar suas próprias passagens no tempo.

Dédalo projetou a arquitetura labiríntica para aprisionar a fúria de Minotauro. A arquitetura tem esta função domar espíritos que de outra forma mostrar-se-iam perigosos para o convívio. Para viver no labirinto, é necessário uso dos sentidos. Teseu acreditava estar suficientemente seguro em frente à ameaça do Minotauro e a vertiginosa estrutura de Dédalo, já que contava com o auxílio e a astúcia de Ariadne para vencer os obstáculos. Ela, por sua vez, acreditava que seu amado somente estaria a salvo se continuasse segurando uma das pontas do novelo, que em silêncio desmanchava na sua vontade de encontrar e matar o monstro.

Mas, Teseu somente estaria completamente seguro, quando finalmente conseguisse unir as pontas do novelo, ou seja, as pontas do tempo e da narrativa. O tempo da espera de Ariadne com a narrativa dos seus feitos gloriosos. Somente quando completasse o ciclo saberia que sua experiência não teria sido em vão, pois a narrativa é um suporte de significação e como linguagem cria e oferece sentidos que orientam a experiência do ser<sup>38</sup>, neste sentido, é possível de ser interpretada diante da imensa progressão de sentidos.

---

<sup>37</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica; arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

<sup>38</sup> Existe narrativa, linguagem, porque existe experiência, esta faz parte de uma questão ontológica de referência. Neste caso, é oportuno dizer que a narrativa não oferece uma leitura “direta” do autor, mas é capaz de capturá-lo em suas próprias redes, mostrando que o autor é um nome onde se reagrupam textos, excluem-se outros, onde se atribuem apropriações, circulações, regras,

Teseu à medida que desmancha atrás de si o novelo de linha, entrava cada vez mais no labirinto. Este feito faz-o sentir que o labirinto não é simplesmente um lugar. O labirinto era uma experiência de sentido. As linhas que o auxiliavam territorializavam<sup>39</sup> seus desejos, suas emoções e dificultavam viver o acaso, o intempestivo. À medida que as linhas eram uma promessa de retorno a um lugar seguro, mesmo guiando-o por caminhos perigosos, tinham a finalidade de lhe subtrair da aventura a capacidade de perder-se, de desterritorializar-se<sup>40</sup>.

O cronista, assim como as linhas que guiam Teseu, procura territorializar suas lembranças, pois necessita constantemente decifrar uma floresta de símbolos que lhe chega aos fluxos em sua memória<sup>41</sup>. Ele filtra e despeja aquilo que considera importante para conseguir segurar o tempo e torná-lo seu. Suas narrativas são tramas que procuram envolver seus leitores e mostrar-lhes o caminho que deveriam percorrer, caso queiram manter-se distante dos perigos. E os perigos, para o cronista, não cessam de amontoar-se. Mas, ao invés de deslocar o sentido das palavras e das coisas que estão amontoadas no tempo, o cronista junta os cacos e oferece-os como leitura do presente. O desfile de lembranças não servem para desterritorializar as experiências do seus leitores, mas para fixar sentidos e estereótipos.

---

funções (FOUCAULT, 2006). Através da narrativa é possível cartografar experiências e invenções de si, já que o autor não cansa de desaparecer no texto, deixando rastros onde é possível percebê-lo como discurso, como invenção, e não como sujeito autônomo, ou seja, visa-se interpretá-lo como significação (RICOEUR, 2000). É com base nestas discussões que envolvem a noção de narrativa e autor que as interpretações serão realizadas. Ver: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2.Ed. Volume III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.264-298; RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000

<sup>39</sup> Segundo G. Deleuze e Guattari (1998) o sujeito é cortado por linhas segmentadas, flexíveis e de fuga. A *territorialização* coincide com a linha de corte segmentária, que corresponde aos dispositivos de poder como o território, família, escola. Estes dispositivos territorializam oposições binárias, como homem/mulher; criança/adulto; branco/negro; bom/mal. Territorializar é uma experiência geo-filosófica, no sentido, que os vários movimentos e fluxos da terra servem para pensar as diversas intensidades que acompanham o ser humano em seu devir. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

<sup>40</sup> As linhas flexíveis ou moleculares fazem correr fluxos de desterritorialização. Diferentemente do movimento de territorialização, a desterritorialização refere-se a grandes rupturas, oposições que nem sempre são negociáveis. A ruptura de fronteira nada tem haver com as oposições binárias, mas as deslocam, fazem com que entrem em vizinhança uma das outras. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

<sup>41</sup> BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Entre letras e papéis: a crônica como vestígio da cidade de Teresina**. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro. **Entre línguas: movimento e mistura de saberes**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p.27-42.

Porém, sua forma de afirmar assume um peso, um fardo que somente acaba quando passa para outra atividade, para outra prova, pois acredita que não pode parar porque as pessoas precisam ininterruptamente de direção, de sentido e até mesmo dos seus sentidos. Talvez pelo peso do fardo do heroísmo Teseu não tenha escolhido ficar com Ariadne após ter matado o Touro. Sua busca incansável pela perfeição, pelo prodigioso, não lhe permitiria viver a felicidade do encontro. Ele ignora os sentimentos que acreditava ser menores, ignora, por outro lado, sua própria monstruosidade. Ignora principalmente que

afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é, mas ao contrário, desatrelar, livrar, descarregar o que vive. Não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mesmos heróicos, porém criar valores novos que façam a vida leve ou afirmativa<sup>42</sup>.

Mas o cronista deseja retirar da experiência caótica do tempo não somente os *outros*. Suas lembranças também pretendem oferecer direção e sustentação a sua própria caminhada. Ele, assim como Ariadne, segura uma das pontas do fio porque não existe somente a preocupação de que o *outro* se perca, pois quem segura uma das pontas, mesmo estando parado, cultiva o medo de perder-se. Não é o movimento que facilita a perda, é a falta de orientação. Permanecer referencialmente parada em relação ao movimento de Teseu não faz de Ariadne uma pessoa segura, o que a torna segura é saber que conseguiu desobstaculizar os perigos (principalmente aqueles que seriam fatais para seu amado), enfrentando-os de maneira a dar-lhes uma provisória direção.

Preocupado com a crescente ruína que se estabelece por todos os lados, o cronista desafia o futuro com o gosto ainda doce do passado. Sua missão heroica é distribuir os fragmentos, de acordo com a necessidade. Assim, ele procura fugir aos acontecimentos do presente, pois está preocupado com a narrativa do/sobre o passado. Mesmo que algum acontecimento relampeje na atualidade, ele o transforma em algo bom ou mal em virtude do passado. Ele e Teseu vivem do passado, vivem de contar suas aventuras heroicas no tempo do *já foi*, mas que guarda a delicadeza do momento primevo. Assim como a criança guarda o cheiro da

---

<sup>42</sup>DELEUZE, Gilles. **Mistérios de Ariadne segundo Nietzsche**. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1995.p.115.

companhia da manhã de domingo, ele retira o ar desodorizado do passado de dentro dos seus pulmões.

O cronista administra as dobras do passado não somente para os outros, mas também para si. Suas crônicas são escritas de si<sup>43</sup> sobre o corpo do papel. Ele rearranja suas lembranças distribuindo-as em suas narrativas no tempo. Suas reminiscências<sup>44</sup> transformam-se em sabores, cheiros, cores, sons, que dividem com os outros na vontade sempre afirmativa de que nada escape do passado. Esta aventura subtrai da trajetória a solidão. Escrever é um ato que movimenta a estrutura interior, bem como seus alicerces. A escrita como exercício pessoal é uma forma de heroísmo, de busca do outro, que não raro, é do campo da abstração, do imperfeito, daquilo que poderia melhorar, mas que necessita de um rumo para aprumar-se.

Os relatos das crônicas são dirigidos e visam disciplinar o corpo bacante do *outro*. Este, assim, como Dioniso, encontra-se em profundo estado de latência, cheio de devires<sup>45</sup>. Devir monstro; devir homem; devir animal. Dioniso,

---

<sup>43</sup> Defendo que a crônica é uma forma de escrita de si, já que o cronista analisado, nesta tese, faz uso desse tipo de narrativa (como será percebido nos próximos capítulos que compõem essa primeira parte) para tecer considerações sobre ele mesmo, utilizando-se da narrativa do passado para se (re)inventar. Segundo M.Foucault (2006) a escrita de si é uma forma de exercício pessoal e constitui uma etapa essencial para a invenção de um suporte de memória que são executados diariamente como ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo, com outros, etc. Sendo assim, a crônica como narrativa da memória, constitui uma importante fonte para observar o já dito como um texto que além de constituir um corpo, ainda abriga pedaços de si. Outra forma de defender a crônica como escrita de si é porque ela apresenta características autobiográficas, já que sua narrativa é retrospectiva e utiliza a fórmula já consagrada por Philippe Lejeune (2008): autor = narrador = personagem. Ver: FOUCAULT. M. **A escrita de si**. In: FOUCAULT. M. **Ética, sexualidade, política**. 2ed. vol. V. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 144-162. LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau a Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Coleção Humanitas.

<sup>44</sup> W. Benjamin formulou uma concepção de História, cuja temporalidade é pensada, longe da ideia usual de tempo, como uma experiência saturada de *agoras* entre o passado e o presente. As *reminiscências* seriam imagens que relampejam no momento em que são acionadas provocando uma espécie de *iluminação*, ou ainda de *revelação*. Sandra Pesavento ao refletir sobre a memória como imagem sensível utilizada no ofício do historiador, define *reminiscência* como uma “operação imaginária de sentido que visualiza a imagem ausente, mostrando que a memória não é possível sem imagens” (2008, p.19). ver: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2004. MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatayh (orgs). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>45</sup> G. Deleuze na obra *Critica e Clinica* observa que “devir não é atingir uma forma de identificação, imitação, mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população [...] o devir está sempre entre ou no meio” (1997, p.11). O devir é um

diferentemente de Teseu, está pronto para viver o intempestivo, principalmente o amor de Ariadne. O *outro* para quem é dirigida a crônica e o deus Dioniso desejam não a morte do Touro, mas sua energia e disposição. Estariam dispostos a viver o acaso, o intempestivo, o insignificante, se não fosse a força e a determinação do homem-superior em mostrar que este estilo de vida não é o mais apropriado, pois guarda intrinsecamente o perigo, o desconhecido. Para o *mais velho dos homens* é necessário que as situações tenham um sentido, uma direção; é necessário que as pontas dos fios se encontrem, pois somente assim estaria a salvo. Seus ensinamentos, suas orientações, suas moralidades não são apenas conselhos que deveriam ser levados em consideração, mas a própria verdade.

O fio da moralidade esconde-se sobre o pressuposto do conhecimento, da maturidade, da experiência, da verdade. A própria moralidade é um labirinto, segundo Deleuze, onde se guardam os disfarces, onde se cultivam ódios, onde se martelam preconceitos. Quando se faz da moralidade, o fio que deveria servir para salvar o *outro* e do passado a instância temporal do sossego ou o “ancoradouro” das forças que se invertem contra o presente incerto e o futuro assombroso, a própria vida enquanto potência fica prejudicada, pois viver termina não se diferenciando muito de morrer.

A crônica como suporte de memória<sup>46</sup> é uma construção de sentidos, ela deseja colar-se às memórias daqueles que fazem de suas leituras um direcionamento do passado. As passagens abertas pelas crônicas insinuem temporalidades, espacialidades, sentimentos, acontecimentos que estariam

---

recurso bastante utilizado pela literatura na intenção de abordar não o Eu, não a relação pai/mãe, mas “perfurar o branco” das palavras, como apontou G. Deleuze sobre Beckett. Porém este aprofundamento somente é possível quando se realiza a experiência do devir, e isto não é o caso do cronista, pois ele deseja oferecer uma lógica, uma sequência para o tempo, compor as coisas em termos de dualidade. Ele não devém, ele é. DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997. p. 11-17.

<sup>46</sup> Para M. Foucault a escrita de si é um suporte de memória, devido à quantidade de exercícios que são frequentemente desenvolvidos através da experiência da recolha da leitura, que é um ato executado na intenção de repassar ensinamentos, aprendizagens, principalmente expor-se ao outro, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Já que defendo a crônica como manifestação da escrita de si, quis utilizar a categoria *suporte de memória*, para carregar ainda mais a dimensão da crônica como uma narrativa que para fazer aparecer o ausente necessita da mediação da escrita. A escrita não é a memória, mas um suporte importante que faz aparecer aquilo ou aqueles que se deseja lembrar. Neste caso, a crônica, como exterioridade da escrita e interioridade do autor, é uma importante narrativa desejosa da lembrança. FOUCAULT, M. **A escrita de si**. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. 2ed. vol. V. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 144-162.

perdidos se não fosse o desejo do homem-memória<sup>47</sup> em fabricar seus romances de lembranças. Mas ao recordar os acontecimentos no tempo, é também a si que recorda. Pois o tempo é uma experiência pessoal de sentido, e jamais se pode vivenciá-lo no lugar de alguém.

Ao narrar, o cronista estaria submetido a uma espécie de *neurose de Teseu*, ou seja, uma vontade de teatralização dos gestos, da forma de encenação, da maneira heroica de lembrar-se. O exagero de recordar-se dos mínimos detalhes aos moldes de “Funes, o memorioso”, da ficção de Jorge Luís Borges<sup>48</sup>, é uma tentativa de segurar o tempo através do uso da narrativa, de fazê-lo seu. Funes, na ficção de Borges, é capaz de lembrar-se dos menores detalhes, aqueles que seriam desprezíveis para o mais humano dos mortais como “as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernado em couro que vira somente uma vez”.<sup>49</sup>

Lembrar é um acontecimento social compartilhado e a escuta uma forma de realinhar experiências. Os fios de Ariadne auxiliam o cronista em sua vontade de recordar e a crônica é responsável por servir como suplemento da memória, já que sua vastidão não se deixa ver inteiramente, apenas por partes, por mecanismos que ajudem a suplementá-la. Neste sentido, a crônica é o lugar de encontro das experiências do passado e suplemento que auxilia a sustentar estas mesmas experiências. As lembranças são folheadas e necessitam ser preenchidas pelas atualizações, já que sempre chegam desnorteadas, perdidas, porosas pelo ato de rememoração.

A função da crônica é estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, embora este diálogo seja atravessado pela inconstância temporal do lembrar, que transita entre os ruídos provocados pelas lembranças esparsas do passado e a movimentação latente do presente. Neste ínterim temporal, as lembranças se presentificam. As motivações que desencadeiam as crônicas também são da ordem do presente e por isso estão sempre sendo (re)atualizadas,

---

<sup>47</sup> NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 7-28.

<sup>48</sup> BORGES, Jorge Luís. **Ficções**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

<sup>49</sup> BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

pois é “necessário a memória de muitos instantes para fazer uma lembrança completa”<sup>50</sup>.

O cronista tal qual uma vertigem atualiza o passado no presente, na busca sempre incessante de torná-lo um acontecimento, uma significação. Ele espera que o presente legitime o passado, espera também que o passado sirva para orientar futuras decisões. Se para o cronista o tempo do presente é incerto, o futuro desafiador, resta somente o passado como instância da tranquilidade, da segurança. Neste sentido, analisar as crônicas como resquícios do passado que criam virtualidades no presente é um desafio que propõe restabelecer outro tempo que estaria submerso entre o tempo da lembrança do cronista, a própria lembrança e a projeção destas temporalidades no presente de quem lê e interpreta as crônicas.

Essa virtualidade e multiplicidade temporal são importantes para que, assim como Teseu, não se fique perdido nas teias ilusórias da memória do cronista ou se faça pior ao repetir suas lembranças como prova do que *realmente* aconteceu e tendo que cair na ineficácia de acreditar em suas “boas lembranças” do passado ou, mais ainda, confundi-las com seu percurso pessoal, celebrando a racionalidade ou a intelectualidade que poderão ser rapidamente confiscadas pela história oficial ou biográfica, aos moldes das narrativas míticas ou heroicas. As crônicas como imagens que se prestam a um trabalho hermenêutico de interpretação<sup>51</sup> se abrem, nesta primeira parte, aos brancos, buracos, esquecimentos e recalçados da memória, em um movimento no sentido de entender a insistência em lembrar-se tanto.

<sup>50</sup> BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas (SP): Verus Editora, 2007.

<sup>51</sup> A expressão *trabalho hermenêutico* está ligado à segunda fase da operação historiográfica [ele utiliza a mesma estrutura tripartite de Michel de Certeau para dar conta da problemática da escrita da história] denominada por P. Ricoeur (2007) de fase explicativo-compreensiva. Esta diz respeito ao tratamento do porquê histórico, ou seja, por que algo aconteceu assim e não de outra maneira? Nesta fase o documento entra em relação de explicação, pois este procedimento de crítica visa afastar a noção de testemunho da memória como fiador da verdade. O testemunho por si só não constitui prova documental é necessária a apropriação pelo historiador para que este entre na condição de rastro do passado. A verificação hermenêutica do documento escrito é necessária para tirá-lo do seu isolamento e aproximá-lo no sentido conter o excesso de memória e a sua falta, o esquecimento (RICOEUR, 1991). Sendo assim, pontuo que os documentos analisados neste trabalho passarão pela preocupação de confrontá-lo com teorias que possam servir para ampliar a discussão, tirando os documentos da sua referencialidade momentânea. Ver: RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Editora: Res. Coleção Diagonal. 1991. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

Neste sentido, longe da ideia de saudosismo ou de lembrança afetiva, é possível pensar as crônicas através de dois movimentos principais. Primeiro, como um sistema de linguagem capaz de fixar os fragmentos da lembrança e presentificá-los. Depois, como uma escrita errante pelos becos da memória, capaz de juntar os cacos do passado através da escrita e oferecer-se como leitura do que foi. Entre estes dois fluxos é possível dizer que o cronista inventa-se em sua trajetória no tempo e inventa o outro. Mas do que isto, ele tenta segurar o tempo através da escrita fazendo de sua experiência uma intensidade devido à energia que carrega ao transformar ruínas em dizeres, em narrativas do passado.

As ruínas que o cronista constrói transformam-se em uma espécie de labirinto para o leitor, onde o perigo de perder-se é constante, principalmente porque entre seus vãos dorme o tempo, que assim como Minotauro, devora aqueles que entram despreocupadamente em sua arquitetura hipnótica. O próprio fio da memória é um labirinto. O fio nada mais é do que o tempo, embora não se deva confundi-lo com a ideia de sucessão, como naturalmente é visto, mas de interioridade. Não é o tempo que é interior a nós; nós é que somos interiores ao tempo, pois segundo Deleuze “a interioridade não pára de nos escavar a nós mesmos, de nos cindir a nós mesmos, de nos duplicar, ainda que nossa unidade permaneça”<sup>52</sup>.

A escrita dos movimentos interiores é a escrita do tempo, dos sentimentos, dos ressentimentos, ou seja, a escrita de si. Escrita dessa experiência inebriante do homem no tempo ou do tempo avizinjado ao homem. Quando escrevemos criamos o acontecimento, e a crônica nada mais é do que uma narrativa do acontecimento, este por sua vez é a forma que o tempo toma, e o tempo não tem apenas uma forma, ele é simultaneidade e multiplicidade. Neste sentido, as crônicas que serão analisadas, nessa primeira parte, provêm de diversos tempos e espaços, mostrando como o cronista ofereceu sua interioridade como leitura, pois essa é dispersão e não clausura. Daí que nem sempre o leitor dessa tese irá encontrar o cronista em seu lugar ou no seu tempo, porque ele não cansa de ausentar-se dessas experiências sensíveis, já que sua atividade interior é dispersão de lugares e tempos.

---

<sup>52</sup>DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997. p. 11-17.

As crônicas foram avizinhasadas na intenção de que o leitor perceba que, a despeito da ideia de aleatoriedade, elas dão conta da construção de imagens, que não raras, servem como escrita de si. Quero esclarecer que o cronista que me serve de reflexão nestas considerações é A. Tito Filho, e não todos os cronistas, embora as reflexões sirvam para pensar sobre o caráter da narrativa cronística. O cronista mesmo sendo um, ele é uma multiplicidade que como qualquer ser humano oscila entre máscaras, desejos, devires, e como qualquer leitor e escritor é atravessado por suas experiências pessoais de leitura e escrita.

Somente algumas crônicas foram selecionadas na escritura dessa tese, principalmente aquelas que dizem respeito à maneira como o cronista construiu sua trajetória pessoal e distintiva, fazendo uso da narrativa, que ao tempo que lhe presentificava o passado, servia para (re)inventá-lo a si e aos outros, que são “trazidos a vida” pela sua determinação em criar testemunhos de sua presença no mundo. Como advertiu Regina Beatriz Guimarães Neto “nós operamos com um regime de escritura do qual emergem várias questões, dimensionadas na problemática da narrativa da história”<sup>53</sup>

Ao analisar a escrita da distinção, não se pode perder de vista que, ao escrever sobre si, o cronista pactua com aquilo que Philippe Lejeune<sup>54</sup> denominou de *pacto autobiográfico*, pois o escritor ao tratar sobre sua vida individual, onde há identidade entre autor, narrador e personagem, admite falhas, erros, esquecimentos, omissões, deformações, já que ao escrever sobre si, escreve sobre aquilo que é permitido, em função de sua memória, posição social ou de sua possibilidade de conhecimento.

Sendo assim, a escrita dos movimentos interiores é a escrita de si, mas também a escrita do que é possível, daquilo que pode ser filtrado pelas experiências pessoais, isto não quer dizer que, ao se admitir as falhas, esqueça-se que elas próprias são uma construção que, mesmo fazendo parte da arquitetura interna, guarda suas estranhezas, complexidades, labirintos. Quando se escreve, move-se o

---

<sup>53</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Trajetórias de vida, trajetórias de ofício**. [Entrevista]. João Pessoa (PB). Revista de História: *Seculum*. n.º. 23. jul. /dez.2010. Entrevista concedida a Telma Dias Fernandes e Vilma de Lourdes Barbosa

<sup>54</sup> LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau a Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Coleção Humanitas.

sujeito que, não raro, constroi sua imagem, na vontade de conferir-lhe sentidos, tanto aqueles de ordem emotiva, psíquica, social, cultural, como aqueles de caráter histórico, que seria a vontade de ser lembrado, projetando-se numa trajetória temporal e espacial da memória, então, como alguém que escreve sobre si procura projetar sua imagem? E ao tentar construir esta imagem, que artimanhas utiliza? É isto que tentarei perseguir no intuito de entender como, através da linguagem, alguém inventa a si, aos outros e o passado.

## Capítulo 2

### *No labirinto da memória: O cronista e a invenção da sua juventude*

*Eu que me aguento comigo e com os amigos de mim.  
Fernando Pessoa*

A. Tito Filho, aos sessenta e cinco anos, gostava de lembrar-se do tempo em que havia chegado para estudar no Rio de Janeiro, ainda no final dos anos trinta, no século XX. Nesta cidade existia um prédio que havia lhe causado grande impacto, pois contrastava muito com o cenário arquitetônico da Praça Rio Branco e seu entorno. Era um edifício alto, com cerca de vinte e dois andares<sup>55</sup>, cuja admiração vinha tanto por conta de sua arquitetura, como pela novidade que invocava. Era a primeira estrutura de concreto armado localizado naquele cenário urbano e foi denominada *A Noite*. O prédio logo se transformou em ponto de visita durante os finais de semana onde se pagava para contemplar a paisagem carioca, principalmente sua vista prodigiosa para Baía da Guanabara. O prédio abrigava ainda restaurantes badalados no térreo, a sede de um jornal, uma revista e a famosa Rádio Nacional, onde se gravavam os programas de auditório, rádio e teatro.

Mas não era somente a lembrança do prédio *A Noite* que lhe movimentava a memória naquele momento, outros lugares naquela cidade também lhe vinham em fluxos, principalmente, aqueles que haviam chamado sua atenção seja pela beleza, pelo luxo, seja pela elegância dos seus lugares. Não cansava de relembrar que

Na Avenida Rio Branco viam-se edifícios de três, quatro, seis andares, de feição antiga. Célebre, o Palace Hotel que vinha da primeira República, importante hospedagem de políticos, sobretudo. Em Copacabana de seis andares, o Internacional Palace, hospedaria famosa de artistas e milionários. Ruas e praças do aristocrático bairro eram de mansões elegantes e confortáveis. A praia encantadora tinha chalés bonitos, habitações familiares de primeira classe, luxentas, convidativas. No máximo de dois pavimentos, o térreo e o superior<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> TITO FILHO, A. **Progresso**. Jornal O Dia, 27/07/1989, p. 4.

<sup>56</sup> TITO FILHO, A. **Nova civilização**. Jornal O Dia, 28/07/1989, p. 4.

O Rio de Janeiro havia lhe impressionado com toda sua exuberância arquitetônica, pois quando tinha saído para estudar nesta cidade e fazer o curso de bacharel em Direito e Ciências Sociais, na Faculdade Nacional de Direito, tinha deixado para trás Teresina, a capital do seu Estado, onde tinha concluído seus estudos referentes ao colegial e ginásial. A cidade onde terminara seu estudo pré-universitário ainda apresentava contornos bem provincianos, principalmente para alguém que se distanciava dela e iria conhecer outros lugares.

Quando retornou da experiência no Rio de Janeiro, passou a criar, em diferentes momentos, uma cidade do passado, aquela que existia antes de viajar e iniciar seus estudos superiores. Lembrava, entre tantas outras coisas, que nos dias que antecederam sua partida, Teresina assistia à chegada das linhas telefônicas, o ajardinamento da praça Pedro II e o embelezamento da Avenida Frei Serafim<sup>57</sup>. Para ele sua pequena cidade, tinha qualidades que ficariam sempre guardadas em suas lembranças como

a sombra doce das mangueiras e dos oitizeiros, o convívio da família e dos vizinhos. O calor, que só vim a perceber mais tarde, não deixou marca na minha infância nem na minha memória. Ele não existia para quem levava a vida solta dos quintais e das ruas, nos regatos que se formavam depois das chuvas, nas correrias noturnas pelos caminhos de terra e capim, no futebol da bacia, nas brincadeiras que nos conduziam da beira do Parnaíba à beira do Poti<sup>58</sup>.

Essas lembranças lhe viam agora como brisa amenizando as intempéries do tempo. Achava oportuno dividir suas memórias, elas poderiam ajudar outros a conhecer o passado da sua cidade, que não estava apenas contido nos quintais, nas ruas, na sombra doce de suas árvores majestosas, mas também nos cinemas que frequentava como o Royal e o Olímpia<sup>59</sup>, nos namoricos que aconteciam no entorno da Praça Rio Branco<sup>60</sup>, em Teresina, onde o flerte de moças e rapazes

---

<sup>57</sup>TITO FILHO, A. **Teresina meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002, p. 20.

<sup>58</sup>TITO FILHO, A. **Nova civilização**. Jornal O Dia, 28/07/1989, p. 4.

<sup>59</sup>TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002, p. 20-21.

<sup>60</sup>A Praça Rio Branco foi fundada em 1910. Era conhecida pela presença de casarões e por um expressivo comércio que se desenvolveu a sua volta. Está situada atrás da Igreja Nossa Senhora do Amparo. Antigamente foi o jardim público da cidade, com a presença de tanques, plantas podadas à moda europeia, bancos de encosto, e local de retretas agradáveis e de namoricos. Em um dos cantos da praça, ainda figura a Coluna da Hora, que durante as décadas de 40 e 50, era responsável por indicar aos transeuntes o tempo, a hora. O poeta H. Dobal, em entrevista a Cineas Santos (1993) ainda aponta outra utilização para esta coluna – era o principal expositor de ideias e

acontecia durante as andanças, em que homens andavam em sentido contrário às mulheres, e os olhares se abraçavam. Aquela Teresina que havia deixado, pelos anos de 1939, por motivos de estudo, estava sempre significada em suas narrativas em termos de afetividade e de pitoresco, assim normalmente escrevia que a cidade que guardava na memória tinha qualidades que não poderia jamais esquecer, como

a roda na calçada, o carnaval sem porre de lança-perfume, o mercado repleto de vendeiros e vendeiras, namoro de olhos e de bolinação, avião que baixava nágua, o hidroavião, quermesses em patamar de igreja, jornal de apelidos e descomposturas, quintas e pomares por toda parte, enterro de gente pobre sem banda de música e de gente rica com a respectiva, tocando um troço que espantava e fazia que a gente tivesse mais medo do enterro do que da morte – uma cidade tranqüila, afetiva e pitoresca, em que do meio dia até uma hora da tarde quem quisesse fazer pipi no meio da rua, idem, idem, idem depois das nove da noite; de velórios de defuntos com mulheres desfiando terços e homens bebendo cachaça ou tiquira, para agüentar o amiudar do galo e a hora da partida do *saudoso*<sup>61</sup>.

Esta era uma das cidades arquitetadas sentimentalmente em suas memórias. Ao escrever esta crônica, pelos idos de 1972, fundava uma cidade aparentemente pacata, a não ser pelo jornalismo combativo de “apelidos e descomposturas” (aliás, a ideia que Teresina tem uma tradição jornalística de combate é uma constante em alguns textos do autor, seria uma forma de legitimar sua imagem como jornalista combativo?). Mas, se esta cidade afetiva e pitoresca existia como uma espécie de reservatório de saudade, deveria servir como modelo para futuras incursões pelas memórias da cidade. Os seus espaços de sociabilidades eram agradáveis, mesmo os velórios, porque traziam em si a gestação de uma cidade utópica, não somente como atributo de fantasia, mas também como desejo, como necessidade de criação, ou ainda como escapatória da cidade do presente.

Esta cidade visivelmente de cotidiano pacato contrastava enormemente com aquela que havia se descortinado para o cronista no Rio de Janeiro. Esta última aparecia representada sob outras cores, normalmente aquelas que diziam respeito a amizades, boemia, festas, criatividade jornalística. Guardava em sua memória as

---

críticas em uma época que era parca a utilização da imprensa. ver: BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Fragmentos, restos e passagens**: uma análise entre lugar e memória em Teresina. In: VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Costa (Org.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. SANTOS, CINEAS. **H.Dobal**: um homem particular. Revista Presença. Teresina, ano IX, n.20.1993.

<sup>61</sup>TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002, p. 26-27.

imagens da cidade singela que tinha deixado para trás, estas estariam a salvo se criasse um reservatório de recordações, mesmo que ficassem trancadas como objetos emotivos e de valor, que normalmente jogamos dentro de um baú. Estas imagens diriam respeito aos seus sonhos, fantasias, saudades, encantos, amores, cheiros, sabores, etc. Na nova bagagem que levava entre os quinze e dezesseis anos cabia o presente, a vontade de aventurar-se e o desejo de experimentar. Mas como alguém já adulto narrou toda a robustez destes tempos que haviam passado?

Assim como suas *memórias-baús*<sup>62</sup> também socializou suas aventuras pela cidade grande. Desde sua moradia no Catete e na Tijuca, passando por questões que estavam ligadas ao frisson da sua época estudantil. Viajar sozinho para outra cidade lhe despertava muitas sensibilidades: fascínio, descobertas, encontros, possibilidades. Todos estes devires estavam embrulhados em seu estômago e na vontade de que logo chegasse ao seu destino final. Tinha pela frente um longo trajeto de Teresina até chegar à cidade do Rio de Janeiro. Esta experiência foi tão visceral, que mesmo muito tempo depois, ainda guardava em suas lembranças a cartografia sentimental daquele momento que, pela sua narrativa, foi inesquecível

Ora, se deu que uns trinta anos atrás meu pai me mandou para o Rio de Janeiro. Viagem longa, mas deliciosa. Daqui a Conceição de Canindé, passando por Floriano de caminhão. Era janeiro, inverno grosso. Chuva e atoleiro. De Conceição, que era um arraial, percurso no lombo de cavalo. Passei por Paulistana e atingi o lugarejo Acauã, na fronteira com Pernambuco. O trem chegava até aí, uma vez por semana, vindo de Petrolina e voltava para Petrolina. Esperei seis dias pelo transporte, hospedado numa casa – uma hospedaria de cardápio maravilhoso: leite, beijus, batata doce, carne seca, bolo frito e banho de riacho. Em Petrolina, atravessei o São Francisco de canoa e fui aboletar-me num hotelzinho da cidade fronteira, a importante Juazeiro, na Bahia. Uma semana de espera para continuar a viagem. Dias memoráveis. Comprei passagem na GAIOLA – o vaporzinho romântico, tranquilo, simpático. Subi o São Francisco até Pirapora. Nove dias cavalo de ferro (trem) até o Rio de Janeiro. A meus pés a cidade maravilhosa<sup>63</sup>.

<sup>62</sup>A expressão *memórias-baús* refere-se a um conjunto de memórias do cronista que dizem respeito ao seu passado. São fragmentos, lembranças, que ele retira de sua memória, que tal um baú, guarda coisas atemporais, no sentido de um dia ser novamente revisitado. Aquilo que é retirado do baú é presentificado pelo momento da retirada. A metáfora do baú serve para pensar que, assim como esse, também utilizamos nossos reservatórios de lembranças para significar o presente. O cronista retira do “baú” tudo aquilo que necessita para rerepresentar o passado. O passado, como categoria temporal, precisa de imagens que o rerepresente e que faça ganhar novos sentidos, adaptações. Toda esta engrenagem é possível porque o cronista utiliza-se da escrita para rerepresentar o passado, neste sentido, faz uso de uma escrita memorialista e fragmentada.

<sup>63</sup>TITO FILHO, A. *Jornal do Piauí. Caderno de Anotações*, 20/05/1973, p.10.

A epopeia do trajeto não esconde a riqueza dos detalhes, que ele sutilmente vai narrando. Sua memória prodigiosa não esquece sequer o cardápio da hospedaria na cidade de Acauã. Esta compressão temporal das narrativas faz aparecer uma diversidade de imagens que se insinuam como verdades. Imagens que mesmo distante do fato ocorrido são coladas às suas experiências e passam a vivificar sua trajetória pessoal. Esta forma de lembrança tende a preservar do esquecimento detalhes que, ao contrário, ficariam completamente desconhecidos, se não fosse a vontade insistente de recriá-los.

As narrativas sobre um tempo passado ganham dimensões significativas porque se referem a uma experiência longínqua, a um espaço-tempo onde as dimensões podem ser recriadas no presente ao sabor das invenções de quem as suplementa. Isto não quer dizer, como muitos pensam, que estas invenções sejam tolices, inverdades, falsidades. Elas são criações moventes, assim como o sujeito, já que aquele que escreve sobre si pretende construir teias de sentidos, que possam colaborar para formular uma síntese de vida. Na intenção de forjar uma síntese de sua vida, o cronista faz uso de várias estratégias, pautadas em sua experiência ou nas memórias desta. Mesmo que as crônicas sejam uma experiência de escrita fragmentada, deslocadas em vários meios (jornais, revistas, livros), o cronista em questão faz uso destas para historicizar-se no tempo.

É tendo como reflexão estas ideias que percebo que a preocupação do cronista em cartografar o itinerário de Teresina para o Rio de Janeiro tinha ressonâncias em sua recepção das leituras que havia realizado da obra de Joaquim Nogueira Paranaguá, denominada “Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Interior do País: impressões de viagem”, editada em 1905. Este piauiense havia sido Deputado Federal e Senador que mais defendeu a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o interior do país, tendo sido autor do Projeto de Lei (1892) que autorizou o Executivo a explorar e demarcar as terras destinadas à futura capital federal. Em sua obra descreveu suas impressões sobre a viagem que realizou do Rio de Janeiro para o Piauí, viajando pelo interior do Estado. A.Tito Filho ao prefaciá-la prefaciou a segunda edição da obra realçando que o livro tinha imensa significação

---

para o período de sua mocidade, quando também havia feito a viagem por estes “complidos caminhos”<sup>64</sup>.

Joaquim Nogueira Paranaguá cartografou minuciosamente em seu livro o extenso percurso realizado, suas descrições sobre os tipos de transporte que utilizou como: comboio ferroviário, embarcação, navio tipo gaiola, cavalos, a pé. Do roteiro realçou as dificuldades encontradas, mas enfatizou a boa comida, a hospitalidade do interiorano e a maravilhosa vegetação encontrada. Seu diário de registro da viagem, logo depois transformado em livro, refletia uma preocupação do seu tempo: o conhecimento sobre o interior do país, tanto do ponto de vista da natureza, como de suas possibilidades econômicas e sociais, pois além de político era também Membro da Sociedade Brasileira de Geografia e Sócio-Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB.

Na tentativa de formular imagens de si, marcada pelas lembranças e pela recepção das lembranças dos outros, é possível ainda perseguir outros acontecimentos, como a chegada a uma cidade desconhecida, logo depois de sua viagem fantástica

Rumei para Ipanema, bairro elegante, onde morava meu tio Almir Rego, alto funcionário da Alfândega. Fui morar com um casal de portugueses em casa moderna, bem arrumada na qualidade de pensionista. Trezentos mil réis por mês, com comida. O português Joaquim e a portuguesa Maria tinham uma filha, também Maria – cabocla morena e quente, minha primeira namorada em terra carioca. Quando cheguei ao Rio o exame vestibular para a Faculdade de Direito já havia se realizado. Perdi o ano. Em Ipanema não me sentia bem. Faltava-me cheiro de piauiense. Por lá passei uns três meses e resolvi passar ao Catete – bairro de estudantes, de botecos e petisqueiras portuguesas, o bairro do Largo do Machado, onde situava o célebre Café Lamas, ponto de reunião noturna da estudantada de todas as ilhas nacionais<sup>65</sup>.

É possível perceber duas sensibilidades que se abrem na construção desta lembrança: sentimento de perda e de alegria. Perda do exame vestibular que prestaria para a Faculdade de Direito e Ciências Sociais, e a sensação de ir morar em um bairro que naquele momento representava a euforia, o encontro, a possibilidade. Parece que a perda de algo tão importante (ou que pelos menos dizia respeito à

<sup>64</sup>TITO FILHO, A.. **Viagem**. Jornal O Dia 09/09/1988. p.4.

<sup>65</sup>TITO FILHO, A. Jornal do Piauí. **Caderno de Anotações**, 20/05/1973, p.10.

finalidade de encontrar-se no Rio de Janeiro) foi suplantada pela oportunidade que se descortinava em um bairro com lugares e características mais estudantis e com uma peculiaridade à parte – era longe dos olhos do tio. Mas, o motivo, que enunciou em sua crônica para a mudança de endereço foi o que denominou de “falta do cheiro de piauiense”, sendo esta uma justificativa prenhe de presente, já que, quando escreve esta memória, era uma pessoa notadamente reconhecida pela estima que dedicava ao povo piauiense e principalmente ao povo teresinense.

Acredito que não são somente as práticas cotidianas<sup>66</sup> que podem sofrer invenções ao longo do tempo, a memória também ganha conotação diferenciada de acordo com anseios, desejos e vontades de quem a pratica. As narrativas territorializam mapas submersos da memória e revelam o tempo como miragem, ou seja, sempre aberto para o movimento fragmentado da lembrança e do esquecimento, porque o que se segue ao ato de lembrar não é somente lembrança é também esquecimento, já que o esquecimento também é presente, pois não há presente sem esquecimento<sup>67</sup>. Quando se escreve também se esquece, não só do fato em si, mas também de peculiaridades que não são tão importantes para serem lembradas, em virtude do presente.

A vida em um bairro com típicas conotações boêmias e com uma população marcada por jovens estudantes de outros lugares, muitos deles vivendo também a primeira experiência de morar longe de sua cidade natal, contribuiu para a fluidez de sua criatividade e para a criação de estratégias de relacionamento, que se mostraram oportunas para seu reconhecimento naquela comunidade estudantil

---

<sup>66</sup>Segundo M. de Certeau as *práticas cotidianas* são inventivas, sofrem microresistências que fundam microliberdades, servindo para deslocar as fronteiras de dominação. O homem ordinário é aquele que burlando os entraves impostos pelos mais diferentes sistemas, inventa seu cotidiano, utilizando-se de “táticas de resistência”. Tendo como base estas ideias procuro mostrar que não somente as práticas cotidianas inventam táticas e escapatórias, mas também a memória se abre para o movimento de invenções, transgressões, no sentido de acomodar-se ao presente. A memória cria táticas para conviver com o presente, cria resistências caso se sinta em perigo, é por isso que a dimensão do esquecimento é tão importante quanto aquilo que se deseja lembrar. Sobre *práticas cotidianas* ver: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. vol. 1. Petrópolis (RJ): Editora: Vozes, 1994.

<sup>67</sup>Em Nietzsche (1987) o esquecimento não é entendido como pura passividade, mas é considerado força, potência, como faculdade inibidora e primordial do homem. O esquecimento não apaga os rastros, as marcas da memória, mas antes as inibe. Para o filósofo o esquecimento é a forma que o corpo encontra de manter-se feliz, jovem, esperançoso e de continuar vivendo a potência e a força do presente. O que se esquece é tão importante quanto o que se lembra. Sobre essas considerações ver: NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Cia das letras, 2006.

Fui hóspede da pensão de Dona Clotilde, casarão velho, dois andares, rua Carvalho Monteiro, hoje Artur Bernardes. Ali residiam Tibério Nunes, Petrarca Sá, entre outros. Nessa pensão idealizei um jornal batizado Língua de Sogra. Redigi-o às escondidas, datilografei-o. Altas horas meti-o por baixo da porta do quarto de Petrarca. Seis páginas, moderno, ilustrado, crítico e humorístico. Mexia com os piauienses. Petrarca saiu a mostrar o valente jornalzinho a toda à colônia piauiense do Catete. Sucesso retumbante. Ninguém identificava o autor. Suspeitas caíam sobre uns aos outros. Do segundo número em diante, tive a cooperação de Petrarca, a quem revelei o segredo. E o segredo se foi divulgando e outros colaboradores apareceram, inclusive Tibério Nunes. Éramos o jornal: eu, Petrarca e Tibério<sup>68</sup>.

O jornalzinho crítico e humorístico que criou fazia referência a um brinquedo composto por um bocal e pedaço de papel autoenrolável, que vai e vem ao ritmo de quem sopra. Assim como o brinquedo língua de sogra a memória do cronista enrola e desenrola, ajustando suas experiências a novos usos no presente. As lembranças de suas peripécias estudantis são narradas sob o ponto de vista da intelectualidade, da novidade, quando então já gozava de respaldo na sociedade teresinense. O jornalzinho que redigiu presentifica-se através dos adjetivos que utiliza e faz parecer que desde cedo sua missão estava atravessada pela prática do jornalismo irreverente.

Mas é importante dizer que não é somente sobre si que narra, ele consegue envolver em sua prática memoriosa o *outro*, que passa a fazer parte de suas vivências, pois recordar, como asseverou Paul Ricoeur<sup>69</sup>, é um ato relacional, ou melhor, de alteridade. A evocação ao passado não é uma tarefa apenas de cunho individual. O cronista quando lembra cria um reservatório patrimonial de experiências. Esta forma de socialização das lembranças serve como forma de legitimação temporal da amizade, já que as camadas de sentido deste afeto vão sendo mostradas no tempo, transitando entre várias temporalidades, criando um horizonte de experiências<sup>70</sup>, que são acima de tudo relacionais

<sup>68</sup>TITO FILHO, A. *Jornal do Piauí. Caderno de Anotações*, 20/05/1973, p.10.

<sup>69</sup>RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>70</sup>O *horizonte de experiências* diz respeito a capacidade de elaboração no presente do passado, já que não se pode medir a experiência elaboram-se imagens que são recolhidas e reelaboradas. O passado está saturado de realidades, possibilidades ou falhas. São experiências que podem ser corrigidas para outras experiências. Sobre esta discussão ver: KOSSELEK, Reinhart. **Futuro-**

Nas pensões estudantis do Rio de Janeiro, aprendi a admirar três oirenses de cuja amizade me honrei e honro, jovens leais, companheiros de convívio decente e correto. Tibério Nunes, Petrarca Sá, mortos queridos, e o nome Luís Walmor Barbosa de Carvalho, que para mim não possui defeitos. Sempre na vida me orgulhei de merecidas vitórias dos três<sup>71</sup>.

Alguns dos amigos que descreve acima, ainda com relação as suas memórias universitárias, já haviam falecido quando narrou este episódio. Estes são mostrados sob o ponto de vista da honradez, da lealdade, da convivência decente. Estas posturas tidas pelo cronista como moralmente corretas, parece terem favorecido que os três amigos descritos acima tenham tido “merecidas vitórias”. É possível perceber que tanto sua imagem, embora não esteja falando diretamente dela, como a dos seus companheiros do tempo de Faculdade vão sendo cuidadosamente buriladas, já que são suas convicções no presente, então como Presidente da APL, que servem como referenciais para situar o passado. Relembra constantemente deste período estudantil

Tive na velha capital, boníssimos companheiros de pensões estudantis do Largo do Machado, local do Café Lamas, recanto pitoresco da estudantada das faculdades superiores de ensino, que aí madrugavam nos alegres bate-papos em torno da vida provinciana distante dos acontecimentos da terra carioca, a exemplo de Tibério Nunes, Petrarca Sá e Fenelon Silva<sup>72</sup>.

A legitimação temporal da amizade somente é possível porque esta assim como o desagrado é relacional. Isto quer dizer que as lembranças evocadas e escritas servem para territorializar sentidos, para circunscrever o lugar da paixão, da raiva, da emoção, da razão, do sonho. Não que a evocação estabeleça estes critérios indistintamente, mas sim aquele que as registra dando-lhes forma, limite. A escrita de si é a escrita da territorialização das lembranças. Os amigos do cronista são recorrentemente evocados em várias crônicas estabelecendo com ele pactos de fidelidade, reconhecimento e cumplicidade.

---

**Passado:** uma contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

<sup>71</sup>TITO FILHO, A. **Oeiras (II)**. Jornal O Dia, 06/05/1989, p. 4.

<sup>72</sup>TITO FILHO, A. **Lembranças**. Jornal O Dia, 13/14/11/1988, p. 4.

Na crônica acima, além da imagem típica da boemia estudantil, dos tempos que fazia seus estudos universitários no Rio de Janeiro, o cronista também procura marcar sua diferença pela distância da província, naquele momento longe de sua experiência juvenil e distante das novidades das grandes capitais. Concordo com Rezende<sup>73</sup> quando esclarece que a escrita do outro se entretetece com a escrita de si. Segundo o autor nessa relação o objeto se humaniza e estabelece-se uma relação de complementaridade.

Além de lembrar-se constantemente das amizades que fez no seu período de Faculdade, é possível notar outra peculiaridade presente em sua narrativa – a invenção dos espaços. Tibério Nunes e Petrarca Sá existem como referenciais sentimentais, que o ajudam a cartografar suas memórias. Eles funcionam para o cronista como uma espécie de mapa subjetivo, onde sutilmente territorializa suas lembranças e servem como ancoradouros para as práticas espaciais dos cafés, bares, o bairro do Catete, o casarão velho de D.Clotilde, por exemplo. Estes lugares existem como passagens<sup>74</sup>, travessias que vão se colando às memórias do cronista e que passam, com o decorrer do tempo, a fazer parte da memória de outras pessoas, principalmente daquelas que as utilizam para formular suas imagens sobre o passado. É interessante perceber que assim como o brinquedo língua de sogra, utilizado metaforicamente pelo cronista na confecção de um dos seus primeiros jornais, a memória é autoenrolável e cheia de dobras.

As narrativas do cronista criam laços de afetividade, lugares de memória, na tentativa sempre cambiante de fixar posições para estes mesmos lugares e pessoas. Pois qual é o desejo da memória, se não for a vontade de criar uma zona de ancoragem para as imagens que a perpassam rapidamente? Nosso cronista, no desejo de ancorar suas imagens da juventude, descreve outra viagem que fez para o Rio de Janeiro, agora na companhia do seu primo e de alguns outros conhecidos, outra aventura não menos célebre do que a primeira, quando ainda tinha ido fazer exames para cursar Direito na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro. Assim descreveu a viagem que fez, no ano de 1964,

---

<sup>73</sup>REZENDE, Antonio. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Ed.Universitária da UFPE.2010.

<sup>74</sup>BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Fragmentos, restos e passagens: uma análise entre lugar e memória em Teresina. In: VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Costa (Org.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

Era março. Princípiozinho do mês, um ou dois no calendário, parti de Teresina, por terra, no rumo do Rio de Janeiro. Viagem de bom recreio. Da viagem participava José Fernandes do Rego, meu primo, brilhante jornalista e uns três amigos dele. Primeiro Fortaleza, onde se abasteceu o carro do necessário, desde a gasolina à bebedoria e comedoria. A dormida dava-se debaixo das árvores frondosas, com riacho por perto. Redes boas de descanso. Percurso longo, por estrada sem asfalto. Em Campina Grande, café e uns beijuzinhos de coco ralado por cima. Cuscuz e muita manteiga sertaneja. Depois João Pessoa e Recife, prosseguiu-se até Penedo, nas Alagoas, lugar de muita gente doente, boa feira de artesanato, restaurante de panelada e mocotó de vaca. Travessia do São Francisco, em pontão. Aracaju em seguida, bonitinha e dengosa. Noitada alegre na praça grandona. Perto o Palácio do Governador da época, depois deposto, Seixas Dória. Agora Salvador, de ruas velhas, ladeirantes, comida apimentada que dava para soprar os peitos. Daí para frente, pela asfaltada Rio-Bahia, chegou-se à segunda capital brasileira, a cidade dita maravilhosa, que eu já conhecia com a palma de minha mão<sup>75</sup>.

Testemunha das variações de paisagem e rota, principalmente de Teresina para o Rio de Janeiro, o cronista prossegue em sua vontade de narrar os detalhes da viagem, contidos em sua paisagem bucólica sempre marcada pela presença de uma alimentação farta, e marcada pelo sabor da culinária regional nordestina. Embora a viagem não tenha mais o gosto da primeira aventura, quando então viajava sozinho e ia estudar na capital do Brasil, ela ainda carregava expectativas referentes às possibilidades que poderia trazer, e que o cronista já as conhecia quando narra este evento.

A aventura ainda estava carregada das surpresas que os caminhos aos poucos iam descortinando. Ele, na sua vontade de lembrar, vinte e quatro anos depois, reforça alguns estereótipos como cidade nordestina e café regado a beiju, cuscuz e manteiga. Alagoas identificada por sua feira de artesanato, Aracaju, por sua vez, identificada metaforicamente como bonitinha e dengosa, já que o dispositivo que o faz lembrar-lhe é a “noitada” que passou nela. Salvador comparada as suas ruas velhas, ladeiras e comidas apimentadas.

Mais que referenciais urbanos, as cidades atualizam o roteiro de viagem e presentificam o passado saturado de experiências. As recordações são uma forma de experienciar o tempo fora do causalismo mecânico, elas apresentam-se como nexos urdidos por afinidades eletivas, e estas determinam que “cada presente construa sua própria história dentro do horizonte de possibilidades que ele é, não só

<sup>75</sup>TITO FILHO, A. **Bacanal**. Jornal O Dia, 03/08/1988, p. 4.

em função de sua onticidade [...] mas também de suas carências, necessidades e expectativas”<sup>76</sup>.

O cronista compacta tempos e experiências como vivência interior que se dá por meio do *outro*. Tanto os amigos do tempo de Faculdade, como o primo, são corpos que coabitam suas memórias, não como presença de uma “memória pura”, mas como sujeitos existentes em uma pluralidade de lembranças que pululam e dilatam-se, dependendo das inúmeras conexões que são feitas no ato de recordar. Ele “amassa” o tempo na tentativa de construir suas passagens, suas virtualidades, construindo para si para os outros contornos através da escrita.

Mas a negociação da memória<sup>77</sup> do cronista com o *outro* nem sempre é uma atitude fácil ou que não imponha algum tipo de resistência; é difícil convocar recordações de coisas ou pessoas que no presente podem ser censuradas ou terem dificuldade de ser aceitas por atitudes moralistas ou outro tipo de parâmetro social de vigilância. O cronista, com relação a sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, quando então não era mais um jovem inexperiente, mas um adulto com boas condições de seguir uma carreira jornalística ou de bacharel em Direito, segue narrando mais uma vez suas impressões sobre a viagem com o primo ao Rio de Janeiro

Hospedei-me [depois da viagem] com o primo José Rego, no seu apartamento da rua das Laranjeiras, visitado por gente famosa do tipo de Oscar Niemeyer, Raul Riff, por alguns comunistas de prestígio e figuras outras do governo João Goulart. Estive no comício do dia 13 de março de 1964 misturado com o povilêu entusiasmado e faminto. O Presidente ao lado da esposa incentivava os aplausos com promessas de melhorar a vida do pobre<sup>78</sup>.

<sup>76</sup>CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**: memória e fim do fim da história. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p.20.

<sup>77</sup>Para J. Derrida a escrita autobiográfica é rastro que se faz e refaz, onde o autor desliza sobre si mesmo e sobre o tempo. Esta capacidade de escrita de si torna o autor incapaz de remeter-se à origem, à verdade, pois estas dimensões são renovadas a cada negociação com o rastro. A negociação com o rastro é que permite elaborar novas formulações a respeito da vida, que se mostra sempre renovada. Percebo que A. Tito Filho utilizava as crônicas como escrita autobiográfica, escrita de si; um *se-fazer* no tempo. A crônica através do desejo do cronista transforma-se em escrita autobiográfica. Porém esta escrita termina assumindo características da crônica como a fragmentação, a atualidade, a preocupação com o cotidiano. Ver: DERRIDA, Jacques. **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009. DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

<sup>78</sup>TITO FILHO, A. **Bacanal**. Jornal O Dia, 03/08/1988, p. 4.

É interessante verificar a preocupação do cronista na narração dos fatos em apontar sua aproximação com seus parentes de boas condições financeiras e que parecem ser bem relacionados socialmente. Em algumas crônicas que narra é perceptível sua preocupação em referenciar o status social das pessoas com quem entrava em contato ou aqueles que eram evocados pela suas lembranças, isto era uma estratégia de fixar-se como pertencente a uma classe social privilegiada, já que ao narrar os acontecimentos procura se localizar com relação às pessoas que considera ter certa distinção social.

Isto permitiria uma rápida identificação, por parte dos seus leitores, como uma pessoa de prestígio ou que participava de um círculo social restrito. Nas suas crônicas era comum narrar os ambientes sociais que frequentava, bem como aspectos importantes destes, como se verifica na continuação da crônica a seguir

[...] Dia seguinte José do Rego me fazia convite para uma festa de aniversário no apartamento de uma amiguinha sua, no bairro do Flamengo. Cada convidado devia comparecer com o presente de comida ou bebida. A festa teria início às 11 da manhã. De mim não conhecia praticamente pessoas alguma. Muitos rapazes e moças sentados em palestras alegres e por vezes gargalhantes. Consumia-se boa quantidade de álcool. Pastel em quantidade. Pelas duas da tarde, vi chegar uma garota do Piauí, filha adotiva de falecido magistrado, minha antiga aluna no velho Liceu. Iniciaram-se danças pelas 15 horas. Os pares, homens e mulheres, bêbados, dançavam como se estivessem numa cama de casal<sup>79</sup>.

Festas normalmente são eventos considerados e aceitos como de transgressão, talvez por este motivo o nosso cronista tenha resolvido narrar o acontecido. Ter sido numa cidade que possuía/possui estereótipos ligados à ideia de liberdade sexual também ajuda o cronista a se ausentar de possíveis críticas aos motivos de evocação do fato. Mas a festa não ficou apenas nas alegres conversas e no consumo exagerado de álcool e pasteizinhos, ela se enveredou por outros rumos, como continua narrando A.Tito Filho

Houve um grito de comando, alto, para que todos tirassem a parte de cima das vestes. Todos nus de cintura para cima das vestes. Seios saltavam. Orgia sexual em que garotas e coroas se entregavam des pudoradamente. Cenas de invulgar erotismo. Pouco depois, todos pelados machos e fêmeas. Num canto em mesa discreta fiquei ao lado de José Rego, dois

<sup>79</sup>TITO FILHO, A. **Bacanal**. Jornal O Dia, 03/08/1988, p. 4.

rapazes e duas moças conversando e espiando o gratuito espetáculo. Chamei minha ex-aluna, inteligente, baixinha, mas bonita. Veio até mim, puxou cadeira, sentou-se e começa a chorar. Gostava de cocaína, julgava-se desgraçada, infeliz, prostituta ordinária. Dei-lhe alguns conselhos que ela recusou, considerando-se perdida<sup>80</sup>.

A festa tipo “bacanal”, mesmo tendo sido evocada e narrada em um período de “abertura política” no Brasil, não deixa de ser um episódio complicado para ser negociado com seus leitores. Além dos motivos já elucidados, outra variante parece oportuna para entender a ousadia da escrita. O cronista termina que não “participa” efetivamente da festa. E não somente ele: o primo e a conhecida piauiense. O deslocamento dos três, indo mesmo sentarem-se em uma “mesa discreta”, elucida que o ato de evocação é difícil, pois compreende uma dimensão de abertura onde o *outro* também é construído, caso contrário, quebra-se o pacto de alteridade e de sociabilidade, já que, como analisa Fernando Catroga, em seus estudos sobre a memória e o esquecimento, “cada individuo não pode esquecer-se que só recordando os outros de si mesmo se recorda”<sup>81</sup>.

Esta dimensão da memória não pode ser desprezada, pois alerta para o caráter de negociação da memória, já que o passado, aquilo que se consubstancia em lembrança, recordação, sobrevive como latência que se mostra disponível quando somos acionados pelas imagens, sensibilidades, que nos fazem reviver experiências que se encontram incrustadas como pérolas dentro das conchas que se escondem no fundo do mar. O esforço em atualizar as lembranças seria a vontade em retirá-las das profundezas da ausência, assim como a pérola necessita do trabalho de pescadores ou mergulhadores para vir à tona como joia, como raridade.

O cronista em seu dever de memória<sup>82</sup>, tal qual o trabalho de pescadores e mergulhadores, ao retirar do mar seu produto, a pérola, transformada em raridade

<sup>80</sup>TITO FILHO, A. **Bacanal**. Jornal O Dia, 03/08/1988, p. 4.

<sup>81</sup>CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história**. Coimbra: Editora Almedina, 2009, p.31.

<sup>82</sup>A expressão *dever de memória* é contrário a *trabalho de memória*. Para P. Ricoeur (2007) *trabalho de memória* é o esforço hermenêutico em retirar do *dever de memória* suas naturalizações, bem como, suas complacências, seus exageros e negligências. Ao acúmulo de memórias o autor chama atenção para a importância de que estas se prestem a um processo hermenêutico de interpretação, para além do figurativo ou do nominativo, uma vez que comportam valores simbólicos. Sendo assim o *trabalho de memória* é necessário no sentido de abrir um campo de interpretações, percebendo

pela mítica econômica, retira suas lembranças das profundezas da memória, faculdade que presentifica as imagens ausentes, emprestando sempre novas atualizações. Em outra crônica denominada *Rememoração*<sup>83</sup> o cronista, ao unir as palavras *rememorar* (lembrar-se novamente; reatualizar algo pelo dispositivo da memória) e *lembrança*, refere-se à mesma viagem que fez com seu primo, porém constrói uma narrativa bastante diferente, embora ainda conserve algumas semelhanças com a descrição anterior

No começo de 1964, embarquei de Teresina para o Rio num Skymaster, de hélices. Viagem enjoativa. O aparelho jogava mais que traseiro de mulata. No tempo, esse tipo se conhecia como avião da fome, pois a gente se servia apenas de cafezinho ralo e frio. Na antiga capital me hospedei no apartamento do meu primo José Fernandes do Rego, jornalista famoso e de ideias francamente marxistas. Gozava de bom prestígio político junto aos homens do governo. Na época tive oportunidade de presenciar, de longe, o imenso comício do dia 13 de março de 1964, uma sexta-feira, na praça da Central do Brasil. No palanque, João Goulart, a mulher Teresa e os corajosos partidários das urgentes reformas nacionais<sup>84</sup>.

Nesta crônica, a lembrança da viagem com tons bucólicos, realizada com o primo, de carro, cedeu lugar à outra aventura, agora narrada pelo uso de outro meio de transporte, um avião tipo *Skymaster*. É possível notar que A.Tito Filho, dois anos após a escrita da primeira versão da viagem, acompanhada do primo, em 1964, suplementa a narrativa criando outras conexões e cenários. A viagem por terra cedeu lugar a uma emocionante viagem de avião. Isto é possível porque a existência é mutante, no sentido de criar constantes reinvenções, vir-a-ser. A repetição é criativa, pois a repetição transforma-se em marca *mnésica*, ou seja, por meio da repetição é possível preservar a vida, naquilo que diz respeito ao processo de reatualização<sup>85</sup>.

---

que os rastros permitem ao historiador lidar com expectativas de verdade, tanto do passado como dos seus testemunhos, isto deve evitar a confusão de comparar os rastros com a dimensão da veracidade. Ver: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>83</sup>TITO, FILHO. A. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.41.

<sup>84</sup>TITO, FILHO. A. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.41.

<sup>85</sup>Jacques Derrida (2009) defende que o tempo não é apenas uma sucessão, mas uma irrupção, um feixe. Neste sentido, entende que a reatualização é necessária como marca da vida que se repete. Para o autor a repetição é um *devoir-sendo* atualizado no presente ou uma forma de autoconstituição devido à diversidade. A repetição marca a diferença, por isso, a escrita é a prática da repetição, daquilo que se deseja lembrar. Ver: DERRIDA, Jacques. **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009

Talvez na sua vontade de *membrança*, como dá ênfase no título da crônica, tivesse tido a intenção de visitar suas memórias sobre esta viagem que fez com seu primo, devido à importância dos acontecimentos ligados tanto à memória nacional como à do próprio cronista, já que foi neste ano, 1964, que entrou para Academia Piauiense de Letras (APL). Será que o cronista mudou alguns fatos na intenção de dar um fôlego mais moderno as suas lembranças? Será que misturou alguns acontecimentos na ânsia de atualizar suas memórias?

Vários podem ser os questionamentos, mas o importante não é saber se foi um ato falho ou não de sua memória, mas entender que na construção de si e do *outro* nem sempre o que se lembra representa exatamente o que se passou, mas revela sinais importantes de como a pessoa queria ser vista, de como queria ser lembrada, de como negocia suas memórias com a posterioridade. A rememoração carrega consigo a dimensão da repetição como um estágio anteriormente experimentado e articulado com a dimensão do presente. Isto permite dizer que a escrita da memória desliza sobre si mesmo, pois não existe um texto que após ser transcrito para a folha do papel, repita exatamente o interior, o inconsciente, pois estas dimensões subjetivas estão a todo o momento sendo modificadas pelo sujeito<sup>86</sup>.

Ênfase que ao desejar *rememorar* sua viagem, que fez pelos idos de 1964, criou fatos novos para sua narrativa, aquilo que ainda não tinha tido direito nem à lembrança nem ao registro das palavras. Sua criatividade em importar para sua crônica novas atualizações, mostra que a memória segue diferentes maneiras para se conectar. Seguindo o fio desta segunda versão da viagem para o Rio de Janeiro, o que se encontra em sua narrativa, não será mais a sua participação em um “bacanal”, mas sua presença em um momento significativo da história nacional

No apartamento de minha hospedagem fui apresentado ao deputado federal Hélio Ramos, engenheiro ilustre, pertencente ao PSD de Juscelino, mas de idéias comunistas e que não escondia sua coloração. Meu primo me fez elogios no momento da apresentação, o que me valeu o convite de Hélio para escrever o discurso que ele leria na reunião do PSD, uma fala severa de defesa dos postulados comunistas e de condenação do ranço conservador das velhas raposas políticas nacionais. Assim, fiz. Palavras duras e pregação de uma ordem, com abolição de propriedade privada, reforma agrária radical, fechamento dos templos religiosos. No dia da convenção, Hélio foi vaiado, xingado, e quase expulso do ambiente pelos

<sup>86</sup>DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

comandantes partidários, entre os quais o nosso João Clímaco d'Almeida. Hélio Ramos julgou-se vitorioso na sua eloqüente fala, escrita por um humilde provinciano do Piauí<sup>87</sup>.

Segundo o cronista, a sua *rememoração* da imagem de Hélio Ramos foi acionada após ter lido deste um artigo no *Jornal do Brasil* denominado “Os engenheiros não sonham”. Após a leitura, outra lembrança que lhe veio foi sobre as consequências do discurso proferido pelo engenheiro, quando houve uma aterrorizante cassação dos direitos do mesmo, já que se iniciava o movimento militar de 1964. O cronista, ao final se pergunta: Será que este cidadão viajado, conhecedor dos problemas brasileiros, ainda se lembra do professor do Piauí?

Se Hélio Ramos se lembrava ainda do nosso cronista ou não, é algo que provavelmente não virei a saber. Mas, talvez seja importante perceber como alguém se lembrou dele e ao fazê-lo que dispositivos acionou. O nosso cronista, em plenos anos noventa do século XX, testemunha da crise dos ideais socialistas, recuperou em suas memórias sua participação em um episódio marcante para o então Partido Social Democrata, principalmente para Hélio Ramos, pois as consequências do seu discurso teriam contribuído para a suspensão dos seus direitos políticos.

Realço que ao afirmar que foi o “humilde professor de uma província” que escreveu os discursos, que ora tiveram impacto importante em um determinado período, constrói a si como pessoa de grandes atributos intelectuais, capaz de conseguir verdadeiras proezas, pois sua aparente humildade está transvestida de genialidade. Tanto sua participação em uma festa tipo “bacanal”, como sua participação na escrita de um discurso marcante para Hélio Ramos, então membro do Partido Social Democrata, em 1964, apontam para uma importante característica do cronista, sua escolha pessoal em esquivar-se dos “perigos” juvenis de sua época.

Ao tentar harmonizar suas memórias escritas com o presente, defende-se das situações que porventura possam “manchar” sua trajetória de vida. Se na ocasião do “bacanal” desviou-se de uma situação sentida como transgressora, no episódio Hélio Ramos, sua escrita do discurso somente aconteceu porque

---

<sup>87</sup>TITO, FILHO. A. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.41.

Meu primo me fez elogios no momento da apresentação, o que me valeu o convite de Hélio para escrever o discurso que ele leria na reunião do PSD, uma fala severa de defesa dos postulados comunistas e de condenação do ranço conservador das velhas raposas políticas nacionais. Assim, fiz. Palavras duras e pregação de uma ordem, com abolição de propriedade privada, reforma agrária radical, fechamento dos templos religiosos [...]<sup>88</sup>.

Neste sentido, é oportuno destacar que o ato de recordar ou de lembrar, além de ser um ato de alteridade, implica também um caráter de negociação, ou seja, quando se lembra e se escreve as lembranças, o grau de comprometimento é ainda maior. A. Tito Filho sabia que suas crônicas jornalísticas, mesmo tendo um caráter fluido, poderiam ser lidas pela posterioridade, isto favoreceu sua preocupação em organizar e publicar muitas delas em livros, além do que a reunião destas ainda lhes atribuía um caráter literário importante.

Neste caso, é salutar lembrar, que a negociação é um caráter singular e que deve ser levado em conta quando se tem a crônica como documento de produção autobiográfica, já que concordo com Jacques Derrida quando reflete que a escrita autobiográfica já implica modificação do ser, da existência de si<sup>89</sup>. Ao envelhecer, além destas memórias analisadas até este momento, costumava lembrar-se de outras participações na vida política quando ainda era mais jovem, como aconteceu quando participou, juntamente com Tibério Nunes, Luís Costa e Vinicius Soares, da confecção de um jornal denominado *Libertação*, no Rio de Janeiro, que teve como objetivo, protestar contra a interventoria no Estado do Piauí, no ano de 1946. Segundo A.Tito Filho, em sua crônica *Recordações*, esta atitude tinha como finalidade

[...] ajudar os correligionários conterrâneos [no Piauí] criamos o jornalzinho “Libertação”, de boa valentia, que os generosos bolsos de José Cândido Ferraz financiavam. Foi neste clima de emoções partidárias que se efetivou o empastelamento, na calada da noite de “O Piauí”, a tribuna de inteligência e bravura, ocupada por Eurípedes de Aguiar e seus leais companheiros de idealismo e objetivo. Pior: os irresponsáveis arrebatadores de prelo e misturadores de caracteres tipográficos mataram o humilde vigia das oficinas e ainda feriram modesto operário. O revoltante crime repercutiu por toda parte e feriu de morte a autoridade da interventoria no estado. Mais e mais no Rio, os moços piauienses de “Libertação” se empolgavam e novas edições foram feitas e remetidas a Teresina com grande sucesso. Fixaram-

<sup>88</sup>TITO, FILHO. A. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.41.

<sup>89</sup>DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

se as eleições governamentais e de deputados estaduais nos organismos federados para 19 de Janeiro de 1947. Firmou-se a candidatura oposicionista do médico José da Rocha Furtado à chefia do Executivo do Piauí – candidatura que logo mereceu aplausos vibrantes e decisivos<sup>90</sup>.

A. Tito Filho, em uma entrevista<sup>91</sup> comentou que esse jornal *Libertação* vinha para Teresina no *Douglas* da Antiga Viação Aérea Brasileira e que o mesmo tinha como característica principal o uso de uma linguagem veementemente partidária que, segundo ele, tinha influências de suas leituras de Carlos Lacerda e afirma, além de suas posições panfletárias nos jornais, ter “sempre exercido o papel de vigilância”<sup>92</sup>. Seja como redator de discurso, excelente retórico, seja como jornalista crítico, observa-se que sua imagem muda no tempo e que sua construção autobiográfica dilata-se na intenção de direcionar seus leitores para uma imagem que se desloca em dois sentidos principais. Primeiro, a construção de um indivíduo que se diferencia sob o peso da envergadura dos seus méritos. Segundo, a atribuição que confere a estes méritos o legitimam para o esclarecimento das coisas e das situações.

A invenção de uma trajetória de valentia e combate irá legitimar suas incursões no jornalismo e na vida pública. Sua participação no jornal “*Libertação*”, principalmente no combate aos interventores federais no Piauí, foi sua contribuição e de seus amigos para as acirradas disputas que ocorriam em Teresina, principalmente em auxílio às ideias de Eurípedes de Aguiar<sup>93</sup>, redator-chefe do jornal “*O Piauí*”, e de pessoas influentes como Simplício Mendes, Esmaragdo de Freitas, José de A.Tito (pai do cronista), que contribuía com Eurípedes de Aguiar com a escrita de artigos.

---

<sup>90</sup>TITO FILHO, A. **Recordação**. Jornal O Dia, 15/16/11/1988, p.4.

<sup>91</sup>TITO FILHO, A. **Entrevista**. Cadernos de Comunicação. Teresina: Gráfica Halley/Sindicato dos jornalistas do Piauí, s/d.

<sup>92</sup>TITO FILHO, A. **Entrevista**. Cadernos de Comunicação. Teresina: Gráfica Halley/Sindicato dos jornalistas do Piauí, s/d, p.8

<sup>93</sup>Nasceu em Matões (MA), em 1880 e faleceu em Teresina (PI) em 1953. Foi intendente de Floriano, Deputado Estadual, Governador, Deputado Federal e Senador da República. Desempenhou ainda várias funções ligadas ao jornalismo.

Imagem 02: Eurípedes de Aguiar



Fonte : MORAIS, Genu; KRUEL, Kenard (Org.) **Eurípedes de Aguiar**: escritos insurgentes. Teresina: Zodíaco, 2011, pag.56

O jornal “O Piauí” tinha como principal finalidade o enfrentamento à ditadura Vargas e aos interventores federais no Piauí<sup>94</sup>, alguns dos quais de fora do Estado. Eurípedes de Aguiar em agradecimento aos colaboradores Júlio Martins Vieira, Ofélio Leitão, Dario Fortes do Rêgo, A. Tito Filho, entre outros, confessou

Eu posso estar metido nisso porque tenho vida equilibrada financeiramente e já estou na idade de não temer mais nada, mas vocês, meus amigos, que são jovens e lutam pela sobrevivência, não deveriam está aqui. Estão porque são doidos! Mas, já que se meteram nisso, agüentem a luta, com dignidade e bravura e descarreguem tinta à vontade no ditador Vargas e na quadrilha que apavora e assalta o Piauí<sup>95</sup>.

<sup>94</sup>Vários foram os interventores federais no Piauí como: Leônidas de Castro Mello (1936); Leôncio Pereira Ferraz (1945); José Vitorino Correia (1946); Valter do Rêgo Alencar (1946); Manuel Sotero Vaz da Silveira (1946); Teodoro Ferreira Sobral (1946); Raimundo de Brito Melo (1946). Como se pode perceber várias foram as interventorias no Piauí, apenas no ano de 1946. Este fato provocou um forte desequilíbrio político e econômico no Piauí. Tal situação fez com que Eurípedes de Aguiar e seus colaboradores fizessem acirradas críticas no jornal *O Piauí*. Ofélio Leitão (Picos 04.12.1915 – Teresina 30.05.1989), um dos redatores, confidenciou que “daquela humilde trincheira da Rua Coelho Rodrigues [...] partiam chispas, fuzilavam relâmpagos, desprendiam-se faúlas, sibilavam apóstrofes cadentes. A catilinária do inimigo, respondíamos com fogo cerrado, com as labaredas de um canhoneio incessante, que galvanizavam cada vez mais a opinião pública estadual. Porque esse era o tipo de imprensa política daqueles tempos” (MORAIS; KRUEL; 2011. p.115). ver: MORAIS, Genu; KRUEL, Kenard (Org.) **Eurípedes de Aguiar**: escritos insurgentes. Teresina: Zodíaco, 2011. p.115.

<sup>95</sup>MORAIS, Genu; KRUEL, Kenard (Org.) **Eurípedes de Aguiar**: escritos insurgentes. Teresina: Zodíaco, 2011. p.101.

Uma das saídas para os jovens escritores, que se encontravam fora do Estado, nesse momento, como A.Tito Filho, e que desejava participar das questões políticas do seu tempo e do seu Estado, mas não tinham recursos financeiros suficientes, foi a ajuda de correligionários ligados a Eurípedes de Aguiar e ao partido do PSD, como José Cândido Ferraz, que ajudou financeiramente a publicação do jornal *Libertação*, que chegava a Teresina com as críticas dos jovens patrióticos, já que esta se tornou uma saída para a censura imposta aos meios de divulgação, principalmente o jornal, que requeria uma quantidade significativa de papel, produto racionado devido ao estado de guerra naquele momento. Outra dificuldade era o controle do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP sob as cotas de papel. A chegada a Teresina do jornal, vindo do Rio de Janeiro, escrito pelos jovens estudantes piauienses deveria causar frisson entre os leitores mais treinados para decodificar o ambiente político da capital.

Uma das conseqüências aos ataques proferidos através da pena de Eurípedes de Aguiar e seus colaboradores foi o “empastelamento” do jornal (mistura dos tipos) e a violência cometida contra o vigia e seu auxiliar, o que veio ocasionar a morte do vigia. O jornal *O Piauí* utilizava-se do sistema de prancha, onde se catava letra por letra, e cada “tipo” era uma letra do alfabeto, além dos sinais de pontuação. O sistema era utilizado para publicar textos panfletários, retaliações, opiniões, anúncios, notícias sociais, o que acarretava num “trabalho dos diabos”<sup>96</sup>.

Pode-se inferir que a mistura dos tipos era uma forma de agressão àqueles que se utilizavam deste meio para emitir suas opiniões, além de significar uma “revolta” contra o jornal e sua difusão de ideias contrárias ao cenário de “censura” e de freqüentes oscilações políticas e econômicas. A título de exemplo, figurou no jornal “O Piauí”, dia 23 de junho de 1946, o seguinte texto, escrito por Eurípedes e seus colaboradores, que registraram

Não aprovamos, antes combatemos, energicamente, a majoração de impostos, mal feita, inoportuna, injusta e impiedosa. Não compactuamos com o abafamento dos desfalques verificados no Tesouro Estadual e na Caixa Beneficente. Clamamos sem cessar, contra as violências, prisões e espancamentos, sempre impunes, praticados contra os nossos correligionários, pelas autoridades policiais de Amarante, Castelo, União, Luzilândia, Beneditinos e muitos outros municípios”A notícia sobre o acontecimento esteve por muitos dias presente nas conversas dos

<sup>96</sup>TITO FILHO, A. *Imprensa*. Jornal O Dia, 10/04/1988. p.4

teresinenses e chegou ao conhecimento dos jovens que se encontravam estudando em outras cidades<sup>97</sup>.

A.Tito Filho, em sua crônica *Lembranças*<sup>98</sup>, diz que soube das notícias sobre “empastelamento” do jornal (mistura dos tipos) e a violência cometida contra o vigia e seu auxiliar quando ainda estudava no Rio de Janeiro, através das cartas dos familiares e pelas colunas jornalísticas. Ele recebia semanalmente o jornal *O Piauí*, escrito por Eurípedes de Aguiar e seus colaboradores, que tinham muitas razões para criticar a política getulista, já que assim que assumiu o governo, em 1930, tomou medidas drásticas como a suspensão da Constituição de 1891 e o fechamento do Congresso Nacional, o que levou de imediato o Senador Eurípedes de Aguiar a perder seu cargo. Anos mais tarde, em 1939, houve a cassação dos mandatos dos desembargadores Simplício Mendes, Esmaragdo de Freitas e José A.Tito, que se encastelaram em torno do jornal *O Piauí*, comandados por Eurípedes de Aguiar.

Em 1946, após o acontecimento do “empastelamento” do jornal “O Piauí”, as fortes críticas ao governo de Vitorino Correa e Teodoro Sobral, somaram-se a um movimento que ficou conhecido no Brasil como “Redemocratização”. No país houve a necessidade de uma urgente realização de eleições para Presidente da República, Senadores, Deputados Federais e a instituição da Justiça Eleitoral, que regulamentaria a matéria eleitoral. Neste “novo” cenário brasileiro, deu-se o restabelecimento das eleições diretas também para governador em cada Estado. Este momento foi registrado por A. Tito Filho, que evoca suas memórias e lembra-se do dia da eleição em Teresina

Cheguei a casa, matei as saudades imensas dos velhos - e tive a notícia alvissareira: o povo votava no dia do aniversário natalício de Eurípedes de Aguiar. Quis logo visitá-lo para a satisfação de desejo longamente alimentado. E assim pratiquei. Nesse dia, 19 de janeiro de 1947, data dos 67 anos do vigoroso timoneiro da campanha eleitoral, os piauienses lhe conferiam o melhor presente: a vitória de Rocha Furtado para o governo do Estado.

Meu pai e Eurípedes muito se estimavam. As vicissitudes de vida e os deveres da solidariedade estabeleceram entre ambos sólida amizade, que os anos não arrefeceram, antes aprofundaram - e o fato fez com que eu tivesse no incontestável comandante um amigo certo, a quem ofereci

<sup>97</sup>MORAIS, Genu; KRUEL, Kenard (org. e notas). **Eurípedes de Aguiar**: escritos insurgentes. Teresina: Zodíaco, 2011. p.194.

<sup>98</sup>TITO FILHO, A. **Lembranças**. Jornal O Dia, 13/14/11/1988.p.4

admiração e respeito. Com a subida de Rocha Furtado ao governo, as figuras mais ativas de "**O Piauí**", Eurípedes, Martins Vieira e Ofélio, receberam cargos oficiais, como auxiliares da administração que se inaugurava. Afastaram-se do jornal, cuja direção Eurípedes me entregou, e pude desempenhá-la com leal observância dos princípios partidários. Transmiti-a, de ordem, ao poeta José Severiano da Costa Andrade. Em maio de 1947 tive nomeação como delegado de polícia da capital. Por esta forma passei a trabalhar com Eurípedes, chefe de polícia - e nas funções me conservei até dezembro do mesmo ano<sup>99</sup>.

Ao voltar para casa, em 1947, observou que o clima político, já bastante agitado, estava com boas chances de mudança dos seus rumos, já que parecia certa a vitória de Rocha Furtado, logo após a promulgação da Constituição Federal, de 1946, de inspiração mais democrática, que estabelecia a independência dos três poderes e proporcionava eleições diretas em todos os níveis. Na eleição para governador do Piauí, priorizaram-se nos cargos públicos aqueles que, no período anterior, foram contrários à política varguista. Eurípedes de Aguiar e seu grupo de amigos passaram a desempenhar cargos importantes na nova administração, isto favoreceu, a princípio, a entrada do jovem estudante de Direito na vida pública, que passou a exercer o lugar de Eurípedes de Aguiar no jornal e, mais tarde, foi nomeado delegado de polícia da capital, como acima nos relatou.

Nomeado para cargo público, por concurso, como fez questão de ressaltar na crônica *Merecimento*<sup>100</sup>, diz que transferiu seu curso de Direito do Rio de Janeiro para Teresina, depois do processo de federalização da Faculdade de Direito do Piauí, viabilizado por Cromwell Barbosa de Carvalho. Transferido, cursou o último ano do curso e juntou-se a figuras que teriam bastante destaque no campo das letras em Teresina, a exemplo de Manoel Paulo Nunes, que fez questão de lembrar, durante uma homenagem na Casa de Lucídio Freitas, "era um estudante arredo da classe, cumprindo com regularidade e absoluta exatidão seus deveres acadêmicos [...] laureado com as notas mais altas, obtendo o primeiro lugar na turma, de que fora o orador oficial"<sup>101</sup>, nos idos de 1950. Em 1964, ingressou na Academia Piauiense de Letras, vindo a tornar-se Secretário Geral e depois Presidente desta instituição, após a vacância gerada pela morte do seu presidente Simpício Mendes, em 1971, até o ano de seu falecimento, em 1992.

<sup>99</sup>TITO FILHO, A. **Ainda Teresina**. Jornal O Dia, 17/10/1989, p.7.

<sup>100</sup>TITO FILHO, A. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.46.

<sup>101</sup>NUNES, M. Paulo. **Homenagem a Arimathéia Tito Filho**. Revista da Academia Piauiense de Letras. Teresina. Nº60. Ano LXXXV.2002, p.132.

Esses aspectos da sua trajetória de vida são importantes como possibilidades de percebê-lo como filtro social de uma determinada elite letrada do Piauí, naquele momento. Isto auxilia a princípio, duas reflexões. Primeiro, que sua visão e percepção de uma dada realidade está intrinsecamente mediada pela sua situação privilegiada como intelectual e membro de uma parcela social pertencente aos grupos sociais economicamente mais abastados, que dominam a escrita, manejam a língua e sua transmissão com bastante desenvoltura. Segundo, que a elaboração e narrativização de suas experiências do passado estão, de certa forma, atravessadas por esta forma de ver e compreender as coisas, pois seu olhar e sua forma de compreensão carregam valores que compartilham com aqueles que estão a sua volta.

Porém, gostaria de enfatizar que embora este *lugar social* ocupado por nosso cronista seja importante para as análises, esta não é a única forma de vasculhar suas crônicas. O seu dito (texto) é interpretado como produção de sentido que além de inscrever o autor em um lugar social, dialoga com uma tentativa hermenêutica na vontade de diminuir os erros de abordagem, pois, entendo, assim como as concepções de Paul Ricoeur<sup>102</sup> que, entre a linguagem e a experiência, o que se interpreta é o discurso e não o seu autor.

Isto quer dizer que nenhuma biografia, autobiografia ou escrita de si, comporta apenas o sentido que o autor quis dar-lhe, mas abre-se para a dimensão interpretativa do leitor. Desta maneira, na transição da fala para a escrita, da oralidade para o texto, é necessário efetuar a dissociação entre aquilo que está escrito e a intenção mental do seu criador no momento que escreveu, pois o que o texto significa ou aquilo que é significado pelo leitor é mais importante do que aquilo que o autor quis dizer quando escreveu a obra, já que suas intenções já não podem ser mais alcançadas.

Isto implica dizer que a experiência somente pode ser entendida como linguagem, pois já não podemos reviver as experiências do nosso cronista como elas realmente aconteceram, mas apenas tentar compreender aquilo que ficou

---

<sup>102</sup>RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.

registrado, que se transferiu como significação. Para Paul Ricoeur, “existe linguagem porque existe experiência”<sup>103</sup>. Neste sentido, prefiro pensar que, além do lugar ocupado pelo sujeito, é importante problematizar suas narrativas no que tem de brechas, de dobras, de sinuosidades. A crônica é uma narrativa de excesso, por ser um texto de fronteira entre o relato histórico, jornalístico e o literário. Sendo assim, guarda não apenas o lugar do seu narrador, mas também possibilidades de leituras e interpretações.

A.Tito Filho está repleto de narrativas que assinalam seu lugar social, que vão além destas questões, a priori. Suas narrativas autobiográficas dão conta de sua presença no tempo e no espaço. Aliás, Jacques Derrida defende que todo homem é um animal autobiográfico, e que a história de si, é uma reflexão do seu eterno estado de pecado original, ou seja, a escrita é o lugar privilegiado da confissão, já que é o lugar da morte, da sepultura<sup>104</sup>.

A escrita como confissão é uma escrita que comporta a dimensão da verdade, do testemunho, criando um horizonte de experiência e expectativas<sup>105</sup>, como pode ser observado na crônica abaixo

Estudante no Rio, em 1945, vi de perto os acontecimentos políticos que empolgavam a nação: entrevista de José Américo de Almeida, de condenação ao regime ditatorial chefiado por Getúlio Vargas - a entrevista célebre com que se reconquistou a liberdade de pensamento; a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, de Eurico Dutra, de Yedo Fiúza e de Mário Rolim Teles à presidência da República; a queda de Vargas, noite de 29 de outubro de 1945; a posse de José Linhares, presidente do Supremo Tribunal, na chefia do governo; finalmente, as eleições de 2-12-1945, com a vitória de Dutra. O notável Esmaragdo recebia a consagração dos piauienses elegendo-se senador da República<sup>106</sup>.

Todos estes acontecimentos tinham possibilitado uma margem de experiência para o cronista que em sua juventude envolveu-se com questões de sua

<sup>103</sup>RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000, p.32.

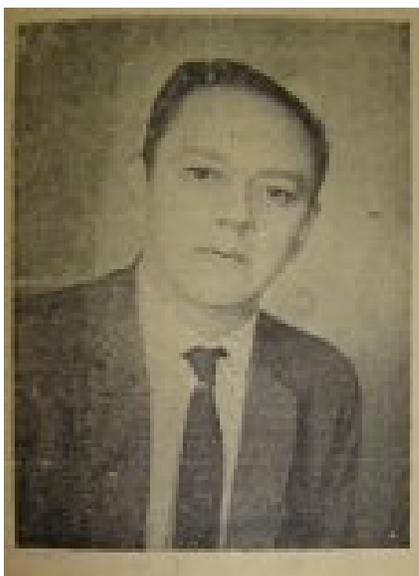
<sup>104</sup>DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

<sup>105</sup>Enquanto o *horizonte de experiência* comporta a elaboração do passado no presente, o *horizonte de expectativas* é o futuro do presente, ou seja, é a dimensão voltada para o não-experimentado como os desejos, os medos, as inquietudes. As expectativas, neste sentido, abrem brechas e repercutem naquilo que denominamos de esperança ou decepção. Sobre esta problemática ver as análises de: KOSSELEK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa. In: KOSSELEK, Reinhart. **Futuro-Passado**: uma contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

<sup>106</sup>TITO FILHO, A. **Testemunho da verdade**. Jornal O Dia, 14/04/1989, p.7.

época, marcadas pelo poder da argumentação, da força das alianças políticas, das discussões que se davam nas tribunas dos jornais, que eram utilizados para fazer valer a força da persuasão. Todos estes momentos tinham contribuído enormemente para a construção de uma diversidade de imagens, que iam sendo transpostas para suas expectativas, para aquilo que desejava vir a ser como homem político, jornalista, eleitor, jovem influente nas decisões de seu país e de seu estado.

Imagem 03: A.Tito Filho jovem



Fonte: Acervo fotográfico da Academia Piauiense de Letras

Estas experiências tinham feito com que mudasse a forma de se perceber (*o título da crônica é testemunho da verdade*) e a forma de perceber o passado, principalmente com relação as suas *memórias-baús* que passam a ser narradas sob uma aporia temporal, ou seja, os fatos existentes antes de suas experiências iniciadas na juventude, quando foi estudar no Rio de Janeiro, são abordados sob uma perspectiva que denota inocência, e até mesmo certo ar de pureza, embora seja uma esfera de tempo inalcançável para o cronista, pois ele vive o presente, que embora seja uma instância onde se desdobra seu reconhecimento como jornalista, literato, presidente da APL, como sempre desejou desde a juventude ou como sempre mostrou desejar, é amargo, crítico e difícil de ser ponderado.

Em uma crônica denominada *A boa Teresina*, que escreveu quando se lembrou de uma de suas voltas à cidade, logo depois das eleições de 1945, oscila entre o que considerava uma boa cidade (aquela que existia antes de sua experiência fora) e uma má cidade (o que ela havia se tornado na sua ausência), tendo como ponto de partida suas experiências no tempo

Vejo-a sem a minha infância, sem os dias queridos que não voltam mais, as saudades provocando nó na garganta, um choro que não consola. Sem o cai-nágua, o cabaré das garotas de segunda classe, perto do Parnaíba, que meus olhos de adolescente desejavam, mas os cânones da época proibiam. Sem os circos, na praça Deodoro, grandões, palhaços engraçados, ameaçando as velhotas [...] Vejo-a sem o pega-pinto gelado, que a gente ia comprar oito horas da noite, na jarra, uns oito copos para a família à espera na roda da calçada [...] Sem o Bar Carvalho, de elite, vendia cafezinho, chocolate com ovo e sem ele, sobretudo o filé de grelha, enfeitado de ervilha, azeitona, alface e farofa [...] Vejo-a sem a presença de Celso Pinheiro, poeta e tuberculoso, fatiota branca engomada e reluzente, chapéu de palhinha, gravata borboleta...irreverente [...] Hoje vejo-a urbanizada de pombais ou casinholas habitadas do êxodo interiorano [...] vejo-a nas falsas convivências dos coquetéis, das uiscadas e das festas de caridade [...] vejo-a violenta, estúpida, deseducada, alguns felizardos da vida ociosa à custa de golpes e falcatruas.<sup>107</sup>

É importante perceber que a memória do cronista está sempre se dilatando dentro de uma extensão temporal onde cabem vários registros e que estes são ditos tendo como direcionamento suas mais diferentes concepções. Daí refletir que quanto maior a experiência menor o horizonte de expectativas, já que a capacidade de reservar muitas experiências e recordações dificulta a aceitação das mudanças e das transformações. Esta distorção temporal faz com que o leitor da crônica presencie o passado como uma instância da qual emerge a segurança, o sossego e o presente como lugar da incerteza, da imprevisibilidade.

Embora esta “fragilidade” na forma de perceber o tempo seja possível numa leitura rápida e sem compromisso das crônicas, elas enredam em si uma multiplicidade de tempos, e dilatam-se em saudade, na intensidade do momento vivido, nas bifurcações que preenchem de experiência o cronista e nos desdobramentos do passado no presente. A cidade do passado ganha em suas narrativas a referência de boa, pois guarda em suas dobras aquilo que lhe causa “nó

<sup>107</sup>TITO FILHO, A. *A boa Teresina*. Jornal O Dia. 03/01/1989, p.7.

na garganta”, como apontou. A cidade da sua infância e de parte de sua juventude é descrita ora como uma ausência, pois ela se modificou ao longo dos anos, ora como uma presença, devido a sua fratura temporal que lhe permite ser o lugar da recordação, do encontro, das amizades, das vicissitudes.

Mas a cidade de sua memória é também uma aporia no momento que suas vicissitudes somente existem como uma ficcionalização, como uma eterna ausência materializada, seja nos desejos reprimidos na adolescência, ou que dizia sê-los (“sem [...] o cabaré das garotas de segunda classe, perto do Parnaíba, que meus olhos de adolescente desejavam, mas os cânones da época proibiam”); seja nas lembranças dos momentos de felicidade nos circos armados na praça Teodoro da Fonseca; nos sabores dos alimentos servidos em seus restaurantes favoritos do tempo da mocidade ou ainda no tradicional “pega-pinto” que servia como “desculpa” para a roda e a conversa na calçada, antes da entrada para a privacidade dos quartos para o descanso noturno.

As crônicas, além de índice intensivo e de registro das sensibilidades de uma época, são escritas de si, realizadas pelo cronista, que as utilizou na intenção de oferecer durabilidade as suas experiências. A sua escrita de si<sup>108</sup> não era somente uma escolha deliberada ou narcísica, mas uma vontade de registrar suas práticas, o que denotava uma extrema preocupação com o cuidado de si<sup>109</sup>. A escrita de si, através de suas crônicas, por exemplo, revela um pensamento contemporâneo do sujeito, que se vê a si mesmo como singular, com uma

<sup>108</sup>É bom enfatizar que a *escrita de si* diz respeito a uma série de práticas e manifestações selecionadas entre o indivíduo e seus documentos, o que caracteriza certo “teatro da memória”. Nesse sentido, as crônicas que se referem a juventude do cronista são escritas da vida, ou ainda, escritas da forma como gostava e desejava ser visto e assimilado pela posterioridade. ver: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>109</sup>M. Foucault (1985) buscando responder ao questionamento sobre como um sujeito se constitui sujeito dos seus atos, construiu um pensamento baseado na idéia do *cuidado de si*, onde defendeu que em determinado momento os sujeitos passaram a exigir cuidados de naturezas mais subjetivas, como a necessidade de avaliar-se, examinar-se, afastar-se para deter o poder sobre si mesmo. Estas atitudes passaram a ser subjetivadas através do uso de correspondências, confidências, exames de consciência. Para M. Foucault (2006) a prática do cuidado de si é o conhecimento de si, mas também o conhecimento de um certo número de regras de condutas ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Neste sentido, reforço que a *escrita de si*, através do uso das crônicas, nada mais e do que uma forma de cuidado de si, já que esta escrita é uma forma de confissão (DERRIDA, 2002), no sentido que deseja comunicar algo com o intuito de livrar o confidente de sua carga, fazendo com que confesse seu pecado e adquira seu perdão, já que este é um devir sempre negociado pelo homem. Ver: FOUCAULT, Michel. **A cultura de si**. In: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985, p.43-52. FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V). DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

individualidade própria capaz de expressar seu momento vivido, onde se pode observar que texto e escritor se recriam continuamente no tempo.

Quando utiliza a expressão “vejo-a”, dando ênfase a sua cidade sentimental, parte a princípio de uma constatação pessoal, do olhar de um sujeito que revê sua cidade, depois de ter vivido alguns anos no Rio de Janeiro. Sua crítica para o que a cidade havia se transformado, com relação às questões estruturais, de violência, mudanças de modos de vida, diz respeito aos seus próprios parâmetros, que acreditava servir como referência para seus contemporâneos e para os vindouros.

Mas se sua forma de olhar continua sendo socializada por aqueles que percebem nos seus textos a cidade dos tempos de sua infância como o lugar do sossego e a cidade do seu retorno, logo após seus estudos universitários, como a cidade que havia se modificado, em vários sentidos, para pior, é porque sua forma de ver foi absorvida, aperfeiçoada e ensinada. Aliás, por que acreditamos que a cidade do passado era melhor do que a do presente? Por que continuamos a pensar que as sociabilidades de um tempo anterior ao presente são sempre mais doces e tranquilas?

Uma das possibilidades de pensar estas questões é entender que as crônicas, principalmente aquelas que assumem a perspectiva autobiográfica ou de escrita de si, preocupam-se em construir e aperfeiçoar uma determinada elaboração de conhecimentos e de saberes, que circulam e passam a fazer parte das informações sobre aquela sociedade como preceitos e verdades. O olhar do cronista sobre a cidade dos tempos de sua juventude envereda pelo menos por três dimensões temporais principais: o tempo da lembrança (instante), do acontecido (passado) e do narrado (presente). É nesta dispersão temporal que tenta voltar-se para o passado e construir referenciais para o presente, socializando suas lembranças da juventude e também aquelas quando já era adulto

Era gostoso como acontecia quando aqui chegamos, em final de 1952, poder ficar sentado, em bate-papo alegre, numa mesa do Bar Carvalho, bebericando café, pacientemente servido pelos garçons engravatados! Ou, desejando mudar de papo, dar uma pequena esticada até o Bar Avenida, no prédio da Câmara Municipal que foi demolido para dar lugar ao estacionamento privativo do Luxor Hotel Piauí, ouvindo ao lado o diálogo

incompreensível dos carcamanos em sua roda diária naquele local. De barato, a gente podia ouvir a conversa telefônica dos usuários da Radional, que para se comunicarem com outros centros tinham que gritar a todo pulmão, exceto segredos e assuntos reservados, que sem dúvida vazavam da cabine, numa dependência do mesmo prédio do Hotel<sup>110</sup>.

Aqui, como na crônica anterior, o cronista narra suas experiências no tempo. Ele que estava interessado em mostrar o que sua cidade havia perdido com o aumento exagerado tanto estruturalmente como populacionalmente, mostra mais uma vez que o passado era tão “gostoso” que podia ser facilmente confundido com um encontro entre amigos, num “bate-papo alegre” em um lugar onde no presente havia dado lugar a um estacionamento. Todas estas conexões realizadas pelo cronista servem como ensinamentos e experiências que têm como função manter um elo de aprendizagem entre as gerações. A testemunha do cronista não somente dá conta de uma experiência, mas serve como uma espécie de parâmetro temporal que suplementa aquilo que aceitamos como antes e depois, preenchendo nossos sentidos com explicações que, caso contrário, furtariam ao presente um acervo de informações.

Neste caso, defendendo que entre o tempo narrado e o experienciado pelo cronista, várias passagens e tempos vão sendo criados; conexões abertas com o objetivo de formular imagens sobre si, os *outros* e a cidade (cenário onde se projeta e projeta o *outro*). É importante ressaltar que a crônica, como lugar de fronteira, não tem apenas o caráter singular de construir uma memória da cidade, como defende Margarida Neves de Souza<sup>111</sup>, ela é utilizada também como narrativa autobiográfica, onde o *Eu* do cronista, numa atitude ipseísta<sup>112</sup> cria uma zona de diálogo com o *outro*, seu leitor, na intenção de propor proximidades. Neste sentido, entendo que a crônica enquanto escrita do tempo é um problema hermenêutico, onde a interpretação é necessária para abri-la ao movimento de apropriação e distância.

Entendo que as crônicas implicam horizontes potenciais de sentidos, que se atualizam de diversas maneiras. A interpretação é uma forma de apropriação,

<sup>110</sup>TITO FILHO, A. **Carcamanos**. Jornal O Dia, 07/12/1988, p.4.

<sup>111</sup>NEVES, Margarida de Souza . **História da crônica. Crônica da História**. In. RESENDE, Beatriz (Org.). **Cronistas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p.15-31.

<sup>112</sup>Atitude *ipseísta* consiste em abrir-se ao diálogo com o outro, propondo novas fronteiras de entendimento. ver RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

mas não das intenções do autor que já se encontram fora de alcance, mas dos possíveis sentidos que atravessam o texto pelo movimento dinâmico que se abre para o leitor. A leitura e a interpretação tentam tirar a significação do texto de duas aporias principais: o seu profundo estranhamento (como leitura do *outro*) e a distância temporal e espacial, entre quem lê e quem escreveu, propondo novas proximidades. Devido a esta proximidade, ser uma zona de virtualidade, é aconselhável esclarecer que as experiências vividas pelo nosso cronista A. Tito Filho no tempo são intransferíveis.

Suas experiências narrativizadas existem como ato experienciado, somente entendido ou transferido pela sua significação. Como não se pode parar o Ser no Tempo, tenta-se entender seus indícios como mensagens (discursos) que articulam o evento a sua significação. As crônicas permitem, então, entrarmos em contato com as possibilidades que se abrem para entendermos a trajetória do cronista/sujeito no tempo e como este lança mão desta oportunidade para construir a *si*, o *outro*, o *tempo* e o *espaço*.

A.Tito Filho “fotografou” uma série de imagens sobre sua juventude que demonstram como desejava ser visto, até as circunstâncias que foram selecionadas como as mais propícias a serem lembradas e narradas. Este dispositivo constrói zonas fronteiriças entre as gerações, socializando fragmentos do passado, situações, moralidades, virtudes, que de outra forma estariam perdidas se não fosse a vontade incansável do homem-memória<sup>113</sup> em dizê-las, registrá-las, criando a *si*, aos outros e ao passado, pois se o tempo é um eterno presente, como defendeu Comte-Sponville<sup>114</sup>, então o passado é uma construção dos nossos sentidos na ânsia de preencher as lacunas da nossa existência na tentativa sempre difícil de construir a *si*.

---

<sup>113</sup>A expressão *Homem-memória* é utilizada por Pierre Nora ver: NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, n.10, dez/1993, p. 7-28.

<sup>114</sup>COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

### Capítulo 3

#### *Teseu já foi criança: a construção da infância e da adolescência através das crônicas*

*Sou hoje um caçador de achadouros da infância.  
Manoel de Barros*

Em 1933, A. Tito Filho, então com nove anos de idade, trazia em suas memórias as lembranças de estripulias e afetividades que agora se transformavam em imagens que guardaria pelo resto de sua vida. Barras, sua cidade natal, ficava para trás, escondia-se na poeira que subia do caminhão do Juquinha Santana, devido ao movimento de fricção dos pneus sobre a areia e o barro da estrada. O movimento desalinhado do veículo de carga e passageiro, fazia com que suas lembranças se confundissem e hora aparecesse suave como aquele dia claro e bonito, hora se acinzentasse e parecesse sair em forma de lágrimas que, em alguns momentos, teimavam em descer pelo seu rosto. Lembrava os colegas que havia deixado e das brincadeiras no largo da matriz de Nossa Senhora da Conceição.

A viagem lhe descortinava uma espécie de dor e alegria, encanto e tristeza, fascínio e decepção, saudade e vontade de esquecimento. Será que jamais comeria as deliciosas rebuçadas, que as doceiras de sua cidade insistiam em vender embrulhadas em papel só para o desassossego dos meninos de seu tope. Mas, quem sabe, na capital, em Teresina, não encontraria outras guloseimas à altura de seu gosto. Que nada! Não encontraria jamais aqueles docinhos amarrados um a um que cansou de comprar com as moedas que seu tio Silvestre Tito Filho gostava de dar-lhe. Se pudesse pediria a seu pai para voltar, mas jamais teria esta coragem. Teria que se conformar. Conformar com a saudade, ela tinha um gosto adulto que lhe causava medo. Por que os adultos inventavam sentimentos tão

doloridos? Quem sabe se nas férias não pudesse voltar? Sim, as férias, elas poderiam trazer de volta restos de sua infância.

Brincar, divertir-se, fazer danças, experienciar as coisas pela primeira vez, talvez sejam sensibilidades muito comuns quando se é criança. Mas estas atitudes são fronteiras entre as palavras que as qualificam e o tempo que as acumulam e as transformam em lembranças. Para o cronista A. Tito Filho que narrou sua juventude como um período marcado pelo acúmulo de experiências, amizades e descobertas que antecederam seu reconhecimento na idade adulta, como valorou e significou sua infância? É comum lermos e ouvirmos experiências infantis enfocadas do ponto de vista da ingenuidade quase se equilibrando numa experiência de santidade. Mas é possível também encontrarmos imagens que a aproximam a uma fase de contato agudo com a crueldade. Estas possibilidades de dizer a infância se posicionam também entre a experiência da solidão e a oportunidade efusiva do encontro. Entre estes vãos situa-se um mundo onírico de reminiscências, mas não menos preñado de possibilidades, de criações, de (re)atualizações.

As memórias-baús são normalmente o espaço onde transitam as lembranças da infância e da adolescência, pois nestas fases estão guardadas as primeiras experiências emotivas e sua rememoração é capaz de realizar o encontro mítico do passado com o presente, dos rastros com o momento das reminiscências, das imagens sensíveis com a experiência adulta. As crônicas como sinais que atualizam as imagens do passado transformam-se em meio capaz de desencadear em quem as lê uma experiência sensível do encontro do passado no presente. Quem já não leu autobiografias, biografias ou romances narrando fatos sobre a infância e a adolescência e não pode em algum momento sentir-se participante do conjunto de imagens que partem destas evocações? Existiria uma infância comum em meio às outras infâncias? Se existe ou não talvez seja um caminho salutar de pesquisa, mas é possível reconhecer que existe, sim, uma reserva de experiências sensíveis que atravessam várias infâncias.

Mas qual seria a imagem da infância e adolescência que se enquadraria nas reminiscências de A.Tito Filho? Como ele a partir das suas flutuações da

memória daria a ver essas imagens? É possível através destas imagens do passado identificar certa “energia” capaz de atestar suas experiências no tempo?

Uma das primeiras imagens encontradas nas crônicas de A. Tito Filho sobre a infância (que ele denominava de “meninice”) é aquela que formula a ideia de uma fase “despreocupada e travessa”<sup>115</sup>. Talvez estivesse se referindo ao período em que viveu em Barras, município do Estado do Piauí, ou na localidade denominada Porto, onde normalmente passava o período das férias. Outro local bastante afetivo para o cronista era a Fazenda Peixe (que depois passou a denominar-se Nossa Senhora dos Remédios), que pertencia a sua madrinha Beatriz Rodrigues<sup>116</sup>, que a deixou como herança para sua mãe Nize Rego Tito.

A vida do cronista foi marcada na infância por fortes experiências com a ausência. Primeiro, a ausência da mãe, que morreu de parto, logo após o nascimento da sua irmãzinha, quando então ele tinha um pouco mais de um ano de idade. Logo após a morte da mãe, sua irmãzinha recém-nascida também faleceu ao fim de quinze dias<sup>117</sup>. Com a perda da mãe, a fazenda Peixe transferiu-se para o pai do cronista, Arimathéia Tito<sup>118</sup> que, na época, já era um jurista bem respeitado e conhecido. Após a morte da sua mãe, seu pai voltou para cidade de Piripiri, onde já havia sido juiz distrital e casou-se, pela segunda vez, com uma moça desta cidade, que passou assinar com o nome de Maria Edite de Resende Tito. O seu filho, A.Tito Filho, havia ficado aos cuidados da sua madrinha e avó, D.Beata.

---

<sup>115</sup>Esta imagem encontra-se numa crônica presente na coluna **Caderno de Anotações**, Jornal do Piauí, 15/05/1973, p.2.

<sup>116</sup>Beatriz Rodrigues também conhecida como “Beata” era uma viúva rica que pediu ao avô materno de A.Tito Filho um de seus filhos para criar (ele tinha 21 filhos) e ele concedeu sua filha Nize Rego, que mais tarde, após o casamento, passou a chamar-se Nize Rego Tito.

<sup>117</sup>TITO FILHO, A. **Memórias**. Jornal O Dia 16/10/1988, p. 4.

<sup>118</sup>José de Arimatéa Tito (18/08/1887- Barras (PI) 24/03/1963). Foi advogado, magistrado, jornalista, professor e poeta. Ocupou uma das cadeiras da Academia Piauiense de Letras (APL).

Imagem 04: José de Arimathéia Tito



Fonte: KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. Pag 132

Após o segundo casamento, na cidade de Piripiri, seu pai voltou para morar em Barras, por conta de sua transferência como juiz. Em seu retorno, resolveu buscar A. Tito Filho na Fazenda Peixe, dirigindo um Ford-de-bigode, conforme as lembranças de A.Tito Filho<sup>119</sup>. A busca foi motivada porque a jovem esposa, após três anos de casamento, ainda não havia tido filho. Novamente o cronista se via afastado de uma de suas mais queridas referências femininas e mais uma vez entrava em contato com uma ausência profunda dos seus referenciais maternos, pois sua madrinha, com a tristeza de sua partida, morreu de um ataque cardíaco no mesmo dia em que o pai fora buscá-lo.

---

<sup>119</sup>TITO FILHO, A. **Tombação (I)**. Jornal O Dia 19/08/1988, p. 4.

A madrasta foi praticamente sua referência materna mais longa. Maria Edite de Resende Tito, o pai e A. Tito Filho eram frequentadores da Fazenda Peixe que, segundo as impressões do cronista, era um lugar onde passou dias felizes, principalmente pelas atividades rurais que lhe proporcionavam prazer em praticar, como tirar leite da vaca e bebê-lo ainda quentinho, além de saborear os beijos apetitosos e longos banhos de riacho<sup>120</sup>.

Depois que veio morar em Teresina, ia passear também, no período de férias escolares, na cidade de Porto (que pertencia ao Município de Barras) onde se hospedava com seus tios Joaquim Gonçalves Cordeiro e D. Doninha. Para lá também se aventuravam neste período, seus primos que moravam em Teresina, que tinham parentes na cidadezinha de Porto. Sobre este período nosso cronista assim registrou

As férias coincidiam com a festa da padroeira: novenário, missa e procissão. E os leilões? Que leilões animados! O leiloeiro era o saudoso parente José Antero, da alta sociedade local, cidadão muito estimado. Quantas saudades dos banhos no Parnaíba, dos passeios de bicicletas, das festivas chegadas dos hidroaviões, semanalmente. Gente boa do lugar, os quitutes de minha tia Doninha. Em Porto tive a minha primeira aventura amorosa, dentro do mato com uma velha [...] E a ponte? A ponte onde a turma pilheriava até tarde da noite, comendo sardinha de lata e fumando cigarros fedorentos. A ponte ficava no meio da rua grandona, comprida, um verdadeiro avenida. Luz? De lampião nos postes de madeira, e de candeia, nas casas. Como se vê, Porto é também um dos meus lares queridos, que são quatro: Nossa Senhora dos Remédios, Barras, Porto e Teresina<sup>121</sup>

Embora haja certo silêncio sobre a morte da mãe, da irmãzinha e, principalmente, de D. Beata, em suas crônicas autobiográficas, principalmente aquelas encontradas no jornal *O Dia*<sup>122</sup>, em Teresina, e mesmo nos seus livros de

<sup>120</sup>TITO FILHO. A. **Anotações**. In: TITO FILHO. A. Crônicas. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.

<sup>121</sup>TITO FILHO. A. **Anotações**. In: TITO FILHO. A. **Crônicas**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.

<sup>122</sup>O Jornal *O Dia* foi fundado por Raimundo Leão Monteiro, em 01/02/1951, mais conhecido como Mundico Santídio. A.Tito Filho ingressou como colaborador, por volta de 1952, e saiu para exercer o cargo de Diretor do Liceu Piauiense, em 1954. Retornou para o jornal, em 1959, principalmente com críticas severas ao governo de Chagas Rodrigues (1959-1962). Deixou e voltou várias vezes para este ambiente de trabalho até seu falecimento, em junho de 1992.

crônicas<sup>123</sup>, o que pode indicar certo processo traumático ou de recalque, não cansou de narrar sobre sua infância alegre e pitoresca. Sua imagem da infância como uma fase “despreocupada e travessa” é mostrada em várias de suas narrativas, como esta que acabamos de citar. As novenas, leilões, missas e procissões parecem fazer parte de suas lembranças mais sensíveis, e servem como “cenário” para suas memórias da infância. O período que passou dividido entre Nossa Senhora dos Remédios, Barras, Porto, possibilitou-lhe um trânsito intenso com o mundo das sociabilidades rurais.

Este mundo rural marcado pelas experiências sociais e religiosas em torno das festividades dos santos(as) e padroeiros(as), as conhecidas novenas, padroeira da cidade, transformou-se em um momento de sociabilidade muito esperado e para as crianças um momento aguardado por quase todo o ano, quando então podiam vestir roupas novas, comprar doces, bolos, brincar nos brinquedos armados na praça, ver pessoas diferentes. Era também a oportunidade de transgredir alguns conselhos dados em família, princípios internos de moralidade, além de ser uma forma de fugir à prática habitual do cotidiano. O cronista em suas “Anotações”, sobre sua infância, marca um momento de liberdade possibilitado pelo encontro na ponte da sua cidadezinha afetiva, quando na companhia dos colegas, entre conversas, risos e pequenos “lanches” recheados a sardinhas em lata e a cigarros fedorentos, podia se banhar nas águas do rio Parnaíba e passear de bicicleta.

A ponte que ficava no meio de uma rua “grandona”, que talvez fosse comprida, para os referenciais emotivos de um garoto, é metáfora da passagem, principalmente da condição de menino para atitudes socialmente mais aceitas como adultas (podia fumar e ter aventura sexual). A presença de uma mulher mais velha, presente em seus relatos sobre sua iniciação sexual, na primeira década do século XX, era uma prática comum no mundo dos meninos, principalmente de sociabilidades rurais, daí a falta de pudores em descrever sua primeira prática

---

<sup>123</sup>Do escopo de crônicas analisadas na pesquisa, encontrei apenas uma que abordava de maneira mais específica a morte da mãe, da irmã e de sua avó, denominada “Memórias”, de 1988. Esta mesma crônica foi selecionada para seu livro **Crônicas** (1990), mas a parte referente à morte das três mulheres de sua família foi suprimida e o título modificado para “Anotações”.

sexual, pois não comprometia as moças mais novas e ditas de família que eram reservadas para o papel de esposas e mães<sup>124</sup>.

Mas isto não quer dizer que o ato sexual tenha ocorrido com esta naturalidade informada pelo cronista e nem dizer que realmente tenha acontecido desta maneira, já que em outra narrativa sobre sua primeira relação sexual refere-se à presença de uma “roliça cabocla, mulatona de carnes muitas, que me iniciou na estória”<sup>125</sup>.Mostrar que a prática sexual era comum e fazia parte do mundo masculino, é uma opção do cronista já adulto. Fazer parecer uma “normalidade” era uma forma de comunicar das sensibilidades masculinas, onde tais demonstrações foram historicamente vistas e ditas como de virilidade e opção sexual.

Viver não segue regras, principalmente esquemas rígidos embutidos em fases ou etapas da vida, estas constatações servem para pensar que o sujeito é cortado por diferentes “energias” que causam intensidades variadas, que não podem ser aprisionadas em esquemas imutáveis ou que tenham caracterizações pré-estabelecidas. Desta maneira, é importante perceber que, mais do que imagens da infância ou adolescência, o que será levado em conta nas análises é aquilo que vai além de uma simples limitação estabelecida nos parâmetros de idade, mas sim, suas sensibilidades, aquilo que corta o sujeito nas suas narrativas e dão conta de seus desejos, das suas intensidades e dos seus devires, que são apontadas ou sentidas pelo cronista como infância ou adolescência.

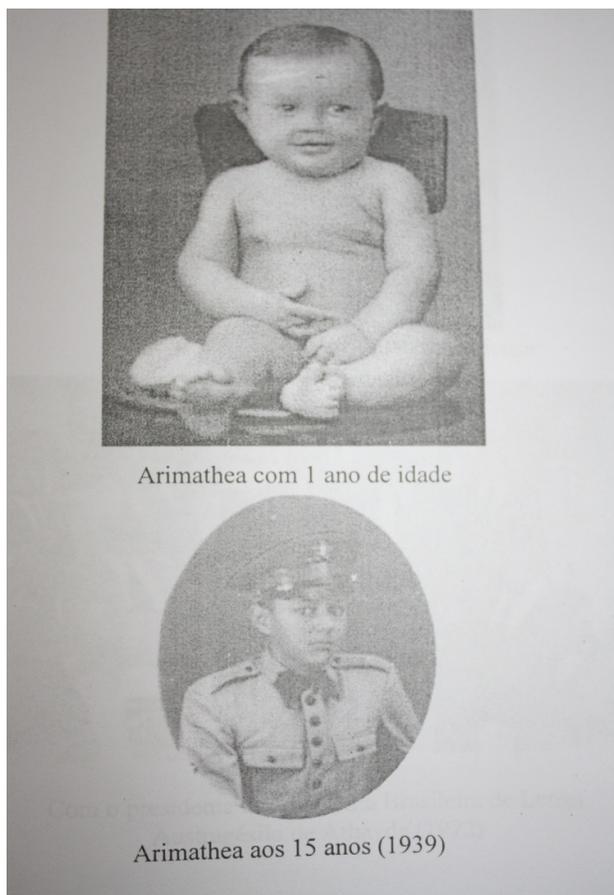
Isto leva a perceber que as sensibilidades infância e adolescência, mais do que simples referenciais temporais, são sentimentos potencializadores e práticas que, ao tempo que as circunscrevem, também dão lugar para o diferente, a aporia, o paradoxo. Ser criança ou adolescente, mais do que pertencer a uma faixa etária, é um sentimento de atravessamento de sentidos, de devires.

---

<sup>124</sup>CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do Século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p.60-62.

<sup>125</sup>TITO FILHO, A. **Memória**. Jornal *O Dia* 16/10/1988, p. 4.

Imagem 05: A.Tito Filho com 1 ano e 15 anos



Fonte: TITO FILHO, A. **Teresina meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002, pag 80.

Ser criança ultrapassa qualquer narrativa, e os movimentos afetivos que marcaram o período da infância de A. Tito Filho, principalmente aqueles relativos à suas perdas, provocaram-lhe rasgos profundos, mas não o impediram de viver a intensidade do encontro, da alegria festiva e da surpresa. As sociabilidades rurais e em família preenchem suas memórias e impulsionavam seus deslocamentos. A importância que passou a dar a estes acontecimentos, principalmente quando desejava lembrá-los e significá-los pelo ato da escrita, marcou a forma como normalmente olhava e pintava o passado, pois sua experiência, bastante marcada pela trajetória interiorana, vai mais tarde, significar em suas narrativas tudo aquilo de melhor e mais inocente

A gente gostava desta época, principalmente a meninada travessa do meu tope. Pelas cinco da tarde, já eu estava banhado e de fatiote bonita e me dirigia ao largo da matriz. Comprava rebuçadas que as fazedoras da guloseima faziam em casa e mandavam vender embrulhadas em papel de seda. Eram dez balas gostosas numa tira só e cada qual separada da outra

pelo embrulho torcido. Custava um tostão ou cem réis, como se denominava a mais humilde moeda metálica brasileira nesses recuados anos da minha infância<sup>126</sup>.

Esta época a que o cronista se refere, é o período de festejos da padroeira de sua cidade natal de Barras - Nossa Senhora da Conceição. A.Tito Filho em uma série de crônicas intituladas “João Adélia”, em menção ao tocador de bombardão da banda de música de Barras, que se apresentava nos períodos de festejo divertindo os participantes, traçou várias imagens de sua infância como esta que se refere às sociabilidades festivas que ocorriam, principalmente, no período de festas e novenas. Percebe-se nesta imagem a importância do banho e da roupa bem passada e limpa, que muitas vezes, também era nova, contribuindo para pensar a importância destes eventos para sua população e para os garotos e garotas de sua cidade, que guardavam estes acontecimentos como momentos significativos em suas infâncias.

Além da roupa, sempre impecável, principalmente se temos em conta que era filho de uma pessoa representativa na sua cidade, outra imagem que atravessa a narrativa é o prazer de consumir, nestes dias de festa, um dos seus doces preferidos, a reбуçada. Parece que a mistura de doce, papel de seda e uma boa quantidade de bombons enrolados um a um davam-lhe certo prazer, principalmente porque nestes momentos de festa, as balas ganhavam outro gostinho - o de saboreá-las na companhia de seus amigos e livremente pelo festejo. Mas além da roupa arrumada, dos doces, outra atração que lhe enchia os olhos de menino era a banda de música, que animava os festejos, com seus músicos quase míticos para seus referenciais sentimentais da saudade, como destaca quando lembra que

A grande animação dos festejos estava, porém, na banda de música. Pouco mais das cinco das tarde o bombo chamava os músicos. Fazia-se pequeno ensaio, um por um experimentando os instrumentos do seu mister. Assim preparados, formavam colunas no meio da rua e ao som de dobrado marcial rumavam para a igreja, pois a novena se iniciava às sete horas. A garotada acompanhava a banda, com entusiasmo, admirando os tocadores mágicos que executavam músicas tão bonitas [...] Minha impressão maior

---

<sup>126</sup>TITO FILHO, A. **João Adélia ( I )**. Jornal *O Dia* 20/05/1989, p.6.

vinha de João Adélia, o meu herói do bombardão, instrumento de boca enorme e sons baixos como roncões surdos e abafados<sup>127</sup>.

Gostos e sons fazem parte das impressões sensíveis do cronista com relação às imagens sobre sua infância, mas também sua aguçada percepção temporal que orienta suas lembranças. Às cinco da tarde, banho tomado, roupa limpa à espera da banda para iniciar a novena na Igreja. Às sete horas da noite, dava-se início à missa. As lembranças comportam gostos e sons quase proustianos, mas também referenciais temporais. É necessária uma boa pitada de sensibilidade equilibrada com doses extras de orientação para se desenhar o passado. Nada fugia aos becos da memória do cronista: o largo da Igreja, a Igreja, as doceiras, a banda de música, e principalmente aquele que se transformou em personagem de sua admiração – o João Adélia

A banda de música de Barras, nos meus tempos de menino, tinha João Adélia no sopro do bombardão. Ainda jovem ele dominava o instrumento com perícia e arte. Era de ver e de aplaudir o músico estimado soprando no bocal do aparelho metálico também chamado de contrabaixo, por cuja boca enorme saía o som grosso, abafado, de roncões curtos e intercalados [...]. Dias de novenas em honra a Nossa Senhora da Conceição, os integrantes da orquestra simples e modesta vestiam o fardamento bonito, bem lavado e passado na goma, para que ficasse durinho nas pernas dos homens. Cedo ainda estavam no templo católico enfeitado e no adro se apresentavam em banco tosto de madeira. De vez em quando, executavam composições alegres, cercados de molecotes embevecidos com a sapiência de seus ídolos caboclos. Iniciada a reza pelo vigário, fazia-se silêncio<sup>128</sup>.

A série de crônicas sobre um dos ídolos do cronista, quando era menino, cartografa algumas das suas experiências infantis, principalmente aquela que dizia respeito à curiosidade sobre a forma como os músicos manejavam seus instrumentos e como se apresentavam durante a festa, com relação à postura e a forma de vestir-se. Estas atitudes dão conta das maneiras como a memória registrou a passagem do tempo, e como o cronista no presente lembrou-se deste fragmento do passado, dando a ele uma importância significativa, principalmente porque dividiu estas lembranças sobre o período de sua infância em quatro partes

<sup>127</sup>TITO FILHO, A. **João Adélia ( I )**. Jornal O Dia 20/05/1989, p.6.

<sup>128</sup>TITO FILHO, A. **João Adélia ( II )**. Jornal O Dia 23/05/1989, p.5.

onde, através da descrição do músico João Adélia, fotografou aspectos sensíveis de sua sociabilidade rural.

Sobre a presentificação das lembranças, é importante dizer que toda lembrança é articulada no presente, o que faz com que as reflexões de A. Comte-Sponville<sup>129</sup>, em seu estudo sobre a metafísica do ser-tempo, sejam interessantes como ponto de partida para que se possa pensar a temporalidade de outra maneira. É importante refletir que quem lembra ou quem rememora alguma coisa parte sempre do presente para aquilo que designa de passado, sendo assim é importante pensar que

Há um só tempo, desde o início, e esse tempo é o presente. Quem dentre nós, já viveu outra coisa, percebeu outra coisa? O passado? Nunca é ele que percebemos, mas seus restos ou seus vestígios (monumentos, documentos, lembranças) que são presentes<sup>130</sup>

Desta maneira, os fragmentos do passado que chegam para o cronista, presentificam o passado e são presentificados pela lembrança acionada no tempo de duração do agora, do instante<sup>131</sup>, o que abre a perspectiva de pensar as narrativas sobre a infância como sinais que chegam e são atualizados pelo cronista que, na ânsia de narrativizar suas lembranças, escolhe determinados fatos e versões para socializar com seus leitores. Mais do que narrativas do passado, o cronista registra a forma como recepcionou os fatos, as pessoas, e como percebeu determinadas circunstâncias. Ele sinaliza para imagens que foram importantes para ele, mas suas escolhas e perspectivas partem do presente, pois “a temporalidade não é o tempo tal como ele é, ou seja, tal como passa; é o tempo tal como dele nos lembramos ou como o imaginamos, é o tempo tal como percebemos e o negamos”.<sup>132</sup>

As passagens que o cronista abre no tempo presente servem para atualizar aquilo que acreditava ser o passado, que não era nada mais do que um

<sup>129</sup> COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>130</sup> COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.48.

<sup>131</sup> BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.

<sup>132</sup> COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.32.

presente precedido por outro instante presente, já que existimos no tempo e nele nos constituímos e nos desenrolamos. Mas do que gostava ou queria que as outras pessoas soubessem sobre sua infância?

Garotote ainda, eu gostava de ler romances. Havia a loja do Juca Feitosa, em Teresina, e ali a gente adquiria Júlio Verne, os livros de aventura da coleção Terra, Mar e Ar, sempre o herói contra os bandidos. Comprei e li as obras completas de José de Alencar e algumas dos portugueses Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas. Gostei do mineiro Bernardo Guimarães e do autor de A MORENINHA, Joaquim Manoel de Macedo. Nesse tempo vendiam livros de uma coleção de reduzido tamanho, autoria de franceses, ingleses e russos, em traduções excelentes. Lembro-me da leitura que fiz de obras de Zola, Onnet, Dostoiévski. Gostava de Emílio Salgari e do Tarzã, de Burroughs.<sup>133</sup>

Nesta crônica não são mais as travessuras, brincadeiras ou sua admiração pelos músicos que tocavam na banda nos dias de festejos em sua cidade natal que merecem suas lembranças. Aqui ele preferiu dar prioridade à invenção de uma trajetória de leitor desde sua infância. E não somente literatura nacional, mas também conhecidos nomes da literatura mundial. Esta forma de inventar-se como um costumaz leitor de obras consagradas era uma maneira criativa de legitimar sua condição, já adulto, de literato. Esta maneira de consagração através da memória, como se a vida inteira fosse uma preparação para o que iria se tornar foi uma estratégia bastante utilizada por outros escritores, que faziam parte de suas leituras a exemplo de Gilberto Freyre<sup>134</sup> e Câmara Cascudo.<sup>135</sup>

A construção da imagem de leitor era um suporte de memória que lhe auxiliava na construção de seu perfil de literato, mas também se mostrava um mecanismo capaz de dialogar com seus leitores, formando um reservatório de imagens do cronista como uma pessoa que lia efusivamente, desde a mais tenra idade, tanto literatura nacional como traduções de obras da literatura mundial. Esta invenção da “tradição” de leitor somente é possível porque “ao escrever o escrevente cria a si mesmo ativamente”.<sup>136</sup> Esta constatação colabora para pensar

<sup>133</sup> TITO FILHO, A. **Português**. Jornal O Dia, 31/03/1992, p.5.

<sup>134</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

<sup>135</sup> SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O Avissareiro**: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas (1940-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2009.

<sup>136</sup> TELLES, Norma. **A escrita como prática de si**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009, p.298.

que a imagem de si, muito diferente do que alguns pensam, é fruto de um trabalho árduo, constante e viabilizado pela experiência no tempo.

Nesse sentido é importante enfatizar que o cuidado de si é uma tarefa que abrange não somente as relações com o corpo ou com a sexualidade, mas também se elastece para questões que dizem respeito às várias maneiras de produção da imagem intelectual. Seus escritos, como as crônicas, por exemplo, são práticas sociais que prescrevem suas relações com o mundo e a forma como elabora um conjunto de saberes, que dão testemunhos de suas experiências. Para formular uma imagem de sua meninice, já na fase adulta, recorreu a um suporte de memória que qualifica sua trajetória, tendo como direcionamento a constituição de um mundo de saberes e estratégias de leituras que iam lhe constituindo como sujeito. Mas este sujeito que oscilava diariamente entre letras e papéis elaborava narrativas que iam lhe configurando numa espécie de ser da linguagem<sup>137</sup>.

Este ser da linguagem se constituía entre/nos murmúrios que partiam de sua escrita memoriosa, contribuindo para o pensamento de que sua trajetória de vida, mas do que um simples horizonte de possibilidades era uma escalada de merecimentos que se iniciava desde a mais tenra idade (quando mesmo dividindo danças, alegrias, descobertas, como qualquer outro garoto de sua idade, já apresentava sinais de maturidade) até alcançar sua fase adulta, quando então já era bastante conhecido e com grandes conquistas realizadas, principalmente na vida intelectual. Mas a realização dessa, via construção, tinha como objetivo não apenas a projeção de sua imagem intelectual, mas também uma preocupação de como esta circularia através dos seus escritos nos jornais, nos seus livros e em seu programa radiofônico.

Além de saber que o ser que se inventa através da linguagem está preocupado com a construção de uma imagem intelectual e a forma como ela circula, outra questão muito importante é a preocupação com os detalhes desta

---

<sup>137</sup> Sobre a designação ser da linguagem, é importante destacar, que essa nomenclatura diz respeito ao ser que se inventa através da linguagem e pela linguagem. Ele cria passagens através das palavras que te tão repetidas e acumuladas dão-se ao movimento de destruição que liberam incessantemente e indefinidamente outras. Esse murmúrio produzido pela linguagem possibilita uma operação reflexiva. O aparecimento ou o reaparecimento do ser da linguagem marca o desaparecimento do sujeito como instancia solitária e totalizante. ver: MACHADO, Roberto. **O ser da linguagem**. In. MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p.85-116.

imagem. A criança não está preocupada em seu cotidiano em guardar imagens para se lembrar em tempo vindouro; quem julga necessário acionar as imagens daquilo que considera passado é o sujeito posicionado no presente, impulsionado por seus desejos e necessidades. Isto permite pensar que o passado é uma falta<sup>138</sup> acionado pelos suportes da memória dentro de um eterno presente. Neste sentido, é conveniente dizer que os relampejos da memória são influenciados pelas expectativas que se travam no campo da atualidade

No estabelecimento de João de Castro Lima, que o povo chamava de Juca Feitosa, comprei, aos dez anos de idade, exemplares de Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo, Alencar e outros, brochuras empoeiradas, que se atiravam a velhas prateleiras de uma sala mal iluminada, escondida por trás do salão de vendas.

Na década de 30, M. A. Tote tinha loja na rua Coelho Rodrigues com venda de revistas do Rio de Janeiro, frequentadíssima. Vendiam-se também a coleção Terra mar e ar, de muito agrado, narrativas de aventuras em terras misteriosas, as peripécias do Tarzan na selva africana, romances policiais de Edgar Wallace e a ficção científica de Julio Verne. Bons tempos, leitura proveitosa, suculenta, alimento de inteligência.<sup>139</sup>

As lojas do Juca Feitosa e M.A.Tote são espaços preenchidos pelas lembranças do cronista que, ao trazê-las de volta, invoca-as através da diversidade de leituras que encontrava nestes lugares. Suas experiências de leitor são marcadas, entre outras coisas, pelo desejo em construir junto aos seus leitores do presente uma imagem de leitor atento e eufórico capaz de detalhar, muitos tempos depois, suas leituras prediletas de aventura, romance de costumes, desenhos em quadrinhos. Os detalhes de sua lembrança alcançam a descrição singular destes espaços de leitura, como a loja do Juca Feitosa que ficou marcada em sua memória pela presença de “brochuras empoeiradas, que se atiravam a velhas prateleiras de uma sala mal iluminada, escondida por trás do salão de vendas”<sup>140</sup>.

A dificuldade em adquirir determinadas leituras que apenas podiam ser encontradas em poucos estabelecimentos que as comercializavam, fazia de sua

<sup>138</sup> BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau**: a hermenêutica da falta como produção de sentidos ou a hermenêutica dos rastros do Outro. Revista de Teoria da História (UFG). Ano 2, Número 4, dezembro/ 2010.

<sup>139</sup> TITO FILHO, A. **Gente corajosa**. Jornal O Dia, 28/11/1987, p.5.

<sup>140</sup> TITO FILHO, A. **Gente corajosa**. Jornal O Dia, 28/11/1987, p.5.

trajetória de leitor uma condição de distinção. Gostar de ler livros que se encontravam atirados em prateleiras empoeiradas, quando ainda era apenas um “garotote”, era uma condição que lhe auxiliava na invenção de uma trajetória intelectual, onde a literatura ocupava um lugar privilegiado nas suas recordações de leitor. A distinção não é realizada sem antes marcar a diferença. Para distinguir-se no tempo era necessário mostrar que além de ter cuidado com uma boa instrução, era importante fazer ver que seu conhecimento reunia uma série de condições que serviam para mostrar que gostava de ocupar-se de si mesmo.

Quando diz na crônica “comprei e li”<sup>141</sup> organiza para si e para seus leitores um potencial narrativo capaz de mostrar que suas escolhas, desde menino, incluíam o consumo de uma diversidade literária e o investimento em opções que acreditava ser importantes para sua formação intelectual, levando-se em conta que em várias crônicas mostra que gastava parte de suas economias na compra de livros, coleções e gibis.

Apreciador de revistas e coleções, como *Terra, Mar e Ar* editada pela Companhia Editora Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, responsável por difundir um tipo de literatura fantástica, bastante apreciada pelo público infanto-juvenil, que tinha como proposta “resgatar e valorizar” a literatura nacional mesmo que tivesse como “modelo” a literatura estrangeira<sup>142</sup>. A coleção divulgou no Brasil aventuras como *Tarzan na África*; *A volta ao mundo em oitenta dias*; *A Ilha do Tesouro*; *As minas do Rei Salomão*; *Contos de fadas dos irmãos Grim*; *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe*, *Dom Quixote*, entre outras, que foram sendo traduzidas principalmente das edições portuguesas e publicadas pela Editora Garnier<sup>143</sup>.

É oportuno perceber que se o passado como duração chega como lembrança-fragmento, é a *escrita* que o atualiza e materializa sua presença. Neste sentido, as impressões, leituras, experiências, realizadas pelo menino e adolescente A.Tito Filho são ruínas, ao estilo benjaminiano, presentificadas pelo ato da escrita. Sendo assim, estas lembranças-fragmento são restos que se presentificam, mesmo que se refiram a uma temporalidade que passou. Lembro, na maioria das vezes, o

<sup>141</sup> TITO FILHO, A. **Meninice**. O Dia, 31/03/1992, p.6

<sup>142</sup> CANÔNICA, Volnei. **Comemoração ao livro e à leitura**. [http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias\\_2010\\_04.pdf](http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias_2010_04.pdf). Acesso 24/01/2011.

<sup>143</sup> LAURENCE, Hallewell. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

que desejo ou o que quero que os outros lembrem. Neste sentido, o cronista é um ente sempre nostálgico, no sentido grego da palavra, que significa “saúde” de algo ou alguém que não existe mais ou nunca existiu. Ele depende de suas lembranças para se atualizar no presente, para isto importa do passado uma quantidade significativa de vestígios

Meu pai possuía boa biblioteca, em que se destacavam obras jurídicas. Mas havia também obras de literatura e uma boa quantidade de livros de português, especialmente gramáticas e algumas de dúvidas de linguagem e ensinamentos de correta escrita das palavras, como as lições do lusitano Cândido Figueiredo. Lia constantemente as vaidosas explicações desse sujeito de grande aceitação na sua pátria de origem. E tomei gosto pelo assunto. Na antiga biblioteca pública da Casa Anísio Britto adotei como leitura predileta obras de Xavier Fernandes e outros estudiosos de questões de linguagem. Li Said Ali, Pedro Pinto, Silveira Bueno, Vitório Bergo, Napoleão Mendes de Almeida, Martinz de Aguiar, Tenório d’Albuquerque e quantos mais, meu Deus. Aprendi uma porção de lições úteis e também gravei na memória invencionices, e ordenamentos inconsistentes.<sup>144</sup>

Nesta crônica, o intelectual torna visível outro espaço que também lhe era caro e gratificante na formação de sua cultura de leitor. Se, nas últimas crônicas, realçou sua relação de leitor com o fora (livrarias e estabelecimentos comerciais), nesta se faz enxergar através da privacidade de sua casa e da fortuna crítica do pai, que também era uma pessoa de respaldo e distinção na sociedade teresinense. Sua imagem como um “feroz” leitor que lia constantemente, servia como atributo importante se levar em conta as várias atribuições intelectuais desempenhadas pelo cronista ao longo de sua vida como jornalista, jurista, professor de gramática, literato. Suas leituras foram lições que segundo ele “gravou na memória” e foi capaz de ajudá-lo no desenvolvimento daquilo que denominou de *invencionices*.

A prática de uma leitura rica e variada parece ter lhe auxiliado, desde a mais tenra idade, a ter facilidades em criar um mundo que se dimensionava entre invencionices, letras e papéis. A oportunidade de ter tido contato com leituras de grandes nomes da literatura nacional e mundial, além de obras especializadas, deve ter lhe ajudado, junto ao seu público de leitores, na criação de uma imagem de escritor de cultura variada, levando-se em conta que, nas últimas crônicas abordadas, o cronista não está apenas preocupado em significar sua trajetória de

<sup>144</sup> TITO FILHO, A. **Português**. Jornal O Dia, 31 de março de 1992, p.4

leitor, mas está empenhado também em (re)significar sua condição de escritor. Pois o que é o autor senão uma confluência de suas leituras? E o que é o sujeito senão uma construção mediada pela linguagem?

Como autor utiliza a infância como categoria simbólica capaz de organizar e legitimar o ciclo da sua vida, que não está associada somente a imagem utilizada pelo cronista como uma fase “despreocupada e travessa”, mas também como uma “fase-origem” onde se dá o crescimento de uma vontade, o cultivo de uma intenção, o nascimento de uma oportunidade. A infância é sonho, devir, virtualidade transformada em enunciado pela vontade do escritor. Mas a passagem de uma instância a outra, de uma frequência a outra é uma questão de poder (força ou relação de forças) e de saber (forma)<sup>145</sup>.

Poder no sentido que entre as interseções das imagens da infância e seu enunciado transita uma quantidade significativa de vontades, artimanhas, desejos, pulsões<sup>146</sup> que se movimentam como sinais, marcas. Saber na medida em que a transformação da lembrança (imagem) em narrativa literária, como as crônicas, é uma forma de trajeto, passagem da experiência para a linguagem. A crônica como literatura dialógica (pois pretende dialogar, conversar com seus leitores) é um enunciado que produz regiões e territórios de visibilidades, o que a princípio produz uma correlação de poderes e saberes, no sentido de fazer com que a reminiscência vibre e produza sentidos

Nos meus brincos de infância, em Barras e no velho Marruás, hoje Porto, gente idosa, parentas velhas, caboclos da terra contavam histórias bonitas e medonhas, umas de arrepiar cabelo, outras de deleite e encantamento. Quando da adolescência em Teresina, meninos do meu tope se reuniam de noite nas calçadas do médico Benjamin Baptista, conceituado e culto, e cada qual narrava contos de macaco, de onça, de gigantes, de heróis e de bandidos - e um desses colegas era filho do dono da casa, Stanley, que pela dedicação aos livros e caráter bem formado, se tornaria das mais brilhantes figuras do Exército Nacional. Momentos felizes e alegres, dava gosto vivê-los, e nunca se supunha que eles se fossem, deixando memórias inesquecíveis<sup>147</sup>.

<sup>145</sup> MACHADO, Roberto. **Deleuze e Foucault**. In: **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

<sup>146</sup> *Pulsão* no sentido de Freud como marca indestrutível, que está sempre guardada à espera de algo ou alguém que a acione. Ver: ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud: eterno retorno e compulsão a repetição**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

<sup>147</sup> TITO FILHO. A. **Tempo de leitura**. Jornal O Dia, 13/12/1988, p.4

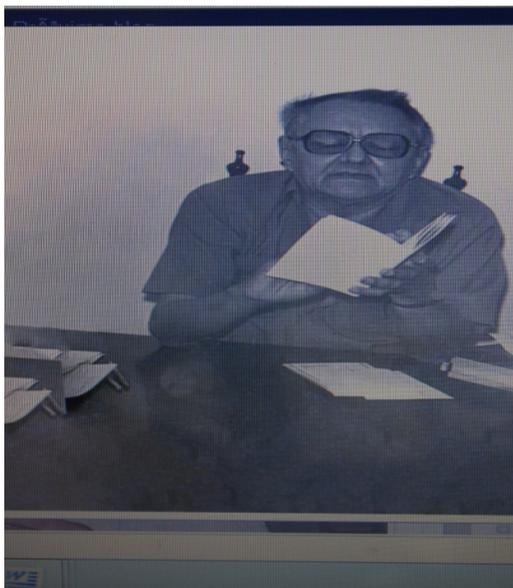
Tanto as imagens da adolescência como da infância são construídas na condição de fazer ver uma dedicação que ora remete aos livros, aos grandes autores da literatura nacional e mundial, ora refere-se a uma situação que normalmente fazia dela uma maneira de explicar sua facilidade com aquilo que denominava de “inventiones” – a capacidade que tinha em ouvir “causos” rurais e inventar histórias que pediam da sua capacidade imaginativa e das suas leituras, principalmente as de aventura que tanto admirava. A experiência com uma sociabilidade marcada pela oralidade e pela facilidade de narrar histórias, que muitas vezes eram acrescidas de boa dose de imaginação, ajudou-o a construir um reservatório de imagens e narrativas.

Este reservatório de imagens e narrativas encontrou na crônica sua forma de ancoragem, pois este tipo textual apresenta-se como lugar privilegiado para um tipo de infiltração, aquela que diz respeito à escrita auditiva<sup>148</sup>, capaz de expressar as experiências de A. Tito Filho como leitor e participante de uma tradição oral. Sua fluidez entre a escrita, a leitura e a capacidade de imaginação, possibilitada pela vivência com uma oralidade rica durante sua infância e adolescência, facilitou-lhe uma passagem comunicativa entre um público letrado e um público que também era, na sua grande maioria, participante de uma tradição oral. Isto foi possível devido ao processo histórico da capital de Teresina, que por sua condição de cidade planejada, serviu de atração para vários imigrantes, que traziam em suas malas, entre tantas outras formas de comunicação, uma relação bem próxima com a tradição oral rural, já que as cidades interioranas são os principais fluxos migratórios atraídos para a capital, principalmente com a intenção de participar de uma sociedade letrada.

---

<sup>148</sup> PORTOLOMEOS, Andrea. **A crônica machadiana na formação da literatura brasileira.** Disponível: [http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf) . Acesso 10/01/2011.

Imagem 06 A.Tito Filho lendo e recriando seu mundo através da escrita.



Fonte: Blog Kenard Caverna <http://krudu.blogspot.com/>

Ora, o que posso deduzir destas questões é que seu poder de imaginação ou de *invencionices*, como denominava, teve um lugar de destaque em sua vida, principalmente em seu devir criança/adolescente, quando então mergulhou nas leituras que realizava, tanto aquelas advindas de livros “próprios” para sua idade, como aquelas que necessitavam de uma maior maturidade sua como leitor. Mas o importante, a princípio, não é saber se ele, com tão pouca idade, estava “amadurecido” para ler autores como José de Alencar, Camilo Castelo Branco, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo, Emile Zola, Dostoiévski, mas perceber que utiliza esta literatura como estratégia com seus leitores no sentido de significar e inventar sua própria tradição de leitor privilegiado, existente desde quando era somente um “garotote”.

A dedicação aos livros e o amor à leitura com certeza eram um caminho que julgava ser importante e servia como exemplo, principalmente para formar personalidades que haveriam de ser reconhecidas com o tempo pela sociedade, como aponta o exemplo de um dos seus colegas que participava com ele destes momentos de criação de histórias, quando então se encontravam para brincar nas calçadas, e teria se tornado com o tempo uma figura expressiva no Exército, devido à dedicação que reservou aos livros. Estas memórias do período de criança eram continuamente revividas, pois acreditava que lhe proporcionavam alegrias no

presente e tinham se tornado, segundo o cronista, inesquecíveis, como asseverou na última crônica.

O critério daquilo que elejo como sendo *inesquecível* faz parte daquilo que na temporalidade vivida vai estabelecendo-se como importante e salutar para recordar. A trajetória do cronista no tempo era uma dimensão possível de ser recuperada pela memória, neste sentido, tanto as leituras como as narrativas que apreciava ouvir e inventar, quando se encontrava com amigos e conhecidos, fabricava dimensões importantes que faziam parte no presente de sua condição de escritor, já que estes movimentos lhe permitiam acesso para escritura e invenção de outros tempos e memórias.

Mas, além destas imagens que perpassam e formulam sua condição de leitor e inventor de histórias, outra bastante utilizada para dizer sua infância e adolescência foi seu período escolar. Quando estava com oito anos de idade, pelos idos de 1932, chegou a Teresina para estudar no internato para meninos, denominado São Francisco de Sales (atualmente conhecido por Diocesano), em virtude da vinda do seu pai para assumir o juizado de Direito na capital. Sobre este período, há poucos registros, entre eles que fora recebido pelo Pe. Joaquim Nonato Gomes, que fizera amizade com o porteiro do local, conhecido por Bacalhau, além de um amigo por quem tinha muito apreço, talvez por ser da sua mesma cidade natal, chamado Breno Teodomiro. Ainda sobre este período aponta que não gostava de estudar neste estabelecimento e que havia antipatizado a dormida de cama<sup>149</sup>.

A imagem que tinha de internato era muito próxima da ideia de prisão, principalmente porque denotou em outra crônica uma enorme satisfação e sentido de liberdade que sentia quando, aos domingos, observava o trânsito pelas ruas de Teresina, principalmente nas imediações de sua residência, na Félix Pacheco, de vários estudantes internos, que saíam ainda fardados com o objetivo de passar o dia na companhia dos pais. Lembrava que no percurso para casa, muitos jovens iam saborear, nos quiosques das imediações, uma boa “merenda”, que incluía um copo de garapa de cana e um pãozinho redondo que tinha o nome de “caramujo”<sup>150</sup>.

---

<sup>149</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal O Dia. 15/05/1973, p.2.

<sup>150</sup> TITO FILHO, A. **Escolas**. Jornal O Dia. 07/04/1988, p.4.

Ainda se refere a estes internos como tendo a aparência de verdadeiros fantasmas, marcados pela aparência pálida em oposição ao dia claro de sol.

Mas, se as imagens do período de internato não tinham se tornado tão *inesquecíveis* como suas lembranças das leituras e brincadeiras de imaginação realizadas quando era apenas um “garotote”, outra evocação lhe causava mais animação – aquela referente ao período escolar, principalmente quando ingressou no Liceu Piauiense<sup>151</sup> como estudante do antigo ensino ginasial, que era realizado em cinco séries. Muitas lembranças sobre este período foram desencadeadas quando, no presente, referia-se à sua situação no magistério, já que exerceu cargos de professor e diretor daquela instituição de ensino (1954-1959) e ainda desempenhou a função de Secretário de Educação no governo de João Clímaco d’Almeida (1970-1971).

Uma das suas imagens com relação ao Liceu Piauiense era aquela que dizia respeito às modificações espaciais e a seu cotidiano escolar neste espaço

O educandário funcionava na praça Demóstenes Avelino, lugar que depois seria ocupado pela Faculdade de Direito, hoje pela Biblioteca Cromwell de Carvalho. De quantas recordações se povoa ainda agora o meu espírito – as traquinagens, a severidade das provas parciais, os bons mestres [...] e tantos outros sabedores do que ensinavam, eram respeitados, queridos<sup>152</sup>

Nesta crônica mostra que o Liceu Piauiense sofreu várias modificações ao longo do tempo, indo da sua localização no presente narrativo desta crônica (lugar da lembrança e da ocupação do prédio pela Biblioteca Cromwell de Carvalho) para o período em que o estabelecimento de ensino foi transferido, quando ainda lá estudava e em seu lugar passou a funcionar a Faculdade de Direito. Lembrava-se também que a transferência do Liceu Piauiense para outro prédio projetado por aquele que seria um dos seus melhores amigos na Academia Piauiense de Letras, o engenheiro Luís Mendes Ribeiro, foi motivo de festa cívica com desfile estudantil

<sup>151</sup> O Liceu Piauiense foi fundado em Oeiras, primeira capital da Província do Piauí, em 1845. Veio para Teresina e foi extinto em 1861. No mesmo local, entre a Praça Landri Sales e a Avenida Campos Sales, no centro da capital, foi inaugurada, em 1865, a Escola Normal, que foi extinta em 1867, reaparecendo o Liceu Piauiense, atualmente Colégio Estadual Zacarias de Góis.

<sup>152</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

Em 1936, o governo transferiu a sede do educandário para o edifício próprio, projetado pela inteligência objetiva de Luis Mendes Ribeiro Gonçalves. Era três de maio, primeiro aniversário da administração governamental de Leônidas Melo. Dia de muita festa cívica. Houve parada, de que participei garboso, peito saliente, como queria o sargento, comandante da tropa estudantil do desfile. Farda engomada, botinas engraxadas. Naquele tempo usava-se uniforme cáqui. O paletó tinha duas lapelas em que se bordavam duas penas brancas, uma de cada lado. Ao final das mangas compridas, as listras horizontais. Nunca me saíram da cabeça as peraltices notáveis da estudantada. Os jornalinhos de críticas e piadas. Os assaltos às bancas de vendedores de frutas no mercado da praça Deodoro. As suspensões rigorosas pelos chamados atos de indisciplina [...] Os processos de pesca nos exames escritos<sup>153</sup>.

A sutileza em lembrar-se dos detalhes e ressignificações espaciais no tempo, a princípio, mostra que o cronista não somente relembra sua trajetória pessoal e a dos outros, mas também é um testemunho das modificações que são realizadas no espaço, o que faz dele um sujeito privilegiado na vontade sempre urgente de lembrar e narrar pessoas e coisas na intenção de compactar o tempo. Ele seria uma espécie de testemunho sensível pela capacidade que carrega em dizer estas transformações, em captar as reminiscências do passado, que lhe chegavam como restos, cacos<sup>154</sup>.

Mas o cronista não somente percebe as transformações urbanas, ele também é um astuto na arte de cotejar sentidos a estas modificações no tempo. Ao interceptar o passado no presente, ele divide com seus leitores suas opiniões sobre as modificações que ocorreram, compactando vários tempos. Quando relembra seu período escolar, faz aparecer uma série de atribuições como “a severidade das provas parciais, os bons mestres [...] e tantos outros sabedores do que ensinavam, eram respeitados, queridos”<sup>155</sup>, contrastando com a situação escolar que vivia no presente, marcada pelos baixos e injustos vencimentos dos professores, fazendo com que vários deles tivessem se afastado da profissão.

Ainda se referindo às dificuldades educacionais das quais era contemporâneo, queixava-se de que a extinção, em 1971, do exame de admissão havia feito com que o curso ginásial tivesse se “primarizado”, pois fazia com que os

<sup>153</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

<sup>154</sup> PESAVENTO, Sandra Jatay. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

<sup>155</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

alunos não necessitassem de nenhum preparo elementar para avançar para as séries seguintes.<sup>156</sup> A falta de bons professores e a relativa facilidade em cursar outros ciclos escolares teria contribuído, segundo suas análises, para uma decadência escolar que era perfeitamente notável no presente, em oposição a sua época de estudante que acreditava ser cheia de benesses com bons professores<sup>157</sup>, colegas dedicados e solidários, além do prazer em publicar com alguns amigos uns “jornalzinhos de críticas e piadas”<sup>158</sup>.

Também destacava neste período a presença de práticas pedagógicas rigorosas como as suspensões aos atos de indisciplina e aqueles cometidos por conta das “pescas” nos exames escritos<sup>159</sup>. Entre os atos de indisciplina cometidos pelos seus colegas, lembrava-se da prática dos mesmos em amarrar um pedaço de espelho no bico da botina e colocar por baixo da saia das garotas na intenção de ver suas calcinhas que, segundo registra, vinham até a metade da coxa e eram abotoadas de lado. Para os “astutos”, contava, que além de boas taponas nos ouvidos dadas pelas suas “vítimas”, não ficavam impunes também a dias de suspensão da escola<sup>160</sup>.

Mas os registros com relação ao período que havia sido aluno do curso ginásial não ficam por aí, ele ainda defendia que os adolescentes e jovens haviam desaprendido a importância da leitura, como acontecia em seu período quando “nas aulas de português, os estudantes conviviam com excelentes textos de prosa e poesia de autores nacionais”<sup>161</sup>. Sentia enorme empolgação em mostrar que sempre fora leitor, no período ginásial, de poetas inteligentes como Dante, dos originais como Shakespeare, daqueles que cantaram as massas populares, principalmente a situação de miséria das prostitutas, como Byron, do nostálgico Edgar Allan Poe e dos brasileiros Gonçalves Dias e Manuel Bandeira<sup>162</sup>.

---

<sup>156</sup> TITO FILHO, A. **Educação**. Jornal O Dia. 18, 19/06/1989 p.2.

<sup>157</sup> Entre os professores que normalmente citava em suas crônicas como bons mestres que haviam ensinado no Liceu, no período que havia cursado o ginásio, destacava: Joaquim Nonato, Martins Napoleão, Domingos Castelo Branco, Fumia Tajra, Benjamin Baptista, Mons. Cícero Portela Nunes, Júlio Antônio Martins Vieira, Edgar Tito, Nógdi Nogueira, entre outros.

<sup>158</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

<sup>159</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

<sup>160</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu**. Jornal O Dia. 30/03/1989 p.4.

<sup>161</sup> TITO FILHO, A. **Educação**. Jornal O Dia. 18, 19/06/1989 p.2.

<sup>162</sup> TITO FILHO, A. **Poesia**. Jornal O Dia. 22/04/1988, p.4.

Os livros e a prática da leitura ganhavam outro espaço bastante destacado pelo cronista – a sala de aula. Para ele, as dificuldades que se apresentavam no presente, eram devidas à ausência do sentimento de amor aos livros, inclusive da prática de leitura realizada nas escolas. Admirava espaços como arquivos e bibliotecas onde os alunos poderiam nutrir-se de valores, mas mostrava-se preocupado que tais espaços não recebiam do poder público nenhuma importância, constituindo-se apenas em “velharias”<sup>163</sup> que em nada acrescentavam ao desenvolvimento cultural.

Para ele, estes espaços de leitura tinham que ser melhores administrados no sentido de incentivar virtudes que somente eram possíveis através do estudo e da inteligência, mas havia perdido a esperança com tais questões e quando soube que a biblioteca Cromwell de Carvalho, em Teresina, encontrava-se em deplorável situação interrogou: “Para que bibliotecas? Melhor que as traças, as baratas e os cupins as destruam, antes que elas ensinem que se destruam as tranquilidades e os gozos perniciosos de uma ordem social baseada no dinheiro”<sup>164</sup>.

Mas não era somente a prática da leitura e algumas experiências escolares que haviam se modificado desde o período que cursou o ginásio no Liceu Piauiense, ele costumava ajuizar que houvera uma significativa perda de consciência de civismo, seja com relação ao amor à língua nacional, seja com relação às comemorações cívicas que passaram a ser apenas um feriado no calendário. Injuriava-se que no presente houvesse necessidade do aluno estudar inglês ou francês, pois isto era uma falta com relação à língua pátria que era deixada de lado. A necessidade de línguas estrangeiras era para ele uma forma de subserviência do Brasil a outros países<sup>165</sup>.

Também tinha certeza que sua experiência como aluno “garboso”, quando houve a comemoração ao primeiro ano de Governo, daquele que viria a ser, em 1937, nomeado interventor por Getúlio Vargas, onde fizera uso de “farda engomada, botinas engraxadas, uniforme cáqui, cujo paletó tinha duas lapelas em que se bordavam duas penas brancas, uma de cada lado, finalizada por mangas

---

<sup>163</sup> TITO FILHO, A. **Algumas anotações**. Jornal O Dia. 11/08/1989, p.4

<sup>164</sup> TITO FILHO, A. **Algumas anotações**. Jornal O Dia. 11/08/1989, p.4

<sup>165</sup> TITO FILHO, A. **As reformas do ensino**. Jornal O Dia. 11/11/1987, p.6.

compridas com listras horizontais<sup>166</sup>, era uma prática cada vez mais distante, em seu lugar havia se desenvolvido um desinteresse geral com relação às comemorações cívicas.

É possível observar que as experiências colegiais foram significativas para o enraizamento de valores que A. Tito Filho desenvolveria tempos depois, quando ocupou cargos públicos como o de professor e diretor do Liceu e Secretário de Educação. Sua memória e experiências vividas no passado não eram somente um simples mecanismo que desencadeava lembranças ou que lhe servia como reflexão; era um dispositivo que lhe auxiliava a ajuizar no presente e balizar suas atitudes. O passado como herança de um tempo glorioso servia como experiência propícia para legitimar o presente incerto e tumultuado. A crença de que o passado guarda a verdade e é capaz de recuperar certa “justeza”, é uma forma de denegrir o presente. Walter Benjamin<sup>167</sup> já alertava para o cuidado com a paixão demasiada ao passado, e a tradição, como forças subversivas que colocam em crise o presente.

A infância e adolescência do cronista são devires que o constituem como sujeito possível de ser dito na linguagem. Suas crônicas autobiográficas lhe instituem um lugar que fazem parecer que sua trajetória pessoal sempre fora de progresso e razão. Sua passagem pela vida é tecida narrativamente como uma forma espirituosa, onde os desvios quase não são vistos, se não fosse a tentativa de olhar para seus resíduos textuais como uma vontade de formular uma imagem de si. Na tentativa de recordar-se do período da infância e da adolescência, é sobre a perda que se refere. São as perdas dos referenciais no presente que fazem com que as reminiscências do cronista busquem construir algumas alternativas que possam suprimir a falta.

A invenção de um tempo e de uma memória é uma forma de situar-se no presente, por isso muitas memórias são fabricadas, pois o passado se apresenta sempre mais bem definido e ostenta uma cenografia impecável,<sup>168</sup> porque o quadro pintado sobre o vivido ou que se imagina ter vivido é sempre melhor e mais fantasioso que o momento atual. O passado é imaginado porque as lembranças não

---

<sup>166</sup> TITO FILHO, A. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.

<sup>167</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987, v.2.

<sup>168</sup> SILVA, Débora Couto. **A danada da nostalgia**. Revista Vida Simples. Jan. Edição 101, 2011, p.16-23.

precisam ser provadas, bastam apenas que sejam socializadas e correspondidas. Por outro lado, ao construir tais passagens no presente o cronista estaria mostrando, contraditoriamente, que o passado é uma alegoria possível de ser inventado e, desta maneira, anuncia-se como algo que poderia ter sido diferente do que foi.

Neste sentido, é bom ficar alerta para pensar o passado como opção pessoal de dizer a verdade capaz de justificar no presente um sistema despótico de seleção, onde algumas pessoas são melhores do que outras por princípios subjetivos que passam a definir o que é bom, ético e aceitável

Ilustrados cidadãos das novas gerações sentaram-se nos bancos escolares do tradicional educandário e hoje desempenham funções destacadas em Teresina e várias cidades brasileiras, nos mais variados setores da vida pública e das atividades profissionais, honrando as tradições espirituais do colégio em que passaram os melhores anos da adolescência e guardaram os princípios da ordem e da consciência bem formada<sup>169</sup>.

Tinha certeza de que seus estudos e suas escolhas iriam lhe ajudar a projetar-se na vida acadêmica, mais tarde, em sua juventude, iria continuar a carreira jurídica de seu pai. Mas isto era apenas um dos caminhos que iria seguir. Com certeza teria projeção na sociedade, mas pensava que isto seria uma consequência quase natural das suas escolhas. Era nisto que acreditava. Mas até realmente vir a ser uma pessoa de prestígio e notoriedade, muitas coisas ainda iriam acontecer: teria que sair de sua cidade, ir fazer os estudos em uma cidade do porte do Rio de Janeiro. Muitas aventuras ainda o aguardavam. Teria ainda muitas lembranças para dividir. Mas do que isso teria que construir uma história de si marcada especialmente pela distinção.

---

<sup>169</sup> TITO FILHO, A. **Liceu Piauiense (IV)**. Jornal O Dia, 03/09/1989, p.4.

## Capítulo 4

### *Os fios de Ariadne: A escrita do tempo e a invenção da cidade através das memórias-baús*

*Te avisei que a cidade era um vão!*  
Chico Buarque

Nos discursos que recitava na Academia Piauiense de Letras, nas palestras, nas conversas entre amigos, nos programas radiofônicos, nas crônicas, nas entrevistas, nos prefácios, nas dedicatórias, nas cartas enviadas para sua rede de afetividades, sempre privilegiava um ente querido – a cidade de *Teresina*. Ela se equilibrava entre um profundo sentimento de eterna saudade e uma vontade quase tirânica de torná-la sua. A cidade para ele tinha vida, alma, jeito próprio que contribuía para tornar inconfundíveis seus encantos<sup>170</sup>. Era um conhecido namorador-mor da cidade<sup>171</sup>, que havia escrito sobre sua singeleza, delicadeza, amabilidade, e também sobre suas transformações ao longo do tempo, onde nem tudo havia permanecido no recato que desejara.

Seu amor por Teresina somente dividia com o carinho que sentia por duas outras cidades interioranas, que tinham refúgio em suas lembranças: a da infância (Peixe) e da adolescência (Porto). Citou em vários momentos os versos de autoria de Nei da Silva, que proclamava “como eu vos quero, minha Teresina, no presídio sem fim desta saudade”<sup>172</sup>. Ressaltei em trabalho dissertativo<sup>173</sup> que existe um enorme saudosismo pululante na escrita literária sobre Teresina, vários poetas, cronistas, romancistas, exaltam uma profunda nostalgia e melancolia<sup>174</sup> da cidade que existia e que não existe mais no presente, ou seja, há uma espécie de cidade literária subterrânea que não aceita ou não disfarça a saudade da cidade da

<sup>170</sup> TITO FILHO, A. **Cidades**. Jornal O Dia, 10/07/1988, p.4.

<sup>171</sup> Expressão utilizada por Francisco Miguel de Moura, em carta, após o falecimento de A.Tito Filho. Jornal O Dia, 27/07/1992.

<sup>172</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: Editora COMEPI, 2002, p.72.

<sup>173</sup> BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Cotidiano, narrativa e representação na Teresina dos meados do século XX**. Dissertação apresentada no Programa de Mestrado da Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2006.

<sup>174</sup> Refiro-me a expressão *nostalgia* como a saudade daquilo que vivi, ao contrário, da expressão *melancolia*, que trata sobre a saudade daquilo que não vivi. ver: CONY. Carlos Heitor. **Álvares de Azevedo: o amante da morte**. Revista Brasileira. abril. maio. junho. Ano IX. nº35, 2003.

memória. Afonso Ligório<sup>175</sup>, quando veio a Teresina por conta de seu assento na Academia Piauiense de Letras, mostrou-se nostálgico de sua cidade da infância, que ainda podia ser vista sob os poucos quadrados do antigo traçado da cidade, no formato de tabuleiro de xadrez<sup>176</sup>. Sob os escombros da memória surgia uma cidade vertical, que em nada lembrava seu tempo de calças curtas pelas ruas da cidade.

A saudade que Pablo Neruda<sup>177</sup> definia como sendo uma forma de solidão acompanhada, ou ainda, como Mário Quintana<sup>178</sup> via como sendo aquilo que faz as coisas pararem no tempo, parece ter feito parte das sensibilidades daqueles que escreveram sobre Teresina<sup>179</sup>, principalmente aquela que havia se desenvolvido nos quadrados centrais, onde a cidade havia erguido seus principais monumentos públicos e as ruas retas cruzavam-se com esquinas conhecidas de casarões suntuosos, onde a população quase toda se encontrava para longas rodas de bate-papos nas calçadas, nas praças, nos alegres saraus realizados nas residências e nas comemorações literárias e cívicas onde aconteciam palestras, conferências, reuniões ou ainda nas novenas realizadas pela Igreja.

Mas esta cidade provinciana, que existia como reminiscência nas veredas da memória, principalmente daqueles que haviam deixado-a por vários motivos:

<sup>175</sup> Afonso Ligório Pires de Carvalho nasceu em Luzilândia (PI). Passou a meninice e parte da adolescência em Teresina. Foi jornalista e bacharel em Direito. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Piauiense de Letras, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia Pernambucana de Letras (sócio correspondente). A crônica que cito encontra-se em: CARVALHO, Afonso Ligório Pires de. **Para sempre como antigamente**. Teresina. Revista Presença. nº30. 2003, p.33. Outras obras do autor: Só esta vez (contos; 1987); Tempos de Leônidas Mello (ensaio; 1994); Outros Tempos, (biografia, 2002).

<sup>176</sup> A planta original de Teresina foi desenhada sob a forma de um *tabuleiro de xadrez*. Este formato adequava-se, no final do Século XIX, ao ideal cosmopolita europeu de salubridade, centralidade e mobilidade. Sobre este assunto ver, por exemplo, LEPETIT, Bernard. Das capitais às praças centrais: mobilidade e centralidade no pensamento econômico francês. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos**. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 41-64.

<sup>177</sup> NERUDA, Pablo. **Poesías: Las piedras de Chile**. Buenos Aires: Losada, 1960.

<sup>178</sup> QUINTANA, Mário. **Antologia Poética** - Porto Alegre, L&PM, 1997.

<sup>179</sup> Percebi ao longo da pesquisa e da escrita da minha dissertação de Mestrado, intitulada "Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos Meados do Século XX", a existência de uma enorme ressonância, por parte da literatura local, em utilizar-se da saudade como sentimento que serve para dizer uma Teresina que existia e que não existe mais no presente. Esse sentimento é tão agudo que se observa quase uma demonização da cidade do presente, pois essa escapa aos padrões da cidade do passado, da cidade da infância, da cidade da memória. Teresina agoniza em tristeza através da escrita daqueles que mais escreveram sobre ela – seus poetas, cronistas e romancistas. Esta perturbação pode ser devida a uma dificuldade encontrada em viver o presente como uma instância que tenta perceber como o passado foi criado, concebido. Se se vivesse o presente como uma instância onde se dilatam as vivências, as expectativas, talvez abreviassem as angústias com relação ao passado.

estudo, trabalho, casamento, mudança de residência, doença, entre outros, somente podia ser consumida como ausência através de uma presença, pois concordo com Clarice Lispector<sup>180</sup>, quando sugere que a saudade é uma vontade profunda de comer a presença. Mas como “comer” a presença de uma saudade? A literatura piauiense com suas sinuosidades e dobras para fora foi capaz de exteriorizar uma profunda nostalgia e melancolia materializada em palavras, posso dizer que a ausência da cidade com “ares provincianos” foi consumida pelo ato da escrita; este foi o instrumento utilizado para “comer” a saudade.

A.Tito Filho era um profundo nostálgico de sua cidade do passado, principalmente aquela que adotou como sendo sua *cidade amada*. Nada passava despercebido pelas suas lembranças: as frutas doces dos quintais; os regatos que pulava com suas pernas rápidas; os saborosos sorvetes de gelo raspado; os bolos e pastéis que consumia no comércio do português Manuel Madeira; os “assaltos” às residências, antes das comemorações de carnaval. Também tinha imensa melancolia dos espaços e das sociabilidades que apenas ouvira falar ou lera sobre sua cidade amada, que não havia presenciado, como os passeios à Livraria Econômica, na rua Paissandu, que vendia gravatas, leques, botinas, chapéus, lãs, chitas, vinhos, doces, biscoitos, queijos, inclusive livros, papel, pastas e objetos de fantasia<sup>181</sup>, ou ainda, nos dias de visita importante na cidade, como a vinda do presidente Afonso Pena, em 1906, quando a população em polvorosa dividiu-se na aquisição de ternos brancos engomados, sapatos engraxados, gravatas bonitas, vestidos e perfumes afrancesados<sup>182</sup>.

Suas memórias-baús espacializavam-se em suas narrativas, elas eram virtualmente forças que ora o empurravam para o passado, ora consumiam seu presente sempre que se tornavam urgentes em aparecer através da escrita. As narrativas sobre a cidade do seu passado ou sobre a cidade do passado de alguém, eram uma forma de exorcizar seus demônios, de mostrar que o passado, como instância segura e conhecida, era melhor que o presente sempre caótico e intranquilo. Lembrava-se de episódios que, com o tempo, haviam ganho a conotação de pitorescos, como a chegada, em 1933, de três aviões, tipo teco-teco,

<sup>180</sup> LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

<sup>181</sup> TITO FILHO, A. **Gente Corajosa**. Jornal O Dia 28/11/1987, p.4.

<sup>182</sup> NUNES, Manoel Paulo. **A. Tito Filho**: cronista da cidade amada. Teresina: Prefeitura Municipal. p.35.

que buscavam pousar em Teresina e, ao chegarem, por volta das onze horas, horário do almoço, teriam provocado sobressaltos à população, que deixou seu ritual alimentar para sair correndo pelas ruas, pedindo a proteção de Deus, bem como aqueles que se encontravam tomando banho, prática comum antes das refeições, que teriam saído nus e ensaboados pelas vias públicas<sup>183</sup>.

Aliás, as *ruas* não eram somente locais de encontros ou lugares de “refúgio” em momentos de sobressalto, elas eram quase uma instituição sagrada da cidade provinciana. A.Tito Filho era conhecido pela defesa da ideia de que as novas denominações das ruas tinham tirado a singeleza dos antigos nomes, como rua do Bacuri, rua Larga, rua Nova, rua da Feira, rua das Flores, rua do Fogo, rua da Palma, rua do Pequizeiro, rua da Glória, rua Bela, rua Grande<sup>184</sup>. Estas vias, com seus nomes impregnados de cotidiano, eram passagens no tempo, que serviam para lembrá-lo de suas traquinagens de menino, quando corria solto pelas ruas, pisando nos regatos que encontrava ao longo delas, ao abrigo da sombra das mangueiras e dos oitizeiros espalhados em abundância pelas ruas da cidade.

As ruas também desembocavam em zonas que eram proibidas para “garotos do seu tope”, que se tornaram, com o tempo, um lugar de divertimento garantido. A zona de prostituição, ocorria ao longo da rua Paissandu, perto da beira do rio Parnaíba, onde durante a noite, era possível perceber o movimento de mulheres que aguardavam seus clientes, entre o som proveniente das músicas que vinham de alguns badalados cabarés da época e as costumeiras bebedeiras. Embora esta zona continuasse existindo, mesmo quando já era adulto, recordava-se dela como espaço noturno do passado que fora capaz de reunir uma diversidade de grupos como “estudantes, comerciários, professores, magistrados, servidores públicos, comerciantes, militares, pobres e ricos”<sup>185</sup>.

Com o tempo, a transformação dos lazeres noturnos tinha perdido, segundo o cronista, seu divertimento e a função de reunir poetas, jornalistas, políticos, juristas, para uma boa conversa, um trago, uma dança e, às vezes, a visita acompanhada aos quartos arrumados com cama e penteadeira. Acreditava que os

---

<sup>183</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p.74.

<sup>184</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p. 20-21.

<sup>185</sup> TITO FILHO, A. **Evolução**. Jornal O Dia, 19/11/1987, p.5.

recentes espaços noturnos surgidos, a exemplo das boates e dos motéis<sup>186</sup>, tinham contribuído para artificializar o encontro que era realizado nas ruas, principalmente na zona de meretrício. Suas impressões sobre este lugar dão testemunho de suas andanças pela região

Dança-se e bebe-se muito antes do pecado final. Pistões derramam sons estridentes repetindo sambas de amor e recontando a ingratidão dos homens e mulheres. Boêmios, cafetinas, gigolôs se misturavam e se baralhavam. Um saxofone vomita a dolência de músicas que falam de amor. Cantores mambembes arrancam do peito versos de saudade de outros tempos. Ébrios cambaleiam. As meninas sentadas nos batentes, postadas nas esquinas, convocam, mas quase sempre são desprezadas. As mais felizes se *casam* na mesa da bebida e no aconchego dos quartos mal iluminados, ainda que por alguns instantes<sup>187</sup>.

Sons, instrumentos musicais, barulhos, andanças, saudades, desprezos, aconchegos, servem como referenciais sensíveis que tentam cartografar espaços da memória, que existem como intensidade. A rua Paissandu, conhecida por sua zona de meretrício, é reconhecida em suas lembranças a partir de sonoridades e sensibilidades que são evocadas pela memória. Assim como o pintor retira do mundo invisível sua tela, o cronista permite ver através das palavras suas imagens subjetivas da cidade. Esta forma de “ruminação do mundo”<sup>188</sup> é capaz de extrair dimensões da vida, pois assim como o pintor, o literato, para expressar o mundo precisa dos seus sentidos, do seu corpo para fazer a transubstanciação, pois “tudo o que vejo por princípio está ao meu alcance, pelo menos ao alcance de meu olhar, assinalado no mapa do *eu posso*”<sup>189</sup>.

Este olhar mais do que propriamente o ato de ver algo ou alguém é um processo de “ruminação”, no sentido de que o que vem à tona, como resultado, é uma forma “amadurecida” de interpretação, no sentido do que é mediado pelo corpo, pelas andanças do cronista, suas deambulações, suas perspectivas, e por que não dizer, por suas experiências do ver no tempo. O olho que vê está no corpo que sente, ou ainda, o olho que sente está no corpo que vê, pois o olho é “aquilo

<sup>186</sup> TITO FILHO, A. **Evolução**. Jornal O Dia, 19/11/1987, p.5.

<sup>187</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p. 54.

<sup>188</sup> A expressão *ruminação do mundo* refere-se à forma como o pintor, para expressar o mundo necessita da força do ver, da força do pintar, da obstinação em inventar um mundo. ver: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac&Naif, 2004.

<sup>189</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac&Naif, 2004, p.16.

que foi sensibilizado por certo impacto do mundo e o restitui ao visível pelos traços da mão”<sup>190</sup>. E os traços realizados pela mão dão conta de palavras que criam passagens responsáveis por inventar cidades.

Para os referenciais corpóreos do cronista, a rua ou aquilo que suas experiências sensíveis tinham instituído como tal “já não podia ser vadiada a pé ou de bicicleta”<sup>191</sup>, como fazia nos seus tempos de menino. A rua tinha se tornado uma brevidade de saudade, era sob elas que construía seus roteiros sentimentais. Além da zona de prostituição, lembrava-se também das ruas em torno da *Praça Rio Branco*, coração comercial de Teresina, onde as pessoas trocavam alguns dedos de prosa e acrescentavam às conversas uns “aumentozinhos maledicentes”<sup>192</sup>.

Desejava ter assistido, em 1910, à inauguração do ajardinamento da praça Uruguaiana, depois Rio Branco que, após dois anos, recebia luz elétrica, e se tornara local das retretas, dos passeios de moças e rapazes, e, com correr dos anos, havia se beneficiado da fama e da frequência do cinema “Olímpia”, e da pujança do Bar Carvalho, local onde se reunia a “elite da época para sorvetes e chocolates, depois das diversões noturnas”<sup>193</sup>.

Costumava recordar-se com certa nostalgia do cinema “Olímpia”, onde ocorria aquilo que denominou de “sessões chiques” que aconteciam diariamente, a partir das vinte horas. Segundo ele, as sessões aos domingos “eram disputadíssimas e frequentadas pelas senhoras de “alta-roda acompanhadas pelos maridos engravatados que lotavam a sala para exibição de aplaudidos filmes mudos”<sup>194</sup>. Na segunda-feira o público modificava-se e a paisagem se tornava mais feminina, pois o cinema oferecia entrada gratuita às normalistas que estivessem fardadas, isto fazia com que as sessões ficassem lotadas de rapazes. Somente, em 1933, os irmãos Alfredo e Miguel Ferreira trouxeram para a cidade filmes falados, exibindo o filme norte-americano “Doce como Mel”, com Nancy Carell, que tanto ficou na saudade do cronista<sup>195</sup>.

<sup>190</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac&Naif, 2004, p. 20.

<sup>191</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p. 24.

<sup>192</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p. 49.

<sup>193</sup> TITO FILHO, A. **Integração cultural**. Jornal O Dia, 06/03/1990, p.4.

<sup>194</sup> TITO FILHO, A. **Cinema**. Jornal O Dia, 18/05/1988, p.4.

<sup>195</sup> TITO FILHO, A. **Cinema**. Jornal O Dia, 18/05/1988, p.4.

Em suas pesquisas realizadas no jornal *O Tempo*, sobre este episódio da história do cinema em Teresina, havia lido que esta primeira sessão de filme falado assim tinha figurado na notícia: “[...] não reproduz a voz humana com perfeita fidelidade. Tem o som metálico de produção de vitrola, era falado em inglês, com letreiros em português, superpostos às imagens”<sup>196</sup>. A pesquisa que realizava em acervos de bibliotecas e arquivos públicos sobre acontecimentos sociais e culturais da cidade auxiliava-o, muitas vezes, na construção de suas próprias memórias, seja como documentos que a justificavam e oficializavam, seja como poderosos mecanismos que dinamizavam suas reminiscências e o ajudavam na construção de suas memórias.

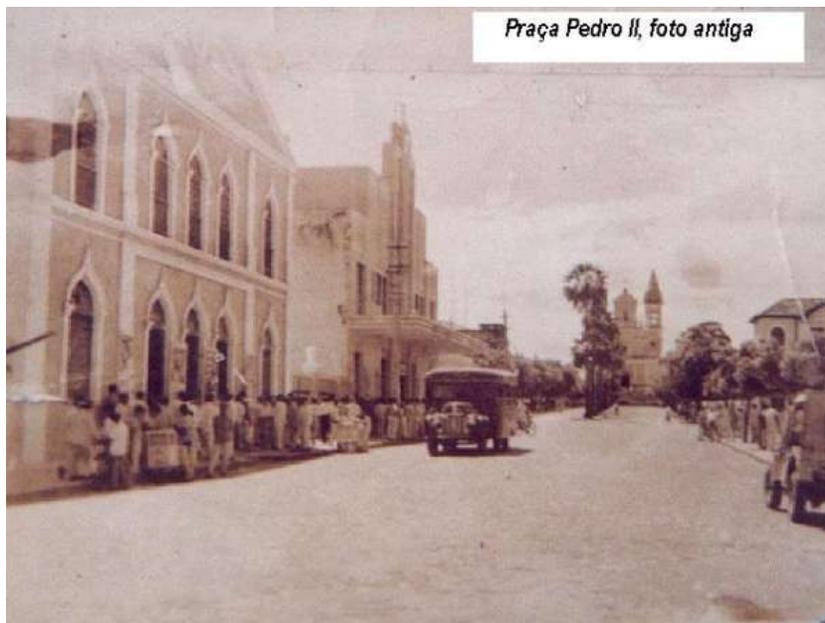
Percebe-se o movimento destas “artimanhas” em sua obra *Praça Aquidabã, sem número* (1975), referindo-se ao endereço do *Teatro 4 de Setembro*<sup>197</sup>, na antiga praça Aquidabã, depois denominada de Pedro II. Ao pesquisar e escrever sobre os principais fatos e apresentações teatrais que marcaram este espaço por vários decênios, por conta de sua reinauguração, em 1975, elucidou que a temática fazia com que se lembrasse de suas participações, em 1933, quando iniciou sua frequência ao cinema que funcionava nas dependências do Teatro. Era fã dos famosos seriados do filme de Tarzan, do emocionante filme “O conde de Monte Cristo” (1934), baseado na obra de Alexandre Dumas, além das engraçadas comédias “O Gordo e o Magro”, como a longa metragem *Filhos do Deserto* (1933). Mas recordava-se principalmente de que, em alguns momentos, quando lhe faltavam os tostões para pagar sua entrada, por ter feito alguma estripulia em casa, logo se transformava em um dos muitos “moleques”<sup>198</sup> que praticavam a arte de *varar* o cinema.

<sup>196</sup> TITO FILHO, A. **Praça Aquidabã, sem número**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975, p.92.

<sup>197</sup> Foi construído entre 1890 e 1894, com projeto do engenheiro alemão Alfredo Mondrake. Edifício eclético, que incorpora elementos Greco-romanos e da arquitetura portuguesa. Situado na Praça Pedro II, é o principal teatro do Estado. Sobre sua idealização assim registrou A.Tito Filho(1989) “Em 4 de Setembro de 1889, senhoras de Teresina, à frente Dona Lavínia Fonseca, estiveram no Palácio do Governo, na Praça da Constituição, hoje Deodoro, e pediram que o presidente da Província construísse um teatro condigno para o desenvolvimento artístico da capital. Desapareceu o regular Teatro Santa Teresa, e o Teatro Concórdia, desconfortável, já não preenchia as suas finalidades. O chefe do Governo assegura que construiria a solicitada casa de diversões e para isso logo destinou trinta contos de réis ao empreendimento, sugerindo que o edifício futuro se denominasse Teatro 4 de Setembro”. ver: TITO FILHO, A. **4 de Setembro**. Jornal O Dia, 04/03/1989, p.4.

<sup>198</sup> A expressão *moleque* referia-se a uma antiga denominação que os jornais de Teresina, no final do século XIX, já adotavam com relação àqueles que praticavam “maus hábitos”, que envergonhavam o público requintado que assistiam às sessões no Teatro 4 de Setembro. Entre

Imagem 07: Av. Antonino Freire. Em destaque no primeiro plano o Teatro 4 de Setembro, espaço privilegiado das lembranças juvenis do cronista.



Fonte: istoepiaui.blogspot.com/

A arte consistia em saltar a grade de ferro que dava acesso ao Teatro e chegar à área arborizada, nas dependências do mesmo. Daí saltava-se para a parede lateral e subia-se com a ajuda das saliências que existiam na parede até alcançar as janelas do andar superior, que eram sempre abertas devido à necessidade de ventilação do ambiente interno, então facilmente se transpunha a grade e finalmente era possível assistir, sem pagar, às sessões de cinema de filmes como: “Delírio de Amor”(1934); “Idílio Amargo” (1934); “O fantasma de Paris”(1934); “Escândalos Romanos” (1935); “Rasputine, a Imperatriz”(1935), entre outros<sup>199</sup>.

Mas nem sempre a arte de *varar* o cinema dava certo. Quando pegos, a punição para os “moleques” era a expulsão imediata do local. Mas, algumas vezes, era possível escapar a esta infração, como narrou nosso cronista

Eu tinha madrinha de excelsa bondade, justamente a madrinha que se encarregava, alguns instantes, da porta de entrada dos freqüentadores – D. Farisa, esposo de Alfredo Ferreira, coração de afeto e de virtude. Pois

---

estes “maus hábitos”, a historiadora Teresinha Queiroz (2006) apontou: gritos, vaias, aplausos fora do lugar e da hora, brigas, quebra-quebras, gestos e frases indecorosas. Ver: QUEIROZ, Teresinha. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

<sup>199</sup> TITO FILHO, A. **Praça Aquidabã, sem número**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975, p.18.

quando me surpreendiam em variação e me levavam à saída, D. Farisa, quase a piscar-me um dos olhos, atestava – Esse não. Pagou a entrada. Eu vi.<sup>200</sup>

Mas não eram somente filmes que eram exibidos no Theatro 4 de Setembro, nele havia apresentações teatrais, conferências, palestras, cantos, execuções musicais, festivais artísticos e cívicos, banquetes, comícios políticos, espetáculos variados (dramas, comédias, ilusionismos), escolha de misses, bailes carnavalescos, e até, apresentações de luta de boxe. Todo este movimento foi alternado em dias de esplendor e decadência que se alinhavaram em sua história. A. Tito Filho via este espaço como propício às atividades intelectuais, como reuniões e solenidades literárias, a exemplo da homenagem ao cinquentenário da Academia Piauiense de Letras, em dezembro de 1967, quando a então secretário geral desta instituição, programou para a solenidade a encenação da peça “Veredicto”, de Santana e Silva.

Nas proximidades do Teatro encontrava-se outro espaço bastante querido do cronista - o Clube dos Diários<sup>201</sup> que, desde 1922, atraía o teresinense para as suas reuniões dançantes. Tornou-se essa sociedade recreativa um centro social de intensa atividade, com festas que ficaram na memória de alguns teresinenses, principalmente do cronista, que sempre foi um saudosista destas comemorações e dos encontros que ocorreram neste espaço

muitos namoros, noivados e casamentos tiveram início nos seus salões. Homenagens a políticos, banquetes, recepções ainda hoje estão na lembrança da cidade. Carnavais formidáveis vivem na recordação permanente de velhos foliões. Ali se realizaram conferências literárias e posses acadêmicas aclamadíssimas. Eleições de misses<sup>202</sup>.

<sup>200</sup> TITO FILHO, A. **Praça Aquidabã, sem número**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975, p.19.

<sup>201</sup> Construção eclética de 1922. Sua fachada é simétrica, com amplas janelas e colunas no estilo coríntio. Sua cobertura foi feita com telhas francesas do tipo *chalet*. Foi tombado pelo Decreto nº 6.152, de 03/01/1985. Localizado, em Teresina, no cruzamento das ruas Álvaro Mendes e 13 de Maio.

<sup>202</sup> TITO FILHO, A. **O velho clube**. Jornal O Dia, 19/06/1988, p.4.

Entre estas atividades festivas, aquela que o cronista não esquecia eram os famosos bailes de carnaval, que ocorreram nas dependências deste Clube. Lembrava-se de uma marchinha cantada no carnaval, de 1935, denominada “Cadê a fantasia”, composta por Moura Rego<sup>203</sup>, e cantarolada nos animados matutinos do clube, onde animados foliões, vestidos com suas fantasias, entoavam alegremente “[...] *cadê a fantasia que eu comprei laiá, com tanto sacrifício e você não quis usar. Cadê o grande amor que me dedicava, eu acho que acabou, quando eu não esperava*”<sup>204</sup>. Em oposição a estes bailes familiares, que ocorriam nas dependências deste espaço, recordava-se também da “multidão na Praça Rio Branco, onde se brincava de confete, lança-perfume e talco. Também na Praça João Luís Ferreira<sup>205</sup> houve batalhas entre blocos, animadas pelo jazz do 25º Batalhão de Caçadores”<sup>206</sup>.

<sup>203</sup> Raimundo de Moura Rego nasceu em Matões (MA), 1911 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1988. Foi Contador, Bacharel em Direito. Professor da antiga Escola Industrial. Inspetor Federal do ensino. Inspetor fiscal do Imposto de Consumo. Advogado. Em Teresina dirigiu a revista “*Garota*”, de feição literária, e participou de vários movimentos intelectuais de jovens, como Arcádia dos Novos e Cenáculo Piauiense de Letras - colaborando nas revistas e jornais representativos desses movimentos e agremiações, com Odilo Costa, filho, Anísio e Wagner de Abreu Cavalcante, Viana Filho, Jacob Martins, Emílio Costa, Clemente Fortes, Firmino Paz e outros. Ainda foi bastante conhecido por suas atividades musicais. Sobre essas A.Tito Filho ressaltou “Músico, deu concertos de flauta, violão e violino. Especializando-se neste último instrumento, fez-se aplaudir em inúmeros recitais realizados não só em Teresina como em Fortaleza e São Luis do Maranhão. Continuou no Rio tocando violino em reuniões familiares com outros amadores. Em Teresina, foi uma espécie de introdutor de todos os artistas que a visitaram, especialmente na década de 40, recebendo-os, apresentando-os em público e cooperando com eles na execução dos respectivos programas. Exerceu a crítica de arte nos jornais “*Vanguarda*” e “*Diário Oficial*”. Em 1941 realizou, com Antilhon Ribeiro Soares, a opereta “*Uma noite do Oriente*”, levada a efeito, com sucesso, primeiro no auditório do Liceu Piauiense e depois no Teatro 4 de Setembro, sendo autor dos versos da maioria das músicas apresentadas e, além de violinista, regente do conjunto orquestral por ele mesmo organizado com amadores locais e músicos das bandas da Polícia e do Exército”. TITO FILHO, A. **Moura Rêgo**. Jornal O Dia, 12/03/1988, p.4.

<sup>204</sup> Um dos quadrinhos da marchinha “Cadê a fantasia”, composta por Raimundo de Moura Rego, em 1935. O compositor era advogado, poeta e Membro da Academia Piauiense de Letras. ver TITO FILHO, A. **Carnavais de Teresina: (1852-1952)**. Teresina: COMEPI, 1978.

<sup>205</sup> Essa praça foi uma homenagem ao Governador do Estado João Luis Ferreira (1920-1924). Atualmente além da existência de árvores frondosas e de alguns postes de ferro ornamentais, existem em seu entorno vários casarões que remontam à primeira metade do Século XX. Fica na confluência da Rua David Caldas, Eliseu Martins, Álvaro Mendes e Gabriel Ferreira.

<sup>206</sup> TITO FILHO, A. **Velhos carnavais**. Jornal O Dia, 02/02/1989, p.4.

Imagem 08: Clube dos Diários



Fonte: [www.teresinapanoramica.com/](http://www.teresinapanoramica.com/)

As agitações e os bailes carnavalescos no Clube dos Diários causavam entusiasmos que agitavam alguns dias antes os principais jornais da cidade, que publicavam disputas entre os blocos carnavalescos com piadas, insinuações e charges. No baile de 1934, segundo as pesquisas de A.Tito Filho, realizada, em 1977, houve a participação dos blocos: Casados, Farristas, Amarrados, Jardineiras, Rosas, Escravas do Amor, Matutas Alinhadas, Cartolinhas, além de dois blocos compostos somente de rapazes: I Love You e Prontos<sup>207</sup>. O Bloco dos Amarrados, compostos somente por homens casados publicou no jornal, em 1935, as seguintes quadrinhas, assinadas pelo pseudônimo Capeta<sup>208</sup>

O carnaval deste ano vai ser mesmo papileiro,  
O Sotero, Jarbas, Mano, vão bancar rapaz solteiro.  
[...]

Rapaz velho, espertalhão, mesmo sendo vacinado  
Se sair neste cordão, não há jeito: vai pegado!

O Gesteira solteirão, já mandou nos avisar:  
Entrará neste cordão, pois quer mesmo se casar!

Quem tiver mulher zangada, ciumenta, barulhenta,  
Deixe em casa ela trancada, mas não falte a brincadeira!  
[...]

Daniel, Tote, Ademar, vão ser chefes de campanha!  
Quem na farra não entrar, não tenha dúvida que apanha!

<sup>207</sup> TITO FILHO, A. **Carnavais de Teresina: (1852-1952)**. Teresina: COMEPI, 1978, p.31.

<sup>208</sup> TITO FILHO, A. **Carnavais de Teresina: (1852-1952)**. Teresina: COMEPI, 1978, p.34-36.

[...]

O Fernando, O Vieirinha, acham bem se convidar  
Dez morenas bonitinhas, pra também se variar!

Adeus, mulher, anjo amado! Temos sede, temos fome!  
Animal mesmo peado, também bebe, também come!

O uso de quadrinhas servia como disputa entre os blocos ou mesmo como brincadeiras entre os integrantes dos mesmos, demonstrando que a maioria dos participantes eram conhecidos e já faziam parte, por algum tempo, da composição dos mesmos. O clima de irreverência que antecedia os dias de carnaval era visível tanto na confecção dos jornais que circulavam internamente nos clubes ou nas sociedades carnavalescas, como nos jornais externos que publicavam “brincadeiras”, tanto com conotações pejorativas, como com a intenção de provocar competição entre os grupos. Esta prática oportunizou, tempos depois, a criação do jornal *O Pirralho* (1952), dirigido por Alberoni Lemos, redigido por A. Tito Filho e Valdemar Sandes. No carnaval deste período, o jornal humorístico exibiu críticas ao então governador eleito, Pedro Freitas, que havia disputado as eleições com Eurípedes Clementino de Aguiar.

O jornal utilizou uma caricatura desenhada por Ubiratan, representando o governador eleito com botas, calça rasgada e remendada, usando chapéu de palha e uma foice. A “urbanidade” do vestuário ficava por conta de um paletó que utilizava sob uma camisa de botões. A caricatura tinha a intenção de provocar risos nos leitores porque Pedro Freitas não era formado e exercia a profissão de comerciante e criador, tornando-o um alvo perfeito de críticas, já que os intelectuais em questão haviam defendido a candidatura de Eurípedes de Aguiar, que era médico e jornalista. O uso de estereótipos era uma constante neste jornal “carnavalesco”, onde se pode inferir que a utilização dos mesmos era necessária já que o humor faz uso desta redução de sentido em virtude de uma concentração de significados historicamente acumulados, que sintetiza certo “acordo” com a memória coletiva<sup>209</sup>.

---

<sup>209</sup> Sobre as relações entre *humor e estereótipos*, ver: SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

Além da caricatura, os poemas escritos por A.Tito Filho, realçavam ainda mais os aspectos considerados “rurais” de Pedro Freitas, ao escrever versos utilizando um linguajar tipo caboclo

Sem sê um cabra istudado, passei us pé nus doutô,  
Pois meu premêro deploma, foi u de gurvernadô!

Assim com cara de pato, foi que vinci Oripão,  
Mandei pras fava os Pacheco e fiz as pazes com Janjão.

Pra gurverná num prciso, sê um isprito inlustrado,  
Aprendi vendo u inzemplo du doutô Rocha Furtado<sup>210</sup>.

Os versos além de debocharem de Pedro Freitas, ainda se referiam ao “perigo” deste em realizar um mandato semelhante ao governo anterior de Rocha Furtado (1947-1951), que foi muito criticado na imprensa como uma má administração, devido às sucessivas crises econômicas verificadas no período do seu mandato. A utilização de uma escrita anárquica em relação à tida como correta, era uma das maneiras de colocar em suspeita a imagem do então governador eleito, pois os jornalistas sabiam que uso da linguagem efêmera, casual, circunstancial ao fato, era uma das possibilidades de rechaçar pessoas e ideias, tornando-as jocosas e contingentemente risíveis.

A. Tito Filho, além da poesia inventou uma entrevista imaginária a Pedro Freitas, publicada em outra edição do jornal *O Pirralho*, onde o “entrevistador” realizava vários questionamentos ao “entrevistado”, versando sobre política, educação, problemas urbanos, como de abastecimento de água, transporte e outros. Em um dos questionamentos perguntou sobre o futuro do Piauí, e disse que o “governador” respondeu: - “O futuro do Piauí continua absolutamente intacto, e não é bom mexer em coisa feia”<sup>211</sup>. Ao final da entrevista imaginária o repórter deixa o palácio do Governo ao som do saxofone que o convidava para o carnaval.

É possível perceber algumas relações entre o jornal *O Pirralho*, que tinha como redator A. Tito Filho, e outro jornal de São Paulo, que possuía também a mesma denominação e foi dirigido por Oswald de Andrade. Uma das semelhanças

<sup>210</sup> TITO FILHO, A. **Carnavais de Teresina**: (1852-1952). Teresina: COMEPI, 1978, p.39.

<sup>211</sup> TITO FILHO, A. **Carnavais de Teresina**: (1852-1952). Teresina: COMEPI, 1978, p.42.

consistia no uso de uma linguagem tipo *macarrônica*<sup>212</sup>, que se caracterizava pela mistura de universos linguísticos provenientes tanto dos registros escritos, como dos orais, fazendo uma espécie de deformação linguística ao reproduzir graficamente aquilo que captava foneticamente. Outra característica comum entre os dois jornais era a dimensão cômica para tratar sobre as questões que diziam respeito, sobretudo aos problemas urbanos. Pode-se ressaltar ainda outra característica aos denominados macarrônicos, na sua maioria cronistas, como o forte apego às denominações antigas das ruas de São Paulo.

Embora existam algumas relações entre os dois jornais, *O Pirralho* diz respeito a questões estéticas pontuais no sentido de realçar alguns estereótipos, já o jornal criado por Oswald de Andrade tinha como traço característico a completa anarquia humorística, com base numa desejada instabilidade da língua, com uso de inversões de linguagem e paródias sem preocupações com futuras filiações estéticas, desejosos de efetuarem críticas severas ao cosmopolitismo civilizador, que em nada se aproximava da proposta “carnavalesca” criada por A.Tito Filho e seus amigos, que tinham como objetivo perfilarem defesas políticas, criarem “igrejinhas”, pasteurizarem valores, opiniões, mesmo que se utilizassem em alguns momentos da linguagem tipo macarrônica.

Estas tramas textuais que se dispersam sobre a cidade ajudam a criar um passado narrativizado, ao se transformarem em lugares de memória<sup>213</sup> e criarem um sentimento de pertencimento entre aqueles que socializam estas lembranças. Estes espaços ou as narrativas sobre eles inventam um passado carregado de uma vontade de memória. Neste caso, crônicas, charges, poesias, quadrinhas, narrativas humorísticas, piadas, carregam de sentidos os espaços da cidade e estes são bem ou mal adaptados, assimilados, convertidos em paixões ou totalmente esquecidos, quanto mais estas narrativas são vividas, adaptadas, reformuladas, ou, perdidas pelas gerações. A fabricação dos lugares de memória depende urgentemente da melhor forma de assimilação das estruturas narrativas, que se invertem sobre o passado da cidade.

---

<sup>212</sup> SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.171.

<sup>213</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

Os espaços, quanto mais narrativizados, mais lembrados. Talvez esteja aí a alquimia que transforma os espaços em memória, embora alguns deles existam como materialidade, como símbolos do passado que se invertem no presente; como passagens no tempo, sua prolongação ou não dependem dos registros, das narrativas que lhe conferirão mais ou menos durabilidade, mais ou menos sentidos. As narrativas ajudam a enrijecer os monumentos, ao lhe conferirem passado emotivo, sensibilidades. Posso dizer que os lugares de memória são presenças que ausentam do seu cotidiano aquilo que *já foi*, mas são presentificados pelas lembranças, pelas narrativas, que lhe preenchem os espaços ausentes e lhe possibilitam vida nova em meio aos escombros do tempo.

A. Tito Filho sabia de longas datas que a crônica era um estilo difícil, tanto por penetrar nas sutilezas, no poético, no trágico do cotidiano, como também pela capacidade do cronista em tornar vivo o passado, as coisas, os seres<sup>214</sup>. Acreditava que o cronista via o imperceptível como desejava Balzac, e tinha que buscar motivos no trágico e no risível, naquilo que havia sido desprezado por outros autores, mas tinha se tornado material de grandeza para o cronista<sup>215</sup>. Entendia que o passado da cidade, somente poderia ser aberto pelas brechas da memória, e que uma das formas possíveis de dizê-lo era o uso da crônica como escrita da saudade, além de outras linguagens alternativas como o uso de textos cômicos, colunas jornalísticas, ensaios, textos históricos. Daí que sua cidade era também uma cidade que se equilibrava entre letras e papéis.

Mas sua cidade não era formada apenas pelo que conhecia através das suas pesquisas ou que havia presenciado, ela também ganhava existência a partir de suas leituras, testemunhos escritos e orais de familiares, amigos e conhecidos que lhe informavam sobre o passado. Sua cidade amada também se abria para outras cidades paralelas como a Teresina de Joel de Oliveira<sup>216</sup>, conhecido colecionador de publicações sobre a cidade e sobre seus habitantes. Foi “remexendo” em suas coleções que A. Tito Filho encontrou uma crônica denominada “Quintas e quintais”.

---

<sup>214</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí. 03/12/1971. p.6.

<sup>215</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí. 19/02/1972. p.5.

<sup>216</sup> Joel Genuino de Oliveira ou Job Vial (1906-1969) foi poeta, pesquisador, jornalista e paremiólogo.

A leitura da crônica fez com que se lembrasse das frutas que existiam em abundância pela cidade do passado, como goiaba, cajá, pitomba, carambola, banana, limão, umbu, sapoti, laranja. Entre estas, ainda podia sentir o sabor doce que provinha da laranja mimo-do-céu, pingo-de-ouro, mel-rosa, dos cajus que eram responsáveis por iguarias como a cajuada, a cajuína, o doce, além do pequeno cajuí, que servia para tira-gostos e doces. Mas nada se comparava, segundo o cronista, à variedade das mangas: biquinho, governadora, moscatel, jambo, vovó, espada, vista-alegre, de leite, rosa, lira, de fiapo, manguito-do-correio<sup>217</sup>.

Para o cronista da cidade amada Joel Oliveira, se vivo fosse, decepcionar-se-ia com a escassez que vigorava em Teresina das árvores frutíferas, pois grande parte destas havia sido suplantada pelo uso de machados certos das construtoras, que insistiam em derrubar esta “cidade pomar”, responsável, durante muito tempo, pelas brincadeiras no fundo dos quintais ou nas quintas que se espalhavam ao longo da cidade, onde sempre se descumpriam as ordens de não tirar as frutas dos pés antes que estivessem maduras, e de não subir nas galhas, pois se corria o perigo de cair do alto de suas copas. Proibições quase inúteis diante da vontade de consumir estes espaços.

Este prazer que guardava os quintais parece ter tido entre os literatos uma boa recepção, exemplo foi Durvalino Couto<sup>218</sup>, quando escreveu sobre sua experiência nos quintais de Teresina no período de sua infância

O quintal da minha casa era um universo. Naquele tempo as famílias criavam galinhas e patos e marrecas e porco e carneiro e capote em seus quintais. E um mundo de passarinhos pousava no pé de umbu-cajá, no pé de goiaba, no pé de ata, nas mangueiras sombrias, no pau d'arco, no pé de seriguela e nas bananas indecentes e seus imensos mangarás. Decerto que, por vezes, não era nada agradável pisar em merda de galinha bem entre os dedos, mas rapidamente esfregava-se o pé no tronco cascudo do umbuzeiro e vupt!, voava-se para as galhas mais altas de onde víamos os telhados e os poucos prédios da antiga cidade verde [...] Constato agora que junto com a infância perdida, perdi também os meus quintais. Teresina era verde por causa deles, que foram sendo tragados pela fúria voraz das motoserras e pela frieza quente do concreto, que de aparente não tem nada: é uma brutal realidade afastar minhas lembranças pra bem longe, para “um tempo que ficou pra trás”, como diz a canção do Paulo e do George Mendes.

<sup>217</sup> TITO FILHO, A. **Tempo de frutas**. Jornal O Dia, 12/12/1987, p.4.

<sup>218</sup> COUTO FILHO, Durvalino. Os quintais de nunca mais. Teresina: **CASA Design**, ano I, n. 2, p. 1, 16 jan. Teresina, 2005.

Acredito que A.Tito Filho concordaria que o “universo” de Durvalino Couto já não existia. Talvez o cronista houvesse aprendido que “remexendo” em lembranças se encontra a saudade. Aquilo que vivenciamos somente existe como deformação, se não fosse a vontade de pintá-lo e recriá-lo ao gosto da imaginação e inquietação. A cidade pomar de Joel e o quintal da infância de Durvalino são construções oníricas numa cidade que passou a ser “invadida” por machados e motosserras prontos para construir outras cidades e transformarem em lembranças e narrativas a cidade do passado.

Vivemos entre mundos, entre temporalidades, entre sentidos, que são atualizados no presente, mas que escorregam impreterivelmente de nossas mãos. Para parar o tempo, sentimos saudades de quintas, quintais, ruas, praças, clubes, teatros, e até becos, como registrou o jornalista Alberoni Lemos Filho<sup>219</sup>

O Beco tem cinco bares, uma sapataria, uma relojoaria, três ou quatro escritórios de representação comercial, duas lojas de passarinhos, um depósito de tomates, outro de frutas e um jornal. O Beco tem comerciantes, cambistas, corretores, meninas de todos os tipos para todos os gostos, cachaceiros, oficiais de justiça, agiotas e mais alguns. O Beco tem mais: tem caloteiros, tem filantes de cigarros e cachaça, jornalistas, operários, o Beco tem tudo – o Beco tem alma, tem vida.

Parece até que o Beco é uma entidade à parte, algo com vida independente, alheio ao drama comum dos mortais. Os dramas do Beco são só deles, sem nada a ver com o que se passa no resto da cidade. Assim também são suas alegrias, compartilhadas por todos, por toda essa irmandade que tem no Beco um segundo lar, ou quase isso - e quantos só tem como lar o próprio Beco?

O Beco, descrito pelo jornalista, ficava por trás do Mercado Velho<sup>220</sup>, numa rua em que se vendiam gaiolas e passarinhos. O Beco e o quintal da infância

<sup>219</sup> <http://piauinauta.blogspot.com/2008/08/alberoni-lemos-filho.html>. Acesso 06/04/2011.

<sup>220</sup> Mercado Velho ou Mercado Central São José teve suas instalações iniciadas no século XIX, por volta de 1854, nos primórdios da implantação da própria cidade de Teresina. Tem traços arquitetônicos imponentes, marcados por arcos em sequência e parede de grande espessura. Em crônica suas atividades diárias foram assim retratadas: “Aí de tudo se vende: carnes, peixes, verduras, frutas, sandálias, calças, lamparinas, panelas, louça, mezinhas, beberagens eróticas como a famosa catuaba, pós mágicos. Camelôs propagam cura-tudo, literatura de cordel, alguns cegos recitam lamurientos versos de arrecadar esmolas. E dezenas de restaurantes ao ar livre, com comida feita sob as vistas do freguês, servem os mais variados pratos, sempre apimentados: fritos, sarapatel, buchada, panelada, mão-de-vaca, vísceras. Um arremedo dos mercadões de Fortaleza e Salvador. Um colorido especial à vida da cidade. No mercadão a gente encontra o sujeito que vende maconha, o bicheiro anunciando o milho do jacaré e as mulatas mais

de Durvalino são narrados como entidades que tem alma, vida própria, porque os espaços são registros emotivos responsáveis por oferecerem direção, sentido, assim como os fios de Ariadne, que serviam para guiar seu amado Teseu. Os lugares de memória são entidades porque “são tantas coisas que moram no passado que a escrita se inunda de saudade”<sup>221</sup>, ou, como Mário Quintana percebeu “o passado não reconhece seu lugar: está sempre presente”<sup>222</sup>. Estes dizeres aproximam-se de uma questão central: a saudade insurge no presente, embora as imagens durmam no passado. É o presente que “remexe” no passado, é o instante que abrevia o tempo, é a narrativa que comove, convida, consola, interage com estas sensibilidades.

O Beco cruzava-se com as ruas onde perambulava o cronista ainda jovem, numa dança fantasmagórica do tempo, já que A.Tito Filho quando chegou à Teresina foi morar na rua Lisandro Nogueira (antiga rua da Glória), bem perto do Mercado Velho, como era mais conhecido. Segundo o cronista, neste local vendia-se de quase tudo: “carnes, peixes, verduras, frutas, sandálias, calças, lamparinas, panelas, louças, mezinhas, beberagens eróticas, pós mágicos, [...] literatura de cordel”<sup>223</sup>. Estas coisas que moravam no cotidiano do cronista e da sociedade do qual fazia parte vizinhava-se no tempo ao cotidiano de sapateiros, filantes, corretores, vendedores de passarinhos, caloteiros, meninas desejadas, descritos por Alberoni Filho.

Estas andanças que tinham a rua como teatro eram também praticadas pelo cronista, que na companhia do pai, saboreava cruzar as ruas do centro comercial de Teresina, olhando as lojas que se estendiam como vitrines e que pareciam, aos seus olhos de garoto, cheias de novidades. Além das lojas outros estabelecimentos foram sendo com o tempo incorporadas as suas sociabilidades juvenis e adultas, mas se recordava nitidamente da

primeira concessionária Ford que vendia as famosas máquinas de escrever da marca Remington; a loja de Manoel Tomaz de Oliveira (mais conhecido como casa Dôta), de João de Castro Lima, (Juca Feitosa), cuja loja vendia

---

desconfiadas do mundo, cheirando a brilhantina Flor do Amor. E muito chá-de-burro, o talentoso mucunzá”. TITO FILHO, A. **Teresina – louvação**. Jornal O Dia, 29/01/1990, p.6

<sup>221</sup> REZENDE, Antonio Paulo. <http://www.astuciadeulisses.com.br/index.php/2011/02/17/a-saudade-nao-mede-distancia-mas-a-dor/comment-page-1/#comment-766>. Acesso 06/04/2011.

<sup>222</sup> QUINTANA, Mário. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989, p.102.

<sup>223</sup> TITO FILHO, A. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002. p.50

artigos diversos, inclusive livros de autores portugueses e brasileiros; de Lili Lopes, à frente da Botica do Povo; de Manuel Madeira, português, vendedor de bolos e pastéis (praça Rio Branco), talvez o pioneiro de lancheiras em Teresina - e de vários bares e botequins como o frequentadíssimo Bar Carvalho, de José Carvalho, o Zecão, homem de bem, de muitos amigos, que oferecia, no estabelecimento bilhares, café, sorvete, chocolate e convidativo restaurante sob o comando do espanhol Gumercindo, introdutor de filé de grelha, feito na chapa do fogão na culinária teresinense. Alcançamos o famoso Café Avenida, feito de madeira, na praça Rio Branco. Construiu-se outro, em 1937, de dois andares, amplo, ao lado do Hotel Piauí (Luxor) freqüentado de homens ilustres<sup>224</sup>.

As novidades tinham com o tempo se transformado em lembranças e os espaços em lugares de saudade. A cidade labiríntica não é simplesmente uma invenção de Dédalo, é um registro cartográfico de sentimentos, suas ruas escondem trajetos do tempo, que de outra maneira estariam perdidos se não fosse a vontade de trazê-los à tona. Os lugares traduzem também uma vontade de ordenação, mostrando tendências e sensibilidades presentes na sociedade de uma época, fazendo com que estas imagens perpassem o tempo e sejam responsáveis por uma espécie de “reforço cultural”<sup>225</sup>, capaz de mostrar e fixar modelos de comportamentos e formas de diversão que são tidos como mais apropriados pela ótica dos literatos que tentam cruzar modos, modas, formas de pensar. A escrita de crônicas foi um importante aliado nesta tarefa ao tempo que formula imagens do urbano, apresenta um aspecto transitório do cotidiano, traduzindo-se numa vontade de transformar o passado da cidade em arquitetura, que embora não seja feita de cimento e ferro, tem seu poder de “cartão postal” para as gerações futuras.

Nada passava despercebido pela lente do cronista, até mesmo antigos hábitos e traços culturais são recuperados na intenção de que nada fique perdido, como em sua crônica *Antigamente* onde registrou antigos costumes existentes como o uso dos conhecidos “cargueiros”, puxados por jumentos e responsáveis por carregar água e abastecer as residências, em um tempo onde uma das figuras mais importantes da cidade era o acendedor de lampiões, que consistiam em candeeiros que ficavam no alto do poste de madeira, queimando à base de querosene<sup>226</sup>.

<sup>224</sup> TITO FILHO, A. **Memórias do comércio**. Jornal O Dia, 04/05/12/1988. p.4.

<sup>225</sup> Sobre as relações entre literatura e cidade ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

<sup>226</sup> TITO FILHO, A. **Antigamente**. Jornal O Dia, 15/08/89. p.4.

O acendedor de lampiões, metáfora do tempo, pois carrega consigo a capacidade de descompassar o tempo, iluminando o que antes era apenas natureza, é nesta crônica o personagem principal, talvez porque sua imagem lembrasse um passeio diário pela cidade, mostrando que esta, tal qual os espetáculos de ilusionismo, que o cronista assistia no Teatro 4 de Setembro, quando fazia “contorcionismos” para entrar, é cheia de magias, truques que se escondem nas malhas do tempo e da memória.

O acendedor de lampiões, os cargueiros de água, o próprio cronista, eram testemunhos, no tempo, de outro costume bastante antigo na cidade – a roda de calçada. Esta consistia em uma prática realizada após o pôr do sol ou como era mais conhecida: a “boquinha da noite”, quando os empregados domésticos tinham ordem de colocar as cadeiras na calçada da casa, iluminada pela clareza do luar ou pelas luzes artificiais que foram se impondo com o tempo. Na falta de luminosidade, era comum o uso de velas, candeeiros, que tinham a intenção de iluminar a vida central das rodas de calçada – as conversas que, muitas vezes, apresentavam conteúdos maledicentes e tinham a capacidade de “movimentar-se” pelas ruas da cidade, contribuindo para intrigas e raivas.

A posição geográfica de Teresina, longe do litoral, foi responsável por outra atração nas rodas de calçada – a espera do ventinho que sopraria do litoral e que amenizaria o calor habitual das suas manhãs e tardes. A espera do ventinho, que “chegava” próximo das 21 horas, era regada a animadas conversas entre familiares, vizinhos e passantes, que traziam notícias de vários pontos da cidade. O próprio cronista se dizia um assíduo “frangote que não perdia a rodada de calçada da família, na antiga rua São José, hoje chamada Félix Pacheco”<sup>227</sup>. Conforme suas lembranças, quando se dava o encontro na calçada, seu pai sempre lhe dava umas moedas para comprar uma jarra de vidro de um suco conhecido por “pega-pinto”, que era conhecido pelos seus efeitos benéficos para os rins.

A roda na calçada era uma prática que possuía traços bem interioranos e cumpria algumas funções como: momento de socialização entre o privado e o

---

<sup>227</sup> NUNES, Manoel Paulo. **A. Tito Filho**: cronista da cidade amada. Teresina: Prefeitura Municipal. p.38.

público, com a desculpa da espera do ventinho vindo da Parnaíba<sup>228</sup>, consistia numa espécie de lazer para as crianças (encontro com amigos para brincadeiras e jogos na calçada) e oportunidade de ouvir histórias contadas pelos “mais velhos”, principalmente pelas empregadas domésticas, que narravam histórias tristes, engraçadas e de assombração. Para o cronista, ainda tinha outro sabor, pois se constituía numa oportunidade para uma rápida “fugidinha” já que era encarregado de comprar o suco na rua Rui Barbosa, onde pagava um tostão por cinco copos.

Com o tempo, além do suco “pega-pinto”, o cronista sentiria “saudade do sabor” de outras iguarias ainda presentes em seu paladar, como as deliciosas rebuçadas da Dona Loló, as cocadas da Totonha, a panelada da Luziana, o assado de panela do Filomeno, o cuscuz do João Olegário, os bolos de dona Quequé, os sorvetes do Café Avenida, as empadas do Manuel Português, as mãos de vaca do Doutor, o filé e fígado na grelha feitos por Gumercindo, Guimarães, João Bebé, Ludgero e o auxiliar do Bar Carvalho<sup>229</sup>. Outros pratos ainda agradavam o paladar do cronista como a “saia velha” que consistia em carne de sol assada, desfiada e misturada com cebola e vinagre, a “maria isabel”, que misturava carne de sol a arroz e temperos, o “chouriço”, que consistia de um doce de sangue de porco feito com especiarias, que se comia frio com farinha fina<sup>230</sup>.

Esta variedade de pratos consumidos no passado não o fazia esquecer que sua Teresina do presente quase não dispunha mais de tais alimentos em seus cardápios porque havia se “afrancesado”, tanto nos nomes das comidas como na quantidade servida. Lamentava-se que os restaurantes estavam servindo uns bifeinhos pequenos cobertos de massas e pastas, servidos com molhos que, segundo o cronista, só serviam para provocar os famosos distúrbios intestinais<sup>231</sup>. Para ele não se comia mais em Teresina como antigamente, vivia-se de recordações do tempo em que a cidade tinha restaurantes que serviam uma “boia” decente como o Bar Carvalho, na praça Rio Branco, responsável por ter no seu cardápio um filé de grelha, criado pelo cozinheiro vindo da Espanha. Costumava

---

<sup>228</sup> Município litorâneo localizado no extremo norte do Estado do Piauí, que tem aproximadamente 24 km de litoral.

<sup>229</sup> NUNES, Manoel Paulo. **A. Tito Filho**: cronista da cidade amada. Teresina: Prefeitura Municipal. p.46.

<sup>230</sup> TITO FILHO, A. **Teresina meu amor**. Teresina: COMEPI, 2002, p. 60-62.

<sup>231</sup> TITO FILHO, A. **O Acadêmico**. Jornal O Dia, 21/03/89. p.4.

saborear o filé com farofinha do lado, duas azeitonas e um bocado de ervilhas, e depois, como dizia, era só “morrer com lucro”<sup>232</sup>.

Mas, além do Bar Carvalho, havia outros locais que gostava de frequentar e comer na Teresina de sua memória, como o frege<sup>233</sup> do Jumentinho, localizado por trás do Liceu Piauiense, onde saboreava mão-de-vaca gordurosa após voltar do cabaré no “amiudar do galo”. O prato era quase sempre acompanhado de pirão de farinha. Mas sua cartografia gastronômica ainda incluía o antigo bairro Mafuá<sup>234</sup>, mais precisamente na Biboca<sup>235</sup> do Padim Ciço, onde o diferencial, entre outras coisas, estava na forma como o proprietário escrevia, utilizando várias cedilhas nas palavras e na maneira “errada” como falava. A Biboca, segundo suas recordações, funcionava de tarde em virtude dos farristas que começavam cedinho da manhã, sobretudo nos dias de sábado. Dizia que o espaço era cheio de cachorros sarnentos, que roçavam as pernas e aguardavam o osso lambido dos fregueses<sup>236</sup>.

Mas, descendo, rumo ao centro da cidade, na rua Paissandu, perto da beira do Rio Parnaíba, tinha o estabelecimento da Maricota, “velha rameira aposentada [...], especialista em peixada à base de muita apimentação. Cozinhava numa panela grande de ferro que, segundo o cronista, era “do tempo em que o capeta andou no mundo”<sup>237</sup>. Além dos filés, da mão-de-vaca, da peixada, outro prato muito especial do qual guardava o sabor era a famosa galinha da Júlia, situada no bairro Piçarra<sup>238</sup>, onde as aves eram servidas assadas e acompanhadas de farofa e cheio bastante apimentado. Ainda se lembrava do Restaurante do Dotô,

<sup>232</sup> TITO FILHO, A. **O Acadêmico**. Jornal O Dia, 21/03/89, p.4.

<sup>233</sup> O *frege* referia-se a pontos de alimentação onde se juntavam várias pessoas com o objetivo de beber e comer de forma rápida, durante todo o dia. Entre os “pratos”, era comum a degustação de beijos, fritos, bolos, sarapatéis, paneladas, mãos-de-vaca. Existiam vários espalhados pela cidade.

<sup>234</sup> Um dos bairros mais antigos de Teresina, remonta ao tempo da colocação dos trilhos da Estrada de Ferro, na década de 1920, localizada hoje próximo ao viaduto da Avenida Miguel Rosa. Seu nome faz referência às feiras (*ma foire*) que surgiram em torno da construção da Estrada de Ferro.

<sup>235</sup> A *biboca* era uma expressão depreciativa para bares sem nenhum tipo de requinte, onde o encontro se dava com a intenção do bate-papo, para beber alguns tragos de cachaça, preferencialmente, e de consumir algumas comidas caseiras.

<sup>236</sup> TITO FILHO, A. **O Acadêmico**. Jornal O Dia, 21/03/1989. p.4.

<sup>237</sup> TITO FILHO, A. **O Acadêmico**. Jornal O Dia, 21/03/1989. p.4.

<sup>238</sup> Recebeu esta denominação por causa da existência de grandes jazidas de piçarra encontradas neste espaço. Antigamente era somente um povoado marcado pela presença das casas de palha ou ponto de chegada para quem vinha do interior do Piauí, atravessando o rio Poti. Atualmente é um bairro marcado pelo comércio no ramo da construção, pela existência de um mercado muito conhecido – o Mercado da Piçarra, e pela existência do Hospital Aliança, antigo Casamater.

na rua Eliseu Martins, nas proximidades da praça Rio Branco, especializado na panelada e mão-de-vaca. Antes da refeição, fazia parte do ritual, uns bons tragos de pinga. Mas o restaurante mais frequentado pelo cronista foi o Acadêmico, de propriedade de Pedro Quirino, que servia uma comida variada, cuja particularidade residia, no “acolhimento por quarenta anos, trinta dos quais debitava à comedoria e pagava a conta no último dia do mês”<sup>239</sup>.

Sua memória gastronômica ainda lembrava os dias de festa como o Natal, em que fazia parte do ritual degustar na ceia um peru temperado de véspera, assado nos fornos de barro, acompanhados de farofa feita dos miúdos da própria ave e um bom vinho, além dos doces depois da ceia<sup>240</sup>, como os tradicionais feitos com calda: de mamão com coco, de limão, de cajuí, ambrosia (leite). A comemoração do São João ficava por conta da animação de coisinhas que eram trazidas pelo pai, desde o tempo em que tinha oito anos, como “espanta-coiô, traques, estrelinhas e pistolas”<sup>241</sup>, que faziam sua animação e da garotada, que se fartava ainda com as típicas comidas desta época, como beijus, milho assado e cozido, pés-de-moleque, muncuzá, canjica, pamonha. Ainda tinha a comilança da Semana Santa, após os dias de penitência e jejum, onde se fartavam com o bacalhau, o peixe, a torta de sardinha, o cuscuz, o arroz doce, a abóbora, e tantos outros<sup>242</sup>.

Para Luís Augusto Fischer<sup>243</sup>, todo cronista é um anacrônico, um velho sábio e um marginal, no sentido de ser deslocado, metaforicamente falando. Para o autor, todo cronista precisa considerar as coisas que colhe no cotidiano, e que serão o combustível de sua escrita, como quem as estranha, as olha de longe, de cima, de fora – e, portanto, panoramicamente, como quem pode servir-se da experiência longa para ajuizar sobre o valor das coisas singulares do dia, e do estranhamento radical para enxergar o tamanho relativo das mesmas coisas. O “estranhamento” de A. Tito Filho partia da sua convivência diária com a sua cidade do presente, do reconhecimento de suas mudanças. Para ele a cidade havia se “desespiritualizado”, pois ao invés do afeto, da tranquilidade, existentes na sua cidade da saudade,

<sup>239</sup> TITO FILHO, A. **O Acadêmico**. Jornal O Dia, 21/03/1989. p.4.

<sup>240</sup> TITO FILHO, A. **Natal**. Jornal O Dia, 25/01/1989. p.3.

<sup>241</sup> TITO FILHO, A. **São João**. Jornal O Dia, 26/027/06/1988. p.4.

<sup>242</sup> TITO FILHO, A. **Semana Santa**. Jornal O Dia, 28/03/1989. p.4.

<sup>243</sup> FISCHER, Luís Augusto. Prefácio SCLiar, Moacyr. **Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2004, p.7-18.

erigia-se outra com base no dinheiro, no conforto material, no contraste de mansões e casebres, na ausência de escolas públicas de qualidade.<sup>244</sup>

A sua cidade somente podia ser revivida pelos cacos, pelos restos que se confundiam com lembranças. A cidade que olhava tal qual um espelho, projetava uma imagem onde ele se desconhecia. Não era mais a cidade da *varação* do teatro 4 de Setembro, das conversas e das brincadeiras animadas que aconteciam nas rodas de calçada, não se bebia mais o refrecante pega-pinto que ajudava a fazer xixi antes de dormir, não se namorava mais com olhares como acontecia na praça Rio Branco, nem se assistia mais a filmes na companhia das bonitas normalistas. A cidade havia se “desfigurado”, na sua ausência era necessário fazer uso da saudade, como sentimento capaz de mostrar ao presente como se vivia, amava, divertia-se, comia-se, entre outras sociabilidades da cidade nomeada como “antiga”.

M. de Certeau entendia que o relato é um ato culturalmente fundador de espaços, pela capacidade que carrega em dizê-lo<sup>245</sup>, sendo assim, as crônicas, mas do que dizer como verdadeiramente era a cidade ou fazer crer que existia um clima de inocência e romantismo completamente avesso à cidade do presente, convida a perceber que os textos (os relatos) são construídos através da movimentação de linhas sensíveis como dores, tristezas, ausências, melancolias, desencantamentos, perdas. Estes sentimentos eram responsáveis por vasculhar o cronista no presente e favorecer para que arquitetasse sua cidade entre letras e papéis, pois entendo que “sob a cidade fisicamente tangível, descortinam-se cidades análogas invisíveis, tecidos de memórias do passado, de impressões recolhidas ao longo das experiências urbanas”<sup>246</sup>.

Este terceiro tópico sobre a escrita do tempo e a invenção da cidade, que compõe a primeira parte, pode ser lido também como a escrita da velhice de A.Tito Filho, já que a velhice tem o hábito “de fazer da palavra o esconderijo do tempo”<sup>247</sup>. Talvez porque o cronista aceitasse a ideia de que a escrita de suas lembranças era uma forma de mantê-lo vivo por várias gerações. A cidade é a moldura da sua vida, das suas experiências. Sua identificação com Teresina, mesmo que muitos

<sup>244</sup> TITO FILHO, A. **Teresina**. Jornal O Dia, 12/07/1990. p.4

<sup>245</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.p.209.

<sup>246</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

<sup>247</sup> COUTO, Mia. **A varanda do Frangipani**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.p.26

companheiros da Academia ajuizassem que em qualquer lugar ele seria digno de reconhecimento, fez com que seu brilho tivesse mais intensidade. H. Dobal, na sua poesia, *Os velhos*, reflete que estes marcam seu tempo com lembranças que diariamente devolvem em distraída saudade, mesmo aquilo que jamais pensaram em guardar<sup>248</sup>.

Tal esforço poético de dizer a velhice é oportuno para pensar que a escrita do tempo, é de certa forma a escrita de si, dos outros e daquilo que marcou sua experiência no mundo, aqui entendido como possibilidade de diálogo, pois a velhice é uma circunstância temporal e emotiva, onde o presente é recriado arduamente tendo como diretriz o passado, como instância da aprendizagem e da experiência. O cronista olha melhor porque vê na trajetória do tempo, pelas janelas abertas das lembranças, e inventa um mundo de dizeres onde o importante não é saber se é verdadeiro ou não, mas experienciá-lo como criação, idealização, ou ainda como um processo de individuação, pois o cronista esboça um perfil para suas crônicas no intuito de personalizá-las em frente às massivas narrativas jornalísticas, valendo-se de uma escrita leve para atrair o leitor<sup>249</sup>.

Neste sentido, é importante frisar que A.Tito Filho inventa-se em suas crônicas, formulando-se no tempo e no espaço. Suas narrativas, pela variedade e quantidade existente no jornal *O Dia*, tinham uma boa penetração entre seus leitores, que deveriam lê-las, em sua grande maioria, como relatos que informavam um real, uma verdade sobre a cidade do passado, muitos deles sem desconfiar que o passado estava sendo recriado, tal qual um artista ao pintar um quadro. Recriado, diga-se de passagem, de forma exaustiva ao sabor das oscilações da memória, da pressa em criar diariamente histórias para sua coluna de crônicas, do interesse do jornal em divulgar determinadas narrativas ou mesmo da necessidade em mostrar, em determinadas épocas como era a cidade de “antigamente”, principalmente durante as comemorações de datas cívicas.

Suas lembranças da cidade foram narradas tendo por base os “trastes” que juntou na memória, que poderiam ter sido descartados ou carregados como papel pelo vento do passado, mas percebeu, assim como Manoel de Barros, que as

---

<sup>248</sup> DOBAL, H. **Gleba de ausentes**: uma antologia provisória. Teresina: Corisco, 2002, p.27.

<sup>249</sup> CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Afonso de Miranda Pereira. **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

coisas que não levam a nada têm grande importância<sup>250</sup>. Neste sentido, é importante salientar que as crônicas, mas do que informar um real ou representar o passado são construções narrativas que mostram que “tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para a poesia”<sup>251</sup>, ou melhor, serve para fazer sentir saudade, para desterritorializar sentimentos e territorializar a história, pois o que é feito de pedaços, como as crônicas e as narrativas históricas, precisa chegar ao ponto de entulho para ser arrastado, envergado, corrompido<sup>252</sup>.

Talvez fosse necessário que o cronista tivesse se alertado para aquilo que Walter Benjamin já havia analisado com relação às virtualidades existentes nas “passagens” que recortam a cidade e que podem causar vertigem. O músico, compositor e literato Chico Buarque, de forma mais contemporânea e cosmopolita também entendeu que *na galeria cada clarão é como um dia depois de outro dia*<sup>253</sup>. Mas é preciso atentar que não basta saber que a cidade é um *vão*, ou melhor, que ela é fascínio pela quantidade de galerias, passagens, vitrines que a insinuam, é necessário perder-se em suas direções, assim como o cronista, ao fazer da cidade sua própria passagem no tempo, sua própria capacidade de invenção. Entendo que foi isto que o *cronista da cidade amada* tentou fazer, mesmo que seu desejo, muitas vezes, tenha sido o mesmo advertido por Chico Buarque *dá tua mão, olha para mim, não faz assim, não vai lá não*<sup>254</sup>.

---

<sup>250</sup> BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Leya, 2010.

<sup>251</sup> BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Leya, 2010. p. 146.

<sup>252</sup> BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Leya, 2010.p.172

<sup>253</sup> BUARQUE, Chico. **As vitrines**. CD Almanaque. São Paulo: Abril Coleções, 2010.p.34.

<sup>254</sup> BUARQUE, Chico. **As vitrines**. CD Almanaque. São Paulo: Abril Coleções, 2010.p.34.

## *Parte II*

### *A ESCRITA DA DISTINÇÃO E DOS AFETOS OU A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL*

#### *Capítulo 1*

#### *A escrita de si como distinção ou a invenção de estratégias de distinção*

*Passei anos penteando as frases.  
Manoel de Barros*

Entre cartas, telegramas, textos, lembretes, livros, gostava de escolher suas anotações para a próxima coluna. Muitas coisas tinham acontecido e contribuído para seu atual posicionamento e reconhecimento na sociedade. Era uma pessoa importante que determinava os rumos, se não dos acontecimentos, mas daquilo que seria comentado nas rodas de conversas, nas praças, nas conversas de bar, nos momentos de encontro em família. Era muito conhecido na cidade devido a suas polêmicas, mas principalmente por suas ideias divulgadas em sua coluna diária denominada *Cadernos de Anotações (CA)*, existente no extinto *Jornal do Piauí*<sup>255</sup>.

A coluna, além de divulgar informações referentes às atividades no campo literário na cidade de Teresina, servia para manter seus leitores informados sobre lançamentos de livros, recomendações de leituras, novidades no campo literário local e nacional, textos de apresentações e prefácios escritos pelo próprio colunista, como também por outros críticos literários locais ou em nível nacional. Esta coluna, como o próprio nome sugere, era também um espaço onde reunia uma série de anotações sobre questões que normalmente perpassavam as dúvidas de seus leitores ou dos seus ouvintes do seu programa na rádio Clube e depois na rádio Difusora, sempre no horário das vinte e duas horas.

Sua coluna, além de mapear aspectos literários da cidade e responder a indagações de alguns leitores ou de seus ouvintes era uma forma de divulgar suas

---

<sup>255</sup> Fundado em 30.09.1951 por Antônio de Almendra Freitas.

ideias sobre questões como: política, cidade, sociedade e, algumas vezes, religião. Todas estas temáticas eram escritas e entendidas como narrativas que tinham como pressuposto fundamental a exposição de uma “verdade”. Todo fato noticiado o era como pressuposto de que realmente havia ocorrido daquela forma. Defendia seu ponto de vista através de posições enfáticas, deixando em pouquíssimos assuntos recair dúvidas ou ser colocado para debate. Mesmo aqueles que eram interpretados de outra forma pelos seus leitores ou ouvintes, eram “ligeiramente” desfeitos no intuito de mostrar outra versão, aquela que fosse mais acertada ou ajuizada pelos ditames de suas concepções.

Sua busca inquieta por aquilo que denominava de “veracidade dos fatos”, um pouco por conta de sua profissão como jornalista e por sua formação jurídica, fazia com que normalmente se envaidecesse que suas orientações seguiam um trabalho árduo daquilo que denominava de “busca das fontes seguras” e na atenção exacerbada ao escrever de modo que a informação fosse construída de maneira confiável. Mostrava-se normalmente desconfiado da reescrita dos redatores, pois isto poderia alterar concepções ou mesmo ocorrer em escrita incorreta de palavras e expressões, já que era um contumaz apreciador das normas gramaticais, preocupação adquirida tanto por ser membro da Academia Piauiense de Letras<sup>256</sup> como por ter sido, por muito tempo, professor de língua portuguesa do Liceu Piauiense. Tais concepções ajudavam a criar certa credibilidade em torno de sua escrita e conferia-lhe ainda mais prestígio em seu labor jornalístico<sup>257</sup>.

Ao se envaidecer de suas valorosas concepções, construía uma imagem de si envolta nos ditames da razão, da verdade e da melhor forma de dizê-la, de acordo com sua baliza sobre ideias, coisas e pessoas. Esta construção também estava baseada em sua longa experiência como jornalista, que havia lhe trazido credibilidade, devido a sua longa participação em vários jornais, como **Língua de Sogra** (1943); **O Piauí** (1945); **Libertação** (RJ - 1946); **O Pirralho** (1948); **Jornal do Piauí** (1951); **A Luta** (1952); **Crítica** (1952); **Folha da Manhã** (1958), onde exerceu várias funções. Além de sua experiência profissional o uso de cartas e telegramas em sua coluna no *Jornal do Piauí* servia para lhe conferir ainda mais legitimidade, já

<sup>256</sup> A.Tito Filho foi empossado na Academia Piauiense de Letras em 1964, na cadeira 29. Em fevereiro de 1972, em virtude da morte do então Presidente Simplício de Sousa Mendes, assume o cargo de Presidente.

<sup>257</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 20/01/1970, p.4.

que a existência de um público, dos mais variados círculos sociais, dava-lhe ainda mais credibilidade

De maneira geral, havia dividido sua coluna em três partes: o seu ponto de vista ou de outra pessoa; as pequenas notas de esclarecimentos, avisos, dicas de livros, seminários, encontros literários e finalmente as correspondências em formato de carta ou telegrama que poderiam estar sendo utilizadas em primeira mão na coluna ou já ter sido lida em seu programa radiofônico noturno. Embora na prática fosse uma divisão, a priori, mais conceitual, já que dependendo da temática que abordava poderia trazer apenas uma ou duas das partes citadas acima, além de não haver nenhum tipo de hierarquia na forma de dispô-las no espaço do jornal. A coluna Caderno de Anotações era sucintamente uma colcha de retalhos; uma forma de “recorte e colagem” de concepções, ideias, verdades, juízos, moralidades, ironias, desabaços, críticas.

Tinha muito orgulho do crescimento de sua coluna, tanto em termos de tamanho, às vezes chegava cobrir meia página do jornal, como em crescimento de leitores, o que levou sua popularidade a ser comparada, segundo a imagem de um leitor denominado João de Barro “a feijão em casa de pobre”<sup>258</sup>. Sabia que a valorização de sua coluna ajudava em sua gradativa influência, prestígio e sucesso no seu meio de trabalho e na forma de conquistar adeptos para suas opiniões. Sua coluna guardava relações próximas com a ideia defendida por um dos jornalistas de sua época – Ibrahim Sued, que ofereceu a este pequeno espaço no jornal a categoria de gênero jornalístico, indo na contramão daqueles que faziam deste lugar apenas uma espécie de “bico”, sem preocupações em imprimir-lhe características pessoais<sup>259</sup>.

O escritor piauiense, M. Paulo Nunes, quando residiu em Brasília, enviou-lhe carta dizendo que a coluna Caderno de Anotações era o meio pelo qual tomava conhecimento da “crônica dos eventos diários de nossa vida social e política versada no seu admirável estilo, que é uma das nossas melhores riquezas literárias”<sup>260</sup>. Ainda acrescentou, tempos depois, que foi neste período que A. Tito

<sup>258</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 01/03/1972, p.4.

<sup>259</sup> TRAVANCAS, Isabel. **A coluna de Ibrahim Sued**: um gênero jornalístico. Ver: [www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html). Acesso 28/01/2010.

<sup>260</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 07/06/1973, p.4.

Filho havia se revelado uma pessoa solidária ao enviar-lhe sempre correspondências e gestos de solidariedade<sup>261</sup>.

Com o tempo, tinha conseguido criar um estilo pessoal que oscilava entre a suavidade e a crítica, às vezes, agressiva. Esta forma de agir imprimia certa velocidade na forma de dispor suas análises, distanciando sua coluna de características normalmente restritas a fofocas do mundo social. Leitor contumaz do jornal *O Globo*<sup>262</sup>, principalmente da coluna de Ibrahim Sued, sabia que as informações rápidas, objetivas e concisas eram eficazes na forma de se comunicar com leitores cada vez mais interessados em adquirir informações em um curto espaço de tempo. Esta tendência, segundo José Marques de Melo<sup>263</sup>, havia sido imposta nos jornais, principalmente a partir da década de cinquenta, no século XX, onde as curtíssimas estruturas tinham como objetivo principal a agilidade e uma maior abrangência das notícias. Além de ser este espaço responsável, às vezes, pela antecipação daquilo que ficou conhecido por “furo jornalístico”, que depois fora apropriado pelas outras seções contidas no jornal.

Esse estilo fragmentado existente na coluna Caderno de Anotações guardava também aproximações com outra produção textual que já dominava há bastante tempo - as crônicas. A coluna Caderno de Anotações era escrita em primeira pessoa e circulava diariamente no *Jornal do Piauí*, o que auxiliava a estabelecer certa cumplicidade entre autor e leitor. A familiaridade com esse estilo tipo “colcha de retalhos” não era apenas uma questão estética, era também uma forma de construção de si. Essa escrita estilizada era uma imagem do seu próprio autor tão múltiplo e dividido entre tantas atividades intelectuais. Não eram somente as crônicas que eram retiradas do “baú”, a sua coluna literária era também uma junção de novidades com escritos já utilizados por seu autor.

---

<sup>261</sup> NUNES, M. Paulo. **Homenagem a Arimathéia Tito Filho**. Revista da Academia Piauiense de Letras. Teresina. Nº60. Ano LXXXV.2002, p.132.

<sup>262</sup> A referência ao jornal *O Globo* foi realizada várias vezes em suas anotações na coluna Caderno de Anotações, principalmente referindo-se à coluna de Ibrahim Sued, do qual se dizia um leitor assíduo.

<sup>263</sup> MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.p.136-137.

Tanto a coluna de crônica como sua coluna de atividades literárias e outros assuntos levava em conta uma linguagem escrita performática<sup>264</sup>, isto quer dizer, que seus textos teatralizavam ações que levavam em conta seu corpo de escritor. Embora sua escrita fosse uma junção de estilos que havia se apropriado ao longo da sua experiência como jornalista e escritor, sua escrita não estava desvinculada de seu corpo e nem da forma como via e dava sentidos à realidade.

Notas, esclarecimentos, pontos de vista, eram recursos utilizados em abundância em sua coluna, como forma de atribuir sentido a sua maneira de ver o mundo. Por trás da ideia de objetividade, verdade e incontestabilidade havia a vantagem de posicionar suas opiniões, suas críticas e imposições morais. O cuidado com a forma de escrever, evitando-se o maior número de erros possível (principalmente os gramaticais) tornava sua narrativa de fácil entendimento e contribuía para uma difusão maior de suas ideias, além de oferecer uma sensação, para seus leitores, de ser confiável. Às vezes, em algumas notas de esclarecimento, trazia suas desculpas em nome dos erros ortográficos que foram cometidos ao serem datilografados. Ao corrigir o texto da edição passada trazia na coluna posterior a palavra correta no lugar da palavra que havia sido publicada de forma incorreta, denominando os erros de “gatinhos” ou “gatões”, dependendo daquilo que considerava a gravidade cometida.

Lili Castelo Branco<sup>265</sup>, sua colega de trabalho no jornal e membro da APL, escreveu em uma crônica, que ele fazia diariamente a revisão de seus artigos e se alguma coisa saísse errada normalmente se desesperava<sup>266</sup>. Como um homem de letras<sup>267</sup>, tinha consciência de que os mecanismos utilizados para a valorização e

<sup>264</sup> Para Roland Barthes (2004) o estilo é uma forma de linguagem que leva em conta uma teatralização do autor. Para ele o estilo é o uso de uma escrita que leva em conta as paisagens interiores. Escrever ou utilizar um estilo é pensar nas sutilezas da escrita como sendo enredadas pelo corpo do escritor. O estilo nada mais é que uma ação performática e por isso teatralizada do sujeito que se utiliza do seu corpo para escrever. Sobre essa questão, ver: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

<sup>265</sup> Emília Leite Castelo Branco (Lili Castelo Branco). Nasceu em Portugal, em 1905, e veio para o Brasil com a família quando tinha apenas dois anos, radicando-se no Piauí. Foi romancista, contista, cronista. Foi membro da Academia Piauiense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura (PI). Escreveu *Ermelinda* (1961); *Os amores de Tomás* (1968); *Os mistérios de Castelo* (1978); *Qual será nosso fim?* (1981); *A misteriosa passageira* (1989); *O romance de cada um* (1980); *Miscelânea literária* (1982); *A vida romanceada de Simplicio de Sousa Mendes* (1987); *Feliz arrependimento* (1992).

<sup>266</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 15/16/10/1972, p.4.

<sup>267</sup> Para Antônio Arnoni Prado, em sua análise sobre a crítica em Sérgio Buarque de Holanda, deixa perceber que *o homem de letras* tem a compreensão do exercício de sua trajetória, mesmo que

legitimação de sua opinião, como o uso de fontes consideradas fiéis, a preocupação com o uso correto da gramática, colaboravam no processo de absorção de suas idéias por parte dos seus leitores e ouvintes, embora o tom sempre enfático de seus posicionamentos tenha lhe trazido, na mesma medida, desafetos e antipatias, pois como acrescentou a mesma escritora e jornalista, em sua defesa, ao considerar a existência de possíveis inimigos do jornalista, “não há luz que não ofusque os que não querem ver”<sup>268</sup>.

A imagem platônica da luz que ofusca aproximava-o, por transferência simbólica, a da razão em contraposição àqueles que porventura estivessem nas zonas de sombra ou escuridão, regiões historicamente comparadas à ideia de falta, ausência ou mesmo da desrazão. Ser considerado lume colaborava com a própria imagem que tinha dele e de sua vocação em ofuscar seus leitores, no sentido de revelá-los a “verdade”. Tinha aprendido com um conhecido colunista da *Folha de São Paulo* e depois do jornal *Estado de São Paulo* que o estilo coloquial, o tom sarcástico e uma boa dose de ironia serviam para clarear a mente daqueles que não sabiam ou “não queriam ver”.

Admirava a imagem de sucesso que este jornalista sustentava em sua coluna “Diário da Corte”. Paulo Francis era dono de uma linguagem que beirava o desaforo, no sentido de contribuir para o pensamento de que suas opiniões diziam o que ninguém sabia ou não tinha coragem de dizer<sup>269</sup>. Polêmico, conseguiu fazer de sua coluna um espaço obrigatório de leitura para quem quisesse se informar sobre as “mazelas” do cenário nacional e internacional.

As influências de Ibrahim Sued e Paulo Francis tanto no que diz respeito à valorização do espaço da coluna como meio importante na divulgação de ideias, bem como a construção de um estilo jornalístico mais crítico, agressivo e pessoal, respectivamente, permitem perceber que a escrita de A.Tito Filho era parte de um processo criativo, onde o estilo ou a busca constante deste, podia ser visto como

---

esta seja uma construção subterrânea, capaz de ser localizada somente nos detalhes e desvios onde se armam os pontos da articulação com a vida. ver: **PRADO**, Antônio Arnoni. **Uma visita à casa de Balzac**: crônica, memória e história na crítica de Sérgio Buarque de Holanda. In: PRADO, Antônio Arnoni. **Trincheira, palco e letras**: crítica, literatura e utopia no Brasil. São Paulo: Cosac & Naif, 2004, p.276-277.

<sup>268</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 15/16/10/1972, p.4.

<sup>269</sup> PIZA, Daniel. **Paulo Francis**: Brasil na cabeça. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumara, 2004.

uma espécie de valor-trabalho, que se misturava com uma certa vaidade, que se refletia no tempo da feitura da escrita, na sua forma e na sua concisão<sup>270</sup>.

Essas considerações que dizem respeito ao estilo como um valor-trabalho, ajudam a pensar que a escolha por um estilo (em parte devido à circulação de modelos), a performance no uso desse, a prática de seleção das temáticas a ser apresentadas na coluna, a responsabilidade em divulgá-las e assiná-las, eram condições e expressões da linguagem que se equilibravam no presente, e que correspondiam a um valor, que eram entes constantemente (re)significados tanto pela escrita de si como pela movimentação de sentimentos como saudades, ranços, amizades, ódios e desavenças.

No intuito de criar sentidos valorosos para si deu bastante ênfase a uma tática muito empregada em sua coluna - a publicação de concepções a seu respeito, que normalmente partiam de pessoas com certo reconhecimento na sociedade e nos meios de comunicação. Publicou de Félix Aires<sup>271</sup> um poema que ele escreveu em sua homenagem no jornal *Comércio* (RJ), contendo entre suas estrofes as seguintes imagens “jóia rara da democracia” / “dínamo que não para” / “trabalha dia e noite” / “serve a coletividade” / “presta assistência à pobreza”<sup>272</sup>. A poesia prima pela ideia de movimento e velocidade como engrenagens utilizadas pelo jornalista, que contribuiriam para dissipar males como pobreza, analfabetismo, por exemplo. Félix Aires ainda acreditava que o trabalho constante de seu confrade era necessário e importante para dissipar as dificuldades do “homem comum” em ver e entender coisas que não estavam ao seu alcance.

A. Tito Filho havia se tornado um exímio publicitário<sup>273</sup> de sua imagem no meio acadêmico e social. Na sua coluna, não raro, publicava também convites que

<sup>270</sup> BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. 2.edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.54.

<sup>271</sup> Felício Alves (Félix Aires) nasceu em 1904, no município de Buriti Bravo (MA). Foi poeta, prosador, médico veterinário, jornalista e Membro da Academia Maranhense de Letras. Escreveu *Antologia de Sonetos Piauienses* (1972), *Apanágio* (Poesia, 1936), *Buriti Bravo* (Poesia, 1931), *Cromos* (1953), *Os mais Lindos Sonetos Piauienses* (crítica, teoria e história literárias, 1940), *O Maranhão na Poesia Popular* (1977), *O Natal na Poesia Brasileira* (1957), *O Piauí na Poesia Popular* (1975), *Os Menores Versos da Língua* (crítica, teoria e história literárias, 1962), *Ouro Bravo* (Poesia, 1960), *Pequenas Palestras* (1936), *Poemas aos Imortais* (1937), *Relâmpagos* (Poesia, 1960).

<sup>272</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 29/01/10/1972, p.4.

<sup>273</sup> Sobre a construção intelectual e a criação de uma autoimagem, ver: SILVA, Sílvia Cortez. **Proteus: Freyre Factótum de Sí Mesmo**. In: SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930-1940)**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010, p.96-108.

recebia, principalmente daqueles que de alguma forma pudessem contribuir para dignificar sua figura, como o que recebeu da colunista social Elvira Raulino para uma festa a ser realizada no Jóquey Clube do Piauí, com a intenção de premiar os melhores do ano de 1970. No convite destacou que seu nome foi incluído como o melhor no segmento jornalista, intelectual, educador e radialista<sup>274</sup>. Um ano antes recebeu convite da Revista Mafrense, sob a responsabilidade de J. Miguel de Matos, por ter sido escolhido o jornalista do ano<sup>275</sup>. Recebeu convite de Péricles Prade, em 04.09.1972, do jornal *O Estado*, de Florianópolis (SC), para colaborar no suplemento literário. Assumiu a presidência da Comissão Especial do Código de Ética, durante o Congresso Nacional dos Jornalistas, em Porto Alegre<sup>276</sup>. Foi convidado para ser orador nas comemorações da Festa Cearense do Livro<sup>277</sup>; para se sócio correspondente do Instituto Histórico de Olinda<sup>278</sup>. Proferiu palestra em São Paulo sobre o desenvolvimento do Estado do Piauí<sup>279</sup>, entre muitos outros.

Além de convites, gostava de expor em sua coluna outra forma de distinção como a publicação de dedicatórias que recebia a exemplo da que o médico Gerardo Vasconcelos, ex-colega de profissão da Faculdade de Direito do Piauí, creditava apreço de “eminente professor”, “erudito”, “intelectual”, na oportunidade do lançamento do seu livro *Lições de medicina legal*<sup>280</sup>. As obras que lhe eram entregues com dedicatórias ou autógrafos ainda cumpriam também algumas funções, dependendo de suas relações com o autor ou autora: retribuição de favores ou desejos futuros; homenagem por algum feito ou pela sua condição de intelectual e, ainda, como material de divulgação em sua coluna *Caderno de Anotações* ou no seu programa radiofônico de grande audiência na cidade.

Valorizava ainda mais as cartas que recebia, elogiando suas atividades profissionais, como a de Clóvis Moura, de São Paulo, que lhe envia junto com uma carta um exemplar de sua obra *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, pedindo-lhe que fizesse comentários e insistia em receber suas opiniões. Termina a carta salientando que além de sua inteligência, considerava sua

<sup>274</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/02/1970, p.3.

<sup>275</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 12/03/1970, p.4.

<sup>276</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 03/05/1972, p.4.

<sup>277</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/05/1972, p.4.

<sup>278</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 31/10/1973, p.4.

<sup>279</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 23/09/1973, p.4.

<sup>280</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/03/1970, p.4.

capacidade de “grande filólogo dinâmico e capaz”<sup>281</sup>. Carta também do escritor Osvaldo Bugyja Brito que, viajando a passeio pela cidade de São Luiz (MA), adquire na Livraria Universal uma edição antiga da obra *Lira Sertaneja*, enviou-a junto com uma carta em que enfatizava que “fora do Estado tem muito intelectual piauiense brilhante, mas na terrinha ninguém o supera”<sup>282</sup>. Publicou carta de José Couto Pontes (MG) agradecendo-lhe apreciações que fez sobre o seu livro, enfatizando que suas palavras o animaram e o incentivaram bastante. Diz ainda que iria publicar suas apreciações no suplemento semanal do *Correio do Estado*<sup>283</sup>.

A publicação de convites, dedicatórias, cartas, presentes, pedidos para opinar sobre livros são formas que contribuía para o reconhecimento de sua imagem e para construção de sua fama, como indivíduo proeminente em seu meio, fazendo dele uma pessoa distinta. Todas estas formas empregadas em sua coluna comportam, em sua expressão, um sistema que abrange estratégias e práticas sociais pelas quais o intelectual procura materializar seu valor simbólico, que seria aquele que o distingue de alguns de seus leitores, por exemplo, tornando significativa e evidente sua diferenciação, à medida que essas disposições são incorporadas e interiorizadas socialmente.

Ao publicar determinadas concepções que lhe possibilitavam certa visibilidade e dizibilidade<sup>284</sup>, ajudava a colaborar com a ideia de que era uma *persona* diferente. Enquanto a visibilidade dos mecanismos e estratégias que utiliza em sua coluna legitimava e marcava sua condição “especial” em frente à maioria das pessoas que não tinham acesso a esta forma de autoconstrução; a dizibilidade multiplicava ecos sobre si, fazendo com que ganhasse respaldo e fosse laureado por diferentes instâncias que têm como prioridade reter e controlar o saber, como as Academias literárias, círculos jornalísticos e literários, jornais, escolas, etc. É preciso estar atento para a capacidade que o poder tem de expressar-se através das armadilhas da língua.

Em sua coluna mostrava verdadeiro apreço por outra atividade bastante relevante em seu meio – a prática de escrever prefácios. Reconhecia esta

<sup>281</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/11/1972, p.3.

<sup>282</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 02/11/1972, p.5.

<sup>283</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 15/06/1973, p.4.

<sup>284</sup> Sobre visibilidade e dizibilidade ver: **DELEUZE**, Gilles. FOUCAULT. São Paulo: Brasiliense, 1988.

experiência como uma atividade especial, pois se configurava como importante passo na preparação para a leitura, por parte daqueles que ainda não conheciam a obra que seria prefaciada. Entendia que a escrita de textos que antecedia a leitura da obra, contribuía ainda mais para a ideia de que o intelectual agia no sentido de “conduzir”, de “desobstruir” possíveis dificuldades encontradas durante a leitura e guiava o leitor para os “possíveis” sentidos da obra. Nas ocasiões em que prefaciava gostava de enaltecer as qualidades daquilo que acreditava ser as condições primordiais do prefaciador, ou seja, ter “conhecimentos gerais, argúcia intelectual e, sobretudo, muita leitura”<sup>285</sup>.

A escrita de prefácios era um importante meio onde se bifurcavam a legitimidade daquele que dizia ou comentava e o texto escrito pelo(a) autor(a). Jacques Leenhardt<sup>286</sup>, ao analisar a escrita de Gilberto Freyre e o uso que fazia da prática de prefácio, enfatizou esta arte como importante meio performático, onde o autor pretendia estabelecer uma relação entre o leitor e a obra, mediado pelo horizonte de leitura do prefaciador. Esta relação, a princípio, ocupa uma zona fronteira e mostra-se uma atividade potente, já que o prefaciador fala em nome do autor em uma forma de diálogo truncado, onde a presença transforma-se em ausência<sup>287</sup>. Aquele que diz emudece aquele que fala (quando se trata de prefácios encomendados), no sentido que cria narrativas com base na sua condição pessoal de leitor e escritor.

Se a arte de escrever prefácios cria uma relação de autonomia no que diz respeito à insurgência de um “leitor privilegiado” da obra, pois este apresenta, torna visível, prediz, diz, então, ela foi responsável durante muito tempo por um tipo de credibilidade que fazia com que A.Tito Filho gostasse de reconhecer que suas opiniões deveriam ser capazes de “penetrar nas intenções do autor”<sup>288</sup>. Sua preocupação central ao analisar um livro recaía numa vontade forte de definir as

<sup>285</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/04/1972, p.5.

<sup>286</sup> LEENHARDT, Jacques. **Protocolos da escrita**: as estratégias de Gilberto Freyre. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006, p.145-146.

<sup>287</sup> VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **“O que se diz no princípio”**: uma leitura de prefácios. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006, p.175-176.

<sup>288</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/04/1972, p.3.

“verdadeiras intenções do autor”. Esta prática era bastante comum antes das modernas concepções de crítica literária<sup>289</sup>, onde se acreditava ser possível “traduzir” o autor somente pela exposição do seu percurso pessoal, das suas ideias, tentando identificá-lo em torno de determinadas correntes literárias. Esta forma de ver como se ao prefaciador estivesse “livre” das suas opiniões, escolhas e maneira de ver e entender o mundo foi longamente utilizado na história da literatura piauiense.

Em um dos prefácios que comentou em sua coluna por conta do lançamento de “Meus poemas teus”, escrito por Herculano Moraes, acreditava que suas poesias podiam explicar-lhe, ou seja, esta modalidade da linguagem era capaz de refletir realmente a personalidade do seu autor, bem como suas intenções e qualidades pessoais. Neste entendimento aproximava-o das ideias que “normalmente” são atribuídas à poesia, assemelhando-o a um ente “sensível”, “emotivo”, “uno”, “capaz de promover momentos de tranquilidade e paz”<sup>290</sup>. Ao analisar o conjunto da obra de Celso Pinheiro, por conta do aniversário de cem anos do autor, também deixou registrado, que o uso que este fazia de temáticas tristes e melancólicas havia se consubstanciado em uma espécie de

angústia do homem martirizado pela crueldade da vida. *Os versos revelam o seu verdadeiro psiquismo*. Emoção a cada instante, e o vazio da alma, fazem dele um dos grandes poetas nacionais. A dor possessiva sublimou-o em comoventes criações poéticas<sup>291</sup>.

A Tito Filho ao ser entrevistado por Cineas Santos, na Revista Presença, sobre sua “generosidade” ao prefaciar que, segundo o entrevistador, era uma forma “nociva para o incentivo, uma vez que alimentava a vaidade de escritores medíocres”, respondeu que ao prefaciar utilizava um recurso que muitos ainda não tinham observado

quando não temos nada que dizer do livro, falamos do autor, da pessoa, dos seus traços humanos, dos seus sentimentos, no final algumas referências ao livro, acentuando o esforço do autor [...] sem que destruamos os seus desejos”<sup>292</sup>.

<sup>289</sup> CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **História intelectual no Brasil**: a retórica como chave de leitura. Rio de Janeiro: Revista Topoi, jan/dez.2000. vol. 1 p. 123-152.

<sup>290</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 22/03/1970, p.5.

<sup>291</sup> TITO FILHO, A. **Celso centenariante**. Jornal O Dia, 29/10/1987, p. 4. grifo nosso.

<sup>292</sup> SANTOS, Cineas. **Entrevista**: A. Tito Filho. Revista Presença, Teresina, n.6,dez./fev. 1983. p.20.

Esta maneira de prefaciар, além de ser utilizada como uma forma de “incentivar” novas contribuições era uma estratégia bastante recorrente usada por alguém que tinha somado várias atividades à sua labuta diária. Suas atividades sempre tão diversificadas deveriam dificultar análises mais minuciosas o que parece ter levado a escolha de enaltecer o autor ao invés de sua obra ou de realçar-lhe qualidades que diziam respeito a condições gerais como ternura, amor, simplicidade, devotamento, delicadeza, entre outros adjetivos, que ao tempo em que não permitia ao leitor saber o alcance literário da obra ou seu impacto, do ponto de vista da recepção, por exemplo, deveria trazer certa “amenidade” entre o autor e seu prefaciador. Sua “generosidade” em prefaciар era uma escolha em agradar, haja vista sua participação em grupos intelectuais tão diferenciados, onde as relações, às vezes, tão pessoais poderiam trazer prejuízos para sua imagem.

Mas isto não quer dizer que suas análises fossem mal acabadas ou descuidadas, elas simplesmente não tinham a intenção de formar uma tradição literária desprovida de interesses pessoais ou circunstanciais, tinham a intenção de formar, por mais simples que fosse uma rede de leitores capaz de absorver aquilo que estava sendo publicado no mercado literário local. Indivíduos que fossem desprestigiados logo no início de suas carreiras teriam dificuldades em permanecer cultivando o hábito da escrita e, por consequência, da leitura. Era uma forma senão de formar um grupo coeso de autores, pelo menos não frustrar os seus desejos em uma sociedade marcada pela dificuldade em escrever e principalmente em editar. Era mais salutar formar um horizonte de leitores e, quiçá, de autores. Sabia que a preferência da maioria nem sempre era a escrita ou a leitura de obras locais e, várias vezes, em diferentes lugares e solenidades protestou “aqui o sujeito compra uma cerveja por duzentos cruzeiros, mas se recusa a gastar duzentos cruzeiros com um livro”<sup>293</sup>.

Se havia dificuldades em formar um grupo consumidor de obras literárias era necessário certo “jogo de cintura” para que não fossem frustrados todos os desejos dos iniciantes ou daqueles que se aventuravam em produzir uma obra literária. Estas atitudes lhe ajudavam a projetar uma imagem de intelectual, já que diversas vezes contribuiu para balizar e recepcionar algumas publicações do

---

<sup>293</sup> SANTOS, Cineas. **Entrevista:** A. Tito Filho. Revista Presença, Teresina, n.6. dez./fev. 1983, p.19.

mercado editorial local. A utilização de estratégias na construção de sua imagem contribuía para idéia de que era uma consciência capaz de doar sentidos e significar as mais diferentes manifestações no campo da arte literária, pois sua forma de se ver deveria intervir na maneira como participava de acontecimentos relevantes da sociedade, daí sua preocupação em opinar sobre assuntos mais variados possíveis, utilizando-se de vários meios de comunicação como o rádio, o jornal, revistas, livros.

Todas estas considerações servem para pensar que ao contrário da ideia de intelectual como indivíduo que tem identidade própria, é salutar realçar que esta nada mais é do que uma construção que é realizada continuamente. Não existe uma identidade prévia capaz de delimitar os modos e as estratégias utilizadas por aqueles que se veem e são considerados intelectuais. A intelectualidade é um eterno vir a ser, uma provisoriedade, uma configuração sempre instável, haja vista que o eu do intelectual é constituído no tempo, onde ele cria artimanhas para contrabalancear os efeitos de circunstâncias que vêm a seu encontro. Os usos de estratégias servem para marcar sua diferença, ou ainda, para construir seu estilo, entendido como excesso, porque nunca está constituído. Segundo Sílvia Pimenta Velloso Rocha<sup>294</sup>, a busca de um estilo é a eterna busca de um imperativo, onde alguém se torna aquilo que é, sem cessar quando encontra.

Diferentemente do uso da fala, empregado em seu programa radiofônico, normalmente com a utilização de um fluxo mais livre e com maiores possibilidades de “desgaste” dos sentidos por parte do seu público, sua escrita era uma forma de cristalizar suas opiniões, de endurecer suas intenções<sup>295</sup>. Os seus escritos no jornal, doravante a “vulnerabilidade” do material ao tempo, servia como forma de permitir certa duração as suas expectativas, haja vista que a manutenção de uma coluna diária exigia uma existência mínima de consumo por parte de seus leitores e uma rota de circulação.

Nesse sentido, é conveniente pontuar que sua escrita de si ajudava a marcar o que desejava que acreditassem que fosse. A invenção de si como distinção não é feita sem antes marcar a diferença. Para que uma imagem seja “consumida” e ganhe contornos aceitáveis é necessária sua circulação em uma rede

<sup>294</sup> ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é** – a vida como exercício de estilo. In: LINS, Daniel(org). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência**. Fortaleza (CE):FCET, 2007. p.292-303.

<sup>295</sup> BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.116-147.

capaz de efetivá-la, onde se aninham colaborações, alegrias, certezas, respeitos, viscitudes. Atravessando esse trânsito de invenção de si, existia a invenção dos afetos ou construção de uma rede que possibilitava o tráfego intelectual e da afetividade. É possível pensar e cartografar as intensidades de um autor e de sua rede intelectual, já que essas intensidades são realçadas pela energia existente nas palavras, ou seja, pela possibilidade de ler sua coluna como um espaço onde, além do próprio colunista, atravessavam também aqueles com quais dialogou e mostrou-se afetuoso com suas intenções. É sobre esta condição que refletirei a seguir.

## Capítulo 2

### *A escrita da afetividade ou a construção de uma rede de afetividades intelectuais*

*Fabrico sonhos, não sou um falsário.  
José Eduardo Agualusa*

A.Tito Filho era suficientemente astuto para saber que o esforço em construir uma imagem distintiva não serviria de nada se esta não circulasse. Bastante empenhado em divulgá-la, além de suas ideias, agencia uma quantidade significativa de mecanismos que o auxiliam, principalmente participando e favorecendo uma rede de sociabilidade intelectual<sup>296</sup> com quem admitia interações, diálogos, possibilidades, amizades. Rede no sentido de pertencimento a um microcosmo constituído pela linguagem, que favorecia a aproximação de desejos, vontades e ideais, mesmo que essa rede não tivesse, a priori, direções definidas, mas aleatoriedades, articulações, movimentos, inclinações.

Com certeza não concordaria com os posicionamentos de Francisco Miguel de Moura<sup>297</sup> sobre ele e sua geração acadêmica, ao balizar que esta foi

<sup>296</sup> Analisar uma *rede de sociabilidade intelectual* somente é possível se se levar em conta que o meio intelectual é um microcosmo, ou ainda, como defende Jean-François Sirineli (2003), como sendo um *lugar estreito*, que deve sugerir ao historiador uma preocupação com as pistas oferecidas pelos intelectuais como boatos e diz-que-diz. Essas concepções da ordem micro possibilitam ver adesões, rupturas, encontros e reencontros, conversões, ilusões. Tais possibilidades são importantes para cartografar o polifônico meio intelectual. Ver: SIRINELI, Jean-François. **Os Intelectuais** In: REMOND, René(org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.

<sup>297</sup> Francisco Miguel de Moura (Jenipapeiro (PI), 1933). Formado em Letras (UFPI). Exerceu as atividades de funcionário do Banco do Brasil, radialista, professor de língua portuguesa e literatura brasileira e portuguesa. Atualmente escreve para jornais e revistas especializadas. É sócio efetivo da [União Brasileira dos Escritores](#), [Academia Piauiense de Letras](#), e membro-correspondente da [Academia Mineira de Letras](#) e da [Academia Catarinense de Letras](#). Por diversos mandatos participou ativamente do Conselho Estadual de Cultura. Entre suas obras destacam-se: *Linguagem e Comunicação* em O.G. Rego de Carvalho (ensaio; 1972; 1997); *Pedra em Sobressalto* (poesias; 1972); *Poemas Traduzidos* (1993); *Poesia in Completa* (1998); *Os Estigmas* (prosa; 1984); *Eu e meu Amigo Charles Brown* (conto; 1986), entre outras. Sobre a geração acadêmica que A.Tito Filho fez parte, ver: MOURA, Francisco Miguel de. **A Literatura Piauiense segundo Francisco Miguel de Moura**. [www.portalentretextos.com.br](http://www.portalentretextos.com.br). Acesso 12.01.2010.

“indecisa” e voltada para um “classicismo estéril e sem correspondência no sentimento”, mesmo que coloque este marco para antes da publicação de uma de suas obras mais bem aceitas denominada *Teresina, meu amor*, publicada em 1973. As suas contribuições para a literatura piauiense não podem ser vistas como “indecisas”, principalmente vindas de alguém que se utilizava da palavra e da escrita para posicionar seus pensamentos. Isto é uma forma hermética de entendimento. As relações harmoniosas que mantinha com aqueles que dividiam sua amizade, respeito e reconhecimento era uma forma de equilibrar seus ímpetos e dar lugar ao outro<sup>298</sup>, já que tal atitude inseria-o em novas formas de relacionamento e na apropriação destas para o surgimento de novas oportunidades.

Suas relações com seus pares envolviam um intenso e permanente diálogo, pois a vida literária não cabe em simples amortizações. Essa é sempre mais rica, complexa e desafiante. As articulações que estabelecia com seus confrades, amigos, literatos, correspondentes jornalísticos ou da Academia, serviam para forjar uma rede de contatos baseados na negociação, na camaradagem, no apoio múltiplo, mas também, em alguns casos, na crítica e no conflito<sup>299</sup>. Sua vivacidade, no sentido de criar rotas de apoio, ajudava-o em pelo menos três investidas principais: mantinha-o atualizado sobre as inovações no campo literário e jornalístico; era essencial para registrar e expressar dizeres sobre ele que, de outra forma, pareceria pura vaidade e arrogância e, ainda, como apoio em suas intenções e vontades.

A imposição desse ritmo obstinado foi capaz de fazer com que um contemporâneo seu notasse que “recolhido em seu gabinete de trabalho na sede da Academia se comunicava com o Brasil e o mundo. O nome da Academia transpunha fronteiras”<sup>300</sup>. Ele mesmo já havia dito que para Academia “tinha dado

---

<sup>298</sup> O Outro a quem me refiro é aquele, que diante de uma perspectiva ontológica, defendida por Ricoeur, sou Eu. ver: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>299</sup> O aspecto referente às críticas e aos conflitos dentro de sua rede de sociabilidade será analisado na terceira parte dessa tese, denominada *A escrita dos ressentimentos ou a escrita como imagem da vaidade*.

<sup>300</sup> COELHO, Celso Barros. **Academia Piauiense de Letras: 75 anos**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994. p.18.

tudo de si: esforço, noites indormidas, dinheiro”<sup>301</sup>. Mas não se tratava somente da Academia, estava em questão também a construção da sua imagem como importante jornalista, acadêmico, articulista, escritor, crítico literário, entre outros.

Não poupou energias para “sair do seu gabinete” e traçar outras direções no sentido de tentar manter um diálogo frutífero tanto com seus pares como seus leitores. Em sua coluna *Caderno de Anotações* transitava um fluxo de pessoas, vozes, ideias, críticas, que além de mantê-lo atualizado sobre as novidades em seu campo de trabalho e de interesses, servia como um diálogo constante e fluente, onde os sentidos eram estabelecidos no permanente jogo de palavras e enunciações<sup>302</sup>.

A prática de confluir para seu texto vários leitores diferentes, contribuía para dar um toque de leveza a sua coluna e a ilusão de que qualquer pessoa ou assunto eram possíveis de ser enunciáveis, mesmo sabendo-se que fazia pessoalmente a seleção dos assuntos que seriam publicados. Mas, sua investida pelas bordas da literatura e do jornalismo, principalmente, serviu como uma espécie de “aventura pelo mundo da linguagem”, onde sua palavra e daqueles que perambulavam pela coluna se interceptavam na dobra<sup>303</sup> entre sua vontade e o fora; entre seus desejos e os limites; entre a intenção e o possível.

A rede de sociabilidade intelectual que emergia dos constantes recortes que fazia para sua coluna, era uma forma de criar e dar sentido a um outro, sempre enunciável e “bailarino”, que se aventurava pelas linhas do texto, onde a palavra normalmente o circunscrevia e dizia-o. Costumeiramente publicava em sua coluna vários agradecimentos feitos por jornalistas, intelectuais, acadêmicos e amigos que moravam em outras regiões do país e que lhe escreviam agradecendo a recepção

<sup>301</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 02/12/1973, p.5.

<sup>302</sup> BAKHTIN, Mikhail **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.p.277-358.

<sup>303</sup> *Dobra* no sentido de lugar do “entre”, daquilo que precisa ser visto por dentro e por fora, bem como, nas bifurcações, nos desvios, nos pontos de ruptura. A *dobra* é importante, enquanto mecanismo de análise, pois possibilita ver aquilo que estrutura/desestrutura a arquitetura de um texto. Sobre essa questão é importante as reflexões de Gilles Deleuze sobre o pensamento de Foucault. Ver: DELEUZE, Gilles. **Rachar as coisas, rachar as palavras**. In: DELEUZE, Gilles **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

de materiais como livros, revistas, jornais, que eram sistematicamente enviados pelos Correios.

A título de exemplo temos Francelino Piauí (Campinas, SP), que o agradeceu por ter recebido três exemplares do *Jornal do Piauí*, onde constava na coluna Caderno de Anotações referências sobre sua obra. Enfatizou ainda que “a feição gráfica do jornal [...] o conteúdo informativo, bem como sua diagramação, muito me sensibilizaram”<sup>304</sup>. Inocêncio Candelária (Mogi das Cruzes, SP) diz ter ficado emocionado quando leu em sua coluna sobre as manifestações poéticas dos participantes daquilo que o jornalista tinha denominado de “Antologia Mogiana”. Em agradecimento ao jornal recebido, envia-lhe obra de autor local<sup>305</sup>. Um mês depois da carta de Inocêncio Candelária publica em nota na coluna que remetia semanalmente coleção do “Jornal do Piauí”, cerca de seis edições por semana, para amigos em São Luís, Fortaleza, Recife, Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo (Campinas, Mogi das Cruzes, Santo André)<sup>306</sup>.

O costume de postar cartas e encomendas pelos Correios trazia-lhe, às vezes, alguns infortúnios como o atraso no destino final. Na coluna do dia 15/03/1972 comenta em nota que o material que havia enviado entre fins de janeiro e o carnaval ainda não haviam sido entregues aos seus destinatários. Entre o material enviado estaria um livro, duas revistas da APL, um romance de Lilizinha Castelo Branco e cinco pacotes de jornais. Cita os destinatários como sendo: Cristino Castelo Branco (Rio de Janeiro), Inocêncio Candelária (Mogi das Cruzes, SP), Possidônio Queiroz (Oeiras, PI), Paulo Nunes (Brasília), Mareda Bogado (Niterói), Péricles Prado (Florianópolis), Petrônio Portela (Brasília), Manuel Onofre (Rio de Janeiro), Monsenhor Sampaio (Parnaíba, PI), Moura Rego (Rio de Janeiro), Alvina Gameiro (Brasília), Vasques Filho (Fortaleza), Altevir Alencar (Campo Grande, MT).

Estes possíveis colaboradores, afetos e propagadores tanto do material como das vicissitudes daquele que enviou, ajudavam a “alimentar” a coluna Caderno de Anotações com um trânsito constante de (re)envio de cartas. Estes deslocamentos eram realizados por vários motivos: com o intuito de agradecer;

<sup>304</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 03/12/1970, p.5.

<sup>305</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 08/01/1972, p.4.

<sup>306</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 08/02/1972, p.6.

fazer comentários referentes às revistas, aos livros e aos jornais enviados; mantê-lo informado das novidades no cenário literário e jornalístico e também para pedir opiniões sobre obras publicadas ou que ainda estavam no prelo. Esta rede de sociabilidade intelectual era bastante marcada pelo uso da carta, do telegrama e do envio de encomendas, como principais formas de comunicação.

Publicou em sua coluna agradecimentos de Francelino Piauí sobre os jornais que havia enviado e este reconheceu que “não tem expressão escrita, falada, filmada ou fotografada que possa traduzir minha gratidão”<sup>307</sup>. O uso de correspondência, segundo Teresa Malatian<sup>308</sup>, é propício para perceber a constituição de redes de afetividade, relações de confraria, camaradagem, rivalidades, principalmente em torno de cargos, posições, inclusive as institucionais (Academias, revistas, jornais, editoras). As correspondências não eram somente um trânsito de materiais importantes para “alimentar” e manter a vivacidade da sua coluna literária, eram uma forma carregar desejos, afetividades, energias, adesões.

Tempos depois, mesmo com o atraso nas correspondências, publicou em sua coluna o retorno de uma das correspondências que sofrera prejuízo em sua entrega. Novamente é seu confrade Inocêncio Candelária que lhe retorna a carta, juntamente com uma edição do jornal *Diário de Mogi* (SP), onde lhe dedicava agradecimentos pelo recebimento do 2º volume da Revista da Academia Piauiense de Letras - Edição do Cinquentenário - e fazia referências aos discursos acadêmicos de Fernando Lopes Sobrinho, A.Tito Filho, Carlos Eugênio Porto, Fontes Ibiapina, Celso Barros Coelho, Simplício Mendes, Antônio Bugyja de Souza Brito, M.Paulo Nunes, Felício Pinto e dos colaboradores: José Ribeiro e Silva, Arthur Passos e Martins Napoleão. Refere-se aos agradáveis textos daquilo que havia denominado de “genuína literatura” e ao final, acrescenta, “agradeço ao ilustre A.Tito Filho, cuja inteligência, talento e cultura já são proclamados em todo o Brasil”<sup>309</sup>.

<sup>307</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/06/1973, p.5.

<sup>308</sup> MALATIAN, Teresa. **Narrador, registro e arquivo**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCCA, Tânia Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.p.195-222.

<sup>309</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/04/1972, p.5.

A empolgação com o conteúdo da revista por parte de Inocêncio Candelária foi, em grande medida, devido à presença de autores piauienses conhecidos nacionalmente como Fontes Ibiapina, Martins Napoleão, Antônio Bugyja de Souza, que emprestaram à cerimônia de comemorações dos 54 anos da APL uma áurea ainda mais solene. Estes momentos serviam para estreitar ainda mais relações com um grupo de intelectuais, que assim como ele, também utilizavam ou já haviam utilizado o jornal como espaço de divulgação literária. O sentimento de pertencer a um grupo que se diferenciava pelos seus méritos intelectuais era importante como condição que ressaltava ainda mais sua distinção.

A utilização de uma linguagem formal, principalmente porque era responsável naquele momento pela recepção na Academia de Bugyja Brito<sup>310</sup>, marcava sua diferença enquanto identificado com os valores que simbolizavam o mundo dos doutos<sup>311</sup>. Empolgado com a solenidade, mas ainda lamurioso com a situação cultural do Estado, dizia que “ainda não quiseram os piauienses libertar-se do complexo de pouquidão intelectual, de que se alimentam, para que guardem, amedrontados, como avarentos as belezas literárias que sabem e podem produzir”<sup>312</sup>.

Sua confiança ao recepcionar Bugyja Brito nos ideais que, desde Machado de Assis<sup>313</sup>, havia se tornado a tônica das academias literárias brasileiras, repousados na vontade da guarda da língua portuguesa, na preservação da tradição literária e na legitimação da intelectualidade, assegurava-lhe condições de arauto que tinha como objetivo a perpetuação destes valores. À medida que se aproximava desta condição “privilegiada”, afastava-se daquilo que denominou de “complexo de pouquidão”. Sendo assim entendia que “as letras piauienses não

---

<sup>310</sup> Antonio Bugyja de Souza Brito. Nasceu em Oeiras, em 1907. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1992. Poeta, jornalista, romancista. Foi membro da Academia Carioca de Letras, sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Oeiras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí e de outras entidades literárias e culturais. Escreveu *Miridan*, *Muralhas*, *Zabelê*, *O Piauí* e *a Unidade Nacional*, entre outros.

<sup>311</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: a crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.p.67-73.

<sup>312</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: 1972, p.121.

<sup>313</sup> RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2003

podiam confinar-se nos estreitos limites do território do Estado, mas devem atravessar fronteiras e levar o grito afirmativo da nova existência”<sup>314</sup>.

A sua coluna Caderno de Anotações estava inserida em um contexto marcado pela necessidade de fazer com que a literatura piauiense fosse difundida, além dos limites locais. Essa vontade encontrou ressonância no primeiro governo Alberto Silva<sup>315</sup> (1971-1975), que possibilitou condições de reconhecimento do Piauí como integrante de um importante cenário cultural brasileiro. Essa investida no campo cultural já havia sido antecipada pela criação da Fundação Universidade Federal do Piauí (FUFPI), que foi instituída nos termos da Lei nº 5.528, de 11 de novembro de 1968, e oficialmente instalada, em 12 de março de 1971, com o objetivo de criar e manter a UFPI, pela criação do Conselho Estadual de Educação e do Conselho de Cultura<sup>316</sup> durante o governo Petrônio Portella Nunes<sup>317</sup> (1963-1966). Essas instituições culturais reforçariam a necessidade de promover e divulgar o patrimônio cultural do Piauí, bem como a divulgação da literatura piauiense.

O incentivo para a propagação da literatura piauiense além das fronteiras do Estado era uma tarefa árdua que necessitava da construção de uma rede significativa capaz de distribuir e difundir bens simbólicos materiais (livros, opúsculos, folhetos, revistas) e imateriais (valores, tradições, expressões literárias),

<sup>314</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: 1972, p.122.

<sup>315</sup> Alberto Tavares Silva (1918-2009), foi engenheiro civil, elétrico e mecânico. Foi governador do Piauí por dois mandatos (1971-1975/1987-1991). Foi Senador do Piauí (1979-1987/1999-2007). Exerceu o cargo de Presidente do Diretório Regional do PMDB/PI, onde desempenhou atividades políticas por mais de duas décadas.

<sup>316</sup> Criado pelo Decreto nº631 de 12/10/1965. Tinha como objetivo divulgar o patrimônio cultural do Piauí, bem como de obras literárias, artísticas e científicas de autores piauienses. Em alguns jornais que circularam um ano depois, há certa empolgação com a criação desse Conselho de Cultura, que antecipou a criação do próprio Conselho Federal de Cultura, que foi criado pelo Decreto nº74, de 21 de novembro de 1966. No ano de 1968, já se registra a participação de A.Tito Filho, junto aos Conselheiros no Congresso Nacional de Cultura, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência de Josué Montello, membro da ABL. Nessa oportunidade os Conselheiros piauienses conseguiram uma ajuda em torno de vinte milhões de cruzeiros para compra de equipamentos que fossem necessários à manutenção da Biblioteca Casa de Anísio Brito, bem como a compra de livros.

<sup>317</sup> Nasceu em Valença (PI), em 1925, e morreu em Brasília, em 1980. Foi governador de Teresina (1963-1966). Exerceu o cargo de presidente do Senado Federal (1971-1973) e foi presidente da executiva nacional da ARENA (1973-1975). Foi líder do governo [Emílio Garrastazu Médici](#) (1969-1974) no Senado. Reeleito Senador em 1974 e Presidente do Senado Federal, pela segunda vez entre 1977 e 1979. Sua ligação com o Piauí e sua vasta relação com o Senado Federal levaram-no a utilizar os serviços da gráfica do Senado, criada em 14 de agosto de 1963, para a impressão de alguns livros de literatura piauiense, principalmente aqueles que buscavam divulgar aspectos relevantes da política e da literatura no Piauí. A importância dessa atitude pioneira favoreceu a criação, em 1980, do Projeto Petrônio Portella, que incentivava a publicação de livros de autores piauienses, que concedia 100 exemplares para o autor de cada milheiro impresso.

criando um circuito que aproximasse pessoas e ideias. Para isto, era necessário um constante reforço na construção e manutenção de signos<sup>318</sup>, que pudessem ressaltar a importância intelectual do Piauí nesse cenário que se descortinava.

Era importante também a “abertura” da APL às outras congêneres literárias nacionais e, a viabilização de um constante diálogo que incluísse reconhecimento, troca de favores, mediações em torno de cargos e posições, circuitos de palestras, conferências, publicações. Era necessário que a APL ressuscitasse de seu estado de letargia em que estava mergulhada mesmo na presidência anterior do Des. Simplício Mendes (1959-1971), que foi marcada pela escassez de recursos e as sucessivas indiferenças do poder público com a produção cultural do Estado<sup>319</sup>. Neste sentido, A.Tito Filho, investiu em sua coluna na constante publicação de aspectos que valorizavam a literatura local, que colocavam a APL em um circuito literário nacional e internacional, além de reforçar através da escrita suas habilidades em desempenhar tais atividades.

Além de Bugyja Brito, que havia recepcionado na APL, durante as comemorações do jubileu da APL, e que já mantinha uma longa afetividade com membros da sua família<sup>320</sup>, também registrou em sua coluna outro intelectual por quem demonstrava muito apreço e consideração - o poeta e jornalista Martins Napoleão<sup>321</sup>, que em carta enviada à coluna destacou “ao querido A.Tito Filho discípulo que se tornou mestre”<sup>322</sup>, em virtude do envio de algumas obras como: “Pequena antologia de poemas alheios”; “Três cantos do paraíso”; “Três cantos do purgatório”; “O oleiro cego” e “Opus 7”. Os signos emitidos por Martins Napoleão referiam-se à consideração, admiração, e à outra questão importante, no tocante às relações de assimetria do saber<sup>323</sup> na Academia – a consideração entre mestre e

<sup>318</sup> Sobre a problemática do signo ver: MACHADO, Roberto. **Deleuze e a literatura**. In: **Deleuze, Gilles**. A arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009. p.191-222

<sup>319</sup> MENDES, Simplício de Sousa. **A nossa revista**. O Dia. Teresina, ano 15. fev.1965, p.3.

<sup>320</sup> A. Tito Filho já conhecia irmãos do escritor como Orisvaldo Bugyja de Britto que era jornalista, João Bugyja Britto do período que fez faculdade no Rio de Janeiro, além de sua irmã Yolanda Bugyja Britto.

<sup>321</sup> Benedito Martins Napoleão do Rego nasceu em União (PI), em 1903. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1981. Foi Professor, poeta, jornalista e tradutor. Presidiu a APL no período de 1943-1946. O *Cancioneiro Geral*, 1981, reúne sua obra poética, composta, entre outros, por *Copa de Ébano*, 1927; *Poemas da Terra Selvagem*, 1940; *Caminho da Vida e da Morte*, 1941 e *Prisioneiro do Mundo*, 1953.

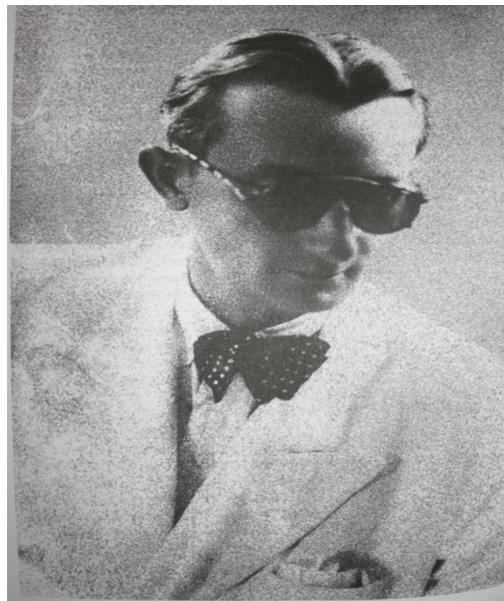
<sup>322</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 23/06/1972, p.4.

<sup>323</sup> O termo *assimetria do saber* refere-se à forte hierarquia que existe entre mestre e discípulo dentro das instituições, que tem como finalidade a busca ou a concretização do saber, principalmente

discípulo. Embora neste caso o discípulo já tivesse grande destaque na solenidade, sentia enorme orgulho de compartilhar este momento com aquele que ainda considerava seu mestre.

Os livros e a dedicatória enviada por Martins Napoleão marcam mais do que uma simples questão de delicadeza e refinamento, denotam uma forma de reconhecimento para com aquele que um dia fora seu aluno de gramática, pelos idos de 1936, na mesma instituição em que este era, naquele momento, professor de língua portuguesa – o antigo Liceu Piauiense. Assim como o ex-aluno havia se tornado reconhecido no campo das letras, ele também havia marcado sua presença no campo literário da cidade desde quando usava óculos escuros, tomava café com os intelectuais de sua época, lia seu jornal vindo de São Luís (MA) no Bar Carvalho e comprava revistas da época na livraria M.A.Tote, como “Noite Ilustrada”, “O Malho”, “Tico-Tico”, “A Careta”<sup>324</sup>.

Imagem 09: O jovem Martins Napoleão



Fonte: KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010, pag 82.

---

utilizando-se da escrita, já que independente do tempo, aquele que é reconhecido como mestre é invariavelmente descrito sob a insígnia do saber. Ver: WAQUET, Françoise. **Os filhos de Sócrates**: filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

<sup>324</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/08/1973, p.4.

Mesmo que este tempo já houvesse passado, existia certa vaidade na maneira como o mestre reconhecia seu antigo aluno e perspicaz discípulo e como se referia a ele demonstrando certa notoriedade, como aconteceu quando em resposta a um livro enviado pelo seu discípulo, reconheceu que “se pude ensinar-lhe o amor da língua como você generosamente diz, estou mil vezes pago desse estímulo, pois você é mestre do idioma”<sup>325</sup>.

A referência de alguém que havia conseguido notoriedade tanto no campo literário como jornalístico servia como baliza para que A. Tito Filho pudesse se perceber e vislumbrar até onde foi e poderia ir. A imagem do jovem poeta Martins Napoleão que gostava de discutir literatura com seus amigos no antigo Bar Carvalho, em Teresina, e que ajudou com seu destaque nacional na divulgação da literatura piauiense, fazendo com que esta saísse dos seus muros e conseguisse ganhar outras fronteiras, fez com que admitisse que o mestre sozinho já valesse grande parte da literatura local, além de enfatizar que sua produção literária repousava “no esforço, na tenacidade, no trabalho magnífico de transmitir conhecimento e beleza”<sup>326</sup>. O mestre era significativo como horizonte de expectativas, para aquele que estava se erigindo e construindo-se como figura importante e notável.

Tal confiança naquilo que representava a figura do mestre contribuía para que este fosse um nome sempre lembrado na hora de convidá-lo para participar de solenidades em lugar de destaque, como na categoria de palestrante, por exemplo. Esta era uma oportunidade onde a longa experiência de um, poderia ser amplamente discutida e considerada pelo outro. Martins Napoleão, durante as comemorações dos 400 anos da obra “Os Lusíadas”, foi convidado para proferir palestra em Teresina sobre Camões, um dos principais influenciadores de sua poesia clássica e lírica.

A palestra que contou com a presença do governador Alberto Silva, exultante do progresso “espiritual” que tal solenidade oferecia a cultura piauiense, foi destaque em várias notas de apoio como a do desembargador Otávio Rego que

---

<sup>325</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/01/1974, p.5

<sup>326</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 17/03/1973, p.5.

dizia ter inserido em ata votos de congratulações pela mesma<sup>327</sup>. Quase um ano depois os textos de apresentação do Governador, os de recepção de Martins Napoleão, escrito por seu ex-aluno, e a palestra sobre Camões e sua obra foram editados pela Companhia Editora do Piauí (COMEPI) com o título de “Epopéia Camoniana”<sup>328</sup>.

Além dos convites de honra, outra maneira de significar a presença do mestre foi lembrá-lo nas comemorações de seu aniversário. Martins Napoleão em agradecimento as felicitações que recebeu por conta da passagem do seu natalício de setenta anos, envia uma carta onde destaca um diálogo entre Baptista Pereira e o poeta modernista Guilherme de Almeida, quando a Academia Brasileira de Letras o coroou “Príncipe dos Poetas”. - “Guilherme de Almeida diz: “Que mestre!” e Baptista Pereira responde: E que discípulo!”<sup>329</sup>.

O tom de admiração que transborda do diálogo reforça mais uma vez a condição de reconhecimento que enlaça ambos, significados pela maneira como dão sentido as suas relações pessoais na vontade sempre oportuna de criar uma rede de sociabilidade intelectual, que também era vazada por laços de respeito e de afeto, mesmo que estes sentimentos sejam significados pelo respeito à diferença de idade, a gradativa experiência adquirida em seus campos de conhecimento e as questões relacionadas a assimetria do saber, já que o mestre, mesmo reconhecendo a posição e status acadêmico alcançado pelo seu ex-aluno, assume a posição de destaque enquanto possuidor de conhecimentos e saberes que se distanciam temporalmente do seu discípulo, que, aliás, mesmo “coroadado” ainda admite o valor simbólico do mestre.

Estas relações de reconhecimento e cumplicidade entre mestre e discípulo também eram estendidas para outros campos e dimensões, como a indicação para postos de confiança, como aconteceu quando em tempos mais remotos em resposta à carta de Félix Aires, então secretário da Federação das Academias de Letras do Brasil (FALB) e membro representante da Academia Maranhense de Letras (AML), que havia sugerido o nome de Bugyja Britto para

---

<sup>327</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/09/1972, p.4.

<sup>328</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/09/1973, p.5.

<sup>329</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 25/03/1973, p.6.

representante da Casa Lucídio de Freitas<sup>330</sup> naquela Federação, acatou o nome solicitado e acrescentou mais dois, visto que além da indicação havia ainda a necessidade do preenchimento de mais duas vagas. Os nomes indicados foram Cristino Castelo Branco e Martins Napoleão<sup>331</sup>.

É importante ressaltar que escolhas e indicações, citações e registros, são atribuições que burilam a vaidade, além de ser responsáveis pela criação de elos de camaradagem e cumplicidade, fazendo com que as relações entre mestre e discípulo sejam bem mais complexas do que apenas relações de reconhecimento entre duas gerações diferentes, onde uma assume devido a seu notório saber a designação de mestre.

Mas não eram somente as relações que envolviam a afetividade entre mestre e discípulo que tornavam forte uma rede de sociabilidade intelectual. Este itinerário ainda estava atravessado por outros tipos de mediações e trocas simbólicas, como aquelas referentes à utilização de sua influência, como jornalista e presidente da APL, para fazer “pedidos” ao Governador e aos seus auxiliares de gabinete, como a sugestão do nome de Josias Carneiro da Silva para que fizesse o curso de museologia na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro<sup>332</sup>, pedido que foi prontamente atendido no sentido do custeio de passagens, já que o curso era patrocinado pela Comissão para o Intercâmbio Educacional Brasil-EUA<sup>333</sup>.

Tempos depois, analisando sua experiência como administrador público<sup>334</sup> confidenciou

[...] tenho a consciência segura de que fiz amigos nos cargos que exerci [...] Vivo a fazer cartas a chefes políticos de prestígio pedindo emprego para os boníssimos semelhantes desesperados [...] Pedi a Hugo Napoleão quinze empregos, fui atendido. Estão comigo na APL os nomeados, gente modesta, de pobreza extremada, que muito me ajuda [...] <sup>335</sup>.

<sup>330</sup> Lucídio de Freitas foi o fundador da Academia Piauiense de Letras em 1917.

<sup>331</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/11/1971, p.6.

<sup>332</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/09/1972, p.4.

<sup>333</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/10/1972, p. 6.

<sup>334</sup> Entre os cargos públicos que exerceu pode-se listar: Delegado de polícia de Teresina; Diretor do Liceu Piauiense; Presidente da extinta SUNAB; Chefe da Administração do Ministério da Agricultura do Piauí; Procurador do IAPEP; Secretário de Educação e Cultura; Secretário de Cultura, entre outros.

<sup>335</sup> TITO FILHO, A. **Papelada**. Jornal O Dia 05/07/1988, p.3.

Mediações também foram registradas no âmbito da publicação de obras, como aconteceu com *Antologia de Sonetos Piauienses*, de Félix Aires, que tinha por objetivo catalogar uma série de poetas piauienses e suas produções literárias, incluindo uma pequena biografia dos seus atores. Neste caso, a intercessão em nome do confrade feita ao governador Alberto Silva existiu no sentido de que autorizasse a publicação da obra, tendo em vista que o autor desejava a quantia de 500 exemplares, sendo que o restante poderia ser distribuído gratuitamente pela Editora do Estado ou pela APL<sup>336</sup>.

A obra já era conhecida nos bastidores literários quando Félix Aires publicou uma nota no *Jornal do Comércio* (RJ), no ano anterior, referindo-se à escrita de Antologia. Ressaltou que esta era em comemoração aos 51 anos de existência da APL e dos 117 anos de fundação de Teresina. Além desta informação fez referências sobre uma lista de intelectuais que, segundo ele, deveriam fazer parte da Casa de Machado de Assis, ao tempo em que cita nomes como Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, refere-se ao nome de A. Tito Filho<sup>337</sup>.

Os originais da referida obra somente foram entregues para APL no dia quatro de fevereiro de mil novecentos e setenta e dois, que ficou com os direitos autorais, segundo o desejo do autor. A obra contava com cerca de 213 sonetos e enxertos de quase três mil versos. Félix Aires insistiu em carta que se destacasse no livro homenagem ao governador Alberto Silva, ao então ministro do planejamento, João Paulo dos Reis Veloso, e ao professor A. Tito Filho<sup>338</sup>.

Embora a obra tenha sido entregue aos cuidados da APL para que fosse publicada, com a ajuda do Governo Estadual, somente um ano depois ficou pronta, mas com a colaboração do ex- Governador e Senador Petrônio Portela Nunes, que a concluiu pela Gráfica do Senado Federal. A obra em questão dias antes de ser finalizada foi escolhida pelo Diretor da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos como exemplar de publicação brasileira que deveria ser incorporada ao acervo da referida entidade. O telegrama vindo do escritório da *Library of Congress*, no Rio de

---

<sup>336</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 24/11/1971, p.4.

<sup>337</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 19/04/1970, p.3.

<sup>338</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 20/21/02/1972, p.5.

Janeiro, endereçada pelo *Field Director* Luiz R. Souza, ajudou a acelerar o processo de finalização da obra<sup>339</sup>.

A.Tito Filho, antes do lançamento da obra *Antologia de Sonetos Piauienses*, enviou cópias do livro para alguns amigos, entre eles, Martins Rodrigues, do Centro Cultural do Rio de Janeiro, que lhe responde agradecendo ao recebimento da obra, além de traçar comentários sobre a péssima encadernação da mesma realizada a máquina o que causava, após manuseio prolongado, a soltura das páginas. Disse ainda que o livro deveria ter uma imagem mais moderna, com o uso de capa plastificada e ilustrações melhor acabadas, o que a tornaria mais durável para aqueles que desejassem fazer pesquisas, já que era esta a finalidade da *Antologia* que exigia o uso constante desse material. Além destas considerações, esclareceu que o nome do autor deveria vir na parte de trás e na capa, antes do título principal. Criticou o centro gráfico do Senado Federal por ainda não ter ajustado suas máquinas de encadernação e ter esquecido as folhas de entremeio, principalmente aquelas que serviam para separar a apresentação da primeira página e quando terminava o índice<sup>340</sup>.

Estas críticas sobre a parte gráfica da obra não eram estranhas a A. Tito Filho, tinha conhecimento que o mercado editorial e o uso de gravuras e artes nos livros era algo difícil e requeria uma soma considerável em sua feitura. Recebeu em vários momentos cartas que socializavam as dificuldades de impressão de obras literárias, quer aquelas que mereciam ser relançadas, quer aquelas que diziam respeito à divulgação de novos autores. Seu confrade do jornal *O Estado de Florianópolis* havia lhe enviado comentários sobre a péssima situação do seu Estado que não oferecia condições para a impressão de obras, sendo apenas articulador na compra de dez ou cinquenta exemplares, realizado pelo Departamento de Cultura, incentivo que era insuficiente para os gastos com a editoração, que em média não custavam menos de vinte mil cruzeiros por livro, variando conforme o número de páginas<sup>341</sup>.

Dificuldades como esta prejudicavam o itinerário intelectual, seja porque subtraía a demanda de ideias no mercado literário, seja porque desequilibrava, com

<sup>339</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/02/1973, p.4.

<sup>340</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 14/06/1973, p.5.

<sup>341</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/07/1973, p.3.

relação às regiões mais favorecidas, o fluxo de obras produzidas, estabelecendo uma forma de déficit cultural que concorria para diminuir a importância de alguns lugares com relação a outros. Era necessário um constante esforço no sentido de amenizar estes obstáculos, por isso a necessidades de artimanhas como a mediação com setores políticos locais, como acontecia com a utilização da gráfica do Senado, através do intermédio do senador Petrônio Portella Nunes, ou ainda, através da gráfica mantida pelo Estado – a Companhia Editora do Piauí (COMEPI).

Se existiam dificuldades emanadas da falta de uma política editorial séria, a concretização da feitura da obra era motivo de orgulho e satisfação, como notamos novamente depois da publicação da obra *Antologia de Sonetos Piauienses*, lançada em grande estilo, inclusive com a presença do autor que veio do Rio de Janeiro para a solenidade. O livro foi apresentado por A. Tito Filho que gravou seu discurso, enviando depois cópias das fitas cassetes, juntamente com exemplares do livro para vários conhecidos de sua rede de contatos. A. Sampaio através de carta agradece o material recebido, inclusive a obra “Vila de Jurema”, do escritor William Palha Dias. Em carta enaltece o trabalho literário que o colunista estava realizando e testemunha que era “um deleite ouvir A.Tito Filho [...] a tranquilidade, segurança e o equilíbrio em tudo que sai de sua pena ou de sua boca, mostram a dimensão do seu trabalho. Você [...] está ajudando o Piauí a exportar cultura”<sup>342</sup>.

Além dos já conhecidos materiais de divulgação (cartas, telegramas, encomendas), o uso de fitas cassetes utilizadas em gravadores, deveriam levar ao ausente da solenidade uma dimensão mais “realista” dos discursos proferidos. Esta inventividade<sup>343</sup> era salutar como tentativa que intentava burlar os entraves e as dificuldades existentes, principalmente aqueles que diziam respeito ao mercado editorial e de divulgação, haja vista a demora na circulação dos bens simbólicos materiais e imateriais se fosse comparada com sua difusão em pelo menos duas décadas depois, quando houve um *boom* considerável com relação à velocidade das informações, principalmente com o uso de computadores e congêneres, por exemplo.

---

<sup>342</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 01/07/1973, p.11.

<sup>343</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Vol.1. Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 1998.

Nestas condições qualquer apoio e incentivo para editar um livro e fazê-lo circular era uma atitude vista com muito louvor, tanto no meio literário quanto no jornalístico, principalmente por aqueles que sabiam que tal investida era uma forma de “furar” os cercos que se haviam armado em torno do processo de editoração, circulação e propaganda, principalmente em lugares historicamente marcados pela dificuldade no uso destes dispositivos. A dificuldade de publicação foi sempre uma constante nas discussões entre intelectuais na cidade de Teresina. Segundo as pesquisas realizadas por Alcebíades Costa Filho, entre 1880 e 1922, já existia uma preocupação com a tímida quantidade de livros publicados na capital. O pequeno volume de obras publicadas não correspondia à avultada produção literária já naquele momento. Ainda segundo o autor era comum através da imprensa a discussão sobre a questão que dizia respeito a “quase todos os intelectuais serem autores inéditos”<sup>344</sup>.

A.Tito Filho em sua coluna publicou uma matéria que saiu na edição *O Jornal* (Rio de Janeiro), em 08/08/1973, que tinha como título “Ficcionistas da província em dimensão nacional” dando destaque para dois literatos do Piauí que conseguiram ter projeção nacional, O.G.Rego de Carvalho e Fontes Ibiapina. O jornal além de salientar que os dois autores deveriam ser melhor conhecidos, expõe que o provincianismo era responsável pela valorização de autores que somente publicavam no eixo Rio/São Paulo, tornando desconhecidos aqueles que não tinham condições para patrocinar esta empreitada.

O jornalista Moacir Lopes já havia afirmado em outra situação que pesava contra Fontes Ibiapina o fato de editar em Teresina com péssima feição gráfica, mas que isto não deveria tirar o brilho de suas ideias. Adiantou ainda que no Piauí tinha intelectuais que deveriam ter dimensão nacional, como A.Tito Filho, devido a sua “intensa capacidade de trabalhar na área de pesquisa histórica, linguística e folclore”<sup>345</sup>, além de outros como Odilon Nunes, Francisco Miguel de Moura, Magalhães da Costa e Hardi Filho.

---

<sup>344</sup> COSTA FILHO. Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição da piauiensidade. 2010.194f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro (Niterói), 2010.p.94.

<sup>345</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 19/08/1973, p.9.

O reconhecimento do jornalista Moacir Lopes com relação a algumas expressões da literatura piauiense era uma consequência positiva na tentativa sempre hercúlea de “exportar” cultura, como sentenciou A.Sampaio. Para isto fez-se necessário um empenho em várias direções capaz de alinhar vários sentidos, desde questões ligadas ao reconhecimento dos mais novos pela trilha deixada por aqueles considerados mais experientes; a existência de meios ou suportes que pudessem garantir a circulação de idéias e a existência de formas de articulação no sentido de colocar pessoas e ideias em movimento, seja através de trocas de favores, seja na ocupação de cargos que facilitassem este movimento, como aconteceu quando Bugyja Brito, indicado por Félix Aires e aceito como representante da APL na Federação das Academias de Letras do Brasil (FALB).

Félix Aires, como membro da FALB, manifestou-se positivamente, em sessão solene, pela reedição da obra *Lira Sertaneja*, de Hermínio Castelo Branco, e deu amplo destaque e apoio ao Plano Editorial do Estado do Piauí<sup>346</sup>, louvando efusivamente as iniciativas do governador Alberto Silva no campo das letras. Enfatizou mais tarde em carta que recebeu aplausos do acadêmico Alfredo Cumpido de Santana, que destacou que o Plano Editorial era um feito exemplar para os outros governadores do Estado da União. Bugyja Brito ainda pediu, no final da sessão, que se registrasse em ata voto de congratulações da FALB ao governo do Estado do Piauí, atitude que foi aceita por unanimidade<sup>347</sup>.

Bugyja Brito, antes do apoio e dos elogios recebidos em sessão na FALB, já havia ganho um exemplar de *Lira Sertaneja* e enviou correspondência de agradecimento, revelando-se exitoso com o volume, dizia ter gostado da brochura e do vocabulário de nomes e expressões utilizadas pelo autor, organizado por A.Tito Filho. Defendeu que a envergadura de tal trabalho não teria paralelo em pelo menos 50 anos<sup>348</sup>. A manifestação favorável de Bugyja Brito na Federação das Academias de Letras do Brasil exprimiu não somente um exercício de seu cargo como

---

<sup>346</sup> O Plano Editorial do Estado criado em janeiro de 1972, pelo Decreto nº 1.416, tinha como finalidade “conceber [...] a publicação de monografias sobre variado aspecto cultural, abrangendo literatura, letras históricas, folclore [...] com o objetivo de familiarizar a mocidade com a vida e a obra de nossos intelectuais vivos e mortos”. Tal Plano Editorial publicou através da Companhia Editora do Piauí (COMEPI) obras como, *Pesquisas para a História do Piauí* (4vols.), de Odilon Nunes, reeditou *A Guerra do Fidié*, de Abdias Neves e *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*, de Pereira da Costa, dentre outras.

<sup>347</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 04/11/1972, p.4.

<sup>348</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 07/11/1972, p.4.

representante da APL, mas também uma oportunidade para retribuir a confiança que lhe fora imputada pelo presidente deste órgão cultural, que tinha no cenário local uma história de longevidade e reconhecimento social. Além disso, as mediações em torno do Plano Editorial poderiam trazer, futuramente, importantes alianças no sentido da publicação e divulgação de obras literárias.

Além de Bugyja Brito, outros confrades estavam em sintonia com as transformações que estavam ocorrendo no campo literário piauiense, como o poeta Félix Aires, que enviou carta para ser publicada na coluna “Caderno de Anotações” referindo-se a quatro painéis principais sobre o panorama das letras no Piauí. Primeiro elucidou a contribuição que o então governador Alberto Silva realizava no campo literário, tanto no sentido de ser “protetor das letras” como administrador que tinha cedido crédito e mobília para a nova sede da APL. Depois se refere ao que denominou de “surpreendente” Plano Editorial que tinha como objetivo publicar obras raras e inéditas da literatura piauiense.

Depois de elevados elogios ao governador e ao Plano elaborado por sua equipe<sup>349</sup>, refere-se ao primeiro marco literário financiado totalmente pelo Estado – o livro *Lira Sertaneja*, como sendo um trampolim para outras que logo seriam publicadas, como “O Manicaca” de Abdias Neves e “Cronologia Histórica do Piauí”, de Pereira da Costa. Finalmente referiu-se à publicação de sua futura obra que, com a ajuda do Governo, faria circular a mais importante coletânea realizada sobre sonetistas piauienses, tanto aqueles que eram consagrados como os mais novos<sup>350</sup>.

Os quatro pontos identificados por Félix Aires levam a pensar na relação existente entre Governo, Plano Editorial, Academia e trocas de favores. A rede de sociabilidade intelectual necessita de tais artifícios, para sobreviver. Existe uma fina sintonia entre tais mecanismos que animam o circuito literário e ajudam na dinamização das relações e das condições de circulação de idéias, autores e obras. Percebe-se que as dificuldades com publicação, divulgação, foram uma constante

---

<sup>349</sup> A Comissão do Plano Editorial era composta por Raimundo Wall Ferraz (Secretário de Educação e Cultura), Odilon Nunes, Noé Mendes, Cassimiro Távora Ramos Filho, Manoel Felício, Armando Madeira Bastos, Deoclécio Dantas. A finalidade da Comissão “era realizar o levantamento do acervo bibliográfico de autores piauienses, ou de obras relativas ao Piauí, selecionando, justificadamente, os que deverão ser incluídos no Plano Editorial do Estado do Piauí”. In: Diário Oficial. Teresina. Ano 41. nº 17. p.2, jan.1972.

<sup>350</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/10/1972, p.3.

na história da editoração do Piauí, sendo sintomático para viabilização destas a intervenção estatal, que em diferentes momentos da trajetória da presidência de A. Tito Filho foi acionada com vistas à efetivação de sua participação como principal subsidiador das publicações.

É necessário lembrar que as interligações entre intelectuais e Estado não podem ser vistas de forma naturalizada, como se um determinado grupo social fosse mais legítimo para participar das atividades estatais do que outros. O que há de fato são lutas de representação, mesmo em esferas de poder diferenciadas, com relação às formas de estratégias e manipulações. As lutas de representação são importantes de ser pensadas no sentido de

Compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tentar impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificação ou de delimitações [...] consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais<sup>351</sup>.

Mas não existe somente a cooptação dos intelectuais pelo Estado, esse também passa a ser utilizado como estratégia discursiva por aqueles no sentido de captar recursos, distinções, materialidades. Percebi que durante as comemorações do centenário do poeta Celso Pinheiro, quase quatorze anos depois da publicação da obra *Antologia de Sonetos Piauienses*, A. Tito Filho continuava suas críticas no jornal *O Dia*, no sentido de captar recursos utilizando-se de pressão ao Estado

Quase nada foi feito para as comemorações do centenário de Celso Pinheiro, pedi a divulgação, pois a Academia não possuía dinheiro para pagar a publicação jornalística. Tem subvenção de vinte mil cruzados mensais, quantia que mal paga material de expediente, material de limpeza, correspondências no Correios e outros gastos mínimos. O MEC oferece uma esmola de apenas vinte e oito mil cruzados<sup>352</sup>.

Tais questões ajudam a pensar que a finalidade das Academias literárias, aos moldes da Academia Brasileira de Letras (ABL), como instituições que deveriam

<sup>351</sup> CHARTIER, Roger. **Introdução**: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990, p.17.

<sup>352</sup> TITO FILHO, A. **Celso, o pobrezinho**. Jornal O Dia 06/07/1987, p.3.

a rigor manter-se distantes das ações e dos engajamentos políticos externos e internos da sociedade e que deveriam focar exclusivamente o campo literário, como desejou Machado de Assis<sup>353</sup>, estava muito longe de existir, ela não conseguiu manter-se distante dos jogos de influências que foram se estabelecendo dentro dela e de suas congêneres.

Imagem 10: A.Tito Filho em discurso de recepção a Austragésilo de Athayde (então presidente da Academia Brasileira de Letras), juntamente com o governador Alberto Silva.



Fonte: Acervo fotográfico da Academia Piauiense de Letras

As relações de afetos, confrarias, amizades, mediações não persistem sem a existência de uma rede que lhes conectem e possibilitem a formação de uma sociabilidade intelectual, que tem como característica a presença de uma dinâmica capaz de criar condições para o desenvolvimento de estratégias capazes de influenciar trocas de favores, pedidos de intervenção, alianças, posições, cargos. É neste emaranhado de poderes e saberes que se constroem condições para o itinerário intelectual.

A. Tito Filho entendeu que era necessário ao Piauí, como Estado, ser incluído sem preconceitos no mapa do Brasil, sob pena de que seu processo cultural

<sup>353</sup> RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2003.p. 29

esse ficasse ameaçado e passasse por irreparáveis danos. Fazia-se urgente a elaboração de planos que tivessem a finalidade de contribuir para a dinamização do Estado, fazê-lo virar as costas para séculos de discursos sobre sua incapacidade geográfica e populacional. Tinha-se que limpar tempos de enunciações que teimavam em deslocar para o Piauí estereótipos ligados a ideia de sertão, pobreza, ruralidade<sup>354</sup>.

A invenção de uma rede de sociabilidade intelectual era fundamental para reforçar as ideias que faziam parte do discurso desenvolvimentista, praticado nos anos setenta do século XX. Essa mudança de percepção com relação ao Estado do Piauí, somente teria êxito se criasse as condições necessárias para o deslocamento de um fluxo de ideias que permitissem pensar a urgência dessas questões. Eram os intelectuais que deveriam conduzir esses “novos tempos”. Era a APL como guardiã dos valores mais tradicionais da literatura regional que deveriam levar a frente esse comprometimento de forma mais “oficial”.

A. Tito Filho não ajudou somente na elaboração desse novo cenário que se tornou um forte desejo diante das promessas de modernização do Estado do Piauí, principalmente da sua capital que deveria conter e digerir os signos desse recente discurso. Ele corroborou no sentido de alinhar as condições necessárias, juntamente com sua rede de contatos intelectuais, para a dinamização dessa vontade. Sua participação nos meios de comunicação, no Plano Editorial, sua liderança na APL e no Conselho de Cultura, foram primordiais para sua alavancada pessoal.

Nesse sentido se armou de condições baseadas na negociação e na camaradagem como signos que o ajudariam no processo de positivação do nome do Estado e de suas vicissitudes. Utilizando-se das recentes oportunidades inseridas pela criação de um mercado de cultura midiaticado, ajudou a transitar

---

<sup>354</sup> Os estereótipos construídos com relação aos processos identitários piauienses podem ser cartografados através da literatura e do folclore, por exemplo, como discursos que produziram práticas e interesses que concorreram para o quadro de nordestinização do Piauí. Elson de Assis Rabelo (2008) procurou demonstrar que alguns intelectuais piauienses tentaram oferecer sentidos e significados à produção de um espaço, capaz de organizar as expressões naturais, sociais, sensitivas e políticas. Ver: RABELO. Elson de Assis. **A história entre tempos e contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí.** Natal: UFRGN. Dissertação (Mestrado). Linha de pesquisa de Cultura, poder e representações espaciais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008. 200 p.

experiências de pensar o Estado, principalmente do ponto de vista da literatura. Nesse trânsito também “viajaria” o seu próprio nome e imagem, já que da boa administração desse cenário, resultaria sua própria trajetória de distinção. As cartas enviadas para sua coluna Caderno de Anotações contribuíam para que dessem visibilidade a um mundo das letras em efervescência, atravessado por um fluxo de pessoas que ia, dependendo da situação, constituindo-se como base de contatos em suas articulações.

Mas como essas cartas, que se tornaram um dos principais fluxos de opiniões, informações, novidades, refletiam também as viscitudes do seu remetente? Como essa escrita de cunho privado poderia oferecer visibilidade para uma escrita afetiva? De que maneira essa escrita revelaria aspectos do seu destinatário e daria pistas da sua rede de sociabilidade intelectual?

### Capítulo 3

#### *A escrita dos afetos ou a recepção da afetividade*

*A amizade dá, sempre, sem medidas.  
Luís Mendes Ribeiro Gonçalves*

Como mostrei anteriormente as relações de cordialidade estreitadas na rede de sociabilidade intelectual nas quais A.Tito Filho estava inserido eram aquelas que envolviam práticas baseadas na negociação e na camaradagem. Realcei que uma das maneiras de observar esta circularidade amistosa era percebendo o fluxo das correspondências como um importante trânsito de ideias que envolviam solenidades literárias, novidades relativas à inclusão de novos autores, publicação de obras, circulação e recepção de críticas literárias, troca de favores. Destaco para esse capítulo que um dos principais interlocutores de A. Tito Filho que fazia uso das cartas, entre aquelas que já foram destacados nessa segunda parte, foi o colega de fardão da Academia Piauiense de Letras, o intelectual Luís Mendes Ribeiro Gonçalves<sup>355</sup>.

A carta é um texto produzido e objeto trocado entre aqueles que se correspondem<sup>356</sup>, nesse caso, são tratados como fonte ou como objeto de estudo, principalmente quando se tem a escrita de si como finalidade de análise, já que a carta é um típico documento de acesso ao mundo privado e pessoal. É importante

<sup>355</sup> Foi jornalista e contribuiu para os seguintes jornais: *A Imprensa, O Lírio, O Estado do Piauí, Correio de Teresina, Correio do Piauí, Diário Oficial, O Momento*. Ocupou a Cadeira nº19 da Academia Piauiense de Letras, cujo patrono é Antônio José Sampaio. Foi Membro do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense e do Cenáculo Piauiense de Letras. Idealizou o escudo do Piauí; participou da elaboração do mapa do Piauí; concebeu, desenhou, calculou e dirigiu a construção do prédio da antiga Escola Normal (hoje sede da Prefeitura de Teresina); projetou o grupo escolar Demóstenes Avelino; introduziu o concreto armado no Estado; conduziu a ampliação da Usina Geradora de Eletricidade. Em sua bibliografia destacam-se: Problemas Municipais; Fossas Biológicas; Tipo de Colônia Agrícola para o Nordeste; Mapa do Piauí; Magistratura e Justiça; Aspectos do Problema Econômico do Piauí; A Servidão da Inteligência no Economismo Contemporâneo; Educação e Democracia; Construções Escolares no Piauí; A Escravidão e o Movimento Abolicionista; O Babaçu na Economia Nacional; Fretes Marítimos Internacionais; Viagem de Inspeção ao Nordeste; Santos Dumont - glória e amargura; Joaquim Ribeiro Gonçalves - poeta, político e parlamentar; A Formação do Engenheiro e sua Função Social e Impressões e Perspectivas (organizado por A., Tito Filho). Sobre ele, A.Tito Filho (2010, p.18) disse : “foi poeta, jornalista, orador, parlamentar, conferencista, crítico literário, cientista, geógrafo, historiador, estudioso da Sociologia, urbanista, professor, economista”. Ver: KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.18.

<sup>356</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna**: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 111-138.

lembrar que não tenciono explorar as cartas como documentos que possam oferecer acesso a um passado tangível, no sentido de tocar um real ou como uma narrativa pessoal que confere uma impressão maior de veracidade<sup>357</sup>, mas como textos que são construídos e que possuem sua arquitetura simbólica própria, bem como, suas regras de funcionamento e percepção. Acredito que os arquivos pessoais não são testemunhos incontestes, mas pistas e formas de ver o mundo<sup>358</sup>, já que a prática epistolar envolve um fluxo de ir-vir de intenções, esperas ansiosas, respostas que podem ser breves ou não.

Imagem 11: Luis Mendes Ribeiro Gonçalves



Fonte: acervo fotográfico do Arquivo Público do Piauí

<sup>357</sup> VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna**: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.42.

<sup>358</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: Edusf, 2002, p.23.

As correspondências de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves a A. Tito Filho são exemplos de um diálogo epistolar entre dois intelectuais de gerações diferentes<sup>359</sup>, nas quais o primeiro, apesar de ser mais jovem, encontra-se, com relação ao segundo, assumindo um lugar de distinção, durante o recorte temporal das cartas, entre 1970 e 1980, já que ocupava, além da cadeira 29, a função de presidente da APL. O segundo era, além de um dos imortais da APL, ocupante da cadeira 19, um reconhecido engenheiro que chegou a ganhar o título de sócio da *Société des Ingénieurs Civils de France*.

Esse ciclo de amizade poligeracional foi responsável por uma circularidade intensiva de ideias baseadas na amizade, na confiança, no respeito e, principalmente, na admiração mútua. A.Tito Filho deixou registradas em crônicas suas impressões sobre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, desde que começou a manter um diálogo mais longo com ele, principalmente devido as suas atividades exercidas como Presidente da APL. Sobre isso disse:

Vejo-me na presidência da Academia Piauiense de Letras. Início o esforço de convivência com os confrades - com os de Teresina e com os residentes noutras paisagens brasileiras. Um dos que mais me aplaudiram o trabalho e os objetivos, no Rio, foi Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves - e entre nós se desenvolveu, anos fora, uma correspondência fraterna, amiga, plena de lições utilíssimas por parte desse homem ímpar ao discípulo fincado de corpo e alma no chão piauiense. Quanto aprendo nas suas cartas sempre fiéis nos depoimentos, escritas sem defeito, ao correr da pena, educadas como se espelhassem a própria personalidade daquele que assina - culta, generosa, sincera, íntegra. São cartas literárias.<sup>360</sup>

Mesmo que nesse circuito não se tenha acesso às cartas enviadas por A.Tito Filho ao amigo, as cartas-resposta ou as cartas-retorno, escritas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves são fontes importantes para se perceber como as ideias

<sup>359</sup> Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, nasceu em 1895, na cidade de Amarante (PI) e faleceu em 1984 no Rio de Janeiro. A.Tito Filho, nasceu em 1924, na cidade de Barras (PI) e faleceu em 1992, na cidade de Teresina. Quando o segundo ainda não era nem nascido, aos 8 anos de idade, foi morar com o tio Antonio Ribeiro Gonçalves, que havia chegado da Bahia formado em medicina. Nesse espaço teve acesso à rica biblioteca do tio, que fez com que colocasse em prática sua atividade de leitor, que havia adquirido, desde os 5 anos, com a mãe que lhe ensinara as primeiras leras. Em 1907 foi aluno do Colégio Diocesano e depois do Liceu Piauiense. Em 1911, deixou Teresina e transferiu-se do ginásio para Salvador onde deveria estudar para ser médico, assim como o tio, mas desistiu e escolheu a engenharia. Formou-se em geografia, em 1914, e Engenharia Civil, em 1916. Quando A.Tito Filho nasceu, em 1924, já era reconhecido em suas atividades de engenheiro e exerceu, por várias administrações estatais, o cargo de Secretário na antiga Secretaria da Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas. Ainda ocupou cargo de diretor geral do Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS).

<sup>360</sup> TITO FILHO. A. **Ainda o mestre**. Jornal O Dia. 03/04/1989. p. 4.

do seu interlocutor foram recepcionadas, o clima de sociabilidade intelectual, além de ser um importante painel do fluxo literário, entre 1970 e 1980, já que as cartas publicadas dilatam-se nesse espaço temporal. Além de refletirem o cenário literário e cultural de Teresina, a própria escrita da carta possui um estilo literário, como A.Tito Filho ressaltou em sua crônica *Ainda o mestre*. Ainda deixou registrado que a forma de escrever do missivista e amigo possuía características importantes, no tocante a sua maneira de escrever, como o uso da

palavra fácil, ativa, protótipo do orador feito e perfeito. De tudo que escreve, com graça, períodos puros, radia beleza, grandeza mental, segurança no afirmar e no discernir. Sabe esgotar os assuntos de que trata sem cansar o leitor, antes convocando-o mais ainda para a leitura, porque desta derivam lições de impecável conteúdo e de notável propriedade do vocabulário usado. Frases límpidas, cheias, sonantes. Estilo de arte rigorosa. [...] escrevendo com letra à semelhança de desenhos de fino labor. Impressionante figura humana, extraordinária individualidade no concerto geral dos que o conhecem e em razão de conhecê-lo aprendem a admirá-lo<sup>361</sup>.

É importante frisar que o circuito retroalimentado de significação<sup>362</sup> é uma das principais características de um diálogo epistolar, marcado essencialmente pelo fluxo e circulação de uma rede, que nessa análise, refere-se à amizade entre dois intelectuais, que tinham bastante reconhecimento e distinção. Considerando que cada carta alimenta a vinda de outra, cada vez mais marcada pela intensidade, é possível admitir que ao ser enviada para seu destino, a carta já não pertence somente ao seu autor ou remetente, mas de quem recebe que se torna, conseqüentemente, seu “proprietário”<sup>363</sup>.

Nesse sentido, o acesso a uma das partes no trânsito entre correspondências, ao contrário do que se possa conjecturar, em nada prejudica o

<sup>361</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodiaco, 2010. p.18.

<sup>362</sup> Este circuito favorece a análise de um dos circuitos das cartas, tendo em vista que a apropriação de um dos lados da correspondência é tão importante quanto o acesso ao trânsito completo de ir-vir, já que as respostas fazem menção às perguntas e ampliam reflexões que foram feitas pelo remetente. Além disso, as cartas-resposta estendem para além das questões do remetente, ampliando questões sobre o cotidiano, saúde, solidão, amizade, entre outros assuntos. Sobre este circuito retroalimentado de significação, ver: GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.53.

<sup>363</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.53.

entendimento das questões propostas pelo seu emitente, já que as respostas são indiciárias ou apontam objetivamente para as perguntas ou reflexões que foram feitas pela pessoa que enviou a carta. Na obra *A filha de Galileu*<sup>364</sup>, a autora Dava Sobel, faz uso deste circuito retroalimentado de significação, onde se utilizando das cartas escritas pela filha mais velha de Galileu, ao longo de duas décadas, enclausurada em um convento da ordem de Santa Clara, perto de Florença, escreveu uma biografia daquele que revolucionou a visão do universo e confirmou a tese do heliocentrismo, proscrita como herética pela igreja Católica naquele período.

As respostas enviadas pela filha de Galileu, posteriormente denominada sóror Maria Celeste, dão conta do contexto conturbado da Florença dos Medice, as ações da Inquisição, o ambiente das universidades, a peste bubônica e a Guerra dos Trinta Anos, além de enredar um caráter pouco conhecido da vida íntima daquele que fundou as bases da ciência moderna. Essa é apenas um dos exemplos que levam em consideração as cartas como um importante acesso às narrativas de introspecção, que servem para enredar narrativas sobre um tempo.

Se nos capítulos anteriores, que compõem essa segunda parte, defendi que existe um importante circuito de sociabilidade intelectual, que auxilia a intensificação da imagem de A.Tito Filho e a construção de sua distinção, possibilitada, principalmente, pelo artifício da linguagem, desejo agora, mostrar a partir de um ponto de referência pessoal e afetivo, como este trânsito era recepcionado. É como se fosse possível observar, através de uma lente de aumento, como as cartas enviadas por A.Tito Filho eram acolhidas, como suas ideias encontravam ancoradouros, mas principalmente como eram recepcionadas em suas intenções e, ao sê-lo, como sua imagem também ia sendo esculpida.

---

<sup>364</sup> Embora a literatura faça uso há mais tempo das cartas como importante fonte que enuncia ditos, sensibilidades e significam um período, a exemplo da obra *A filha de Galileu*, elas têm sido bastante utilizadas pelos historiadores na tentativa de elucidar questões referentes à troca simbólica entre sujeitos que desejam expressar suas vontades e enredam imagens e práticas de si. As cartas tornaram-se privilegiadas quando a intenção é perceber o micro, o cotidiano, as sensibilidades, as intrigas, as relações sutis de poder, as questões intelectuais, entre outras abordagens tão caras para a história cultural. O historiador Peter Gay tem se utilizado bastante da carta, entre outros documentos autobiográficos, como fonte para escrever e montar contextos históricos que aludem ao processo de criação do moderno pela burguesia europeia e norte-americana desde 1820 até a Primeira Guerra Mundial. Focando nas dimensões dos desejos, alegrias, tristezas, ternuras, ódios, intrigas, paixões, mostra um interessante painel do cotidiano oitocentista. Ver: SOBEL, Dava. **A filha de Galileu**: um relato biográfico de ciência, fé e amor. São Paulo: Cia das Letras. 2000. GAY, Peter. **A educação dos sentidos**: a experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia das Letras. 1988.

É bom lembrar que a carta é um espaço de intimidade. É a manifestação de uma escrita autoreferencial ou escrita de si<sup>365</sup>, o que se convencionou chamar no tempo presente de produção de si, já que as cartas são dotadas de uma individualidade. São espaços privados que guardam registros do tempo. As cartas também são espaços de construções da imagem, já que existe um teatro confidencial, onde os missivistas utilizam-se da palavra para marcar seus lugares, dizer suas preferências, mostrar suas inquietações, sonhos e desejos. Todo esse cuidado de si é importante, pois quando se escreve existe preocupação em torno de qual imagem se deseja projetar.

Nesse caso, quanto mais cuidado com as palavras e com a forma de posicionar suas ideias, mais retorno de respeito e consideração, principalmente se se tem em conta um trânsito entre intelectuais, amigos e pares que primam pelo adorno das palavras, já que é salutar ter em conta que estes detinham, através da prática da escrita e do discurso, o domínio de notórios saberes e que ambicionam com isso reconhecimento e distinção.

Analisando esta rede de sociabilidade intelectual, observei que em meio ao conjunto de cartas enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, existia uma preocupação significativa sobre o destino dado para suas correspondências pessoais, já que em uma das cartas declarou ter decidido

Minhas inúmeras cartas, de correspondência particular, ficam em várias pastas, para meu sobrinho Afrânio Nunes, que lhes dará o destino que quiser. Só deverão, entretanto ser publicadas, após boa revisão, pois são conservadas em cópia carbono, sem qualquer emenda<sup>366</sup>.

A preocupação com a forma como as cartas seriam publicadas indica um importante aspecto com relação à questão da intelectualidade, qual seja, a forte preocupação com a imagem, já que muitos intelectuais participam de associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos que são influenciados ou

<sup>365</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.07-26.

<sup>366</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.126.

marcados pelas práticas culturais da oralidade e/ou escrita. A intelectualidade é uma das manifestações da distinção, por isso, analisar esses percursos é uma instigante caça às maneiras que os sujeitos utilizam para sua autorepresentação ou autoimagem<sup>367</sup> que, às vezes, de tão rotineiras já fazem parte da própria constituição de si.

Neste sentido, a preocupação com a revisão das cartas, caso fossem publicadas, o que veio de fato acontecer, mostra que a preocupação com a imagem é um importante atributo da escrita de si, principalmente levando em consideração que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves era escritor, poeta, jornalista, crítico literário, entre outras atividades consideradas intelectuais, que levam em consideração a prática da escrita e da leitura. Essa sua longa trajetória e experiência com a escrita tinha lhe proporcionado certo zelo com a forma de apresentação daquilo que escrevia, e não era diferente com as cartas que, além de selarem suas intenções, eram uma forma de apresentá-lo. Não enviava apenas escritos, enviava também fragmentos de si. Não é incomum perceber no conjunto das cartas preocupações como: “esta carta borrada, rasurada, emendada, sei bem que muito mal me recomenda”<sup>368</sup>.

Tais questões faziam/faz parte daqueles que se utilizavam/utilizam da escrita manual da carta, já que nem sempre o missivista podia/pode contar com o tempo apto entre a leitura da carta enviada, a escrita da resposta e a reescrita sem rasuras, principalmente se aquele que envia a resposta era idoso, tinha problemas com a visão e gostava de escrever longas cartas como, às vezes, admitia: “é uma desgraça. Verifico que estou a dobrar a décima página. Isto realmente é uma falta de atenção. Penitenciou-me. Desculpe-me. Vou parar”<sup>369</sup>.

Esses fatores contribuíram para que quase sempre houvesse calorosos pedidos de desculpas como, por exemplo, quando escreveu enumerando várias formas de tradução do soneto *Correspondances*, de Baudelaire. No meio da carta

<sup>367</sup> Giselle Venâncio (2004) defende que em uma teia de correspondências intelectuais o autor se constrói para o leitor, mesmo que seja de forma inconsciente. VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna**: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.124.

<sup>368</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.178.

<sup>369</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.166.

antecipa-se “vou-me espreadando insensivelmente, sem noção de tempo e espaço. Sinto-me envergonhado de minha própria demasia. Conto, porém, com suas desculpas benevolentes”<sup>370</sup>. Ao final da carta sentencia “foi tal destempero que de corrida me saiu. Não sei se terá conseguido lê-la”<sup>371</sup>.

Essas considerações ajudam a pensar que os sujeitos que fazem parte de um diálogo epistolar, principalmente aqueles que têm como característica principal o trânsito entre intelectuais, possuem, entre outras preocupações, aquela referente à maneira como irá expor sua imagem e suas ideias e, expondo-as, de que maneira estas não irão desmerecer, agredir ou tornarem-se inoportunas para quem se escreve. A deselegância com as palavras ou uma descompostura na forma de demonstrar os sentimentos podia/pode obstaculizar uma circulação em uma rede baseada principalmente no respeito entre aqueles que dialogam tendo em consideração o lugar ocupado pelos missivistas. Não será demais enfatizar que “a palavra escrita tem o poder de reatar encontros com o passado, sentir-se presente na vida e fazer projeções para o futuro”<sup>372</sup>.

Mas não era somente a imagem de quem escrevia que ia sendo esculpida durante a escrita da carta, mas de forma especial a imagem daquele para quem a carta era destinada. As imagens de A. Tito Filho, que partem do escrínio que pertenceu ao acervo particular de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, dizem respeito a pelo menos duas variações: a imagem de amigo e de Presidente da APL. Realço, porém, que estas imagens dialogam umas com as outras, os limites são apenas de cunho explicativo.

A imagem de amigo desloca-se sobre todo o corpo das cartas, desde a saudação, passando pelo conteúdo e indo até as saudações finais, ou ainda, se estendendo pela parte pós-escrita (onde utilizava normalmente a sigla P.S). Entre “Meu caro Arimathéa” ou “Meu caríssimo Arimathéa”, utilizados normalmente na saudação, uma rede de afetos e sensibilidades vai sendo estabelecida, desde o

<sup>370</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.178.

<sup>371</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.178.

<sup>372</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; ARAÚJO, Maria do Socorro de Souza. **Cartas do Chile: os encantos revolucionários e a luta armada no tempo de Jane Vanini**. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

agradecimento pelo recebimento da carta, livros, jornais, circulares da APL, até registros de gratidões pela leitura de textos, lembrança do nome do remetente para fazer “orelhas” de livros, prefácios, artigos para revistas, revisões e traduções de texto, entre outras atividades.

A amizade além de ser um sentimento de apreço e consideração é também uma longa conquista de confiança, que é reiterada várias vezes na vida, como aquela relacionada à circulação de documentos, principalmente com o fim de justificar ou comprovar algo. Como era um dos membros da APL que residiam em outro Estado, no Rio de Janeiro, não era incomum o trânsito de alguns documentos comprobatórios, cédulas de votação tanto para eleição de novos membros como para eleição para presidente, balancetes, confirmação de rubrica em cartório, entre outros. Juntamente com uma das correspondências enviadas A. Tito Filho enviou-lhe cópia dos documentos relativos à votação para o preenchimento de uma das cadeiras na APL. Em resposta escreveu “muitíssimo agradecido à sua bondosa atenção. Não me deveria ter-me enviado cópias de documentos. Para mim, creia, sua afirmativa é o que vale”<sup>373</sup>.

Outro sentido, referente à questão da amizade é a sua importância como uma poderosa força de compartilhamento nos momentos de solidão. Se a condição de presidente da APL e a ocupação em outras atividades intelectuais fazia com que A. Tito Filho estivesse sempre às voltas com solenidades, publicações, festas, homenagens, palestras, encontros, a recíproca, com relação a Luís Mendes Ribeiro Gonçalves não era verdadeira, já que seu interlocutor era bastante idoso e levava uma vida bem limitada às suas condições físicas e de saúde, como confidenciou em uma das cartas

Apesar de esforçar-me, tentando uma espécie de reversão da vida, a idade, em constante avanço e por si mesmo uma doença, como diziam os antigos, está sempre a opor-me restrições, privando-me de grandes prazeres. Quase me reduz os atos da vida vegetativa: comer, dormir, fazer a ronda ao quarteirão, quando não chove e as pernas permitem. À leitura, que é, certamente, o mais benéfico dos refúgios, já me entrego com dificuldades, por fraqueza da visão. A conversa, janela aberta ao convívio, é limitada pela solidão peculiar aos anos acumulados. A escrita é obrigada a ser

<sup>373</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.83.

interrompida, por que a percepção visual enfraquecida, embaralha e confunde<sup>374</sup>.

A escrita da carta, o diálogo com o amigo que estava distante e cheio de tantas atividades era como se fosse uma forma de bálsamo aliviando-lhe as sombras das horas. A correspondência não tinha apenas a finalidade de circulação de ideias entre dois sujeitos que mantinham determinadas atividades intelectuais, tinha ainda a intenção de preencher o fio do tempo com palavras e afetos. Luís Mendes Ribeiro Gonçalves sabia da importância da amizade como meio de aliviar seus momentos de solidão e confidenciou “nestas horas de introspecção e de saudade você está comigo, ao meu lado, como floração afetiva e irradiação de inteligência”<sup>375</sup>.

Mas a solidão não é apenas um mal, uma enfermidade, um deslocamento da rotina, é um entre, uma possibilidade de criação<sup>376</sup>, era este entretanto sensível responsável por animar ou ainda tornar mais rápido o trânsito entre as correspondências. A solidão, principalmente aquela instalada por conta da aposentadoria das atividades profissionais e pelo afastamento das atividades acadêmicas, já lhe havia feito afirmar “tenho-me tornado desconhecido, por completo, dos contemporâneos de agora. A velhice, bem o sinto, é no particular, uma espécie de sepultamento antecipado”<sup>377</sup>. A saudade do amigo e a vontade de continuar participando de um intercâmbio epistolar, que ajudava a preencher seu tempo de presença e atividades, fazia-o retornar com o circuito, mesmo que houvesse dificuldades, como asseverou “andei absorvido de preocupações. Mas, hoje, mais desafogado, resolvi matar as saudades”<sup>378</sup>.

A amizade de longos anos, já que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves havia sido contemporâneo e colega do seu pai Arimatéia Tito, fez com que a relação entre

<sup>374</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.109.

<sup>375</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.109.

<sup>376</sup> BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007. p.96.

<sup>377</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.83.

<sup>378</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.129.

ambos fosse de muita confiança, isto favoreceu ainda mais o trânsito de correspondências, que não se limitava apenas a temáticas de cunho íntimo ou do cotidiano, mas sim, uma verdadeira circulação de informações sobre a Academia, publicação de obras, leituras de circulares, informativos, revistas, jornais, livros, que eram continuamente enviados por A.Tito Filho e devolvidos em forma de comentários, críticas e anotações. Toda esta circulação havia feito com que a solidão tomasse outras direções e, apesar das dificuldades inerentes a sua idade já bastante avançada, reconhecia

no meio de tal desassossego, uma coisa muito me tranqüilizou: você não se deslembrou de mim. Com pontualidade, continuou a enviar-me as publicações da Academia. Os Informativos mensais e os livros solicitados com freqüência. Com o primeiro vou ficando ciente da atividade literária da APL. E com os segundos tomo conhecimento da evolução qualitativa das letras piauienses<sup>379</sup>.

Além da confiança e da saudade, percebo que a amizade ia sendo demonstrada ou construída através do compartilhamento de questões de natureza privada e cotidiana, como as frequentes questões ligadas à saúde, tanto de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves como da sua esposa Alice Ribeiro. Em algumas cartas confidenciou a A.Tito Filho o estado adoentado ou a falta de ânimo, como quando lhe explicou os motivos que o levaram a não realizar a leitura da obra publicada pelo amigo, denominada *Sermões aos Peixes*. Sobre isso confidenciou “Adoentado, não tenho tido ânimo para dar-me, totalmente, à leitura, sem interrupção, do que tem me enviado”<sup>380</sup>.

---

<sup>379</sup> KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.197.

<sup>380</sup> KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.123.

Imagem 12: Casal Luis Mendes Ribeiro Gonçalves e Alice Ribeiro



Fonte: KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.. 223

Ainda revelou que as doenças advindas da velhice faziam com que se sentisse ainda mais próximo do

abismo insondável e irremissível, agarrando-nos ao passado, o presente é sempre melancólico e sem futuro. Infelizmente não há outra saída. É a situação que me atormenta, sentindo-me cada vez mais entorpecido e inseguro nos movimentos. Resta-me, apenas, como consolo, um pouco de luz espiritual, amortecida, que me oferece por entre sombras envolventes, o contato com o mundo, cada vez mais distante e fugidio. Mas enquanto há uma réstia de sol, corro à sua luz<sup>381</sup>.

Além da sua fragilidade física tinha ainda receios quanto à saúde da esposa, em uma das cartas conta com bastante preocupação sobre os problemas que esta apresentara na visão, sem encontrar, por parte dos médicos, os motivos ou a medicação adequada, até que o diagnóstico apontou para uma alergia, que fazia

<sup>381</sup> KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.129.

com que seus olhos lacrimejassem muito e irritasse a conjuntiva<sup>382</sup>. Declinados os sintomas, dois anos depois, encontra-se novamente com preocupações acerca da esposa que levava uma queda e a arcada ocular batera no chão, o que provocara um volumoso hematoma e contusão no braço direito. Sobre o acontecido narrou a A.Tito Filho

Estávamos os dois sós em casa. Sobressaltado, tive de prestar, pessoalmente, os primeiros socorros e de providenciar, de imediato, a vinda de nosso médico assistente, Prof. Botelho Ferreira. No momento já se não encontrava na residência, nem no consultório. Felizmente a enfermeira deu com ele no Congresso reunido, então, no Hotel Nacional da Barra da Tijuca. E avisado, veio atender-nos com a maior presteza. Não houve, graças ao céu, qualquer fratura<sup>383</sup>.

Os limites impostos pela idade, tanto seu como da esposa, as dificuldades em escrever, devido aos problemas da visão, contribuíram para que tivesse certa dificuldade em datilografar seus próprios textos: comentários, artigos, prefácios. Isso o levou a fazer alguns pedidos pessoais ao amigo A.Tito Filho, como passar seus textos à máquina, utilizando-se dos serviços da Academia. Além dessa ajuda, sempre gostava de contar com seu auxílio para que fizesse as devidas revisões nos textos que enviava.

Essa forma de auxílio contribuía para que demonstrasse ainda mais afeição e simpatia para com o amigo, como se pode observar quando entregou seu estudo sobre o poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva e ressaltou-lhe: “se achar em condições de publicação no livro a ser consagrado ao Poeta, espero que as mande, para isso datilografar, escoimando-as, naturalmente, dos erros que sua visão aguda e esclarecida encontrar”<sup>384</sup>, ou ainda, quando fez a apreciação da obra Quatro Escorços Biográficos, escrita por Bugija Brito, que iria ser publicado à guisa de prefácio. Ao perceber que havia se estendido e não teria tempo para resumi-lo e nem contava com o auxílio de alguém para datilográ-lo, recebeu notícia do próprio autor que A. Tito Filho havia se prontificado a passá-lo à máquina e, de forma bastante aliviada, comentou: “a informação me tranquilizou e a sua

---

<sup>382</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.137.

<sup>383</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.189.

<sup>384</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.123

bondade me oferece ensejo de pedir-lhe que reveja o que fiz com pouco apuro, atenuando-lhe os defeitos mais gritantes”.<sup>385</sup>

Esses constantes pedidos faziam com que reconhecesse que estas tarefas avolumavam ainda mais as atividades diárias do amigo, por isso, sempre que lhe fazia algum pedido realçava insistentemente “sei que isto é tomar-lhe tempo e o seu tempo vale ouro, mas sua gentileza comigo leva-me a cometer abusos, certo de suas desculpas”<sup>386</sup>, ou ainda, referindo-se aos originais do seu livro que havia enviado a A.Tito Filho com o objetivo de que este fizesse leitura preliminar: “ não lhe pergunto o paradeiro dos originais. Não ignoro as suas ocupações, tão grandes e tão múltiplas, que lhe não deixam vagar para as letras triviais”<sup>387</sup>.

A imagem de amigo é sem dúvida uma das mais frequentes que corta o conjunto de cartas, que tinha como forte característica a amizade intelectual, tanto no que dizia respeito às demonstrações de afeto e confiança, como às constantes troca de favores, desde que não comprometessem a amizade entre ambos. Pedidos que colocam um dos missivistas em desacordo, frustração, dificuldade, ou que incorre em importunismo, não são frequentes em um trânsito de amizade intelectual, já que este movimento é marcado por pedidos justificados na amizade e na solidariedade mútua. Isto não quer dizer, a propósito, que não ocorram pedidos inoportunos, mas isso desequilibra a circulação de afetos e de ajuda.

Além da saudação e do corpo da carta, outro espaço possível de cartografar sentidos de amizade é aquela referente à despedida e pós-escrito. Nestes espaços é selada mais uma vez a condição da amizade e do afeto entre os missivistas. É comum na despedida a presença simbólica da corporeidade, ou seja, nesses momentos o corpo investe-se de palavras para ficar mais próximo do destinatário. Expressões como “um grande, apertado e afetuoso abraço, do velho amigo e admirador” ou “receba o meu abraço de felicitações, de amizade e de admirador”, demonstram uma singela vontade do missivista em tornar-se presença para seu interlocutor tão longe de sua corporeidade.

<sup>385</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.143

<sup>386</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.143.

<sup>387</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.135.

A despedida é também o lugar onde se reiteram as qualidades do destinatário ou que oferece visibilidade aos sentimentos daquele que escreve. A expressão de sentimentos como admiração, amizade, respeito, é utilizada na despedida como forma de marcar o lugar daquele que escreve em relação àquele que irá receber a carta. Esta demonstração de sentimentos, além de expressar o desejo de quem escreve, pode encobrir hábitos, rotinas, escolhas pessoais de despedida, já que se trata de um diálogo epistolar entre intelectuais. Além destas expressões que marcavam as despedidas, este espaço também se apresentava como importante lugar para reiterar recomendações aos familiares do amigo missivista, como se observa em “muitas recomendações, minhas e de Alice, à sua digna Senhora e às suas gentis filhinhas”<sup>388</sup>.

Em algumas cartas enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves percebe-se que após a despedida, existem algumas “emendas” ao texto principal que ficam por conta da abreviatura P.S. (*postscriptum*; do latim *postscribere*, verbo que significa “escrever depois”). Este espaço é reservado para pequenos lembretes ou questões que escaparam na hora da escritura da carta. São pequenas enunciações que retomam questões novas ou ideias contidas no corpo da carta principal.

Além da retomada de questões, o pós escrito pode servir para realçar compromissos ou para futuras reflexões, que servirão para alimentar o fluxo de outras correspondências, como se pode observar nesse fragmento a seguir, onde o missivista deixa aberto o diálogo, para futuras correspondências, ao lembrar-se do livro escrito e enviado anteriormente pelo amigo A.Tito Filho, para sua leitura: “P.S. Estou desejoso de desobrigar-me de umas tantas ocupações, a fim de empreender a proveitosa *Viagem ao Dicionário*”<sup>389</sup>.

A outra imagem de A. Tito Filho que partiu do escrínio que pertenceu ao acervo particular de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves diz respeito a sua distinção como presidente da APL. Observo nessa imagem ideias próximas às de articulista, no sentido de que conseguia fazer circular um fluxo significativo ligado a ideias,

<sup>388</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.196.

<sup>389</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.121.

autores e obras, principalmente do circuito literário piauiense. A imagem de presidente viabiliza perceber como deu sentido a uma rede de sociabilidade intelectual já que o fluxo de correspondências aponta, para além de gestos de amizade e solidariedade, a existência de um circuito marcado pelas trocas de favores, pela necessidade de ocupação de cargos distintivos e pela importante fomentação de práticas culturais que incluíam a leitura, a escrita, o pensamento e a circulação dessas mesmas práticas.

Em uma rede marcada pela presença de intelectuais que detém posições diferentes em uma mesma Instituição, não se pode perder de vista que, além da amizade, submergem questões relacionadas ao circuito de sociabilidade, pois esta é uma importante condição numa rede de contatos determinada pela inserção do intelectual no mundo cultural<sup>390</sup>. Isto quer dizer que, num trânsito de correspondências entre pessoas que carregam a distinção de intelectual, irão aparecer vestígios dessa mesma intelectualidade, marcada principalmente pela circulação de práticas da escrita, principalmente aquelas relativas ao campo das ideias, opiniões, críticas, onde o diálogo contribui para difundir estas mesmas questões.

Um aspecto interessante observado nas correspondências entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e A. Tito Filho é que as cartas, mesmo possuindo um caráter privado, são utilizadas como registros que circulam de forma pública, utilizando-se dos meios de comunicação, como colunas jornalísticas, informativos ou revistas especializadas, na medida em que aquele que a recebe (o destinatário) detém também seu direito de “proprietário”. Essa prática foi muito recorrente durante toda a fase A. Tito Filho (1971-1992), que se utilizava das cartas, telegramas, livros, jornais, informativos, revistas, como meios que ajudavam a publicidade de sua imagem e incentivavam a construção de redes de informações, que ajudavam consequentemente a alimentar sua diversificada prática de escrita.

Ressalto, porém, que esta prática deveria levar em conta as condições de cordialidade, cumplicidade e confiança existente nessa rede de diálogo epistolar entre intelectuais, marcada principalmente, como já destaquei, pela amizade e a

---

<sup>390</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: correspondência ente Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.51.

consideração, caso contrário, ao invés de cumplicidade e amizade alimentaria rivalidades e intolerâncias. Já que aquele que não concordasse com a forma como sua escrita fosse utilizada em termos de publicação, poderia vir a questionar conteúdos ou manifestar insatisfações. Tudo dependia de uma questão de “equilíbrio epistolar” ou de certo “bom senso”.

Percebi algumas ressonâncias do diálogo epistolar entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e A. Tito Filho na coluna *Caderno de Anotações*, quando esse publicou a decisão do amigo em doar sua biblioteca particular, após sua morte, para a Academia, doando títulos de Literatura, Filosofia, História, Ciência, Biografia, Moral, Economia, Oratória, perfazendo em torno de mil títulos<sup>391</sup>. Em sua coluna de crônicas no *Jornal O Dia*, inseriu uma boa parte da carta enviada por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, onde esse narra, após a leitura do livro *Carnavais de Teresina*, escrita por A.Tito Filho, sua participação no baile carnavalesco de 1920, onde se encontrou com o poeta Lucídio Freitas, que falecera meses depois<sup>392</sup>. Publicou na *Revista Notícias Acadêmicas* parte da carta onde o amigo missivista ajuizava sobre a necessidade da APL ter sede própria<sup>393</sup>.

Essa circulação pública de documentos privados, lembrando que aquele que escrevia/remetia também considerava a condição de publicação de suas cartas, enfatiza mais uma vez que no processo de distinção, que marca a trajetória intelectual, aquele que escreve não significa apenas a si mesmo, mas também seu interlocutor privilegiado. O diálogo entre missivistas, numa rede de recepção intelectual, permite, para além das demonstrações de afeto, a existência de linhas que singularizam troca de apoio, auxílio, solidariedade, que ajudam a reforçar ainda mais a rede que eles mesmos ajudavam a trançar.

---

<sup>391</sup> Em crônica referiu-se ao desejo de Luís Mendes Ribeiro de doar sua biblioteca e das condições em que recebeu os livros, como se percebe nesse fragmento “Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves manteve comigo, desde os idos de 1974 até perto de morrer, correspondência de grande mérito. Em 1983, manifestou-me a vontade de doar os seus livros técnicos à Universidade Federal do Piauí e os livros de ciências sociais e literatura à Academia Piauiense de Letras. Fiquei satisfeito com a atitude do grande confrade. Faleceu em 1984. Só uns dois anos depois os livros chegaram. Estragados pela umidade. Sujos. Encontravam-se sob cruel desprezo em dependência de apartamento no Rio. Uma tristeza. Ainda assim aproveitei pelo menos um terço dos exemplares”. ver: A . TITO FILHO, A. **Os livros de Matias (Olimpio)**. *Jornal O Dia*. 18/03/1989, p.4.

<sup>392</sup> TITO FILHO, A. **Lucídio**. *Jornal O Dia*. 16/04/1988, p.4.

<sup>393</sup> COMENTÁRIO. *Notícias Acadêmicas*. Teresina, ano1.n.4, p.1,abr.1986.

Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, em 1979, quando o governo de Lucídio Portela Nunes (1979-1983), não delegou nenhum cargo especial para A. Tito Filho, em uma de suas secretarias, assim se pronunciou em carta

Personalidade vitoriosa, não se dignifica com a culminância de situações passageiras, antes lhes empresta maior relevo. Lamento que haja sido deslembado, sobretudo pela sua colaboração direta e esclarecida [...] ao ato indesculpável você responde com trabalho sem canseiras, de extraordinário brilho, acompanhado com interesse e admiração, dentro e fora do Estado, por coestaduanos e intelectuais de outras regiões. Só em 1978 sete títulos! É o autor desta opulenta produção e continua incontido, trabalhando em outras áreas da inteligência e do saber, na cátedra, na tribuna acadêmica, na imprensa, em numerosas atividades culturais<sup>394</sup>.

A decepção ante a não escolha do amigo para uma das secretarias denota outra característica existente em uma rede de intelectuais: a preocupação ou a necessidade de ocupação de cargos públicos como meio importante que auxilia ainda mais o processo de distinção. Como esse circuito intelectual, em análise, era marcado pela presença de amigos que tiveram ou ainda possuíam fortes laços com o Estado, nada mais natural que se esperasse que o mais jovem ocupasse funções na administração pública, isto porque as relações intelectuais e culturais no Brasil foram/são fortemente marcadas pela presença do Estado que assumia/assume o papel de mecenas no contexto do mercado cultural e editorial<sup>395</sup>.

No Brasil, assumir um cargo junto ao governo é sempre uma possibilidade de utilização desse privilégio em proveito de si e daqueles que fazem parte do seu círculo de relações pessoais. No caso de A. Tito Filho, além de ajudá-lo no processo de distinção, auxiliava como um importante meio que servia para equilibrar ou amenizar a frágil relação com o mercado editorial e consumidor de literatura local. Sua participação em cargos públicos era uma estratégia importante que ajudava a mantê-lo na presidência da APL, pois permitia sua circulação no difícil e restrito mercado editorial. Além de favorecê-lo com a publicação de obras, que ajudavam a legitimá-lo ainda mais sua posição de intelectual e presidente da principal instituição literária local.

<sup>394</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.108.

<sup>395</sup> ROCHA, João César de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso**: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História. Rio de Janeiro: Campos. 2000.

Sua participação nos governos anteriores de Alberto Silva (1971-1975) e Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) havia sido importante, para o acesso aos meios de publicação, já que no governo do primeiro foi alavancado um importante plano editorial custeado pelo Estado, que teve na APL uma de suas bases de efetivação. O impacto do Plano Editorial foi continuado no governo seguinte de Dirceu Mendes Arcoverde, que implementou o Projeto Petrônio Portela, incentivando os autores locais à publicação, bem como doando a eles uma quantidade de 100 exemplares correspondente a cada milheiro impresso. A participação de A.Tito Filho nessas duas formas oficiais de publicação e circulação literária rendeu-lhe a publicação de várias obras<sup>396</sup>.

A convicção inicial de Luis Mendes Ribeiro Gonçalves de que A.Tito Filho seria um dos escolhidos para participar da administração do recente governo de Lucídio Portela Nunes cedeu lugar a uma posterior decepção, baseado principalmente na imagem que fazia do amigo como alguém de distinção que possuía, naquele momento, acentuado destaque com relação ao panorama do mundo das letras. Sobre o prisma dessas convicções refletiu “na nossa terra valores ou merecimentos tão altos quanto os seus, pelo que tem sido e realizado, não são contraditórios, mas muitos raros, verdadeiramente excepcionais”<sup>397</sup>.

Luís Mendes Ribeiro Gonçalves era testemunho de que a APL havia ganho fôlego durante sua administração, pois além de ter conseguido manter relações de cordialidade com membros do Estado, sempre que se fazia necessário, criou e recriou fluxos no sentido de incentivar e divulgar a literatura piauiense, a história, seus costumes. Sobre isso seu interlocutor destacou

Não lhe bastaram a meritória e volumosa obra, o brilho continuado e fascinante, as fartas demonstrações de inteligência, como homem de pensamento, o trabalho dedicado ao desenvolvimento e propagação da cultura e, principalmente, a diligente dedicação em transmiti-la como mestre, incontestavelmente, a mais elevada função humana<sup>398</sup>.

---

<sup>396</sup> As obras publicadas pelo Plano Editorial, durante o Governo Alberto Silva (1971-1975), foram: Viagem ao Dicionário (1972); Esmaragdo de Freitas: homens e episódios (1973); Deus e a Natureza em José Coriolano (1973); Zito Batista: o poeta e o prosador (1973); Lima Rebelo: o homem e a substância (1973). Já aquelas publicadas pelo Projeto Petrônio foram: Lima Rebelo: o homem e a substância (1985; 2ª edição); Gente e Humor (1986).

<sup>397</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.107.

<sup>398</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.107.

Ora, a distinção e a imagem de Presidente da APL são realçadas nas cartas através da constatação das suas atividades intelectuais exercidas, que foram sempre tão diversificadas. Esta forma de quantificação do saber leva em conta uma construção simbólica baseada na intelectualidade como uma prática socialmente percebida, valorizada e reproduzida<sup>399</sup>, ou seja, como um bem simbólico que oferece distinção a quem utiliza. Mas a construção de uma imagem distinta em A.Tito Filho, realizada pela recepção da amizade, não obedecia apenas ao fluxo do seu reconhecimento como importante figura que exercia cargos ou que havia se tornado emblemático para exercê-los, mas também como importante fomentador do mundo cultural e literário local.

O conjunto de cartas é atravessado por uma quantidade significativa de envio de livros, informativos, jornais, circulares, que ajudavam a materializar a onda de publicações que haviam sido fomentadas, desde 1972, com a implantação do Plano Editorial, no governo de Alberto Silva, que teve como finalidade a difusão e a publicação da literatura piauiense, e teve na figura de A.Tito Filho, então Presidente da APL, sua principal base aliada<sup>400</sup>.

Decorridos dez anos, dessa iniciativa da implantação do Plano Editorial percebo, em carta enviada, no dia 09 de julho de 1982, que o trânsito literário havia ganho uma velocidade impressionante, o que de certa maneira ajudou a garantir sucessivas posses a A.Tito Filho como presidente da APL. Entre outros assuntos versados na carta, o remetente empolgou-se diante da circulação de uma variedade de autores e obras

Tenho recebido as publicações. Que fartura!...Exulto com seu admirável trabalho de animador, sacudindo, como um mágico, a capacidade criadora dessa nossa gente de tinta inteligente e tão pobre de meios para exercitá-la [...] você tem sido *ébralement* admirável a provocar a cristalização, em livros, de idéias e sentimentos<sup>401</sup>.

<sup>399</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp: Porto Alegre (RS): Zouk, 2008.

<sup>400</sup> No próximo capítulo também serão tratadas nuances da participação de A. Tito Filho nesse plano voltado para a dinamização das atividades culturais do Estado.

<sup>401</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.193

Se A. Tito Filho era visto como alguém que favorecia o trânsito literário era porque tinha conseguido movimentar as linhas tênues entre o mundo das letras e aquelas que diziam respeito às práticas oficializadas de publicação. Alguns dos seus próprios livros foram recepcionados pelo amigo, como Igreja do Alto da Jurubeba (1978), onde esse destacou que tal obra pertencia à série Teresina, Meu Amor (1973)<sup>402</sup>, enfatizando que A.Tito Filho desde a escrita desse primeiro livro-memorial havia iniciado uma espécie de coleção de textos sobre a cidade de Teresina, que ainda incluíam títulos como: Gente e Humor (1974); Sermões aos Peixes (1975); Praça Aquidabã, Sem Número (1975); Teresina, Ruas, Praças e Avenidas - Roteiro Turístico (1976); Crônica da Cidade Amada (1977); Carnavais de Teresina (1978); Memorial da Cidade Verde (1978); Crônicas (1989).

Todas essas obras, à exceção da última, foram sistematicamente enviadas para Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e tinham diferentes finalidades, como presenteá-lo, fazê-lo comentar, escrever prefácio ou ainda visitar suas próprias memórias da cidade, que iam alimentando o circuito de outras correspondências, além das suas colunas e de seus livros sobre a cidade de Teresina. Seja como for, o envio de tal bibliografia deixava o missivista sempre muito contente, já que o trânsito ajudava a mantê-lo informado e atualizado sobre as publicações locais e nacionais, sempre que era possível registrava seu contentamento ao amigo e presidente da APL

Você prossegue no afã louvável de preservar a nossa produção literária, promovendo-lhe a divulgação. É, além de brilhante cultor e incentivador, propagador de nossas letras. Nunca um presidente da Academia terá desempenhado as altas funções de maneira profícua, extensa e intensa.<sup>403</sup>

A intensidade com relação ao fluxo de livros enviados ainda guardava proporções mais extensas porque além de sua própria bibliografia, o fluxo epistolar ainda era movimentado por obras de outros autores com o intuito de que o amigo apreciasse, lesse e comentasse. Esta forma de recepção ajudava A.Tito Filho a enriquecer seus comentários sobre literatura nos programas radiofônicos, nas

<sup>402</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.137.

<sup>403</sup> KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.109.

solenidades de lançamento, nas apreciações da coluna Caderno de Anotações, nas suas próprias resenhas, prefácios, nas solenidades literárias, tanto na APL como em outros espaços de comemoração.

A circulação literária e sua forma variada de recepção ajudavam a construir um baú de memórias e de apreciações e auxiliava na construção de uma prática de crítica literária, mesmo que ainda voltada para os aspectos ligados mais ao autor do que à obra. Sabe-se que a literatura tem a “função de promover mudanças no horizonte de expectativas do público, obrigando-o a criar outras expectativas, que também deverão ser modificadas, sempre que novas obras forem surgindo”.<sup>404</sup>

Essa habilidade tinha tornado Luís Mendes Ribeiro Gonçalves um importante mediador entre autores e público, além de contribuir para o crescimento de suas expectativas com relação a uma possível entrada na Academia Brasileira. Sobre isso o amigo já havia sugerido à época da indicação do piauiense Carlos Castelo Branco, que veio a ser recebido em 25 de maio de 1983, ocupando pela sexta vez a cadeira 34

O Carlos Castelo Branco, ao que tudo indica, será o próximo membro da ABL. É o caminho para que o Piauí avance o passo. Não nos falta gente para isso. Em condições para arrancada temos Assis Brasil, O.G. Rego de Carvalho e você. Vá se preparando. Quero vê-lo de fardão, espadim e chapéu de bico e plumas<sup>405</sup>

O incentivo e a confiança demonstram que o diálogo epistolar entre intelectuais é marcado pelo atravessamento de questões que contribuem para marcar ainda mais sua distinção, tanto daquele que escreve a carta, como daquele que recebe. Se ambos previam e, às vezes, publicavam parcialmente as correspondências é porque o campo intelectual, para lembrar Bourdieu<sup>406</sup>, tem suas próprias regras, princípios, e são definidas a partir das delimitações impostas pelos

<sup>404</sup>NASCIMENTO, Francisco Alcides. **História e literatura**: revisitando fronteiras. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro. **Entre línguas**: movimento e mistura de saberes. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p.100

<sup>405</sup>KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.195.

<sup>406</sup>BOURDIEU, Pierre. **O sociólogo e o historiador**: Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

seus participantes. Isto quer dizer, que os campos criam suas próprias condutas, suas formas de relacionamento e horizontes de expectativas.

Tanto a imagem de amigo como a de presidente da APL cruzam-se entre as narrativas epistolares enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves Mendes Ribeiro Gonçalves e deixam perceber que A. Tito Filho é um sujeito relacional dentro do campo intelectual em que vivia. Isto quer dizer que, a despeito de sua singularidade no trânsito entre intelectuais, sua distinção é construída tendo como principio o próprio movimento exercido pela circulação de suas ideias e intenções. A imagem de um sujeito relacional (ele existe em função de sua comunicação com outros) serve como reflexão para evitar-se a ideia de indivíduo isolado ou do gênio singular.

É nas relações existentes nos campos intelectuais que o intelectual é construído. A correspondência é uma forma de manter contato, de posicionar ideias, de fazer circular novidades, interesses e de fazer-se presente com relação ao outro. As distâncias diminuem quando a vontade é estar junto, é participar. A. Tito Filho ganhava com a recepção do seu mundo literário pelo amigo. Esse último preenchia seu tempo e suas expectativas com o fluxo que lhe chegava e que o animava, como ele mesmo considerou

Chegam-me, frequentemente, os números do Informativo da APL, os balancetes, os livros novos, as notícias das ocorrências sociais e das solenidades literárias. É um sopro de vida que, de súbito, me entra em casa, revigorando-me o ânimo e gritando os sonhos e as ideias dessa nova gente, cuja inteligência e espírito você está constantemente a incentivar e fortalecer, como criador e estimulador [...] De longe acompanho tudo com alegria, fazendo votos para que se conserve como centro admirável de propagação de inteligência e de cultura<sup>407</sup>.

As correspondências entre intelectuais e amigos apontam para questões que dizem respeito à escrita de si como importante meio onde se cruzam diferentes (re)invenções do sujeito moderno. Os fluxos de visibilidade existentes no conjunto das cartas mostram que para além de um diálogo entre amigos, existem regimes de experiências, expectativas, desejos, que se conectam e mostram que uma época

---

<sup>407</sup>KRUDEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.109.

somente é visível por aquilo que se torna enunciável através da linguagem. Aquilo que podemos ver e dizer é aquilo que foi permitido em cada época e agenciado pelos sujeitos. Nesse sentido, as cartas dizem o que os missivistas viam e como formulavam suas questões e seu cotidiano e como desejavam que seus prováveis leitores o vissem.

Ressaltei ao longo desse texto que as cartas são escritas de si; espaços de construções da imagem, já que existe um teatro confidencial. Teatro aqui, como espaço de encenação da linguagem, da escrita, interpretados pelos missivistas que se utilizam da palavra para marcar seus lugares, dizer suas preferências, mostrar suas inquietações, sonhos e desejos, mas também para construir sentidos para seu público. As cartas territorializam afinidades marcadas entre dois intelectuais que se utilizam do signo da amizade para dizerem seus territórios de afinidade e cumplicidade.

Mas o que aconteceria se esses signos se rompessem, principalmente aqueles que diziam respeito a reconhecimento entre os pares, auxílio na divulgação de ideias e pessoas, demonstração de gratidão por aqueles que conseguissem se manter na rede ou no mercado editorial? O que aconteceria quando algumas “regras” fossem quebradas? De que maneira a escrita da afetividade poderia contrariar seus sentidos e dar visibilidade a ódios e intrigas?

### Parte III

## A ESCRITA DOS DESAFETOS OU A ESCRITA COMO IMAGEM DA VAIDADE

### Capítulo 1

#### *A pintura de si: a escrita como vaidade*

*É que Narciso acha feio o que não é espelho*  
Caetano Veloso

Em uma tela de Caravaggio<sup>408</sup>, o pintor italiano, ofusca com seu jogo de luz e sombra uma temática já bastante conhecida pelo Ocidente – o mito grego de Narciso. No quadro, *Narciso* está debruçado sob um lago, fascinado pela imagem que se delinea neste. A expressão facial de Narciso é de puro encantamento, misturada com uma sensação de serenidade tão aguda que provoca em quem observa a tela certo estranhamento. O que Narciso observa é sua própria imagem ou uma imagem desfigurada, embora ainda lhe pareça causar certo êxtase?

Imagem 13: Narciso, Caravaggio, c. 1597



Fonte: <http://mesquita.blog.br/arte-pintura-caravaggio-blog-do-mesquita>

Entendo que a arte pictórica abre-se para diversas sensações causando em quem observa diferentes reações e leituras conforme a destreza do olhar e do

<sup>408</sup>Michelangelo Merisi da Caravaggio, foi um importante pintor barroco italiano, nasceu na cidade de Milão, no final do século XVI e início do XVII.

imaginário<sup>409</sup>. Neste sentido, é interessante ressaltar que a tela pintada por Caravaggio surpreende pela energia que deixa fluir ao “teatralizar” e imortalizar uma cena clássica do mito de Narciso, aquela que diz respeito ao momento em que se apaixona pela própria imagem.

Mas qual a importância desta cena retratada por Caravaggio? Talvez por ser emblemática para representar aquilo que ficou conhecido no Ocidente por narcisismo, ou seja, uma necessidade aguda de aparência ou ainda uma extrema vontade de ressaltar a si e suas “qualidades”, utilizando-se para este fim diversos artifícios. As pinceladas de Caravaggio reforçam uma distorção humana tão antiga quanto a própria humanidade – aquela que diz respeito a percepção de que alguma coisa ou alguém somente tem importância levando-se em consideração aquilo pelo qual é tido e não aquilo que é.

A pintura tem a vantagem de exprimir linguagens que perambulam pelo tempo. O Narciso, pintado por Caravaggio, veste roupas fluidas, tem gesticulação suave, aparenta jovialidade doce, sua presença não denota arrogância, ou qualquer tipo de superioridade, se não fosse pela postura iconoclasta que assume, em primeiro plano, ao vislumbrar apaixonadamente sua imagem. No quadro, o enfoque, a perspectiva, as zonas de luz e sombra, as cores, são importantes enunciados que prendem a intenção do artista no tempo do eterno. Todo artista brinca de divindade ao criar sua própria natureza.

Narciso e Caravaggio são apaixonados pela imagem. Um contempla pelo lado de dentro da tela sua beleza refletida na fonte, o outro contempla, pelo lado de fora, sua criação. Ambos mergulham na eterna sensação dos enamorados: “nada da imagem pode ser esquecido; uma memória extenuante impede que se saia à vontade do amor, em suma que o habitemos sensatamente, razoavelmente”<sup>410</sup>. Não existem saídas para a miséria amorosa, segundo Barthes, ela sempre será ruína, resta administrar ou largar. Narciso largou a oportunidade de amar a ninfa Eco<sup>411</sup>,

<sup>409</sup> Sobre a pintura como expressão da visibilidade do espírito ver: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

<sup>410</sup> BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.63.

<sup>411</sup> Era uma ninfa da terra (Epigéia), do grupo das Oréades (ninfas das montanhas). Ela era muito bonita e vagava triste pelas florestas devido ao castigo imposto pela deusa Hera, que a deixou

pois sua vaidade nunca o deixou tocar no amor. Caravaggio viveu parte de sua vida fugindo na intenção de continuar realizando sua arte, na tentativa de administrar seus dons com sua paixão arrebatadora por bebida, mulher e farra.

A paixão não aceita meia entrega quer ser queimada por inteiro no fogo das sensações. A vaidade consome a paixão. O vaidoso é antes de tudo uma vitrine que, segundo Nietzsche, dispõe, esconde, realça, supostas características a ele atribuídas, a fim de realçar sua imagem<sup>412</sup>. O vaidoso é um ressentido<sup>413</sup> de seu passado, quando ainda não era conhecido ou quando ainda não reunia pessoas suficientes para reconhecê-lo, já que ele sempre foi predestinado para algo de grande importância. É por isso que no presente é um ser por excelência apaixonado pela arte do convencimento e da dissimulação. É forma que encontrou para punir o passado e viver o presente.

Narciso era um ser convencido. Não via nada, apenas o reflexo de sua própria imagem, não escutava nada, apenas a repetição da sua própria voz emitida pela ninfa Eco. Esta se transformou em pedra após morrer amargurada pela completa incapacidade de ser correspondida pelo amado. Ela que já tinha sido dona de uma eloquência radiante, havia sido condenada pela deusa Hera a somente repetir o final das sentenças, sem jamais ter iniciativa no diálogo<sup>414</sup>. Era assim que tentava manter uma conversa com Narciso, mas este preferiu a morte ao encontro

---

muda e sentenciada a somente falar o que os outros já haviam falado. Ela apaixonou-se por Narciso, mas esse somente ouve “ecos” da sua própria voz quando fala com a ninfa.

<sup>412</sup> COSTA, Gustavo B. **Sobre hipocrisia, dissimulação e coisas afins:** Nietzsche e a vontade de engano. Revista Argumento. Ano 1, nº. 2, 2009.

<sup>413</sup> O ressentido é aquele que “não consegue digerir os maus sentimentos, produzidos por sua incapacidade de realizar a verdadeira reação, a dos atos” (Nietzsche, 2006). O ressentimento é movimentado com relação ao fora, ao outro, aquele que não é ele, ao invés de voltar-se para si. O ressentimento torna o passado presente. A decepção que sentiu em algum momento da vida, gera o rancor, que favorece a vontade de ferir e magoar aquele ou aqueles que o desprezou. O ressentido gosta do silêncio para planejar sua investida, não esquece aquilo que lhe magoou ou decepcionou. Para ele as pessoas boas são aquelas que “não ferem ninguém, que não insultam, que deixam a vingança por conta de Deus, que não possuem maldade e exigem pouco da vida” (Nietzsche, 2006). Sobre essa discussão ver: NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Cia das letras, 2006. ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos.** In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento.** Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001. p.15-37. KONSTAN, David. **Ressentimento: história de uma emoção.** In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento.** Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001. p.59-84. MONTE, Regianny Lima. **Memórias e (res)sentimentos em torno do processo de modernização de Teresina durante a década de 1970.**In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras.** Teresina: EDUFPI; Imperatriz (MA): ÉTICA, 2010.p. 297-324.

<sup>414</sup> Segundo a versão do **Dicionário de Mitologia Greco-Romana.** São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.127-128.

com Eco. Narciso ao definhar ao lado da fonte completamente apaixonado pela sua imagem transformou-se em flor.

Caravaggio dissimulou-se várias vezes durante sua vida tentando não ser encontrado pelos seus inimigos, que foram sempre inúmeros, em virtude de sua conhecida agressividade, principalmente em decorrência do consumo de bebidas e da apaixonada frequência aos lugares onde normalmente gostava de encontrar prostitutas<sup>415</sup>. A utilização em seus quadros do escuro como complemento da claridade, ou da claridade como avesso do escuro, não era somente condição de sua maturidade artística, era reflexo também de sua humanidade.

Narciso e Caravaggio estão distanciados pelas narrativas do tempo e do espaço, mas se aproximam pela força da obstinação. O primeiro foi obstinado pela sua imagem, o segundo pela sua arte. Ambos amaram a beleza e dariam sua própria vida para viverem para sempre perto dela. A beleza é convencida e dissimulada. Sua vaidade é monstruosa, foi por isso que Narciso confessou: “- Tu és vejo-a agora, mas é tarde demais, é por mim que estou apaixonado”<sup>416</sup>. Quando estava próximo de vislumbrar a beleza da ninfa Eco, encontra-se com sua própria imagem, refletida na fonte. Então, já não havia saída, a paixão é cega, mas enxerga o alvo.

Para Barthes a catástrofe amorosa é pânica, reportando ao deus Pan<sup>417</sup>, pois é uma experiência sem retorno devido à forte projeção do outro, ao ponto de, quando este faltar ficar sempre a eterna sensação “estou perdido para sempre”<sup>418</sup>. Narciso estava condenado a sua paixão, assim como todos aqueles que foram/são apaixonados por si ao ponto de não estabelecerem contato com o *fora* dos seus próprios territórios afetivos. Assim como o efeito *chiaroscuro*, utilizado por Caravaggio em seus quadros, estão condenados a permanecer na dimensão sombreada da sua própria vaidade, vizinhos dos seus próprios desejos.

<sup>415</sup> GOMBRICH, E. H.; **História da Arte**; São Paulo: LTC Editora, 2002.

<sup>416</sup> NOGUEIRA, Salvador. **Mitologia**: lendas. Livro 03. São Paulo: Editora Abril, 2011, p.24.

<sup>417</sup> Deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores. Temido por causa do medo que provocava em quem atravessava a floresta, principalmente à noite, pois se acreditava que poderia aparecer e amentrontar as pessoas, já que era bastante conhecido por suas performances sátiras.

<sup>418</sup> BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.50.

A pintura é uma espécie de escrita. Tanto a pintura como a escrita é desejo. A escrita é o lugar simbólico da criação, da destruição, da transformação, devido à existência da vida pulsional<sup>419</sup>, ou seja, a vida como um eterno saciar-se e começar de novo; uma eterna invenção poética, imaginativa, experimentativa, criativa. Segundo Rogério Miranda de Almeida<sup>420</sup> a escrita de um texto é o lugar onde a vida é tramada, tecida, lida a partir de novas pulsões, combinações, inclusões, jogos e entrelaçamentos de forças variadas.

Então criador e criatura são modelados pela vida pulsional, pois, ao pintar um quadro ou escrever um texto, é necessário mergulhar na vida em toda sua potência, já que nada fica indiferente aos impulsos que todos os dias recebemos da errância, do acaso, do intempestivo. Narciso e Caravaggio são sujeitos distintos, embora tenham se encontrado nas margens da criação, da invenção. Este mundo imaginado, mas nem por isto menos real, no sentido de ser força, pulsão, vida, é fabricado constantemente através das palavras, do tempo e da memória.

É importante pensar um quadro ou um texto como passagens onde perambulam narcisos, caravaggios, vaidosos, tempestuosos, embevecidos, intensos. Todos são andarilhos que podem viver repetindo (como a ninfa Eco) a instância do passado como o lugar do sossego, sendo hostis ao novo ou aquilo que configura como novidade. *Narciso acha feio o que não é espelho*, como enuncia a música de Caetano Veloso, não só porque não vê sempre sua imagem refletida, mas também porque tem dificuldade de reconhecer no presente sua face. Esta se apresenta sempre deformada, seja pelo movimento enfeitiçante do agora, seja pela embriaguêz anamnésica<sup>421</sup> experimentada pelos sentidos.

A escrita enfeitiça o texto. Sua sedução é tão desconcertante que causa em seu flâneur (o leitor) um estado de embriaguez. A escritura, assim como a pintura, é um espaço onírico já que os sonhos, os desejos, as pulsões, também imprimem no papel (in)verdades, (in)constâncias, (re)sentimentos, que tentam

<sup>419</sup> ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p.93

<sup>420</sup> ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 94

<sup>421</sup> O termo refere-se a embriaguez da memória impulsionada pelo movimento de vagar no presente amontoado de passados. Sobre o termo ver: BENJAMIN. Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989(Obras Escolhidas; vol.3).

capturar os leitores nas teias ilusórias daquilo que ficou estabelecido como racionalidade. Mas a racionalidade não é somente uma convenção, é também um enredo de práticas e argumentos que servem como tessitura para a formação de novas ideias, valores, moralidades.

Assim como o flâneur de Walter Benjamin cruza camadas de tempo andando pelas ruas de Paris<sup>422</sup>, o leitor passeia por veredas, labirintos, becos, escondidos nas/sob as linhas do papel onde se depositam acúmulos de tempo e de pensamentos ou ainda de verdades. A verdade é a escrita do vaidoso e o desejo do ressentido. Escrever a verdade e dizer a verdade é a intenção de todos aqueles que esperam que esta seja critério de avaliação da vida e das pessoas. Mas a ideia de verdade ligada ao “certo”, ao “lógico”, ao “bem” nega o fluxo da vida, o movimento, a energia. Nega que o indivíduo é cortado por linhas diferentes de intensidades e não de verdades.

Racionalidades vagueiam pelos espaços de um livro, ensaio, artigo, crônica, coluna de jornal. Todo escritor vaidoso gosta de perceber sua imagem preenchendo a vastidão branca de uma página. Há uma urgente satisfação em ver os espaços em branco, recebendo limitações, direções, cores, rabiscos. A página em branco é o espelho do escritor vaidoso desejoso de imprimir-lhe uma vontade, um desejo, uma necessidade. A superfície lisa de um papel ou mesmo de um quadro não atrai somente tessituras, convenções, maquinações e pinturas, atrai também sujeitos fascinados pelo desejo de construção de verdades, incapazes de perceber que a escrita pode se tornar um fardo insuportável para seus leitores, uma vontade sombria de lembrar demais, como percebeu Nietzsche<sup>423</sup>.

A narrativa tramada por vaidosos e narcisistas é apolínea<sup>424</sup>. Para estes é desgastante enfrentar desequilíbrios provocados pelas intempéries do tempo

<sup>422</sup> BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989(Obras Escolhidas; vol.3).p. 209.

<sup>423</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a História**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>424</sup> Apolínea no sentido expresso por Nietzsche (1999), como expressão da exatidão, da harmonia, da prudência, das formas. Apolo refere-se ao pensamento racional porque a simetria cria a ilusão da beleza, da razão. Apolo confere medida aos sentimentos desregrados (dionisíacos), tornando a experiência da vida suportável. Ele é o “resplendente, a divindade da luz, reina sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia” (Nietzsche; 1999). Sobre relação entre as forças apolíneas e dionisíacas, ver: NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

(acaso, surpresa, novidade) e pelo jogo de sentimentos percebidos como “menores” (raiva, inveja, rancor). O Apolíneo tem medo de naufragar nestas inconstâncias e exige de si conhecimento e direção. Para ele a medida sensata das coisas e das pessoas somente é possível se a dimensão estética estiver aliada a uma ideia de serenidade e equilíbrio. Tudo que excede os limites, os lugares de razoabilidade é medo, inconstância, perigo.

A dimensão estética apolínea leva em conta a verdade, como forma de obter o conhecimento. Para apolíneos é necessário construir uma estética que afaste a dimensão caótica do presente, pois se esta é sentida como desordem, desleixo, imaturidade, resta tentar equilibrá-la, inventando um reino de passados sossegados, experiências harmônicas, viveres apaziguados, ou um mundo de máscaras. Se toda esta arquitetura é difícil, é aconselhável investir na própria imagem, na construção de mecanismos que permitam a circulação de uma estética apolínea. A beleza não é somente uma questão estética, assim como sua irmã vaidade precisa de conceitos, sentidos, materialidades que possam fixar-lhe na tentativa de estabelecer um lugar.

Narcisistas e apolíneos desejam uma escrita que fixe lugares. Lugar do passado, das pessoas, da cidade, do cotidiano, do evento. Nada pode ficar sem lugar, sem territorialidade. É uma luta contra a circulação, a intensidade, o nomadismo, a errância, a perda<sup>425</sup>. Mas não somente temporalidade, lugar, narrativa, devem encontrar uma posição, os sujeitos devem distribuir seu lugares em relação ao eu-narcísico. A divisão entre afetos e desafetos motiva um diálogo, que não raro, influenciam na escrita. Quanto mais presença de sentimentos, de afetos, mais colaboração na manutenção da imagem narcisista, mais redes são criadas no sentido de fortalecer uma teia de relações em torno do ego.

De outra maneira, quanto mais críticas, desafetos, constrangimentos, impedimentos existirem na construção da imagem narcisista, mais desejo de aparecer, de impor sua imagem, porque diferentemente do desejo do neutro, analisado por Barthes<sup>426</sup>, o eu-narcisista deseja realçar sua imagem a todo momento, seu desejo é que sua face seja contemplada por todos e quando

<sup>425</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009.

<sup>426</sup> BARTHES, Roland. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

contemplada dispare em quem vê atitudes de encantamento, reconhecimento, e por que não de obediência. A face de Narciso, assim como de Apolo, é resplendente, é bela, por isso necessita ser admirada, endeusada.

Se o desejo do neutro é o desejo da suspensão das arrogâncias, no sentido de dissolver sua imagem<sup>427</sup>, o desejo narcisista é o fora, a busca de uma imagem intensamente fabricada, utilizando-se como arsenal tático a vaidade, a intelectualidade, a relação com símbolos e pessoas que representam o poder, o saber. Narcisistas transitam entre os espelhos dos dispositivos de consagração da sociedade: academias especializadas, meios de comunicação massificados, instituições notórias de saber, cargos, títulos, reconhecimentos, honrarias, entre outros.

Todas estas formas de distinção são necessárias porque o que o narcisista não deseja é uma relação neutra, onde o sujeito se desmancha silenciosamente, onde se “desmonta o estar-do-sujeito, que o subverte enquanto subjetividade, centro, projeto”<sup>428</sup>. Se esta relação neutra é entendida por Blanchot<sup>429</sup> como uma atitude que permite a participação do outro, uma interlocução com a distância, com o distinto, para o sujeito narcisista é apenas uma possibilidade de imagem, que poderá ser utilizada como estratégia em forma de modéstia, dissimulando suas intenções, pois o que deseja, mesmo quando prefere o anonimato, o silêncio, é ser reconhecido, percebido, visto.

Mas como apreender a vaidade nas redes da escrita? Ou como a escrita pode ser imagem de ressentimentos e vaidades?

Bem, se foi propício para Caravaggio representar através da arte a cena-ápice da narrativa do mito grego de Narciso, é possível entender que a sensibilidade como texto performático<sup>430</sup> intenso pode ser cartografado como evento de linguagem. Isto quer dizer, que as sensibilidades como ressentimentos e vaidades são energias que podem ser percebidas e interpretadas através da escrita,

<sup>427</sup> BARTHES, Roland. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>428</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009. p.86

<sup>429</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009. p.87-89

<sup>430</sup> *Performático* no sentido da relação entre narrativa, corpo e tempo. Ver: ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac&Naify, 2007.

guardadas e depositadas nas palavras. Tanto o ressentimento como a vaidade podem ser lidos através de textos performáticos intensos onde se pode notar a encruzilhada do corpo, da escrita e do tempo. Essa sensibilidade como “paisagem interior”<sup>431</sup> tem sido bastante utilizada na fabricação da imagem pessoal, pois como questionou Machado de Assis, “valeria a pena ter, se não realçasse os teres”<sup>432</sup>?

Se as práticas da escrita cimentam sociabilidades, prescrevem comportamentos e levam a crer, realizar ou sonhar é porque são atravessadas pelo corpo do escritor que tenta criar, imaginar, favorecer estas mesmas práticas, no sentido de fabricar suas próprias imagens. Daí que os vestígios textuais são importantes no sentido de cartografar senão as intenções do autor, pois estas são continuamente readaptadas, ressignificadas pela recepção de seus leitores, pelo menos sua estrutura e arquitetura interna ou ainda suas relações no jogo discursivo<sup>433</sup>.

Isto não quer dizer que o autor seja simplesmente um elemento indiferente ao texto, pelo contrário, o autor é um nome que se enerva por sua obra, que lhe assegura uma função, um lugar, uma existência. Sendo assim é possível perceber suas estratégias, no sentido de fazer circular imagens, ideias, artefatos que utiliza para arquitetar sua obra.

Para Paul Zumthor “o texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra de corpo e alma”<sup>434</sup>. Neste caso, as energias emanadas pelo texto são transformadas pela atividade da leitura. O pesquisador é um leitor especial que procura no texto materialidades possíveis de ser pensadas, cartografadas, lidas. Procura o “peso” das palavras, suas sinuosidades, suas naturalizações, suas estruturas históricas, as “energias” que partem de seus centros nervosos, que possibilitam problematizar as dimensões sensíveis da escrita.

---

<sup>431</sup> *Paisagem interior* é o nome dado a uma das divisões da obra *A cultura do romance*, onde vários autores retratam algumas sensibilidades, como a melancolia, a ambição, o sentimentalismo, a bondade, o desejo, o dever, a culpa e o ciúme, cartografados em obras do romance mundial, ver: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

<sup>432</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. 3).

<sup>433</sup> FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos; III)

<sup>434</sup> ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac&Naify, 2007, p.

Se o encontro do texto com o leitor é da ordem da dimensão individual, isto não quer dizer que a personalização seja um atributo solitário, pois cada leitor, e principalmente os leitores-pesquisadores, não são uma individualidade, mas uma multiplicidade em rede, no sentido que seus corpos estão atravessados por outras virtualidades do pensamento, que lhes delegam sensibilidades e ressonâncias. Neste sentido, a leitura que se faz de qualquer índice intensivo, sensível, mostra que ela é dialógica pelo arsenal criativo do leitor e, por isto mesmo, possível de ser cartografada, de ser dita.

Narcisistas, apolíneos, caravaggios, qualquer entidade é possível de ser analisada, pois a vida é potência, e como tal, abre-se para reflexões, reformulações, recombinações, reatualizações. A escrita da vaidade ou a escrita como imagem da vaidade é a escrita da imposição das palavras e de si. A escrita de si é uma longa trajetória marcada pela escrita da distinção. Toda entidade que carrega sopro de vida seja ela histórica, ficcional, real, sensível, imaginária, narrativa, carrega potência que lhe ajuda a movimentar suas linhas de desejo. A escrita não somente enuncia cartografias do tempo, da memória, da cidade, dos afetos, das amizades, mas também da vaidade, do rancor, do ódio. Todo quadro contém uma pintura que realça rastros de luz, de claridade, mas também de escuridão e de sombras. Assim como a pintura a escrita guarda os movimentos interiores de quem escreve.

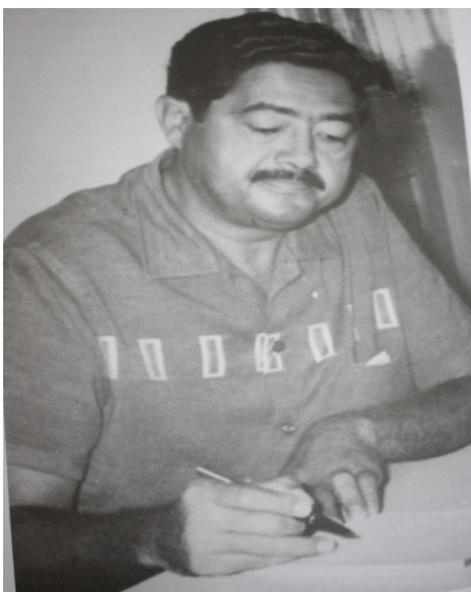
## Capítulo 2

### *O reflexo de Narciso no espelho: a escrita dos desafetos*

*Ao retirar de debaixo de mim o lugar,  
eu desapruimei.  
Manoel de Barros*

A ideia de “jóia rara da democracia”, defendida pelo confrade Félix Aires, em poema escrito para homenagear A. Tito Filho, nos turbulentos anos setenta do século XX, fazia dele quase uma espécie em extinção, mesmo tendo que ser, em alguns momentos, impulsivo, inquieto, principalmente quando dizia respeito à defesa de seu ponto de vista, chegando mesmo, em algumas notas a enraivecer-se, ironizando determinados posicionamentos que não eram compartilhados por ele. Em um episódio ocorrido por conta da publicação da obra Síntese Bibliográfica da Literatura Piauiense, J.Miguel de Matos, destacou que A. Tito Filho era um crítico literário de primeira grandeza, mas tinha apenas “três obras de pequena monta”<sup>435</sup>.

Imagem 14: J.Miguel de Matos



Fonte KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010, pag. 136

A franqueza ao admitir tal concepção, mesmo sabendo da notoriedade que aquele ocupava no meio literário, então Presidente da Academia Piauiense de Letras, fez com A.Tito Filho sair em sua própria defesa, ironizando J. Miguel de

<sup>435</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/12/1971, p.6.

Matos ao dizer que o “livrinho” que havia diminuído em sua obra denominada “Da Atualidade do latim vulgar” tratava de um assunto que nenhum estudioso até o momento tinha procurado evidenciar e que discordava do autor de Síntese por considerá-lo um importante crítico literário, ele era “*apenas* o mais insosso dos escritores da terra”<sup>436</sup>.

Jamais seria capaz de aceitar que a obra em questão fosse desmerecida. Esta era um pequeno ensaio que havia realizado no campo da linguística e da filologia, defendendo a origem das línguas indo-europeias e suas influências nas línguas faladas na atualidade, além de problematizar a língua itálica e céltica como constituintes do latim, e ainda realizar um pequeno estudo sobre a língua etrusca e o latim vulgar. Conhecedor das versatilidades da escrita, sabia que as considerações sobre ele, como escritor era uma forma, senão de desmerecê-lo, de enaltecer sua diferença com relação àqueles que eram considerados literatos.

Seu tom irônico era uma forma de proteger-se contra a dificuldade em inseri-lo como literato devido a sua contribuição bibliográfica voltada mais para questões da língua e do campo social, além de sua atividade jornalística, exercida na maior parte do tempo. Sabia que a narrativa jornalística sempre fora vista com certa cautela no meio acadêmico por não ser considerada literatura. Mas sabia também que esta era uma questão de ponto de vista, e que se fosse preciso argumentaria a favor da importância destes textos para o exercício da prática escriturística.

Existia aí certo paradoxo: mesmo que o campo literário fosse marcado pela presença constante de jornalistas, como enquadrá-los no rol dos literatos, que se diferenciavam pelo uso outro da palavra? Se esta dificuldade ainda persiste no presente sobre admitir ou não a importância literária dos textos jornalísticos, devido ao uso que estes fazem de uma linguagem mais fluida e acessível, além da própria vulnerabilidade do material ao tempo, o que não dizer do período onde se travava este debate, ainda marcado pela efervescência a respeito da existência ou não de uma literatura piauiense, com características próprias e de quem deveria figurar em seu panteão.

---

<sup>436</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/12/1971, p.6.

Reynaldo Damázio<sup>437</sup> defende que os limites entre jornalismo e literatura ainda é um debate bastante contemporâneo, haja vista que o jornalismo lida com a objetividade dos fatos, com um compromisso ético com a verdade e o literato tem objetivo mais estético e ambíguo, além de não estar preocupado com a veracidade dos fatos, mas em propor novas realidades possíveis ou imaginárias. Esta divergência no campo da prática da escrita não inibiu que diversos literatos escrevessem para jornais (como forma de aumentar a renda, por exemplo) e que diversos jornalistas se destacassem na literatura.

Ainda incomodado com a posição de J. Miguel de Matos, passou a criticá-lo por ter admitido em suas análises que o *“jornalismo se edificava ao vento”*<sup>438</sup>. Contrariado passa a citar em sua coluna o nome de vários jornalistas que tiveram suas vitórias no mundo literário, utilizando-se do jornal como meio de difusão de suas ideias, como havia acontecido com Balzac e Rui Barbosa que publicaram em livro grande parte do que havia escrito em jornal. Refere-se ainda aos contos de Machado de Assis que foram conhecidos primeiramente através dos jornais. Mas observa ainda que estaria longe da capacidade de tais autores e que possuía apenas *“alguns escritozinhos, mais de mil publicados em jornais”*<sup>439</sup>.

A ironia era uma forma de acentuar o debate e *“disfarçar”* a raiva que sentia ao ser considerado um escritor de *“pouca monta”* devido à pequena quantidade de livros publicados até o momento, onde figuravam além da obra *“Da atualidade do latim vulgar”* (1958), outras como, *“O problema social da infância”* (1952) e *“Combustível e alimento”* (1951). Estas três produções eram ensaios que ainda não tinham lhe trazido respaldo literário suficiente. Em uma coluna bem posterior a este malestar admitiu, diferentemente do que havia deixado transparecer para J. Miguel de Matos, que seus ensaios *“[...] não eram propriamente livros. Eram folhetos. Opúsculos em que reuniu trabalhos de pesquisa”*<sup>440</sup>. A afirmação apesar de soar como uma contradição foi dita em decorrência da publicação de sua biografia no jornal *“Tribuna de Taubaté”* (SP) onde suas obras (as mesmas que foram

<sup>437</sup> DAMÁZIO, Reynaldo. **Entre o imediato e a transcendência**. Revista Biblioteca Entre Livros: Editora Duetto. 2008. p.8-9.

<sup>438</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/12/1971, p.6.

<sup>439</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/12/1971, p.6.

<sup>440</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 05/12/1972, p.6.

consideradas de “pequena monta”) foram analisadas pelo jornalista Inocência Candelária do ponto de vista da sua contribuição para a gramática e a sociologia.

O uso da ironia desta vez beirando uma sutileza para responder ao jornalista Inocência Candelária, devido ao reconhecimento dele pela sua trajetória individual e pela sua produção bibliográfica, bem diferente do que aconteceu com J.Miguel de Matos mostra, no âmbito da linguagem, o ziguezaguear de posições diferentes onde se nota que a forma, como registrava determinadas situações, dependia também da maneira criativa como deslizava sua narrativa para uma multiplicidade de sentidos<sup>441</sup>. Este vaivém da linguagem fazia aparecer um jogo de vaidades onde ora deslocava a ironia com o objetivo de “esconder” uma insatisfação, ora utilizava deste recurso como forma de demonstrar “humildade”, “cordialidade”.

Talvez como forma de fugir ao constrangimento de estar sempre oferecendo explicações sobre sua “pequena” contribuição literária, tenha resolvido executar aquilo que já havia considerado uma saída para os jornalistas que tinham significativa contribuição em vários jornais - a publicação de determinados textos jornalísticos, considerados, do ponto de vista da crítica literária, literatura, como era o caso das crônicas, contos, novelas. Se, com o tempo, os contos de Machado de Assis, publicados em jornal, foram organizados no formato de livro, a escolha recaiu sobre suas crônicas tanto aquelas que já haviam sido publicadas em sua coluna “Caderno de Anotações” como, posteriormente, aquelas publicadas no jornal “O Dia”, além de algumas exclusivas. Se existia uma relação polêmica entre os limites do texto literário e o texto jornalístico, a crônica revelava-se um “meio-termo” entre a notícia e a ficção<sup>442</sup>, era uma forma de literatura consumida em breves goles de tempo, sendo por isso muito utilizada pelos jornais.

Obras como: *Teresina, meu amor* (1973); *Crônica da cidade amada* (1977); *Sermões aos peixes* (1978); e *Crônicas* (1990), foram sistematicamente publicadas, por isso se observa que uma das principais intenções era mostrar que os textos jornalísticos, a despeito de sua provisoriedade, ao serem reunidos e

---

<sup>441</sup> Sobre a multiplicidade de sentidos. Ver: DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

<sup>442</sup> MIYAKE, Ricardo. **Entre o jornalismo e a literatura**: a crônica entre o imediato e a transcendência. Revista Biblioteca Entre Livros: Editora Duetto, 2008. p.50-51.

editados, ganhavam conotações diferenciadas. Além do mais, tal atitude parecia ser mais viável tendo em vista que suas funções sempre tão múltiplas eram, às vezes, inconciliáveis com atividades literárias que exigissem mais tempo e dedicação. A crônica era um estilo que se adequava bem a sua “meia-situação” como jornalista e literato, pois o cronista não era um observador especializado na matéria do dia tratada no jornal, mas também não era um escritor totalmente “livre”, já que seu ponto de vista era retirado de uma vasta temática que cercava o cotidiano, seja por escolha própria, seja devido aos assuntos mais destacados na mídia no momento<sup>443</sup>.

Sua defesa com relação ao texto jornalístico, para que fosse visto como gênero literário de primeira grandeza, custou-lhe muito de suas forças argumentativas, pois não perdia oportunidade em creditar a esta modalidade narrativa dimensões literárias como: o uso de uma linguagem clara para defender seus posicionamentos e a necessidade de um vasto conhecimento gramatical, pois segundo ele “não havia jornalismo sem estilo”<sup>444</sup>. Defesa desta natureza já havia realizado em vários momentos, como por exemplo, quando ficou responsável por recepcionar seu confrade Odylo Costa Filho<sup>445</sup> na Academia Piauiense de Letras, em 1969. Este, assim como A. Tito Filho, tinha uma produção literária reconhecidamente pequena, tendo em vista que suas atividades de cunho jornalístico haviam lhe tomado muito do seu tempo, já que desde cedo iniciou o exercício da profissão, ocupando cargos administrativos em diferentes meios de comunicação. Manuel Bandeira, contemporâneo e amigo particular de Odylo Costa Filho, referindo-se a sua situação como poeta, que entra em “estado de graça” de vez em quando, já havia lhe considerado poeta bissexto, em sua obra “Antologia de poetas brasileiros bissextos” (1946).

---

<sup>443</sup> MIYAKE, Ricardo. **Entre o jornalismo e a literatura**: a crônica entre o imediato e a transcendência. Revista Biblioteca Entre Livros: Editora Duetto. 2008. p.50.

<sup>444</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 21/04/1972, p.5.

<sup>445</sup> Nasceu em São Luís do Maranhão (1914) e faleceu no Rio de Janeiro (1979). Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina. Fez o “antigo” ginásio no Liceu Piauiense. Aos 16 anos iniciou suas contribuições para o jornal. Foi redator, diretor, secretário, crítico, cronista de muitos órgãos importantes da imprensa nacional como: Jornal do Comércio, Diário de Notícias, A Noite, Jornal do Brasil, Rádio Nacional, Cruzeiro. Escreveu poesias, artigos e ensaios como: Tempo de Lisboa e outros poemas (poesia;1966); Cantiga incompleta (poesia;1971); Fagundes Varela, nosso desgraçado irmão (ensaio;1975); Meus meninos e outros meninos, (artigos;1981), entre outros.

*Tempo de Lisboa e outros poemas* (1966), escrito por Odylo Costa Filho, foi a obra escolhida para fazer sua defesa como literato, ao considerar que os poemas organizados por ele contribuía para a existência de uma “obra lírica completa da mais alta inspiração”<sup>446</sup>. Além desta consideração, A. Tito Filho defendeu euforicamente que o jornalismo era um mundo que se intercomunicava com a literatura, pois se assemelhava na criação artística quer pelos requisitos de ordem estética quer pelos de ordem ética. A diferença entre ambas, assegurou, recairia na motivação da “vida interior”, referindo-se às questões subjetivas que competiam à arte literária e não ao jornalismo<sup>447</sup>.

Ainda se referindo às peculiaridades entre o escritor e o jornalista, dizia que o primeiro pode exercer a crítica social em toda a sua dimensão, pois acreditava que o livro estava distante das cobranças corporativas. O jornalista, ao contrário, dependia das orientações do jornal do qual fazia parte e que tal princípio contribuía para esvaziar a imagem de homem de ideias, como se o mesmo não tivesse condições de ser um pensador<sup>448</sup>. Para diluir estas diferenças realiza um salto admirável em sua vontade de convencimento, ao colocar sob a responsabilidade da figura do intelectual o papel de minimizador destas fronteiras. O jornalista não é literato, nem vice-versa, embora os seus campos sejam próximos, mas o intelectual seria capaz de fazer a ligação entre os dois campos.

O intelectual ao qual se referia, era próximo da imagem defendida por Tristão de Ataíde, então Presidente da Academia Brasileira de Letras, como ser humano bem dotado para ver e sentir, para o então presidente da ABL “somente os bem dotados atingem a intimidade das coisas e dos seres, só os bem dotados sabem ver para reconstituir”<sup>449</sup>. A defesa da figura do intelectual como aquele a quem compete a “colocação da arte para realizar o introspectivo social”<sup>450</sup>, legitimava seu próprio campo de experiências; inseria-o como ser apto a fazer a travessia com relação às bordas que se insinuavam entre o jornalismo e a literatura.

---

<sup>446</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, 1974, p.49.

<sup>447</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, 1974, p.48.

<sup>448</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, 1974, p.48.

<sup>449</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, 1974, p.48.

<sup>450</sup> TITO FILHO, A. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina, 1974, p.47.

Defendia em termos retóricos um indivíduo híbrido capaz de dissolver as diferenças existentes entre o literato e o jornalista, pois conseguia realizar duplamente a prática escriturística e envolver-se nas questões que diziam respeito aos sentimentos mais íntimos do ser. A imagem do intelectual que defendia para si e para o recém-acadêmico aproximava-se da imagem de uma personalidade “notória do saber” propícia a criar uma série de condições com o intuito de distinguir-se dos demais, capaz de embaçar as fronteiras do conhecimento pela capacidade que carregava em diluí-las devido ao uso de estratégias com o intuito de legitimá-lo.

A aquisição da imortalidade (um vir-a-ser dos participantes das Academias Literárias) mostrava-se duplamente uma experiência da distinção em que ao tempo que permitia sua eternidade literária, possibilitava constantes e criativas formas de manutenção desta alquimia. A entrada na Academia não é o início nem mesmo o clímax final do processo de diferenciação social, mas o meio pelo qual este processo transborda e inventa novas formas de existência, insuflando vitalidade em concepções como aquela defendida por A.Tito Filho e Tristão de Ataíde, que dizia respeito à figura do intelectual como ser capaz de cruzar as fronteiras do saber, porque é um “privilegiado”, para ver tanto as questões de ordem objetiva como subjetiva.

A defesa desta imagem de intelectual como um “bem dotado” pela capacidade que carregava de compreender a natureza das coisas e das pessoas e expressá-las em sua escrita, transformava esta prática em uma forma de intimidade com o mundo da essência do qual somente fazia parte devido a sua escolha pelas letras, pela ciência e pelo convívio com aqueles que igualmente faziam parte deste círculo intelectual, pois sua notoriedade provinha do lugar que ocupava e da aceitabilidade de todos aqueles que o permitiam neste espaço dito de saber.

Sua escrita como jornalista ou presidente da APL era uma escrita de autoridade, inclusive autorizada pelo Estado. Qualquer forma de negação ou rejeição nestes espaços que ocupava era uma forma de agressão, sendo assim, era necessário salvaguardar suas verdades, intenções e valores mais arraigados, assumindo posicionamentos críticos que, às vezes, beiravam um tom autoritário preocupado em contradizer aqueles que passavam a ser considerados seus

opponentes<sup>451</sup>. Se sua imagem era ofendida ou desmerecida achava “natural” que toda sua energia fosse direcionada para seus adversários, pois já havia dito que “repudia aqueles que por medo não lhe dedicam referência ao nobre esforço, que sem interesse oferece ao Piauí”<sup>452</sup>. Mas quem ou que ideias eram repudiadas? Que pessoas ou situações atravessavam e deslocavam sua “nobre” missão? Que ressentimentos poderiam vir à tona?

Entre algumas possibilidades de entrada, nessa escrita dos ressentimentos, é possível localizar aquela proveniente de um convite que recebeu da Comissão do Plano Editorial<sup>453</sup>, dirigida por Raimundo Wall Ferraz, para preparar uma obra sobre a História da Literatura Piauiense<sup>454</sup>, já que em momentos anteriores na coluna havia recomendado ao então Governador Alberto Silva algumas sugestões sobre como este deveria proceder na publicação de novos livros e na reedição de algumas obras clássicas da literatura local. Entre as recomendações insistiu na reedição de poucas obras que primassem por despertar o interesse do público (entre elas uma de sua própria autoria); que organizasse antologias (ficcionistas, poetas, historiadores, etc) e que publicasse obras inéditas de intelectuais piauienses<sup>455</sup>.

Algum tempo depois afirmou que havia sugerido que se iniciasse a publicação pelos autores já mortos, porque “os vivos se provocariam ciúmes, pedidos de apadrinhamento, o que seria negativo para o Plano”<sup>456</sup>. Embora o Plano Editorial devesse ser executado pela Secretaria de Cultura, na prática foi organizado e pensado pela APL e pelo Conselho Estadual de Cultura, criado em 1965, no governo Petrônio Portella (1963-1966), precedido até pela própria criação do Conselho Federal de Cultura, em 1966. Esses dois órgãos acolheram e executaram, sob a orientação de A.Tito Filho, as atividades de pesquisa e indicação dos

---

<sup>451</sup> RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2003.p.23

<sup>452</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 03/09/1970, p.4.

<sup>453</sup> Comissão responsável pela formalização do Programa Editorial do Piauí, lançado 22.01.1972, que tinha como finalidade organizar edições e reedições de obras de autores recentes e clássicos da Literatura Piauiense.

<sup>454</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/27/03/1972, p.4.

<sup>455</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 04/01/1972, p.5.

<sup>456</sup> SANTOS, Cineas. **Entrevista**: A.Tito Filho. Teresina: Revista Presença, nº6. dez./fev.1983, p.22.

prováveis autores piauienses que deveriam fazer parte das publicações que seriam editadas pelo Estado<sup>457</sup>.

As relações entre Estado e aparato editorial no Piauí não é nenhuma novidade. O Estado sempre investiu no setor gráfico, como aconteceu quando criou a Imprensa Oficial, em 1910. Além do auxílio no que dizia respeito à questão material e financeira, outra relação possível nesse “casamento” foi a grande afinidade e monopolização da imprensa pelos intelectuais, desde esse período, em Teresina, a exemplo de Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Matias Olimpio, entre outros.<sup>458</sup>

A indicação de A. Tito Filho para escrever sobre a história da literatura piauiense tinha alguns motivos plausíveis, como: sua notória posição enquanto Presidente da APL (a mais expressiva e antiga entidade literária do Piauí); suas constantes sugestões publicadas em sua coluna dirigidas à Comissão do Plano Editorial, tanto no sentido de apontar-lhes a melhor maneira no planejamento das ações, como alertá-los sobre a melhor forma de fazê-los; seus sucessivos apoios e reconhecimentos da importância do Plano Editorial para o Estado, insistentemente frisado durante a solenidade de instituição do programa em Teresina, quando afirmou que este era “um passo para projetar o processo literário do Piauí”<sup>459</sup>e, ainda, as conseqüentes críticas que passou a fazer logo após a solenidade, devido à demora na efetivação do Projeto<sup>460</sup>.

Mas, entre o coro daqueles que elogiavam sua escolha para uma missão importante no campo da literatura (inclusive com várias citações publicadas em sua coluna durante vários dias seguidos), ouve-se uma crítica ferrenha a sua indicação. Em um jornal que denominava de “Diário do Coronel Otávio Miranda” (leia-se: jornal *O Dia*) recebeu severas retaliações de um literato piauiense reconhecido

<sup>457</sup> Embora A. Tito Filho defendesse a publicação de autores piauienses que já haviam falecido, evitando-se ciúmes e disputas, publicou várias obras pelo Plano editorial, entre elas: Viagem ao Dicionário (1972); Esmaragdo de Freitas: homens e episódios (1973); Deus e a Natureza em José Coriolano (1973); Zito Batista: o poeta e o prosador (1973); Lima Rebelo: o homem e a substância (1973); Governos do Piauí (1974); Praça Aquidabã, Sem Número (1975).

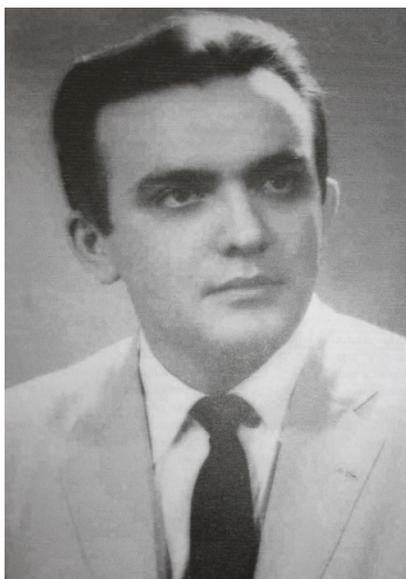
<sup>458</sup> COSTA FILHO, Alcebíades. A **gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade. 2010.194f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro (Niterói), 2010.

<sup>459</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 23/24/01/1972, p.6.

<sup>460</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 22/02/1972, p.8.

nacionalmente - O.G.Rego de Carvalho<sup>461</sup>. Ele disse em entrevista ao jornal que o escolhido para escrever sobre a História da Literatura do Piauí iria escrever sobre o que não existia e passou a promover suspeitas, sobre sua “autoridade” em realizar tal atividade literária. Não obstante ironias e suspeitas o mesmo ainda se interrogava sobre “quem era A.Tito Filho? Articulista? Autor de prefácios? Tribuno? Repetidor de gramáticas? Presidente da APL?”<sup>462</sup>.

Imagem 15: O.G.Rego de Carvalho



Fonte: KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010, pag. 200

Mas uma vez a ideia de que o Presidente da APL não era um literato “autêntico” move a disputa daqueles que viam a literatura como uma atividade intelectual distinta e distante das atividades exercidas pelo político, juiz ou aqueles que escreviam textos “encomendados” como prefácios, ensaios ou artigos jornalísticos. As críticas também refletiam um longo processo de antipatias e ranços acadêmicos que existiam entre O.G.Rego de Carvalho e alguns literatos da denominada “geração de 1945”, como M. Paulo Nunes, Clemente Fortes, Carlos Eugênio Porto<sup>463</sup> e A.Tito Filho, embora este último não seja “normalmente” inserido

<sup>461</sup> Orlando Geraldo Rego de Carvalho (Oeiras, 1930). Integrou o grupo Meridiano, responsável pelo lançamento do Caderno de Letras Meridiano (1949). Atualmente é membro da Academia Piauiense de Letras.

<sup>462</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí. 06/04/72, p.4

<sup>463</sup> SILVA, Halan. **H.Dobal**: as formas incompletas: apontamentos para uma biografia, Teresina: Oficina da palavra / Instituto Dom Barreto, 2005.p.28

no grupo em boa parte da bibliografia que trata sobre o assunto, uma das vozes diletantes foi Celso Barros Coelho<sup>464</sup> que, em artigo comemorativo dos 75 anos da Academia Piauiense de Letras, inseriu-o como pertencente à “geração literária de 1945”.

Pelo visto, a dificuldade em aceitá-lo como literato transpôs o tempo e, se não fosse a publicação de suas crônicas em formato de livro, ainda haveria muita resistência. O escritor Carlos Cunha, membro da Academia Maranhense de Letras e sócio correspondente da APL, referindo-se às críticas à presença de A. Tito Filho na presidência da APL, destacou, entre outras coisas, a situação existente nas Academias, com relação à presença de muitos acadêmicos que eram políticos, jornalistas, desembargadores e não somente aqueles que eram normalmente aceitos como literatos, como os romancistas, críticos de literatura, contistas e até mesmo historiadores e cronistas.<sup>465</sup>

Antipatias literárias e dificuldades de inserção à parte, as críticas publicadas no jornal *O Dia*, a despeito de sua escolha para escrever sobre literatura piauiense, era reflexo de notas escritas um mês antes em sua coluna Caderno de Anotações, onde dizia ter completo desconhecimento do talento crítico e da capacidade de análise literária de Francisco Miguel de Moura, então colega de trabalho de O.G.Rego de Carvalho, no Banco do Brasil. Francisco Miguel de Moura havia escrito uma obra de grande impacto na literatura local denominada de *Linguagem e comunicação em O.G.Rego de Carvalho*, onde analisou as obras publicadas pelo colega de repartição e as relações com seu percurso pessoal<sup>466</sup>.

As desconfianças com relação ao trabalho de crítica literária de Francisco Miguel de Moura moveu discussões ferrenhas por parte de O.G.Rego de Carvalho, que buscou o jornal para despejar farpas e ironias a respeito da possível “autoridade” do colunista para escrever uma obra sobre literatura piauiense. Temática extremamente conflituosa, pois de sua organização dependeriam os nomes que deveriam figurar no panteão da literatura local. A coluna Caderno de

---

<sup>464</sup> COELHO, Celso Barros. **Academia Piauiense de Letras: 75 anos** (Centenário de Lucídio Freitas). Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994.p.47.

<sup>465</sup> Revista Cirandinha, nº 6, p.5

<sup>466</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.5.

Anotações já havia antecipando-se à questão, colocando para seus leitores uma reflexão: existiria uma literatura “realmente” piauiense?<sup>467</sup>.

Respondendo à própria pergunta em sua coluna, esclareceu que, para publicar obras literárias piauienses deveria ser levada em consideração a existência de uma literatura que fosse do homem piauiense, escrita no espaço e no tempo histórico piauiense. Fazia exceção de algum literato não ter nascido na terra, mas era fundamental que sua produção literária se referisse ao espaço-tempo do Piauí para ser considerada literatura piauiense. Estas explicações em sua coluna foram noticiadas após sua leitura no jornal *O Globo* que divulgou a intenção da Secretaria de Educação do Estado do Piauí, através do Governo do Estado, de editar cinquenta importantes obras de escritores piauienses.

Este debate sobre a existência ou não de uma literatura piauiense, bem como sobre o que poderia ser entendido por literatura piauiense era uma condição importante para a invenção de um grupo que iria ser legitimado a fazer parte da memória literária local, bem como ser reconhecido por várias gerações seguintes que iriam lê-los, analisá-los, interpretá-los, criticá-los, mas, principalmente, trazê-los de volta, inovando-lhes de forma periódica seus escritos, suas idéias e ajudando-lhes na (re)invenção de um passado honroso, como se a vida houvesse sido pensada e organizada a cada passo<sup>468</sup>.

Ciente de sua importância no meio literário defendeu-se das críticas efetuadas por O.G.Rego de Carvalho, escrevendo em sua coluna que

Nunca pediu honrarias nem elogios e que embora não seja romancista, nem novelista, contista ou poeta, as personalidades bem formadas lhe elogiam as atividades de leitor da alheia produção, jornalista e professor de português<sup>469</sup>.

<sup>467</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/12/1971, p.4.

<sup>468</sup> Sobre a construção de uma trajetória intelectual realizada de forma a parecer sem nódoa ou utilizando-se de subterfúgios para ser reconhecido como intelectual ou factótum de si mesmo, ver. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930-1940)**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2010.

<sup>469</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.6.

Ao contrário daquilo que definiu como “personalidades bem formadas”, asseverou que existiam aquelas que o “apedrejam, insultam maldosamente por inveja e gratuitamente por ignorância”<sup>470</sup>. Nas trocas de farpas, lembra que seu oponente, em outra situação, já lhe havia entregue cópia de uma crítica feita ao seu romance *Rio Subterrâneo* no intuito de que ele publicasse em sua coluna e lesse em seu programa de rádio. Ainda confidenciou desgostoso que O.G.Rego de Carvalho havia lhe ofertado a obra com a seguinte dedicatória “com fraterna estima”<sup>471</sup>. O cultivo do ódio<sup>472</sup> entre ambos era realizado via narrativa, através de críticas dirigidas contra um e outro, externalizando sentimentos de ódio, amargura e principalmente vaidade.

Tanto um como outro sabiam que o reconhecimento acadêmico somente aconteceria se participassem dos “louros” da vitória, desta maneira, procuravam encontrar espaços de existência e, principalmente, formas de defender seus pontos de vista. Na ânsia de demonstrarem seus posicionamentos cada um utilizava as “armas” que possuía e até mesmo “inimigos” de outros momentos poderiam se tornar bons aliados, desde que se mostrassem oportunos para o “debate” do momento. A. Tito Filho em sua coluna publicou uma carta de J.Miguel de Matos, com data 06.03.1972, em defesa das “agressões” que o jornalista estava sofrendo em virtude de não ser considerado apto para escrever a História da Literatura Piauiense e da ideia defendida por O.G.Rego de Carvalho de que esta deveria ser uma atividade de responsabilidade da Faculdade Católica de Filosofia e da Fundação Universitária do Piauí.

O autor da carta ainda acrescenta mais farpas ao debate ao pontuar de forma enfática que a erudição existente na obra *Linguagem e Comunicação* em O.G.Rego saia completamente daquilo que denominou de “alcance cultural do autor”<sup>473</sup>. Diz ainda que a obra parecia um trabalho realizado por arte da “psicografia”, já que o autor, segundo ele, “era dito como um péssimo prosador”<sup>474</sup>. Insinuações e críticas são persistentes na carta, inclusive fazendo considerações

<sup>470</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.6.

<sup>471</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.6.

<sup>472</sup> A expressão baseia-se no título da obra de GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. São Paulo: CIA das Letras, 1995.

<sup>473</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 16/04/1972, p.6.

<sup>474</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 16/04/1972, p.6.

irônicas devido à proximidade de Francisco Miguel de Moura com O.G.Rego de Carvalho, pois ambos dividiam a mesma sala no Banco do Brasil.

Entre a publicação de uma crítica e outra era comum encontrar intervalos na coluna fazendo uso da publicação de cartas ou notas de apoio a suas idéias, além de trechos da Bíblia<sup>475</sup>, poesias ou sonetos que se referiam a “sentimentos maiores”, como o que publica logo após farpas narrativas com O.G.Rego de Carvalho sobre “perdão e esquecimento”, de autoria de Altevir Alencar<sup>476</sup>. Este recurso preenchia a coluna enquanto o jornalista estava envolvido com alguma coisa importante ou preparando alguma coluna específica ou de “desagravo”; ajudava a construir no leitor uma imagem do colunista como “insultado”, “invejado” que, apesar de tudo, possuía virtudes capazes de perdoar. Além disso, as colunas “paz e amor”, serviam como um espaço de tempo para o jornalista fincar forças para as próximas investidas, deixando o “opponente” meio desprovido e sem saber qual seria a próxima investida.

O tempo entre uma crítica e outra mostra que aquele que se ressentido precisa de um tempo-silêncio para reagir. Aquele que se ressentido espera o momento propício para colocar-se com mais força, com mais intensidade. Sua espera embora frívola é cultivada e acalentada. O ressentimento, em seu sentido psicológico, é algo como raiva ou uma forte irritação perante uma desfeita<sup>477</sup>, sugere nesse caso, um sentimento persistente que persiste até a pessoa sentir-se ofendida ou injuriada. David Konstan<sup>478</sup> ainda atribui esse (re)sentimento a um estado psicológico de dor por alguém possuir aquilo que também já possui.

Esta estratégia pessoal do tempo-silêncio era refletida em sua coluna jornalística e enganava a quem achava que por trás do “sereno” não se escondia nenhuma “ventania”. Três dias depois da publicação da carta de J.Miguel de Matos, continuam suas investidas contra O.G.Rego de Carvalho, chamando-lhe de

<sup>475</sup> A.Tito Filho utiliza em várias colunas trechos da Bíblia e comenta-os, embora o amigo Félix Aires, em nota no Caderno de Anotações (16.04.1970, p.7) tenha dito que o mesmo frequentava todo tipo de culto e que a segunda esposa era protestante.

<sup>476</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/04/1972, p.7.

<sup>477</sup> KONSTAN, David. **Ressentimento**: história de uma emoção. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia.(orgs) **Memória e (res)sentimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001. p.59-84.

<sup>478</sup> KONSTAN, David. **Ressentimento**: história de uma emoção. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia(orgs). **Memória e (res)sentimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001. p.59-84.

“coleccionador dos loucos neocafonizados de Oeiras”<sup>479</sup>, em relação as obras do autor que normalmente abrangia em suas páginas a temática da loucura, principalmente em sua obra “Rio Subterrâneo”, onde mergulha profundamente em questões subjetivas relativas ao medo, à neurose, ao desespero, à introspecção, à solidão, ao tempo descontínuo da mente, à morte. Como lia normalmente a obra pelo autor, inicia uma série de críticas em sua coluna, dando a entender que, assim como seus personagens, o mesmo também era “louco”.

Em contrapartida a este ataque, O.G.Rego de Carvalho saiu na defensiva colocando o “dedo na ferida”, com relação a sua sugestão de quem deveria ser destacado como literato na escrita da História da Literatura Piauiense. Além de insistir que esta deveria ser escrita por órgãos que julgavam ser competentes, como a Faculdade Católica de Filosofia e a Fundação Universitária do Piauí, acrescentou que deveria deixar de lado aqueles que estariam *fora* da literatura, colocando apenas os que seriam *mais importantes*<sup>480</sup>. Ou seja, quem deveria escrever não seria o Presidente da APL e este mesmo deveria ficar excluído, já que neste momento sua produção ainda não era considerada importante, do ponto de vista literário, como se posicionou em sua obra, o autor J. Miguel de Matos, pois as três obras lançadas eram ensaios que ainda não tinham tido impacto, como aconteceu após a publicação do seu livro de crônicas “Teresina, meu amor” (1973) que ainda lhe traria mais respaldo do ponto de vista literário.

Novamente fazendo uso da ironia o destinatário das críticas de O.G.Rego de Carvalho, responde que a culpa pela sua escolha deveria ter sido da Comissão do Plano Editorial, pois “convidou um incapaz para o inexistente”<sup>481</sup>. E continua debochando sobre o posicionamento de seu oponente que defendia que o Governo deveria mandar buscar as fontes para a pesquisa e que estas deveriam ser trazidas e entregues para a Casa Anísio Brito (hoje Arquivo Público do Piauí) ou para a Faculdade Católica de Filosofia, e não mandar, ao invés, alguém especializado para pesquisar no acervo da Biblioteca Nacional<sup>482</sup>.

<sup>479</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1972, p.4.

<sup>480</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1972, p.4.(grifo nosso)

<sup>481</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.4.

<sup>482</sup> Somente no segundo governo de Alberto Silva (1987-1991) é que houve a descentralização das Bolsas de Pesquisa de entidades como a APL, por exemplo, para a Universidade Federal do Piauí, que havia ampliado na década de oitenta do século XX, quando também se modificou a

Tal argumento parecia-lhe um impropério, uma solução tresloucada e impertinente porque defendia que as fontes deveriam ser abertas ao público e pesquisadas pelos interessados no assunto. Esta opinião fez com que o colunista fizesse uma série de ironias em sua coluna dizendo que o Governador deveria contratar camelôs e postá-los nas calçadas da Casa Anísio Brito ou da Faculdade Católica de Filosofia, gritando: “Chegaram as fontes, sim senhores, chegaram as fontes. Venham ver as fontes, aproximem-se, entrem, pesquisem, escrevam a História da Literatura do Piauí”<sup>483</sup>.

Chacotas, ironias, deboches, insinuações, são instrumentos narrativos utilizados para banalizar as ideias do adversário e colocá-lo numa situação risível, circunstancial. A.Tito Filho já havia utilizado destas estratégias em vários outros jornais de que havia participado, a exemplo dos jornais *Língua de Sogra*, *Libertação*, *O Pirralho*. Esta possibilidade tortuosa da linguagem não deve ser desprezível, pois “toda piada, para se valer do riso, tem que ser compreendida, isto é, levada a sério em sua linguagem irreverente”<sup>484</sup>.

A piada feita com relação à possibilidade de acesso às fontes para a pesquisa sobre a História da Literatura Piauiense refletia duplamente uma vontade de “desmanchar” a ideia do outro e colocá-la na zona do ridículo, principalmente quando se referia ao seu acesso ou sobre a atitude de abrí-las ao público para consulta, que, aliás, diz muito da maneira como via a imagem do “povo”, enquanto “incapaz” para realizar tal atividade ou destituído de condições “especiais” para fazer a interpretação dos dados, que acreditava ser atividade “sensatamente” desenvolvida pela figura do intelectual.

No sentido de conseguir apoio para suas ideias publica carta de Félix Aires, parabenizando-o pela escolha do seu nome para escrever a História da Literatura Piauiense e diz que o mesmo estava impressionado com o convite feito pelo atual Secretário de Educação e Cultura do Piauí<sup>485</sup>. Na Coluna do dia 07/05/72, publicou outro depoimento de Félix Aires que dizia estar admirado com a nova

---

imagem do que era aceito como intelectual. Além dessa modificação houve a entrada de outros autores que “fugiam” aos quadros da rede de sociabilidade e do círculo da APL e congêneres.

<sup>483</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1972, p.4.

<sup>484</sup> JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho**: a imprensa narrativa irreverente paulistana (1900-1911). São Paulo:FAPESP,2006.p.21.

<sup>485</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/04/1972, p.5.

fisionomia do Piauí. Enfatiza que o Governador era “amigo” do intelectual e que este estava contribuindo para proteger a literatura piauiense. Tais comentários serviam como artifícios que propiciavam um toque de seriedade aos seus argumentos, que apesar das chacotas e das ironias, realizava uma forma de ilusão testemunhal, ou seja, as opiniões ao seu favor serviam para mostrar que seus argumentos eram mais fortes, racionais e sensatos.

Sua longa experiência no campo jurídico juntamente com o exercício de um jornalismo combativo, havia lhe propiciado condições de utilizar a linguagem como um artifício capaz de movimentar suas intenções, mas será que tais apoios, em situações onde era posto em dúvida ou criticado, não seria também uma forma de cooperação dentro de sua rede de sociabilidade intelectual, no sentido de que o apoio as suas ideias lhe ajudavam na defesa de suas intenções quando fosse necessário?

Seja como for, o uso de cartas e telegramas de apoio eram estratégias que favoreciam sua imagem e criava uma reserva de confiabilidade. Leitor de jornais que chegavam de várias partes do Brasil pelos Correios, refere-se a um artigo interessante que leu na coluna Canto de Página no jornal *Diário da Serra*, no dia 07/10/1972, escrito pelo seu confrade Altevir Alencar, referindo-se aos arrojados investimentos realizados no Piauí no campo cultural, que colaborou para a criação do Plano Editorial.

Segundo o jornalista, a equipe do Plano designou o que considerava “um dos mais eruditos intelectuais” para escrever a História da Literatura Piauiense. Altevir Alencar informa aos seus leitores que seu amigo jornalista já havia dado início à atividade que lhe tinha designado o Estado e já se encontrava a toda velocidade “revolvendo os bolorentos anais nas dependências da Biblioteca Nacional” e realizando pesquisas ou como dizia no artigo “tateando nas sombras de um passado incerto e esquecido”<sup>486</sup>.

A pesquisa que seria realizada no âmbito da Biblioteca Nacional serviria como documento de consulta sobre a trajetória da literatura piauiense, que em carta

---

<sup>486</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1972, p.4.

para Altevir Alencar, A.Tito Filho alegou ser empreendimento difícil devido aquilo que balizou como

ausência de correntes literárias no Piauí em decorrência de nosso isolamento. Somos pobres de obras românticas, realísticas e naturalísticas. Quase não conhecemos correntes literárias do após 1ªGuerra Mundial. O modernismo foi tardio<sup>487</sup>.

Sua defesa de escrever a história da literatura piauiense como um sistema formado pela influência histórica, meio social, institucional, folclore, economia e até o que denominou de “psicologia do piauiense”<sup>488</sup>, denota muito de suas concepções sobre a literatura enquanto dimensão “presa” a um contexto histórico maior que seria a história das expressões literárias brasileiras, principalmente aquelas que tinham como referência o eixo Rio/São Paulo. É como se a literatura local somente tivesse existência enclausurada aos ditames das “escolas” ou dos já conhecidos “movimentos” literários, que, por sua vez, estabelecia contatos com a literatura mundial, principalmente a Ocidental.

Embora a atividade de pesquisa<sup>489</sup> fosse difícil, pois exigia uma profunda capacidade de conhecimento das mais diferentes expressões da literatura piauiense e suas obras no tempo e no espaço, além de dispô-las nas conhecidas divisões literárias, este era um trabalho que contribuiria para algumas questões importantes. Primeiro, serviria para realçar ainda mais sua notoriedade, no âmbito literário local, o que a princípio seria uma forma de “diminuir” sua distância com relação àqueles que não o consideravam um literato expressivo.

Segundo, a pesquisa e a conseqüente escrita da obra ofereceriam oportunidade de publicação, que era importante para o exercício de seu *metieur* como literato e jornalista, contribuindo ainda mais para seu processo de distinção. A obra encomendada pelos órgãos estatais teria uma maior difusão entre o público,

<sup>487</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/10/1972, p.5.

<sup>488</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/10/1972, p.5.

<sup>489</sup> As atividades de pesquisa sobre a literatura piauiense deveriam levar em consideração, entre outras questões, o objetivo do Plano Editorial que consistia em “dinamizar as atividades culturais do Estado, incentivando o desenvolvimento da ação criadora de nosso povo no campo da cultura, ajudando a recuperar o acervo bibliográfico de autores piauienses e de obras relativas ao Estado do Piauí ameaçado de irreparável perda; considerando que se faz mister maior estudo e preservação dos bens de valor cultural, por um imperativo de civismo e brasilidade”. **Diário Oficial**. Teresina. Ano 41. n.17, p.2. 28/01/1972.

devido a uma maior tiragem e distribuição. Finalmente, a ausência de qualquer ônus para o autor era um fator importante que o favorecia em sua rede de contatos, já que o tornava um ponto de apoio para futuras mediações.

Mas, embora a rivalidade girasse em torno de quem deveria escrever sobre a história da literatura piauiense, o que aconteceu é que esta tarefa não foi efetivada de acordo com o que fora proposto pela comissão do Plano Editorial, em parte por que exigia um trabalho árduo e difícil, principalmente com relação ao estudo, pesquisa e à escolha de quem deveria figurar no panteão literário. Muito parecido com a resposta sobre os motivos que teria em ser “generoso” com seus prefácios, respondeu sobre sua desistência em escrever a história da literatura do Piauí, dizendo

recusei o trabalho porque em cada família do Piauí há um poeta, um romancista, um escritor, um orador [...] se se esquecermos estas figuras, as consequências restarão em ódios e malquerenças [...] quando criticamos mesmo de leve a autoridade ou o escritor piauiense conquistamos inimigos terríveis e recebemos em vez de compreensão, agressões e xingamentos.”  
490

Receio, preocupação com as disputas internas, com relação àqueles que deveriam figurar na literatura piauiense, dificuldades em efetivar uma pesquisa que iria requerer tempo e disciplina, dificuldade em colocar os anseios particulares distantes daqueles de ordem social, principalmente o medo em conquistar ainda mais antipatias, poderiam ser explicações prováveis que teriam contribuído para sua decisão em desistir da escrita sobre a literatura piauiense. Em qualquer uma destas opções ou em qualquer outra possível, o que se percebe é que o desejo em “agradar” parece ter sido uma tônica em sua gestão como presidente da APL e como jornalista.

Mas “agradar” não queria dizer evitar o debate, o confronto, a força de seus posicionamentos, mas “melindrar” com as possibilidades que poderiam surgir mais à frente, ou seja, o prefaciado poderia ressentir-se ou magoar-se e aqueles cuja contribuição para a literatura não fosse lembrada ou valorizada (como aconteceu com ele no caso J. Miguel de Matos) poderiam promover antipatias e

---

<sup>490</sup> SANTOS, Cineas. **Entrevista**: A.Tito Filho. Revista Presença, Teresina, n.6,Dez./Fev. 1983, p.20.

agressões, atitudes, aliás, que já faziam parte de sua própria experiência quando magoado em suas intenções.

Embora tenha declinado da proposta em escrever a história da literatura do Piauí, isto não quer dizer que não tenha aproveitado algumas de suas pesquisas e a chance de publicar alguns livros que vieram mais tarde a público, sobre alguns escritores piauienses, em que o foco principal da escrita recaiu sobre a projeção dos traços biográficos e a tentativa em escrever uma gramática de expressões utilizadas por estes autores. Entre as obras que publicou, neste momento, podemos distinguir: Esmaragdo de Freitas: Homens e episódios (1973); Deus e a natureza em José Coriolano (1973); Zito Batista: o poeta e o prosador (1973); Lima Rebelo: o homem e a substância (1973). Não obstante a importância de reeditar textos esparsos de personalidades reconhecidas por suas incursões pela literatura e a política, essas produções aprofundaram ainda mais sua condição de gramático.

As contribuições dos seus biografados, no campo da literatura, articulavam-se em torno da escrita de poesias, preocupadas principalmente em registrar o sertão piauiense e seus costumes, a exemplo de José Coriolano. Destaca-se o ensaio biográfico escrito por Esmaragdo de Freitas sobre o Visconde da Parnaíba; os ensaios escritos por José Pires de Lima Rebelo, que tinham como temática principal o contexto econômico referente ao comércio da cera de carnaúba no Piauí. As quatro obras tinham em comum a preocupação em escrever a biografia de personalidades que foram patronos e ocupantes dos quadros de honra da APL, e que se aproximavam do biógrafo por terem exercido ocupações como magistrado, professor, além de uma longa participação no jornalismo, a exemplo de Zito Batista, redator de dois importantes jornais da capital *Alvorada* e *Cidade Verde* e José Coriolano, que escrevia para imprensa de Recife. A exceção foi José Pires de Lima, que exerceu apenas as duas primeiras profissões.

É possível perceber que, além da preocupação em escrever a biografia de personagens que compunham os quadros da APL, a pesquisa recaiu sobre figuras que apresentavam, além de algumas incursões no campo da literatura, uma forte presença na administração pública. Eram políticos, juristas, administradores, que tinham tido bastante destaque no exercício de suas ocupações profissionais,

além de terem conseguido construir condições para a circulação das suas obras e a formação de uma recepção.

A escolha por estes “vultos” significava ainda uma forma de privilegiar a manutenção de um determinado *status quo*, que tanto servia para favorecer a APL como instituição que mantinha/mantém intrínsecas relações com o poder político, como para naturalizar e legitimar o biógrafo que, a princípio se encaixava, assim como seus biografados, na manutenção de fortes relações com o Estado e suas estruturas administrativas<sup>491</sup>. Tais considerações são importantes para entender que foi criada uma situação onde o aparato do Estado, ao definir uma situação de dependência material e institucional, passou a moldar as relações que estabelecia com aqueles que detinham o poder intelectual. Esta forma de cooptação em torno da figura de um mecenas colocava a salvo os intelectuais das oscilações que poderiam ocorrer em torno do seu prestígio, dos problemas advindos do mercado editorial e das dificuldades de circulação.

As relações de ganho que se estabeleciam entre autor, gráfica, Estado como árbitro em assuntos culturais e a política de distribuição eram reconhecidamente uma forma de parceria que parecia ser

bem sucedida”, onde os intelectuais cooptados passaram a se definirem como “responsáveis pela gestão do espólio cultural, dispondo-se a assumir o trabalho de conservação, difusão e manipulação dessa herança, aferrando-se à celebração de autores e obras que possam ser de alguma utilidade para o êxito dessa empreitada<sup>492</sup>”.

Esta relação faz pensar que a troca de favores em torno de cargos, posições e mediações não era condição dispensada apenas aos confrades. A inscrição de A. Tito Filho nesta rota também havia lhe trazido uma série de vantagens, que facilitavam e explicavam sua incursão no mundo das ideias e legitimava sua administração na política cultural, mesmo que o uso deste álibi

<sup>491</sup> Pierre Bourdieu (1998) já havia analisado que o poder simbólico mantido pelos intelectuais é próximo de um saber poder mantido pelos interesses das instituições, como espaços sociais, que guardam ou mantêm aspirações pessoais. Essa assertiva leva em conta também que o poder não se encontra somente nas instâncias de censura, mas penetra toda a trama da sociedade, principalmente fazendo acreditar que os intelectuais são agentes da “consciência”. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.

<sup>492</sup> Sobre as questões relativas ao Estado e à elite intelectual ver: MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.216.

implicasse uma posição que ora requeria dele queixas contra aqueles que se encontravam na organização destes investimentos culturais, ora louvava suas investidas, principalmente se fossem benéficas para si e para sua rede de sociabilidade intelectual.

Se tais estratégias possibilitavam-lhe o controle e a autoridade intelectual para ajuizar sobre assuntos culturais, também serviam como apoio em suas formas de consagração, principalmente utilizando-se da premissa da arte para legitimá-lo como intelectual que conseguia fazer a “tradução” do mundo e das pessoas. Os intelectuais brasileiros, historicamente, viam-se/vêm-se a si próprios como

responsáveis pela gestão do espólio cultural da Nação, se dispendo a assumir o trabalho de conservação, difusão e manipulação dessa herança, aferrando-se à celebração de autores e obras que possam ser de alguma utilidade para o êxito dessa empreitada<sup>493</sup>.

A construção da imagem e a sua imposição no cenário literário, marcado pela disputa de espaços, pela construção de vaidades e a necessidade de uma rede de sociabilidade que tente absorver esta demanda, não se realiza sem antes um reforço na costura que sustenta os padrões de legitimidade intelectual, que foi com o tempo imposto pelo Estado e pelas instituições literárias. Mas mesmo que alguns quinhões sobre este bens simbólicos estivessem divididos, era necessário uma constante vigilância, pois a existência de ideias contrárias ou até mesmo discordâncias poderiam desequilibrar todo o trabalho de sedimentação da imagem e das palavras, além de colocar em perigo as intenções de uma rede de sociabilidade intelectual. Se isto acontecesse como se deveria proceder?

---

<sup>493</sup> MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil** (1920-1945). São Paulo: Difel, 1979. p.159

### Capítulo 3

#### *A imagem de Dorian Gray ou a escrita da vaidade*

*Um retrato pintado com a alma é um retrato,  
não do modelo mas do artista.  
Oscar Wilde*

A.Tito Filho com relação ao questionamento “Ainda há lugar para uma nova literatura em que predomine o princípio da arte pela arte?”, feita em sua coluna<sup>494</sup>, afirma que O.G.Rego de Carvalho teria respondido negativamente, defendendo que tal atividade era impossível, pois “não se podia mais viver em função da arte como uma redoma, uma torre de marfim”<sup>495</sup>. O romancista criticou ainda, em sua resposta à indagação, o autor Oscar Wilde<sup>496</sup> porque ele escrevia com a intenção de ser artista. Indo de encontro a estas ideias, a coluna Caderno de Anotações passou a defender em vários textos a “arte pela arte”, movimento inglês que defendia o esteticismo, o belo como solução para os problemas sociais.

Esta maneira de ver o social, como expressão capaz de ser traduzida preferencialmente pelo vigor dos símbolos artísticos e intelectuais ajudou o processo de cooptação destes pelo Estado, já que se traduzia numa possibilidade de acesso dos autores ao movimento do mercado editorial, onde o Estado mesmo não chegando a monopolizá-lo, impôs-se de forma decisiva como concessionário-mor<sup>497</sup> dos padrões da legitimidade intelectual. Observo que mesmo muito tempo depois de

<sup>494</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 14/05/1972, p.4.

<sup>495</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 14/05/1972, p.4.

<sup>496</sup> Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde (Oscar Wilde), um dos maiores escritores de língua inglesa do século XIX, tornou-se célebre pela sua obra e pela sua personalidade. Sofisticado, inteligente, dândi, adepto do esteticismo (da "arte pela arte"), escreveu contos (O Crime de Lord Arthur Saville), teatro (O Leque de Lady Windermere), ensaios (A alma do homem sob o socialismo), e romances (O Retrato de Dorian Gray). Em 1882 foi convidado para ir aos Estados Unidos para falar sobre o seu recém-criado Movimento Estético, com as idéias de renovação moral. Defendia o "belo" como única solução contra tudo o que considerava denegrir a sociedade. Esse movimento visava transformar o tradicionalismo na época Vitoriana, dando um tom de vanguarda às artes. Sobre ele A.Tito Filho (1989) escreveu em sua coluna: “Mostrando na sua própria pessoa a personalidade do homem na vida social, Wilde combateu a sociedade. A sua teoria era: a vida segue a arte, isto é, o artista revela a sociedade, ainda que a sociedade se esconda na hipocrisia. Os tipos criminosos sempre existiram, mas não estavam revelados. Shakespeare mostrou-os, em impecável obra de arte, antes que a vida os conhecesse. A vida segue a arte, isto é, a vida social pratica às escondidas aquilo que o artista revela”. Ver: Fontes <http://educacao.uol.com.br/biografias/oscar-wilde.jhtm>.; TITO FILHO, A. **Oscar Wilde**. Jornal O Dia, 05/02/1989, p.4.

<sup>497</sup> MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.217.

todas estas querelas, a imagem que tinha do escritor ainda continuava muito próxima da imagem do intelectual como “ente capaz de captar a realidade e transpô-la para a literatura, como se copiasse o espetáculo da vida social, da forma que fez Balzac com a avareza e Shakespeare com o ciúme”<sup>498</sup>.

A obra “O retrato de Dorian Gray”, escrito por Oscar Wilde, diante desta disputa entre qual modelo de intelectual ou até mesmo de escritor iria prevalecer, poderia servir para pensar o que a imagem do jornalista e do romancista retrataria com relação à vaidade? Enquanto o primeiro defendia uma imagem de intelectual como um ente especial, capaz de fazer a travessia para vários campos do conhecimento, devido a sua capacidade em direcionar sua “máquina de guerra” - a linguagem, tanto no sentido de externalizar o mundo dos sentidos, como direcioná-los àqueles que não compartilhassem de suas ideias. O segundo mostra-se aparentemente aberto às questões que dizem respeito à função do intelectual na sociedade, problematizando inclusive seu isolamento.

Mas isto era mesmo seu ponto de vista ou mais uma crítica direcionada àquele que naquele momento se mostrava um empecilho para uma possível entrada na APL? A rede de sociabilidade intelectual armada em torno de A. Tito Filho poderia dificultar-lhe seu ingresso no processo de publicação de obras, em efervescência com o funcionamento do Plano Editorial?

É provável que um movesse suas narrativas para contradizer o outro, colocando em jogo posições que exigissem dos leitores ora defesa de um, ora de outro. Este movimento fazia com que o cenário literário local fosse constantemente movimentado por ideias que ajudavam a avançar as discussões neste campo. Um defendia, além dos seus próprios pensamentos, as orientações da Academia e sua história de consagração. O outro, como romancista já reconhecido, buscava uma maneira de ser ainda mais consagrada e ampliar seu prestígio local, dificultado pela existência de um grupo que ainda teimava em dominar o cenário local das letras. Desde a escrita de *Ulisses entre o Amor e Morte*, O.G.Rego de Carvalho, ardia de impaciência para ocupar espaços maiores de influência, mas ainda continuava

---

<sup>498</sup> TITO FILHO, A. **Literatura Piauiense**. Jornal O DIA, 03/05/1992, p.4

preferido por um grupo de escritores que ainda escrevia ou já tinha escrito sob os moldes da literatura regional, ao estilo de *Ataliba, o vaqueiro*<sup>499</sup>.

Mas a novidade do romance *Ulisses entre o Amor e Morte*, estava na forma como O. G. Rego de Carvalho havia organizado a experiência temporal da narrativa, utilizando-se de pequenos contos, tipo novelas, que constituíam a experiência de *Ulisses*, marcada pela perda, pelo medo, pela mágoa e muitas vezes pelo tédio<sup>500</sup>. O autor desejava que lhe dessem o merecido respaldo, pois a obra escrita quando tinha apenas vinte e três anos, foi recebida com certa desconfiança pela crítica local, tanto por conta da enorme penetração da literatura regional, como também por conta de ressentimentos antigos, que diziam respeito à divergência do romancista durante a criação da Faculdade de Filosofia, ainda no ano de 1957, quanto ao número de professores, sugerindo nesta época que pelo menos dez viessem do Sul do país para formar o que denominou de uma “mentalidade nova aqui na nossa terra”<sup>501</sup>.

Segundo O.G. Rego de Carvalho, após a defesa desta ideia, o jornal *O Dia*, “começou a me atacar, passaram a criticar o meu livro *Ulisses*, a mostrar erros de português que não tinha, a fazer crítica de toda natureza”<sup>502</sup>. Sua “consagração” veio somente após o envio de exemplares para fora do Piauí, que foi distribuído entre nomes de destaque na literatura nacional, como Dalton Trevisan, Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles e Antonio Carlos Villaça<sup>503</sup>, que recepcionaram a obra de forma positiva. Isto levou a editora Civilização Brasileira, uma das mais destacadas no Brasil naquele momento, a se encarregar da segunda edição do romance que circulou no ano de 1972<sup>504</sup>.

<sup>499</sup> *Ataliba, o vaqueiro*; escrito por Francisco Gil Castelo Branco, obra em prosa, foi publicada durante o ano de 1878, em forma de folhetim e, como tal, apresentava características folhetinescas. Foi publicada no Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. Romance de fundo essencialmente regionalista, que focaliza de forma realista o drama da seca no sertão do Piauí.

<sup>500</sup> BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. “**Coragem, Ulisses**”: cartografias sensíveis da obra “*Ulisses, entre o amor e a morte*” de O.G. Rego de Carvalho. Revista *Desenredos*. Ano III. nº11. Teresina (PI). out.nov.dez.

<sup>501</sup> CARVALHO, O. G. Rego. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1989, p.20.

<sup>502</sup> CARVALHO, O. G. Rego. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1989, p.20.

<sup>503</sup> COSTA FILHO. Alcebíades. **Literatura Piauiense**. Texto no prelo, 2010.

<sup>504</sup> COSTA FILHO. Alcebíades. **Literatura Piauiense**. Texto no prelo, 2010.

A suspeita que recaiu sob Francisco Miguel de Moura ao escrever a obra *Linguagem e Comunicação em O.G.Rego de Carvalho*, não foi somente uma forma de desmerecer o autor já que ele fazia parte do grupo daqueles que eram denominados de “novos escritores”, mas uma forma de dificultar-lhe o acesso ao grupo de intelectuais já “canonizados”. Sua obra, tempos depois, foi reconhecida como um texto de maturidade estilística e crítica literária inovadora, já que havia analisado o conjunto da obra do romancista que contava com os seguintes títulos: *Ulisses, entre o amor e a morte* (1953); *Rio Subterrâneo* (1967); *Somos todos inocentes* (1971). Sua análise levava em conta índices textuais ainda pouco privilegiados na crítica literária local: considerações sobre a narrativa, o tempo, o espaço e o personagem, que estruturavam o texto do autor<sup>505</sup>, fugindo totalmente aos parâmetros da crítica literária do momento, que ainda viam a obra como um “organismo” preso ao seu conteúdo, estilo e tendência literária nacional ou regional.

A inovação de Francisco Miguel de Moura foi reconhecer que O.G.Rego de Carvalho crescia em fortuna crítica. Sua ousadia soube enxergar que a atualidade do romance estava naquilo que tinha causado sua excepcionalidade, ou seja, a forte presença na narrativa de uma carga de densidade humana carregada de subjetividade e intimismo. A percepção que a obra se dirigia e se comprometia com um público de leitores brasileiros que desejavam livrar-se de uma literatura até então comprometida com temáticas sociais, filosóficas academicistas, políticas partidárias, religiosas, fez com que o ensaísta e crítico paulista Homero Silveira, do jornal *O Estado de São Paulo*, justificasse que o autor piauiense seria conhecido nacionalmente porque “não segue as já bastante gastas entonações de escritores de gosto social ou telúrico, que se comprazem no relato das velhas e sempre mesmas histórias de costume”<sup>506</sup>

---

<sup>505</sup> MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. 2ª edição, Teresina, Universidade Federal do Piauí, 1996.

<sup>506</sup> MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. 2ª edição, Teresina, Universidade Federal do Piauí, 1996, p.98.

Imagem 16: Francisco Miguel de Moura



Fonte: <http://franciscomigueldemoura.blogspot.com/>

Tanto O.G.Rego de Carvalho como Francisco Miguel de Moura desejavam ser reconhecidos em suas atualizações. O primeiro pela inovação na literatura piauiense no campo da temática e do estilo; o segundo pela capacidade de analisar um conjunto de obras, levando em consideração outros deslocamentos na estrutura interna da obra. Desta maneira, o apoio que partiu de um grupo de intelectuais que resolveu assinar, publicar e distribuir um manifesto em repúdio a J. Miguel de Matos, por ter suspeitado em carta que enviou à coluna Caderno de Anotações da autoria do livro *Linguagem e Comunicação* em O. G. Rego de Carvalho, foi uma espécie de defesa por parte daqueles que desejavam não somente desfazer as suspeitas, mas reconhecer a importância das “novas” ideias no campo literário local.

Se tempos depois Francisco Miguel de Moura reconheceu em artigo<sup>507</sup> que a tentativa em colocar dúvidas sobre sua autoria partiu da intenção em atingir a produção intelectual dos “novos” literatos e escritores, como ele e O.G. Rego de Carvalho, é porque sua leitura dos acontecimentos impôs-se ao tempo e à posterior ausência de comentários quer em jornais quer na própria coluna, após o “Manifesto de Maio de 1972”, demonstrou que sob a dúvida recaiu o reconhecimento da

<sup>507</sup> MOURA, Francisco Miguel de. Pequena história de um grande Conselho. In. SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.). **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. FUNDAPI: Teresina, 2003.p.160-172.

autoria; sob a suspeita reverberou-se o silêncio daquele que publicou a carta e do que escreveu; sob o tempo impõem-se as artimanhas narrativas do “novo” sob o “velho”, já que recentemente afirmou “os escritores são os donos da palavra, quando os discursos ficam velhos eles inventam outros, e os renovam.”<sup>508</sup> Se renovam ou não a questão é que tanto O. G. Rego de Carvalho como Francisco Miguel de Moura conseguiram seus assentos na APL em 07/06/1983 e 30/10/1990, respectivamente, ainda sob a presidência de A. Tito Filho.

Antes do “Manifesto de Maio de 1972” ser assinado e talvez um dos motivos que tenha contribuído para organizá-lo foi a publicação na coluna de outra carta de autoria de J. Miguel de Matos criticando a acadêmica Nerina Castelo Branco<sup>509</sup>. O autor da carta afirmava rancorosamente que a mesma havia impedido sua entrada na Academia, principalmente porque tomou partido de O. G. Rego de Carvalho no incidente sobre a autoria da obra de Francisco Miguel de Moura, utilizando-se de sua prerrogativa como acadêmica para “levantar-se contra ele”<sup>510</sup>. A carta confidenciava ainda que a mesma, antes de ter assento na imortalidade, havia feito “médica para entrar na Academia Piauiense de Letras, pedindo-lhe críticas apologéticas para juntar ao *fraco dossier* dos seus méritos literários e alcançar, como alcançou a imortalidade acadêmica.”<sup>511</sup>.

As explosivas críticas contavam ainda com certo clima de decepção por parte de J. Miguel de Matos, que ressaltou que nas duas vezes que se candidatou à Casa Lucídio Freitas, para as cadeiras de números 17 e 25, respectivamente, a poetisa teria feito o papel de “advogada do diabo”, dificultando seu objetivo de entrar na APL. Segundo ele, a atitude contrastava com o que a acadêmica “dizia para ele nos encontros fortuitos das ruas, das esquinas e dos logradouros públicos e mesmo por meio de correspondências que ainda guardava nos seus arquivos implacáveis”<sup>512</sup>. Sempre se utilizando de um tom agudo de retaliação, prossegue

<sup>508</sup> [www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=56171&cat=Artigos&vinda=S](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=56171&cat=Artigos&vinda=S). Acesso: 18/06/2010

<sup>509</sup> CASTELO BRANCO, Maria Nerina Pessoa. (Teresina, 1934). Poeta, advogada, contista, jornalista, professora universitária.

<sup>510</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/04/1972, p.5.

<sup>511</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/04/1972, p.5.

<sup>512</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/04/1972, p.5.

afirmando na carta que a mesma teria, com o intuito de entrar na Academia, saído de “pires na mão pedindo votos”<sup>513</sup> mesmo àqueles que moravam fora do Estado.

A publicação das cartas de J.Miguel de Matos na coluna Caderno de Anotações servia tanto como forma de combater possíveis “inimigos”, como manter laços de solidariedade com aquele que, pelo visto, acreditava ser um “aliado” importante em suas intenções. A. Tito Filho registrou, em meio à repercussão das críticas contra à acadêmica Nerina Castelo Branco, uma nota de esclarecimento sobre o “Manifesto de maio de 1972”, onde A.Tito Filho afirmou que, ao ser interrogado sobre se a acusação da autoria de Francisco Miguel de Moura tinha partido dele, respondeu com seu clássico chavão jornalístico: “não dos não”. Esclareceu ainda que o autor da carta era “brasileiro, maior, eleitor, oficial do exército, vacinado e revacinado”<sup>514</sup>.

Se J.Miguel de Matos buscava entrar para APL talvez tivesse que se utilizar das mesmas manobras pelas quais havia criticado a poetisa Nerina Castelo Branco, esta mesma em sua carta-resposta na coluna dizia esperar que sua “obsessão um dia se realizasse, mesmo que seja para andar de pires na mão a pedir votos”<sup>515</sup>. Em contrapartida, o colunista, como forma de esquivar-se às críticas feitas à colega e acadêmica, acentuou em sua coluna que publicou as cartas “porque normalmente publicava até as críticas que lhe eram dirigidas”<sup>516</sup>.

Este posicionamento o mantinha, em meio aos ataques e acusações, distante das especulações sobre os motivos que o fizeram publicar as cartas de J.Miguel de Matos, primeiro colocando dúvidas sobre a autoria de Francisco Miguel de Moura, depois criticando a acadêmica, por ter “impedido” sua entrada na Academia. Mas, como mantê-lo distante das suspeitas, se o mesmo reconheceu em sua coluna que este era um espaço para aqueles que buscavam guarida, desde que “os escritos não contenham injúrias, calúnias ou difamações e desde que não invadam a sacratíssima vida privada dos cidadãos”<sup>517</sup>. Se apenas admitia opiniões

<sup>513</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/04/1972, p.5.

<sup>514</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/05/1972, p.6.

<sup>515</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/04/1972, p.7.

<sup>516</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/04/1972, p.7.

<sup>517</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/04/1972, p.7.

“balizadas” é porque acreditava ou tinha bastante simpatia pelas ideias expostas nas cartas escritas pelo J.Miguel de Matos.

Utilizando-se ou não da estratégia que o próprio J.Miguel de Matos havia sentenciado contra a acadêmica Nerina Castelo Branco, o que o tempo revelou foi que o mesmo foi finalmente empossado na cadeira nº05, que tinha como patrono Areolino Antônio de Abreu e primeiro ocupante Édison da Paz Cunha, um dos fundadores da Academia. Seu filho José de Castro Cunha, em carta à coluna demonstrou de forma efusiva seu apoio ao então candidato, onde enfocou que o mesmo “em sua luta tirânica, há vários anos, tentava se imortalizar”<sup>518</sup>. Candidato por três vezes, onde em vários momentos enfatizou que sofria “perseguições”, finalmente entrou para APL como recompensa a sua luta, inclusive sendo reconhecido pelo herdeiro do primeiro ocupante da cadeira que havia “brigado como tigre com o objetivo de atingir a meta de chegar à Academia Piauiense de Letras”<sup>519</sup>.

Se pertencer aos quadros de uma Academia literária é tão importante para alguns, por ser considerado motivo de glória, respeito e consideração; para outros, este espaço era incompatível com a “simples” vida de um mortal, que sabia que suas limitações eram incompatíveis com os brios de uma vida regada a doses de vaidade. Neste caso, a recusa ao assento na Academia é tão digna de louvor como a briga ou a “luta tirânica” para fazer parte dela. Se J. Miguel de Matos lutou furiosamente pelo seu assento, o poeta Almir Fonseca<sup>520</sup> resolveu não aceitar o convite que lhe fora feito, por duas vezes para participar dos seus quadros efetivos. Recusou a honraria por acreditar que não a merecia. Em sua relutância defendia que a Academia era “catedral dos deuses do pensamento, da inteligência e do talento, não comporta irreverências dos obstinados às revoltas incontidas”<sup>521</sup>.

Sua recusa provavelmente oscilasse entre seu desapego de pertencer a um espaço que parecia ser distante de seus objetivos ou como uma forma silenciosa de protesto contra o que este espaço significava, como local que abriga vaidades que estavam muito longe de sua trajetória de irreverência e boemia. Vindo

<sup>518</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/12/1973, p.9.

<sup>519</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/12/1973, p.9.

<sup>520</sup> FONSECA, Almir de Sousa (Floriano, 1918, Teresina, 1972 - Teresina. Poeta, jornalista e odontólogo. Foi um dos fundadores da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí.

<sup>521</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/11/09/1972, p.6.

a falecer em agosto, em 1972, vitimado por problema cardíaco, deixou em sua recusa o gosto que havia “rejeitado a cadeira acadêmica, mas a Academia lhe guardaria a memória amiga e a inteligência criadora”<sup>522</sup>, como ressaltou seu amigo A.Tito Filho. Se sua memória íntima foi mantida é difícil saber, mas se constata que seu nome perdeu-se com seu desejo de não participar da Academia, já que uma das poucas citações sobre ele, na literatura piauiense, por coincidência, foi no livro *Antologia de Poetas*, escrita por um dos nomes que mais lutaram pelo seu assento - J. Miguel de Matos<sup>523</sup>.

Mas a coluna *Caderno de Anotações* não era somente espaço de disputa literária, era também uma oportunidade de divulgação de obras e meio de circulação<sup>524</sup> de opiniões sobre publicações locais, regionais, nacionais e algumas internacionais. Logo que uma obra era editada, um dos primeiros movimentos do autor ou autora, principalmente em nível local, era enviar cópia visando à apreciação do colunista e posterior divulgação em programa radiofônico. Esta forma de “publicidade” garantia ao autor ou a autora certa baliza sobre seus escritos, já que, ao tempo em que eram feitos comentários sobre a temática da obra recém- lançada, também havia a possibilidade do envio desta para outros jornalistas do país, críticos literários ou pessoas reconhecidas do meio, bem como, os próprios correspondentes e acadêmicos da APL. Esta circulação favorecia a divulgação das ideias dos novos autores e ajudava, ainda mais, a consagrar aqueles que já tinham uma boa contribuição bibliográfica.

A divulgação de obras na coluna era também uma forma de dinamizar a produção intelectual local e mostrar que esta era significativa, quando o ponto de referência era o fora<sup>525</sup>; a baliza de outras pessoas que estavam no mercado literário, principalmente em nível nacional. A indicação de uma obra para as devidas apreciações, dentro de uma rede de sociabilidade intelectual tinha uma dimensão

<sup>522</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/11/09/1972, p.6.

<sup>523</sup> MATOS, J.Miguel de. **Antologia Poética Piauiense**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

<sup>524</sup> A ideia de *circulação* serve para pensar que o texto contribui para diferentes produções de sentidos na leitura, e garante a apropriação que é realizada pelos leitores. Sobre esta relação, ver: CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2007

<sup>525</sup> A relação de-dentro/ de-fora é um construto conceitual utilizado por Deleuze para se referir a uma relação de força. O fora é um interstício entre o ver e o falar; é onde se opera o dentro. Ver: MACHADO, Roberto. **Deleuze**: A arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.p.176-177.

importante e um peso significativo, já que as dificuldades de divulgação da literatura local em nível nacional eram extremamente conhecidas. A Academia contava com colaboradores em vários Estados da Federação e nomes importantes do cenário literário nacional e internacional, como consta a lista de sócios correspondentes entre 1970-1982<sup>526</sup>: Amaro Quintas (PE), A.Garibaldi (Portugal), Cândido Marinho da Rocha (PA), Inocêncio Candelária (Mogi das Cruzes, SP), Lothar Hessel (Porto Alegre), Santiago Vasques Filho (CE), Vivaldi Moreira (MG), Paulo Klumb (Santa Maria, RS), Teresinka Pereira (Boulder, EUA), entre outros.

A apreciação da obra era normalmente enviada por cartas e publicada na coluna em sua íntegra, com raras exceções, mesmo que em alguns momentos esta fosse estendida até meia página, onde se podiam perceber, além dos comentários sobre a temática e o autor, traços do impacto desta fora do cenário local. A divulgação destas críticas era importante para o colunista, em pelo menos três dimensões: permitia que sua coluna fosse reconhecida como importante meio de divulgação de obras inéditas ou relançamentos; legitimava ainda mais sua influência literária; era significativo para o aumento considerável de sua fama como colunista que ganhava leitores cada vez mais empolgados em saber sobre as novidades literárias ou as recentes polêmicas do meio. A sua longa experiência no jornal, rádio e como pessoa pública havia lhe oportunizado, além de notoriedade, certa legitimidade para fazer comentários sobre assuntos diários, sejam eles da esfera política, social e cultural, o que havia lhe conferido certo reconhecimento da população.

Em sua coluna as apreciações ou comentários sobre as obras apresentavam-se, de maneira geral, de forma positiva e ajudavam a sua divulgação, bem como, serviam para colocar o escritor ou a escritora em destaque por alguns dias. Mas um caso interessante surpreende quando se lê a coluna entre maio e outubro do ano de 1972. Entre algumas apreciações publicadas, chamou atenção esta apreciação feita pelo seu colunista:

Leio as últimas concepções poéticas de Oliveira Neto reunidas com o título de *Ressurreição*. Poesias parnasianas de boa cepa [...] Digo verdade quando digo que Oliveira Neto acredita em Deus e repousa sua inteligência na certeza de Deus [...] Neste livro a vida se resume numa dádiva divina

<sup>526</sup> TITO FILHO, A.. **Revista da Academia Piauiense de Letras**. Teresina: COMEPI,1981.p.38.

que se projeta nas flores, nas manhãs, nos sorrisos das crianças, na fraternidade, no amor sem fim<sup>527</sup>.

Este tipo de apreciação feita em virtude do pedido do autor, que analisasse sua recente obra poética *Ressurreição*, era comum vincular na coluna, onde se podia notar, entre outras questões, a predominância dos aspectos considerados “positivos” da obra; a ausência de uma análise mais aprofundada do texto devido à quantidade significativa de livros inéditos ou não que recebia para comentar ou para se referir em seu programa radiofônico ou no jornal; a predominância de um olhar “espiritual” sobre a temática, já que o livro de versos do autor refere-se a temáticas direcionadas ao plano da religiosidade e da trova intimista.

Junto a esta apreciação outras foram sistematicamente publicadas na coluna, como a de Mozart Soares (Porto Alegre, RGS) que enfatizou a predominância do lirismo e do parnasianismo presentes nas temáticas do poeta. Acrescentava ainda que Oliveira Neto teve a preocupação com a construção artesanal dos seus versos e que esta forma de escrever estava sendo vista com desconfiança por aqueles que achavam que a trova era uma forma poética em desuso<sup>528</sup>. O poeta Victor Aguiar, diferentemente de Mozart Soares, enunciou em sua apreciação que o autor não deveria ter tido uma preocupação exagerada com a forma nem com o conteúdo, que deveriam apresentar-se em sua narrativa de maneira mais livre. Diz que houve uma época em que a forma fazia o conteúdo, mas que esta maneira já se encontrava em desuso<sup>529</sup>.

É sabido que leituras diversificadas são atribuições de uma linguagem que se move ao sabor dos vários sentidos que vão sendo construídos, pois, como acrescenta Tronca,<sup>530</sup> a linguagem delira ao ser capaz de articular infinitas conexões quando é expressa, dependendo do lugar que o sujeito ocupa na produção do discurso. Mozart Soares apreciava os versos líricos e bem trabalhados; Victor Aguiar preferia que o autor tivesse se soltado mais e deixasse a forma e o conteúdo

<sup>527</sup> TITO FILHO, A.. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/11/09/1972, p.6.

<sup>528</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 08/06/1972, p.6.

<sup>529</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/06/1972, p.6.

<sup>530</sup> Para Ítalo Tronca, toda linguagem é delirante, no sentido de possuir uma pluralidade de sentidos e enunciações. Ver: TRONCA, Ítalo. **Foucault e a linguagem delirante da memória**. In: RAGO, Margareth et alli. **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 199-216.

de suas poesias mais livres. Estas últimas observações são feitas tendo em vista que o autor de *Ressurreição* era bastante conhecido por suas críticas às interferências modernistas na poesia, pois preferia a rima cuidadosa e o uso de temáticas parnasianas, como já havia feito em suas obras anteriores como: *Ícaro* (1951); *Árias Sonoras* (1970); *Últimas Árias* (1971).

Outros comentários sobre a obra de Oliveira Neto também foram publicadas na coluna *Caderno de Anotações*, como a realizada pelo poeta Carlos Marengo (Montevideu, Uruguai) que preferiu comentar sobre a sensibilidade de Oliveira Neto, destacando a emoção que o livro o fazia sentir, principalmente pela presença harmoniosa dos versos que traduzia, segundo ele, “bondade, amor e beleza”<sup>531</sup>. O poeta e já contumaz leitor das poesias do autor de *Ressurreição*, Ferrer Lopes (Queluz, Portugal), escreve uma carta incentivando-o e realçando que não deveria se preocupar com as críticas que lhe eram dirigidas sobre a forma lírica de suas poesias, pois acreditava que a liberdade poética “não conhece escravaturas, regras rígidas, fronteiras. A poesia tem que fugir do círculo vicioso dos preconceitos criados pelo homem”<sup>532</sup>

Em meio à publicação de notas agradecendo o recebimento do livro *Ressurreição* e comentários sobre o mesmo, a coluna divulgava também uma onda de acontecimentos culturais que estavam proporcionando certa efervescência ao cenário local. O então governador Alberto Silva havia solicitado da APL sugestões de nomes para palestras, que deveriam ser realizadas em Teresina, em comemoração as seguintes datas: 50 anos da Semana de Arte Moderna; 400 anos da obra *Os Lusíadas*; 75 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras e o sesquicentenário da Independência do Brasil<sup>533</sup>. O Presidente desta entidade imediatamente atendeu ao convite, fazendo sugestões dos nomes de Carlos Drummond de Andrade, Martins Napoleão, Odylo Costa Filho e Arthur Reis.

A. Tito Filho, ansioso para que as conferências ocorressem, vai pessoalmente ao Rio de Janeiro, utilizando recursos que recebeu do Governo Estadual para esta finalidade. Ao retornar para Teresina, sua primeira coluna do mês de setembro, teve o objetivo de divulgar duas notícias para o círculo literário de

<sup>531</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 28/06/1972, p.8.

<sup>532</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 08/07/1972, p.6.

<sup>533</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 08/07/1972, p.6.

Teresina e para sua rede de sociabilidade intelectual: as inscrições para o preenchimento da Cadeira 28, em decorrência do falecimento do acadêmico Elias de Oliveira e Silva, e a divulgação das datas e dos nomes dos convidados do Governador Alberto Silva para vir a Teresina participar da solenidade comemorativa, conforme registrou: Martins Napoleão (02 de setembro); Odylo Costa, Filho (10 de setembro) e Arthur Reis (17 de setembro)<sup>534</sup>. As temáticas escolhidas para cada conferencista foram “Os Lusíadas”, “A Academia Brasileira de Letras nos seus 75 anos” e o “Sesquicentenário da Independência do Brasil”, respectivamente.

Com o título “Governo e Academia proporcionam noite de cultura e arte” o *Jornal do Piauí*, juntamente com a coluna Caderno de Anotações chamam a atenção dos seus leitores para a conferência, realizada na noite anterior, de Martins Napoleão sobre a obra *Os Lusíadas*, de Camões. Observou-se o forte destaque que foi dado à relevância de tal evento para o “progresso espiritual” do Estado, como apontou Alberto Silva, e o compenetrado discurso de recepção feito pelo Presidente da APL ao conferencista, onde entusiasmado discorreu sobre a vida e a obra do mesmo<sup>535</sup>.

Ainda sob o impacto do clima de comemoração e congratulação pela efusiva palestra foi convidado para apresentar oficialmente, em solenidade, a reedição da obra *Lira Sertaneja*, escrito por Hermínio Castelo Branco, como parte das primeiras atividades do Plano Editorial. A.Tito Filho tinha realizado um estudo sobre palavras e expressões utilizadas pelo autor de *Lira Sertaneja*, que foram anexadas a obra, já que este apresentava um linguajar rebuscado e uma forte presença de sonoridades e expressões da tradição de violeiro.

Animado com as comemorações no Palácio do Karnak<sup>536</sup>, devido ao convite para fazer a apresentação do livro *Lira Sertaneja*, juntamente com o vocabulário de expressões de sua autoria, recebe honrosos elogios e faz pomposos discursos, principalmente porque a festa ainda tinha um sabor especial, comemorava-se o dia da imprensa. Mas as comemorações ainda seguiriam um rumo melhor com a autorização do Governador Alberto Silva para proceder ao

<sup>534</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 01/09/1972, p.6.

<sup>535</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. *Jornal do Piauí*, 10/11/09/1972, p.6.

<sup>536</sup> Edifício sede oficial do Governo do Estado do Piauí. Passou a ser a sede do Governo ,em [1926](#), por ato do então [governador Matias Olímpio](#).

aluguel de uma sede nova para APL, com pagamento subsidiado pelo Estado, no valor de Cr\$ 5.000,00<sup>537</sup>.

A “conquista” foi recebida com muita alegria, já que o Presidente desta instituição literária há tempos desejava tal atribuição, pois as despesas com pagamento de aluguel oneravam imensamente os cofres da “Casa dos Imortais”. Um reflexo desta situação era o permanente registro na coluna do nome das pessoas que ajudavam a manter a Academia, seja com contribuições próprias seja adquirindo exemplares da Revista da Academia. Esta forma de publicização dos nomes dos contribuintes servia tanto como forma de agradecimento como maneira de solicitar novas doações.

Leitor de vários jornais que lhe chegavam pelos Correios, como *O Globo*, principalmente a coluna de Ibrahim Sued, *O Povo* (Fortaleza, CE), *Jornal do Comércio* (Recife, PE), *Correio da Serra* (Campo Grande, MT), e de jornais locais como *O Dia*, *A Hora*, *O Estado*, não saía de casa sem estar bem informado e atualizado sobre as notícias mais recentes. Ainda sob o impacto das festividades e da permissão do Governo para pagar os gastos com o aluguel da APL, surpreende-se ao ler críticas feitas à recente publicação de Lira Sertaneja, principalmente sobre o vocabulário que a acompanhava. Surpreende-se mais ainda ao ler que o autor das correções a recente (re)edição não eram os costumeiros “inimigos” intelectuais, mas o autor de Ressurreição.

Oliveira Neto havia utilizado espaço no jornal *O Estado* para elencar uma série de correções gramaticais que deveriam ser realizadas na nova edição de Lira Sertaneja, além de afirmar que Hermínio Castelo Branco era “fraco em metrificações”<sup>538</sup>. Este posicionamento seu foi em virtude de sua preocupação estilística exagerada com o uso de rimas corretas e metrificações exatas. A.Tito Filho respondeu imediatamente ao poeta de forma contundente, dizendo que ele escrevia bem, mas seu último livro continha muitos “gatos” e que tais erros foram cometidos em Fortaleza (cidade onde havia publicado a obra), debaixo de suas próprias vistas.

---

<sup>537</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/09/1972, p.8.

<sup>538</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 30/09/1972, p.7.

Afirmou ainda que na atual edição de Ressurreição havia cometido muitos enganos, mas isto não poderia ser creditado somente ao seu “cochilo”. Expunha isto como forma de resposta ao que foi vinculado no jornal “O Estado”, que circulou um dia antes das críticas de Oliveira Neto, sobre o que denominaram de “fruto de um trabalho individualista”, que terminou por deixar a nova edição com vários “cochilos, distrações e lacunas”<sup>539</sup>, referindo-se à obra Lira Sertaneja.

Tal mudança de posicionamento com relação à obra de Oliveira Neto, que já havia analisado em sua coluna, demonstra algumas considerações. Primeiro, que a leitura e a conseqüente apreciação da obra, que havia feito do poeta tinha um perfil diferente daquela que divulgou em sua coluna ou que o perfil se alterava de acordo com a situação. Segundo, que, quando se sentia ressentido em suas intenções, voltava-se de forma contundente e rancorosa contra o destinatário das críticas e, que seu jornalismo era uma espécie de arma narrativa utilizada contra aquilo ou aqueles que porventura viessem lhe confrontar. Na mesma medida que permitia o acesso dos autores a uma série de contatos para apreciações de suas obras, era um árduo censor daquilo que julgava impertinente, havia afirmado em outro momento que “os ingratos não são dignos de viver no coração dos que amam”<sup>540</sup>.

Influenciado pelas ideias da teoria de Jacques Maritain, principalmente por conta de sua tradução no Brasil feita por Tristão de Athayde, responsável por incorporar ao pensamento filosófico as ideias cristãs, principalmente os princípios tomistas<sup>541</sup>, gostava de utilizar-se entre suas estruturas narrativas dos valores da cultura cristã, como a demonstração de sentimento de piedade, fé, resignação perante o sofrimento, principalmente quando se sentia atacado ou perseguido. É possível também identificar um forte apego às ideias de ingratidão, traição e perseguição, mas como sentimentos que deveriam ser modificados pela virtude do perdão que, pelo visto, chegaria mais tarde, depois que fizesse o “ingrato” mitigar o sofrimento que lhe havia imposto ou a raiva que lhe havia consumido por alguns

<sup>539</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 30/09/1972, p.7.

<sup>540</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/09/1972, p.7.

<sup>541</sup> Os *princípios tomistas*, defendidos por Jacques Maritain, referem-se à ideia do Homem como ser social, racional e fundado no princípio intelectual, ou seja, no magistério que ensina a todos os homens de todos os tempos princípios verdadeiros, universais e atemporais, necessários para o desenvolvimento do progresso.ver: MARITAIN, Jacques. **Sete Lições Sobre o Ser**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 11 a 25.

dias. Desta forma, mostrou-se superior ao ler no jornal *O Estado* em que Oliveira Neto havia declarado em artigo que ele havia debochado dele em programa de rádio (Difusora) e em jornal<sup>542</sup>.

Oliveira Neto havia se justificado explicando que os comentários que havia feito sobre os erros contidos na nova edição de Lira Sertaneja tinham objetivo de cooperar com o escritor do vocabulário e não com o intuito de melindrar e nem expor ninguém<sup>543</sup>. O jornalista rebate que sua atitude não havia sido pessoal, que nada fizera para “desmerecer a personalidade”, mas se encontrava em um debate que deveria ser conduzido em termos “altos e eloqüentes”<sup>544</sup>. Sua idéia de “debate” tinha ressonâncias no jogo de palavras frias, cortantes, irônicas, com o objetivo de atacar impiedosamente seus adversários, tal postura havia atribuído o clima de revanche partidária existente nos anos de 1940, quando ainda era jovem e havia participado do intenso debate nos jornais, nos rádios, nas revistas e também nos acalorados comícios existentes no período do Estado Novo<sup>545</sup>.

Orgulhava-se de sua “geração” que fazia do “debate” o momento de ofuscar o adversário, principalmente se o mesmo houvesse colocado suas realizações ou atividades em suspeita ou se tivesse permitido que seu nome, tão artesanalmente trabalhado, ficasse exposto a críticas e fatalmente a uma possível falta de reconhecimento. Acreditava que ser cidadão era “debater para esclarecer, dialogar para desobscurecer”<sup>546</sup>. Esclarecimentos que pareciam ser aqueles que melhor pudessem justificar suas verdades. Neste sentido, entre uma crítica e outra feita contra Oliveira Neto, divulgava em sua coluna, além dos tradicionais trechos bíblicos, cartas e anotações de pessoas parabenizando-o pela excelente idéia em elaborar um vocabulário das palavras mais utilizadas por Hermínio Castelo Branco ou publicava reportagens extraídas de outros jornais onde seu nome figurava enaltecido por alguma razão.

Na ânsia de mostrar que até aqueles que tinham algum ressentimento seu eram capazes de reconhecer a importância da publicação de Lira Sertaneja,

---

<sup>542</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/10/1972, p.6.

<sup>543</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/10/1972, p.7.

<sup>544</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/10/1972, p.6.

<sup>545</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 09/01/1972, p.5.

<sup>546</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 09/01/1972, p.5.

divulgou uma carta de Francisco Miguel de Moura, que lhe agradecia, primeiramente, pelo envio da sua correspondência, comunicando-lhe um ofício de Andrade Lima Filho, escritor e secretário da Academia Pernambucana de Letras, referente à acolhida do acadêmico Amaro Quintas a uma obra sua de poesias ainda em preparação no Rio de Janeiro, denominado “Pedra em Sobressalto”. No final da carta, Francisco Miguel de Moura posicionou-se sobre a obra Lira Sertaneja e o dicionário de expressões que lhe acompanhava “em parte alguns erros gráficos, perdoáveis até mesmo em livros feitos no Rio ou São Paulo, creio já poder afirmar que se trata de obra importante, indispensável ao estudioso de nossa literatura”<sup>547</sup>.

Ainda como forma de manter-se no “debate”, publicou carta que foi endereçada a ele por Oliveira Neto, onde este dizia que o jornalista era uma das pessoas que mais elogios tinha feito a sua obra Ressurreição, bem como, aos dois últimos livros de poesias publicadas por ele, inclusive citando as páginas dos prefácios que continham tais elogios. O jornalista responde ironicamente afirmando que não retirou os elogios que fez, apenas mostrou os erros contidos no livro, mas que atribuía tais vacilos a “cochilos” e “revisões” e não ao poeta<sup>548</sup>.

A obra Ressurreição, que talvez tivesse recebido esta designação por marcar o retorno do poeta aos círculos literários locais, após um longo período de “escombros literários”, como definiu Cantídio de Azevedo, poeta do Rio Grande do Norte, em virtude das críticas feitas ao seu último livro de poesias, denominado “Últimas Árias”, mostrou que para manter-se no mercado literário era necessário contar, além de uma boa estrutura de recepção e divulgação da obra, com uma salutar movimentação entre egos e vaidades existentes em uma rede de sociabilidade intelectual, capaz de alavancar ou destruir a potencialidade da obra e do autor, já que uma malograda recepção era um infortúnio para o autor e uma péssima publicidade para a obra, que poderia ser reservada ao esquecimento, pela mesma rede que ajudou a construir.

Mas, Oliveira Neto sentia que as críticas feitas ao seu livro naquele momento eram demais prejudiciais, principalmente porque insistia em escrever poesias líricas aos moldes da estética parnasiana, dentro de um mercado literário

<sup>547</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 13/10/1972, p.7.

<sup>548</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 12/10/1972, p.5.

profundamente influenciado pelas contribuições modernistas na poesia, principalmente vindas do poeta Manuel Bandeira, que havia criticado a forma parnasiana, formalista e romântica, em sua poesia-programa denominada “Poética”, onde insistia estar (quem não se lembra?) “farto do lirismo comedido, do lirismo bem comportado”<sup>549</sup>.

Talvez com intuito de encerrar as críticas feitas a sua obra, publicou novamente uma carta endereçada ao jornal *O Estado*, onde, com certo “ar de cansaço”, reconheceu “não sei português e nem nada” e prossegue referindo-se aos seus versos como “defeituosos porque eu não me dou ao trabalho de burilá-los. Ficam como saem da alma”<sup>550</sup>. Mas, apesar de tais confidências, assume novamente o tom de protesto e disse que seu livro havia ficado ao cargo do seu amigo em Fortaleza, o poeta José Costa Matos que, segundo Oliveira Neto, era alguém de *talentos superiores ao jornalista*, pois “além de professor emérito de português, inglês e francês, era poeta clássico, escritor e orador primoroso”<sup>551</sup>.

Como “resposta” à carta de Oliveira Neto passou a citar uma série de apreciações feitas por jornais de outras cidades brasileiras sobre a obra *Lira Sertaneja*, como a reportagem no jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, na edição do dia 12.10.1972, escrita pelo jornalista Patrício Franco, que segundo nota na coluna Caderno de Anotações já era conhecedor das outras edições da obra. Ele defendia que a recém-lançada edição do livro de Hermínio Castelo Branco era a que mais respeitava suas ideias e seus sentimentos e estava “absolutamente certa, um trabalho em tudo semelhante ao original”<sup>552</sup>.

Se a obra reeditada juntamente com o vocabulário havia conquistado apreciações positivas ou se estas eram mobilizadas como narrativas que reforçavam ainda mais seus argumentos, talvez restasse a Oliveira Neto apenas reconhecer, depois de ter assumido algumas de suas fragilidades, com relação à edição de *Ressurreição* e diante da profunda ausência de comentários sobre sua obra na principal coluna da cidade destinada as atividades literárias, que o autor da

<sup>549</sup> BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

<sup>550</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 13/10/1972, p.4.

<sup>551</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 13/10/1972, p.4. (grifo nosso)

<sup>552</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 17/10/1972, p.6.

coluna “não vê, hoje, cego pela paixão, os elogios que me dispensou ontem”<sup>553</sup> e, finalmente, como forma de “chutar a barraca” terminou admitindo, em resposta ao profundo mal-estar que toda esta discussão havia lhe causado, que “a obra Lira Sertaneja que A.Tito Filho dizia ser excelente *está mesmo cheia de erros*”<sup>554</sup>. O jornalista respondeu em sua coluna com uma frase retirada da carta do poeta “*reconheço que não sei português*”<sup>555</sup>.

Talvez em defesa do poeta ou como forma de continuar as críticas ao então Plano Editorial e ao Presidente da APL, o jornal *O Dia* divulgou em nota que O.G.Rego de Carvalho havia afirmando que “as mediocridades dos tempos atuais se estão somando às mediocridades do passado”<sup>556</sup> e, ainda reitera “Hermínio nunca fora poeta em vida e que a reedição de Lira foi o maior desserviço que o Governo fez a juventude do Piauí”<sup>557</sup>. Defesa ou crítica, o que marcava o aborrecimento do autor de Rio Subterrâneo era observar que o plano de editoração financiado pelo Estado estava completamente, até aquele momento, sob a profunda influência de intelectuais que representavam para ele o “atraso” ou como citou a “mediocridade”.

O.G.Rego de Carvalho havia conseguido seu reconhecimento fora do Estado à custa de muito esforço e do uso de narrativa e temática bastante inovadora para a época. Observar que estava sendo preterido poderia ser suficiente para que se chateasse profundamente, principalmente porque se Lira Sertaneja estava sendo tão badalado, isto significava um retorno a um enfoque literário ainda baseado naquilo que considerava já ultrapassado, como uso de temáticas que diziam respeito ao sertanejo, ruralidade, terra. Em tom feroz de crítica declarou impetuosamente que a APL era “a mata suprema da mediocridade (pequenas e grandes) aqui da terra”<sup>558</sup>.

Ora, em sua defesa e do Plano, o colunista publicou que, em conversa, o então jornalista Macário Oliveira havia lhe confidenciado que O.G. Rego de Carvalho havia lhe confessado o desejo de entrar para a APL e que esperava a

<sup>553</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/10/1972, p.7.

<sup>554</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/10/1972, p.5.(grifo nosso)

<sup>555</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/10/1972, p.5.

<sup>556</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.

<sup>557</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.

<sup>558</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.

vacância da cadeira do seu tio, o desembargador Cromwell de Carvalho. Em tom irônico assinala: “Será que ele se julga um dos medíocres?”<sup>559</sup>. Rancoroso sentenciou que o “cidadão elogiador da obra de O.G. Rego” antes de publicar sua consideração sobre a Lira Sertaneja como apenas um livro de literatura de cordel, já havia admitido em carta enviada para ele que “em parte alguns erros gráficos, perdoáveis até mesmo em livros feitos no Rio ou São Paulo, creio já poder afirmar que se trata de obra importante, indispensável ao estudioso de nossa literatura”<sup>560</sup>.

Se as palavras de Francisco Miguel de Matos haviam sido utilizadas para mostrar a Oliveira Neto que até aqueles que tinham algum tipo de ressentimento contra o jornalista haviam se posicionado de forma positiva com relação à nova edição da obra de Hermínio Castelo Branco, agora eram transformadas em testemunho contra O.G. Rego de Carvalho, como forma de dizer que mesmo aquele que lhe havia oferecido apoio tinha concordado em carta sobre a importância da obra Lira Sertaneja.

Após estes confrontos narrativos, praticamente desaparecem na coluna Caderno de Anotações críticas à Lira Sertaneja. Oliveira Neto, poeta lírico, veio a falecer no ano de 1983, após a publicação de mais cinco livros de poesias, inclusive um póstumo, segundo Hardi Filho,<sup>561</sup> que afirma que todos foram publicados pelo próprio autor, que costumava distribuir gratuitamente para seus amigos cópias dos mesmos. Se seus livros não foram contemplados pela empresa de editoração que estava se desenvolvendo em terras piauienses é porque suas críticas foram mal digeridas e suficientes para tirá-lo da rede de alguns contatos que, além de garantir a leitura e a escrita de críticas literárias, ainda contribuía para a circulação das mesmas e uma eventual publicação.

Estas conjecturas permitem pensar que entre os vãos existentes na fabricação de vaidades, egos, insinuam-se de forma rasteira um jogo de disputas entre aqueles que permitem (a divulgação, a circulação de idéias, a publicização para um público maior do que aquele constituído apenas por especialistas, a publicação, etc) e aqueles que usufruem de uma rede de benefícios (prestígio,

<sup>559</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.

<sup>560</sup> TITO FILHO, A. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.

<sup>561</sup> HARDI FILHO. **Oliveira Netto**: poeta do amor e da alegria. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993, p.5.

reconhecimento, formação de “grupinhos”, venda de obras). A coluna era uma espécie de suporte literário que enunciava, dialogava, proibia, divulgava, pois a linguagem utilizada era um constante fluxo que territorializava a língua, os desejos, os sentimentos, as verdades. Neste caso, a coluna como experiência torcida, bifurcada, intensa, era capaz de projetar o “clima literário” do momento, mas sempre em estado de latência, impermanência, fluidez, dependendo dos humores, afetos, desafetos, constâncias e inconstâncias do seu escritor ou daqueles que por algum motivo interferiam neste quadro.

A coluna Caderno de Anotações era uma espécie de rizoma no sentido de ser um fluxo contínuo de energias, mas sem direções definidas, atravessando sensibilidades, conexões, artimanhas, impulsos, frenesis. Passível de sinalizar redes de sociabilidade intelectual onde se percebe o movimento e a intensidade das trocas intelectuais, bem como, os engajamentos, afetos, amizades, além de rivalidades, hostilidades, conchavos. Mesmo que este “clima” seja em virtude de um processo seletivo, haja vista tratar-se de um espaço jornalístico onde os recortes eram feitos pelo próprio colunista, há a presença de uma multiplicidade de “redes” capazes de estruturar um microcosmo intelectual<sup>562</sup>.

As bifurcações ou narratividades que se enredaram da escrita de A.Tito Filho, que posso chamar de eventos narrativos, devido a sua natureza de transitoriedade, embora o discurso seja atemporal, permite perceber as porosidades existentes em uma rede intelectual e como esta é capaz de mobilizar artimanhas, ironias, deboches, raivas, rancores, mas também dispositivos e fluxos que circulam e desenham itinerários possíveis da intelectualidade local. Estes eventos narrativos não são produções discursivas naturais da cultura intelectual, nem questões que se enveredam em uma malha oculta do texto. São antes movimentos que assinalam para sentidos que criam novos modos de ser, pensar e agir. Como analisa Paul Ricoeur<sup>563</sup>, o que interessa na busca da apreensão dos sentidos, não é o que está por detrás do texto, mas “o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva do texto”<sup>564</sup>.

---

<sup>562</sup> MACHADO, Roberto. **Deleuze e a literatura**. In: **Deleuze, Gilles** : a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.210-211.

<sup>563</sup> RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2000.

<sup>564</sup> RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2000, p.99.

O caráter “não ostensivo do texto” não quer dizer que ele não esteja prenhe de conjecturas, de interpretações que se prolongam no tempo, reflexo da leitura como transferência do olhar para o mundo da escrita, onde perambulam narrativas sempre abertas para um processo de atualização, por um jogo interpretativo de argumentação, que sabe que arbitrar, confrontar um texto é um ato criativo, limitado pelas construções possíveis existentes dentro dele. Ler, interpretar, elaborar um dado, não são habilidades de verificação ou de elucidação, mas categorias que estão à espreita no horizonte do texto, pois não é o evento como transitoriedade que é importante perceber, mas como significação, pois a língua não fala e sim as pessoas através de suas experiências. Escrever é dividir experiências como significação e não como exemplo, valor, verdade, moralidade.

A escrita do colunista deseja captar energias na construção de si e de sua rede de sociabilidade intelectual, além de oferecer-se como leitura do real, a minha visa captar os seus ditos como significações que articulam um tempo, uma época, mas não uma verdade, no sentido de veracidade, do tenho dito. Duas escritas interceptadas pelo tempo, mas principalmente por uma forma de diálogo entre o que diz/narra e o que lê/conjectura e pelo limite do filtro textual.

## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

A escritura dessa tese teve como objetivo mostrar que a consagração de um intelectual nada mais é do que um longo trabalho de invenção de sua imagem, daqueles que circulam em seu entorno, da defesa de suas ideias e da construção de um emaranhado de memórias que passam a ser socializadas como verdades no decorrer do tempo. Isto leva a crer que o processo de intelectualidade, para além das suas naturalizações, são práticas montadas, inventadas, adestradas, ao sabor dos desejos, convenções, necessidades. Elas são porosas e absorvem ideias, atualizações, vaidades.

Para analisar essas questões privilegiei como objeto de estudo um conjunto de narrativas deixadas pelo intelectual Arimathéia Tito Filho, que esteve por mais de duas décadas na presidência da Academia Piauiense de Letras (APL), principal instituição literária de Teresina, tanto pela sua longevidade, atualmente com noventa e três anos de existência, como pela sua importância no cenário local, principalmente com relação à difusão da literatura piauiense, no que diz respeito ao reconhecimento de autores e obras e a publicação de livros novos, bem como, a reedição de obras consagradas por esta mesma instituição, colocando os autores em uma rede de reconhecimento e legitimidade.

Seu período de exercício como presidente da APL (1971-1992) foi marcado por uma efervescência no campo cultural, no sentido da circulação das ideias intelectuais e literárias, já que conseguiu transpor os muros da instituição e dialogar com outras instâncias literárias nacionais e internacionais, dentro de um fluxo até então nunca visto. Durante o tempo em que presidiu a APL, a Academia saiu do seu confinamento local para circular com grande desenvoltura pelas redes literárias nacionais, além de entrar para o rol de encontros, reuniões, visitas, conferências, palestras, entre outras atividades de caráter regional e nacional. Também, em seus consecutivos mandatos, regularizou-se uma importante publicação: a Revista da Academia Piauiense de Letras e foi criada a revista Notícias Acadêmicas, sobre as atividades mensais da instituição, além de notícias

sobre as atividades literárias que aconteciam tanto no cenário regional, como no cenário nacional.

Esse “trânsito literário” possibilitou uma comunicação maior da APL com outras academias fora e dentro do país, além de atualizar os acadêmicos sobre congressos, seminários, debates, lançamento de obras literárias. Esse frenesi literário favoreceu certa notoriedade à APL, que ainda foi agraciada por uma onda de política cultural implantada pelo Governador Alberto Silva, durante seu primeiro mandato (1971-1975), que ficou conhecido por Plano Editorial. Tal política pública, no âmbito cultural, teve na figura do então Presidente da APL sua principal base aliada para a difusão da literatura piauiense numa dimensão até então nunca vista neste setor, servindo para alavancar ainda mais sua imagem no cenário local e nacional, dando-lhe uma ampla projeção com relação ao trânsito literário, publicação de livros, concessão de cargos, viagens, benfeitorias para APL, entre outras.

Percebi que em meio a esse clima de efervescência no campo das ideias, da circulação de autores e obras, ia sendo esculpido o nome do presidente da principal instituição literária do Piauí. A.Tito Filho, fazendo uso das mais diversas estratégias literárias e jornalísticas, além dos programas que mantinha na rádio Clube e Pioneira, inventou uma trajetória de racionalidade e consagração, inserindo seu nome nos cânones literários locais de maneira profunda e irreversível, principalmente quando se observa que ainda hoje vários acadêmicos dividem a APL entre antes e depois da sua presidência. Sua escolha por Teresina quando muito dos seus amigos e colaboradores ajuizavam que seria lume em qualquer lugar que escolhesse para morar, mostrava que sua obstinação era reconhecida e que havia encontrado em sua *cidade amada* as condições que lhe possibilitariam como intelectual ser reconhecido e traçar sua trajetória de distinção.

Para demonstrar nessa tese como A.Tito Filho construiu ou buscou consolidar sua distinção na sociedade e como articulou sua imagem de intelectual, defendi três entradas possíveis e conectadas de explicações. Primeiro, a construção de uma memória viabilizada pelo uso da crônica, como narrativa que inventa um tempo do *já foi*, mas tem a preocupação em instituir o presente, em torná-lo humanamente seu, isto é, ele utilizou as crônicas como narrativas de si no tempo. As crônicas, a despeito de serem narradas no passado tinham relação com o

presente, elas foram presentificadas pela necessidade de (re)atualização do passado através da memória, já que essa pode ser constantemente readaptada, resignificada, pois, assim como a história, é um modo de seleção no passado.

Suas crônicas não tiveram apenas a intenção de mostrar o cotidiano, de dialogar com seus leitores, de intervir nas questões da cidade, eram também uma forma literária de expressar suas *memórias-baús*, termo que utilizei para designar aquelas memórias que diziam respeito a um passado idílico, bucólico, saturado de condições que o levariam “naturalmente” a uma condição futura de distinção. Realço que A.Tito Filho, em meio a sua trajetória de distinção e intelectualidade, acelerada quando experienciou a presidência da Academia Piauiense de Letras, durante vinte e um anos, voltou-se para o passado, como instância temporal do encantamento, registrando em suas crônicas autobiográficas fragmentos de si, dos outros e da cidade.

No Piauí, o cenário de “euforia”, dos anos de 1970, no campo cultural, em parte devido à preocupação em âmbito nacional de construir e fortalecer uma identidade histórico-literária, foi importante como evento que contribuiu para construir as bases para uma história local e definir as estruturas de uma literatura piauiense, principalmente com a preocupação de quem iria figurar nesse panteão. Esse cenário foi importante para A.Tito Filho projetar-se, já que além da presidência da APL, participou intensivamente dos debates e dos movimentos literários desse período, tanto com relação a sua participação no Conselho Cultural, na efetivação do Plano Editorial, como às suas contribuições nas principais revistas culturais do momento, como a Revista Presença e Cadernos de Teresina. Tendo como referência temporal esse período, ele faz um movimento, nos anos de 1980, de retorno para o passado, no sentido de significar sua trajetória individual e daqueles que faziam parte de sua rede de contatos intelectuais.

É possível afirmar, a partir das análises das crônicas, existentes no *Jornal O Dia*, que elas foram utilizadas por A.Tito Filho como suplemento da memória, com a intenção de acalmar o presente, pacificar o passado e instituir sua imagem no tempo. Essa invenção de uma trajetória de distinção, através dessas narrativas autobiográficas, reflete uma vontade tirânica de registrar seus feitos para a posterioridade. Acredito que a imortalidade não é apenas uma condição adquirida a

partir da participação nos quadros de uma Academia literária, ela é um exaustivo trabalho de memória, história e invenção de estratégias de consagração.

A.Tito Filho utilizou da narrativa literária cronística como artifício que o auxiliava a subtrair possíveis percalços, sinuosidades e dobras, com a intenção de mostrar que sua vida foi, desde a infância, uma sintonia de vivências que o levariam “naturalmente” a ser quem era no presente - um escritor conhecido e de grande respaldo no campo da literatura e do jornalismo, principalmente. A crônica com seu estilo “estilhaçado” caía bem com uma escrita memorialista fragmentada, viabilizada pelo fluxo da memória que, ao tempo que lembrava, também produzia esquecimentos, silêncios, ajustes.

A segunda entrada de explicações diz respeito à construção de uma rede de sociabilidade intelectual. Essa denominação se refere à construção de uma rede marcada por gestos de amizade, reconhecimento e gratidão, que auxiliava a marcar ainda mais a distinção de A.Tito Filho. É através dessa rede que as sociabilidades são buriladas e interferem diretamente na construção de canais de ajudas, auxílios e transmissões da herança cultural dos mais velhos. As Academias literárias, a exemplo do modelo francês, são baseadas na socialização e na ritualização dos bens intelectuais e, por isso, um intelectual se define também com referência ao legado dos mais velhos.

Para cartografar essa rede de sociabilidade entre intelectuais, fiz uso de duas fontes significativas. A primeira baseada em uma coluna assinada por A.Tito Filho, existente no *Jornal do Piauí*, denominada *Cadernos de Anotações* e a outra num conjunto de correspondências entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e A.Tito Filho. A coluna *Caderno de Anotações*, publicada no extinto *Jornal do Piauí*, tinha como finalidade socializar o cotidiano acadêmico e literário, além de registrar algumas “anotações” sobre o cotidiano administrativo da academia, seus objetivos, sua importância, os nomes das pessoas que compunham ou que haviam composto suas vagas, bem como, a trajetória destas pessoas no tempo. Com relação a seu aspecto estrutural, apresentava-se dividida em vários pequenos textos, como se fosse um diário; uma “colcha de retalhos”. Se a crônica organizava-se sob o aspecto de uma escrita que seguia os fluxos da memória, os becos do silêncio e do esquecimento, a coluna era uma escrita que lembrava a bricolagem.

A coluna *Cadernos de Anotações* foi vista como uma escrita que, a despeito de suas peculiaridades jornalísticas, serviu para analisar como A.Tito Filho articulava sua rede de contatos intelectuais, como fabricava uma imagem de si, já que nessa coluna selecionava e publicava fragmentos textuais que davam conta de construir uma imagem de si, tendo como referência documentos que legitimavam sua condição de intelectual, como: prefácios, dedicatórias, cartas, apreciações de obras, homenagens, entre outras.

Essa coluna serviu como uma espécie de microcosmo para analisar como sua imagem era vista pelos seus leitores e colaboradores e como essa foi selecionada e utilizada pelo colunista na intenção de criar uma imagem distinta de si, já que essa era utilizada para registrar e expressar dizeres sobre ele que, de outra maneira, pareceria vaidade e arrogância. Essa forma de publicizar sobre si ainda colaborava nos momentos de disputas, críticas, brigas, como forma de apoio em suas intenções, já que utilizava o registro escrito de pessoas, através da publicação de cartas, telegramas, fragmentos de jornais, revistas, que utilizava como uma espécie de “testemunha” para defender suas ideias.

Observei que a despeito da sua finalidade, a coluna *Caderno de Anotações*, que incluía a divulgação das novidades literárias dentro do circuito literário local, além de ser um espaço “aberto” ao diálogo com literatos, jornalistas, acadêmicos, exerceu uma importância quase imperceptível para alguns leitores e pesquisadores mais desatentos, por ser um espaço onde se articulavam e confeccionava-se a invenção de uma tradição literária piauiense. Era nesse espaço jornalístico que iam sendo alinhavadas as condições literárias necessárias para tornar o Piauí, e principalmente a cidade de Teresina, um palco intelectual que pudesse ser reconhecido nacionalmente.

A agitação literária em parte devido ao fôlego oportunizado pelo Plano Editorial e pela preocupação do reconhecimento histórico e literário do Piauí, entre outras questões, oportunizou a existência de uma coluna que mais do que refletir a efervescência cultural daquele momento, exprimia uma vontade de criar e organizar a “nascente” discussão em torno da existência ou não de uma literatura piauiense. A invenção de uma literatura piauiense requeria a nomeação de quem faria parte dos seus cânones, por isso a importância de A.Tito Filho como figura significativa que

agitava e articulava esse meio intelectual, dando-lhe visibilidade e dizibilidade, ao tempo em que registrava para posteridade sua própria incursão nesse meio, criando para si e para sua rede de sociabilidade intelectual uma possibilidade de participar da história e da memória local.

A outra fonte utilizada, nessa segunda parte, foram as cartas que possibilitaram o acesso a um dos mecanismos de recepção bastante utilizado por A.Tito Filho para dialogar com seus amigos da Academia, confrades, correspondentes. Embora o acesso tenha sido as cartas-respostas de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, esse diálogo epistolar, baseado no circuito retroalimentado de significação, foi importante para analisar as redes que se estabeleciam entre os dois missivistas, no que dizia respeito às questões relacionadas à amizade, pedidos, considerações, além de possibilitar observar a imagem que o amigo acadêmico fazia de A.Tito Filho como presidente da APL. As cartas ainda foram importantes para perceber o fluxo intelectual que se estabeleceu entre os missivistas, no tocante ao envio e reenvio de livros, prefácios, artigos, críticas literárias, entre outras atividades existentes nessa teia literária.

A carta é uma forma de escrita de si, dessa forma, ao tempo em que o intelectual Luís Mendes Ribeiro Gonçalves registrava fragmentos de sua intimidade e do seu cotidiano, também formulava imagens de A.Tito Filho, já que a escrita de si, não é uma atividade solitária ou egocêntrica, mas uma das maneiras de dar visibilidade ao outro – seu correspondente. Seguindo essa linha de raciocínio, observei que o conjunto de cartas favorecia aspectos que diziam respeito ao cenário intelectual piauiense, entre os anos de 1970 e 1980, com relação à efervescência literária, à construção de um ritual e de um cotidiano ligado às letras e à produção histórica de inserção do Piauí no panorama literário brasileiro, bem como, à composição de um círculo de amizades em torno da literatura.

A terceira entrada possível, viabilizada nessa tese, esteve relacionada à existência de um clima de vaidades na construção da intelectualidade e da distinção. Na invenção de si e dos outros não se pode perder de vista os movimentos interiores que levam à construção de ressentimentos, já que esses não dizem respeito apenas aos laços de afetividade e consideração, mas também forjam e intensificam desafetos, antipatias, invejas, rancores. Na escrita de si e dos outros,

a recepção e a amizade, bem como a hostilidade e a rivalidade criam conexões dentro de um microcosmo intelectual. Os movimentos interiores são suscetíveis ao aparecimento de energias que desencadeiam nas palavras afetações. As palavras podem carregar energias e a escrita de si é também a escrita dos nossos recuos, insatisfações e demolições internas.

Na invenção de si, do tempo, da memória, da amizade, da afetividade, da distinção, da sociabilidade, criam-se também oposições e distanciamentos. A.Tito Filho ao tempo em que buscava conciliar em sua rede de contatos intelectuais, desejos, pedidos, cargos, no afã de construir uma “arquitetura” para a nascente literatura piauiense, acentuando ainda mais sua distinção, também levou às últimas consequências todos aqueles que o criticaram, que o colocaram em suspeição, que não lhe devotaram agradecimentos ou simpatias. A esses a utilização da agressividade através das palavras, foi a saída, mesmo que mostrasse depois (bem depois) arrependimento, humildade, piedade, atitudes inclusive que considerava cristãs e que se acentuou em algumas de suas colunas que tratavam sobre religião.

A escrita dos desafetos ou a escrita como imagem da vaidade é a escrita da sensibilidade como texto performático, intenso, que pode ser aprendido como evento de linguagem. Isto quer dizer, que as sensibilidades ressentidas ou vaidosas são energias que podem ser percebidas e interpretadas através da escrita, além de ser possível ser guardadas e depositadas nas palavras. A escrita como imagem da vaidade é aquela possibilitada pela leitura intensa, onde se pode notar a encruzilhada do corpo, da escrita e do tempo. Essa escrita dos interiores tem sido bastante utilizada na fabricação da imagem pessoal, pois a escrita guarda energia de quem a utiliza, contribuindo para que haja ou não envolvimento daqueles que leem.

Para cartografar a escrita dos desafetos fiz uso de alguns “casos” que foram encontrados em série na coluna *Caderno de Anotações*, já que essa além de socializar informações sobre o cenário literário, também demonstrou ser um espaço onde havia a circulação de sentimentos e energias depositadas nas palavras, seja aquelas que criavam um clima de afetividade e consideração, ou aquelas que colocavam o próprio colunista em suspeição, que fazia questão de publicar as “ofensas” como forma de manter o “debate” sob sua própria condução. Na análise

de alguns casos de raiva, rancor, inveja, percebi que o que estava sendo colocado em disputa era o medo de que a longa fabricação de um nome fosse colocado sob suspeição, sob dúvidas, e que viesse a arranhar um longo trajeto de invenção de si como intelectual e distinto dos demais.

Nos “casos” que foram citados nessa tese acompanhei a trajetória de pessoas que, dependendo da ocasião, estavam de um lado ou de outro, durante a tomada de posições. Dito de forma mais clara, estavam a favor ou contra as ideias de A.Tito Filho ou aquelas que defendiam em sua coluna. Essa percepção foi importante porque longe de achar que a construção de uma rede de contatos intelectuais é realizada de forma antagônica com posições marcadas, vi ao longo das disputas e das críticas, sérias redefinições e os amigos de um momento podem se tornar inimigos em outro, pois cada qual busca defender suas posições e porque não dizer suas próprias máscaras e vaidades.

Ao contrário do que possa parecer, não é fácil cartografar a escrita dos movimentos interiores, ela é preenchida de sensibilidades que vazam para todos os lados, como a escrita de pessoas que se consideram e são consideradas intelectuais, já que resistem muito ao que vão escrever podadas por aquilo que acham que podem publicar e pelos possíveis riscos dessa publicação. Nesse caso, apenas uma longa jornada de análise das fontes pode auxiliar o processo de interpretação. Isso quer dizer que o historiador sobre intelectuais, tem que possuir cuidados redobrados, já que dirigem suas análises sob os detentores dos sentidos e das palavras.

Um historiador papívoro talvez seja a melhor definição para os riscos que correm aqueles que lidam com fartas documentações, como cunhou o historiador sobre intelectual Jean-Pierre Sirinelli, ao defender que esse campo de abordagem é difícil pela grande quantidade de material que é disponibilizado sobre e de autoria desses indivíduos ou grupos que se organizam em torno de sensibilidades, afinidades ou questões culturais em comum. Isto quer dizer que longe da ideia de fraternidade, que possa sugerir quando se refere à questão sobre sociabilidade e intelectuais, o que está em jogo é um grande e tumultuado jogo de fabricação de si, pois a trajetória de um intelectual é marcada pela forma como procura se distinguir

dos outros e como produz uma rede implicada de desejos, necessidades e vontades.

Tendo como direcionamento essas ideias, quero enfatizar que tanto as crônicas, como a coluna *Caderno de Anotações* e as cartas foram pensadas durante a escritura dessa tese como sinais que ligam o passado ao presente, uma *passeidade* que, apesar de pertencer a outro tempo, está imersa no presente e dá visibilidade a questões que dizem respeito à forma como se, lida com as palavras e as coisas. Embora estas fontes que utilizei estejam naufragadas no passado, permitiram para mim como historiadora pensar o presente, pois qual é a questão mais atual e na ordem do dia do que aquela ligada ao mundo como se dá forma à maneira de pensar e de distinguir-se dos demais, principalmente se tenho como referência a questão ligada ao processo de intelectualidade.

Se essas fontes foram sinais que me possibilitaram interpretar o presente é porque são reconfigurações do tempo, ou ainda mais, espaços de experiência da trajetória do homem no tempo, pois a escrita dos movimentos interiores é a escrita de si ou a escrita da presença do homem no tempo. Pensar como A.Tito Filho arquitetou sua trajetória de intelectualidade e distinção foi analisar como os sujeitos dão forma as suas vontades e principalmente as suas ambições, e como as registra e deixa para a posteridade. Foi esse registro dos acontecimentos que me possibilitou narrar a minha tese, já que foram eles que emergiram como pedras atiradas no rio, que provocam ressonâncias, ruídos, sentidos.

Acredito que a escrita seja lugar de sepultura, de morte, segundo analisou M. de Certeau e P.Ricoeur, por isso o que procurei enterrar na escrita dessa tese não foram os sentidos, mas minha dificuldade em aceitar e entender como alguém se investe de saberes e de formas diferenciadas de distinção para construir separações, zoneamentos, barreiras, realizando idas e vindas para condições desumanas em todo o sentido maléfico dessa expressão. Pode até parecer inocência da minha parte, mas acredito, sinceramente, que existam maneiras mais sensíveis e humanas do indivíduo escrever sua própria trajetória no tempo, do que aquela que admite a constante invenção de si baseado na construção de vaidades e egocentrismos. Espero ter proporcionado algumas reflexões sobre essa condição.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Da maneira correta de ler**: leituras das belas letras no Brasil Colonial. In: ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas (SP): Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: Fapesp, 1999.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **De amadores a desapaixonados**: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajetos – Revista de História UFC*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005. BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Orgs). **Intelectuais**: sociedade e política. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru (SP): Edusc, 2007.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão a repetição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. 3).

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas (SP): Verus Editora, 2007.

BACKTHIN, Michael **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BADINTER, Elisabeth. **As paixões intelectuais**: Desejo de glória (1735-1751). Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Editora Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O grau zero da escrita**. 2.edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (Orgs). **Intelectuais:** sociedade e política. São Paulo: Cortez, 2003

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas.** Rua de Mão Única. v.2 São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989(Obras Escolhidas; vol.3).

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas:** magia e técnica; arte e política. V.3 São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BORGES, Jorge Luís. **Ficções.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** a crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.

\_\_\_\_\_. **O sociólogo e o historiador:** Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. “**Coragem, Ulisses**”: cartografias sensíveis da obra “Ulisses, entre o amor e a morte” de O.G.Rego de Carvalho. Revista Desenredos. Ano III. nº11. Teresina (PI). out.nov.dez.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano, narratividade e representação na Teresina dos meados do século XX.** Dissertação apresentada no Programa de Mestrado da Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2006.

\_\_\_\_\_. **Entre letras e papéis:** a crônica como vestígio da cidade de Teresina. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro. **Entre línguas:** movimento e mistura de saberes. Fortaleza: Edições UFC,2008.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos, restos e passagens:** uma análise entre lugar e memória em Teresina. In: VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Costa (Org.). **Coisas de cidade.** Fortaleza: Editora UFC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Paul Ricoeur e Michel de Certeau:** a hermenêutica da falta como produção de sentidos ou a hermenêutica dos rastros do Outro. Revista de Teoria da História (UFG). Ano 2, Número 4, dezembro/ 2010.

BUARQUE, Chico. **As vitrines.** CD Almanaque. São Paulo: Abril Coleções, 2010.

\_\_\_\_\_. **As vitrines.** CD Almanaque. São Paulo: Abril Coleções, 2010.

CANÔNICA, Volnei. **Comemoração ao livro e à leitura.**

[http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias\\_2010\\_04.pdf](http://www.fnlij.org.br/imagens/socios/Jornal2010/Noticias_2010_04.pdf). Acesso 24/01/2011.

CARVALHO, Afonso Ligório Pires de. **Para sempre como antigamente**. Teresina. Revista Presença. nº30. 2003.

CARVALHO, José Murilo de. **História intelectual no Brasil**: a retórica como chave de leitura. Rio de Janeiro: Revista Topoi. jan/dez.2000. vol. 1 .

CARVALHO, O. G. Rego. **Como e por que me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1989.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do Século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo**: memória e fim do fim da história. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Documentário.76min.2010.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Afonso de Miranda Pereira (orgs). **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. **Introdução**: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas (SP): Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. (Coleção Histórias da Leitura).

\_\_\_\_\_. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COELHO, Celso Barros. **Academia Piauiense de Letras**: 75 anos (Centenário de Lucídio Freitas). Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1994.

**COMENTÁRIO**. Notícias Acadêmicas. Teresina, ano1.n.4, p.1,abr.1986.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CONY, Carlos Heitor. **Álvares de Azevedo**: o amante da morte. Revista Brasileira. abril. maio. junho. Ano IX. nº35, 2003.

COSTA, Gustavo B. **Sobre hipocrisia, dissimulação e coisas afins**: Nietzsche e a vontade de engano. Revista Argumento. Ano 1, Nº. 2, 2009.

COSTA FILHO. Alcebíades. **A gestação de Crispim**: um estudo sobre a constituição da piauiensidade. 2010.194f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro (Niterói), 2010.

\_\_\_\_\_. **Literatura Piauiense**. Teresina. Texto no prelo, 2010.

COUTO FILHO, Durvalino. Os quintais de nunca mais. Teresina: **CASA Design**, ano I, n. 2, p. 1, 16 jan. Teresina, 2005.

DAMÁZIO, Reynaldo. **Entre o imediato e a transcendência**. Revista Biblioteca Entre Livros: Editora Duetto.2008.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_; GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Rachar as coisas, rachar as palavras**. In: DELEUZE, Gilles **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

\_\_\_\_\_. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DERRIDA, Jacques. **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

DOBAL, H. **Gleba de ausentes**: uma antologia provisória. Teresina: Corisco, 2002.

DIÁRIO OFICIAL. Teresina. Ano 41. n.17, p.2. 28/01/1972.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru (SP): EDUSC, 2004.

FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar Lemos. **Falar de A.Tito Filho**. Jornal O Dia 30/06/1992.

FISCHER, Luís Augusto. Prefácio SCLIAR, Moacyr. **Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2004, p.7-18.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Coleção Ditos e Escritos; volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Coleção Ditos e Escritos; volume III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud.* São Paulo: Cia das Letras. 1988.

\_\_\_\_\_. **O cultivo do ódio.** São Paulo: CIA das Letras, 1995.

[GOMBRICH](#), E. H. **História da Arte.** São Paulo: LTC Editora, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. **Em família:** a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História:** a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Trajetórias de vida, trajetórias de ofício.** - [Entrevista]. João Pessoa (PB). Revista de História: *Seculum*. nº. 23. jul./dez.2010. Entrevista concedida a Telma Dias Fernandes e Vilma de Lourdes Barbosa.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; ARAÚJO. Maria do Socorro de Souza. **Cartas do Chile: os encantos revolucionários e a luta armada no tempo de Jane Vanini.** In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HARDI FILHO,. **Oliveira Netto:** poeta do amor e da alegria. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por trocadilho:** a imprensa narrativa irreverente paulistana (1900-1911). São Paulo:FAPESP,2006.

KONSTAN, David. **Ressentimento:** história de uma emoção. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento.** Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2001.

KOSSELEK, Reinhart. **Futuro-Passado:** uma contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves:** cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010.

LAURENCE, Hallewell. **O livro no Brasil:** sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

LEENHARDT, Jacques. **Protocolos da escrita:** as estratégias de Gilberto Freyre. In: DIMAS. Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Reinventar o Brasil:** Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau a Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Coleção Humanitas.

LEPETIT, Bernard. **Das capitais às praças centrais: mobilidade e centralidade no pensamento econômico francês**. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). **Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Deleuze e Foucault**. In: **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

MALATIAN, Teresa. **Narrador, registro e arquivo**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCCA, Tânia Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARITAIN, Jacques. **Sete Lições Sobre o Ser**. São Paulo: Loyola, 2006.

MATOS, J. Miguel de. **Antologia Poética Piauiense**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac&Naif, 2004.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: Edusf, 2002.

MIYAKE, Ricardo. **Entre o jornalismo e a literatura: a crônica entre o imediato e a transcendência**. Revista Biblioteca Entre Livros: Editora Duetto, 2008.

MONTE, Regianny Lima. **Memórias e (res)sentimentos em torno do processo de modernização de Teresina durante a década de 1970**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina: EDUFPI; Imperatriz (MA): ÉTICA, 2010.

MORAIS, Genu; KRUEL, Kenard (Org.) **Eurípedes de Aguiar: escritos insurgentes**. Teresina: Zodiaco, 2011.

MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

MOURA, Francisco Miguel de. **A Literatura Piauiense segundo Francisco Miguel de Moura**. [www.portalentretextos.com.br](http://www.portalentretextos.com.br). Acesso 12.01.2010.

MOURA, Francisco Miguel de. **Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho**. 2ª edição, Teresina, Universidade Federal do Piauí, 1996.

MOURA, Francisco Miguel de. **Pequena história de um grande Conselho**. In. SANTANA, Raimundo. Nonato. Monteiro de (Org.). **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. FUNDAPI: Teresina, 2003.

MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética**: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Imagens na História**. São Paulo: Hucitec, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. **História e literatura**: revisitando fronteiras. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro. **Entre línguas**: movimento e mistura de saberes. Fortaleza: Edições UFC, 2008.p.100.

\_\_\_\_\_. **A imprensa escrita de Teresina nas comemorações do centenário de Teresina**. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do MONTE, Regianny (Orgs.). **Cidade e Memória**. Teresina: EDUFPI/Imperatriz (MA): Ética, 2009.p. 90.

NERUDA, Pablo. **Poesías: Las piedras de Chile**. Buenos Aires: Losada, 1960.

NEVES, Margarida de Souza . **História da crônica. Crônica da História**. In. RESENDE, Beatriz (Org.). **Cronistas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martins Claret, 1999.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Cia das letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a História**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

NOGUEIRA, Salvador. **Mitologia**: lendas. Livro 03. São Paulo: Editora Abril, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

NUNES, M. Paulo. **Homenagem a Arimathéia Tito Filho**. Revista da Academia Piauiense de Letras. Teresina. Nº60. Ano LXXXV.2002.

\_\_\_\_\_. **A. Tito Filho**: cronista da cidade amada. Teresina: Prefeitura Municipal.sem data.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

PIZA, Daniel. **Paulo Francis: Brasil na cabeça**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumara, 2004.

PORTOLOMEOS, Andrea. **A crônica machadiana na formação da literatura brasileira**. Disponível: [http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf) . Acesso 10/01/2011.

PRADO, Antônio Arnoni. **Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

QUEIROZ, Teresinha. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

QUINTANA, Mário. **Antologia Poética** - Porto Alegre, L&PM, 1997.

RABELO. Elson de Assis. **A história entre tempos e contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí**. Natal: UFRGN. Dissertação (Mestrado). Linha de pesquisa de Cultura, poder e representações espaciais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008. 200p.

REZENDE, Antonio. **Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora**. Recife: Ed.Universitária da UFPE.2010.p.96.

REZENDE, Antonio Paulo. Disponível:

<http://www.astuciadeulisses.com.br/index.php/2011/02/17/a-saudade-nao-mede-distancia-mas-a-dor/comment-page-1/#comment-766> . Acesso 06/04/2011.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Editora: Res. Coleção Diagonal. 1991.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro. **O homem de letras** (cordial). In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História**. Rio de Janeiro: Campos. 2000.p.209-232.

ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é** – a vida como exercício de estilo. In: LINS, Daniel(org). **Nietzsche/Deleuze: arte, resistência.** Fortaleza (CE):FCET,2007. p.292-303.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras:** literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso:** a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SANTOS, Cineas. **Entrevista:** A.Tito Filho. Revista Presença, Teresina, n.6, Dez./Fev. 1983.

SCHLEIERMACHER, F. **Hermenêutica:** arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, s/d.

SILVA, Débora Couto. **A danada da nostalgia.** Revista Vida Simples. Jan. Edição 101, 2011.

SILVA, Halan. **H.Dobal:** as formas incompletas: apontamentos para uma biografia, Teresina: Oficina da palavra / Instituto Dom Barreto, 2005.

SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930-1940).** São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais** In: REMOND, René(Org). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais do final do século XX.** In: AZEVEDO, Cecília (Org.). **Cultura política, memória e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SOBEL, Dava. **A filha de Galileu:** um relato biográfico de ciência, fé e amor. São Paulo: Cia das Letras. 2000.

SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O Avissareiro:** a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas (1940-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2009.

TELLES, Norma. **A escrita como prática de si.** In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não fascista.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

TITO FILHO. A. **A boa Teresina.** Jornal O Dia. 03/01/1989, p.7.

\_\_\_\_\_. **Ainda o mestre.** Jornal O Dia. 03/04/1989. p. 4

\_\_\_\_\_. **Ainda Teresina.** Jornal O Dia, 17/10/1989, p.7.

- \_\_\_\_\_. **Algumas anotações.** Jornal O Dia. 11/08/1989, p.4
- \_\_\_\_\_. **Antigamente.** Jornal O Dia, 15/08/89. p.4.
- \_\_\_\_\_. **As reformas do ensino.** Jornal O Dia. 11/11/1987, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Bacanal.** Jornal O Dia, 03/08/1988, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações** Jornal do Piauí, 20/11/1972, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações,** Jornal do Piauí 20/05/1973, p.10.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 01/03/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 01/07/1973, p.11.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 01/09/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 02/11/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 02/12/1973, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 03/05/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 03/12/1970, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 04/01/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 04/11/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 05/08/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 05/12/1971, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 05/12/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 06/03/1970, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 06/04/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 07/06/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 07/11/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 08/01/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 08/02/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 08/06/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 08/07/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações.** Jornal do Piauí, 09/01/1972, p.5.

- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/06/1973, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/10/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 10/11/09/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/06/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/10/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 11/4/05/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 12/03/1970, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 12/10/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 13/10/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 14/06/1973, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 15/06/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 15/16/10/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 16/04/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 17/03/1973, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 17/10/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/04/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/09/1973, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 18/10/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1970, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/04/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/08/1973, p.9.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 19/10/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/01/1970, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/07/1973, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/12/1971, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/12/1973, p.9.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 20/21/02/1972, p.5.

- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 21/04/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 22/02/1972, p.8.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 22/03/1970, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 23/09/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 23/24/01/1972, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/02/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/10/1972, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 24/11/1971, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 25/03/1973, p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/04/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/05/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/09/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 26/27/03/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/02/1970, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/04/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 27/09/1972, p.8.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 28/06/1972, p.8.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/01/10/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/04/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/09/1972, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/10/1972, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 29/11/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 30/09/1972, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí, 31/10/1973, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí. 03/12/1971. p.6.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal do Piauí. 19/02/1972. p.5.
- \_\_\_\_\_. **Caderno de Anotações**. Jornal O Dia. 15/05/1973, p.2.

- \_\_\_\_\_. **Carcamanos**. Jornal O Dia, 07/12/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Carnavais de Teresina: (1852-1952)**. Teresina: COMEPI, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Celso centenariante**. Jornal O Dia, 29/10/1987, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Celso, o pobrezinho**. Jornal O Dia 06/07/1987, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Cidades**. Jornal O Dia, 10/07/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Cinema**. Jornal O Dia, 18/05/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.41.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas**. Teresina: Editora Júnior/SCP. 1990. p.46.
- \_\_\_\_\_. **Crônicas**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.
- \_\_\_\_\_. **Educação**. Jornal O Dia. 18, 19/06/1989 p.2.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista**. Cadernos de Comunicação. Teresina: Gráfica Halley/Sindicato dos jornalistas do Piauí, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Escolas**. Jornal O Dia. 07/04/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Evolução**. Jornal O Dia, 19/11/1987, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Gente Corajosa**. Jornal O Dia 28/11/1987, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Imprensa**. Jornal O Dia, 10/04/1988. p.4
- \_\_\_\_\_. **Integração cultural**. Jornal O Dia, 06/03/1990, p.4.
- \_\_\_\_\_. **João Adélia ( I )**. Jornal *O Dia* 20/05/1989, p.6.
- \_\_\_\_\_. **João Adélia ( II )**. Jornal O Dia 23/05/1989, p.5.
- \_\_\_\_\_. **Lembranças**. Jornal O Dia, 13/14/11/1988.p.4
- \_\_\_\_\_. **Liceu Piauiense (IV)**. Jornal O Dia, 03/09/1989, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Literatura Piauiense**. Jornal O DIA, 03/05/1992, p.4
- \_\_\_\_\_. **Lucidio**. Jornal O Dia. 16/04/1988, p.4
- \_\_\_\_\_. **Memória**. Jornal *O Dia* 16/10/1988, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do comércio**. Jornal O Dia, 04/05/12/1988. p.4.
- \_\_\_\_\_. **Meninice**. O Dia, 31/03/1992, p.6
- \_\_\_\_\_. **Natal**. Jornal O Dia, 25/01/1989. p.3.

- \_\_\_\_\_. **Nova civilização.** Jornal O Dia, 28/07/1989, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **O Acadêmico.** Jornal O Dia, 21/03/1989. p.4.
- \_\_\_\_\_. **O velho clube.** Jornal O Dia, 19/06/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **O velho Liceu (I)** Jornal O Dia. 06, 07/08/1989, p.4.
- \_\_\_\_\_. **O velho Liceu.** Jornal O Dia. 30/03/1989 p.4.
- \_\_\_\_\_. **Oeiras (II).** Jornal O Dia, 06/05/1989, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Oscar Wilde.** Jornal O Dia, 05/02/1989, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Os livros de Matias (Olimpio).** Jornal O Dia. 18/03/1989, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Papelada.** Jornal O Dia 05/07/1988, p.3.
- \_\_\_\_\_. **Poesia.** Jornal O Dia. 22/04/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Poesia.** Jornal O Dia. 22/04/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Português.** Jornal O Dia, 31/03/ 1992, p.4
- \_\_\_\_\_. **Praça Aquidabã, sem número.** Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Progresso.** Jornal O Dia, 27/07/1989, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Recordação.** Jornal O Dia, 15/16/11/1988, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Revista da Academia Piauiense de Letras.** Teresina, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Revista da Academia Piauiense de Letras.** Teresina: 1972.
- \_\_\_\_\_. **Revista da Academia Piauiense de Letras.** Teresina: COMEPI,1981.
- \_\_\_\_\_. **São João.** Jornal O Dia, 26/027/06/1988. p.4.
- \_\_\_\_\_. **Semana Santa.** Jornal O Dia, 28/03/1989. p.4.
- \_\_\_\_\_. **Tempo de frutas.** Jornal O Dia, 12/12/1987, p.4.
- \_\_\_\_\_. **Tempo de leitura.** Jornal O Dia, 13/12/1988, p.4
- \_\_\_\_\_. **Teresina meu amor.** Teresina: COMEPI, 2002, p. 20.
- \_\_\_\_\_. **Teresina.** Jornal O Dia, 12/07/1990. p.4
- \_\_\_\_\_. **Testemunho da verdade.** Jornal O Dia, 14/04/1989, p.7.
- \_\_\_\_\_. **Tombação (I).** Jornal O Dia 19/08/1988, p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Velhos carnavais.** Jornal O Dia, 02/02/1989, p.4.

\_\_\_\_\_. **Viagem**. Jornal O Dia 09/09/1988. p.4.

TRAVANCAS, Isabel. **A coluna de Ibrahim Sued**: um gênero jornalístico. Ver: [www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.html). Acesso 28/01/2010.

TRONCA, Ítalo. **Foucault e a linguagem delirante da memória**. In: RAGO, Margareth et al. **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 199-216.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **“O que se diz no princípio”**: uma leitura de prefácios. In: DIMAS, Antônio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Editora da USP, 2006, p.175-176.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna**: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WAQUET, Françoise. **Os filhos de Sócrates**: filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

[WWW.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia11/pesquisa1.pnp](http://WWW.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia11/pesquisa1.pnp). Acesso: 25/06/2010.

[www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=56171&cat=Artigos&vinda=S](http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=56171&cat=Artigos&vinda=S). Acesso: 18/06/2010

[www.piauinauta.blogspot.com/2008/08/alberoni-lemos-filho.html](http://www.piauinauta.blogspot.com/2008/08/alberoni-lemos-filho.html). Acesso 06/04/2011.

[www.astuciadeulisses.com.br/index.php/2011/02/17/a-saudade-nao-mede-distancia-mas-a-dor/comment-page-1/#comment-766](http://www.astuciadeulisses.com.br/index.php/2011/02/17/a-saudade-nao-mede-distancia-mas-a-dor/comment-page-1/#comment-766). Acesso 06/04/2011.

[www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%20de%20uma%20literatura%20brasileira.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%20de%20uma%20literatura%20brasileira.pdf) . Acesso 10/01/2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac&Naify, 2007